



**LSPA**

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

*QUANDO A LIBERDADE É CONDICIONADA -*

UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO DA EXPERIÊNCIA  
DE JOVENS SOB MEDIDA TUTELAR DE  
INTERNAMENTO EM CENTRO EDUCATIVO

RUTE ANDREIA SILVA RODRIGUES

Orientador da Dissertação:

PROF. DOUTOR VÍCTOR AMORIM RODRIGUES

Coordenador do Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTOR VÍCTOR AMORIM RODRIGUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2017

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de  
Prof. Doutor Vítor Amorim Rodrigues apresentada no ISPA –  
Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre  
na especialidade de Psicologia Clínica.

## Agradecimentos

Ao Professor Doutor Victor Amorim Rodrigues, por todo o apoio incansável, por toda a paciência em ouvir-me na minha persistência. Por se ter revelado uma grande ajuda na realização da tese, um muito obrigado.

Á professora Doutora Luísa Mascoli, por uma vez mais ter sido um apoio. É com enorme carinho que a guardarei no meu coração. Um muito obrigado por me ter mostrado e permitido ver, que para além do papel de aluno- professor, consigo é possível estabelecer uma amizade. Espero que se cruze mais vezes no meu caminho. Um muito obrigado.

Aos meus pais, Pai e Mãe obrigada por terem sempre acreditado em mim, e que este dia iria chegar. Obrigado por me permitirem a realização do meu sonho, sem vocês ele não faria qualquer sentido. Obrigada por serem a minha força, quando por momentos eu pensei em desistir, a vocês um muito obrigada do coração. A vocês dedico este meu último trabalho, sem vocês não era de todo possível. Amo-vos muito.

Ao meu irmão, que sempre acreditou em mim, e sobretudo sempre se orgulhou em mim, dando-me uma força inimaginável, Obrigada por mesmo estando longe continuares perto. Adoro-te.

Á minha Maria Francisca por seres a minha grande força, há três anos o meu maior pilar, obrigada sobrinha por me dares a tua luz para que eu possa ver na escuridão, obrigada por apesar de distantes tu nunca te esqueceres da tia e saberes que te guardo com muita força no meu coração, és um grande pilar nesta realização do meu sonho, és o meu trevo de quatro folhas, Amo-te muito.

Á minha cunhada, por ser quem é, por ser única e especial comigo, alguém de quem guardo um enorme apreço.

Ao meu avô João, e á minha avó Palmira, que hoje já não se encontram fisicamente presentes, mas que eu guardo com muita força no coração, a vocês porque sei que se orgulhariam de mim, obrigada por serem as estrelas da minha noite, os meus anjinhos de guarda.

Á minha tia, á minha madrinha, ao meu padrinho velho e á minha avó, por nunca desistirem de mim, e por terem sido sempre uma força, um muito obrigado.

Á minha família, por partilharem comigo a minha conquista, um obrigado.

Aos meus amigos, melhores amigos de quatro patas, por estarem sempre comigo nas longas horas deste curso.

À minha amiga e mana Joana por me ter mudado a vida, por ser das maiores conquistas que eu levo deste curso, por todas as horas, por todos os dias, por ti, por seres quem és. Acredita que sem ti este curso sem dúvida não era de todo assim amiga. Coloriste-me cada dia como especial, tornas-te a tempestade num paraíso. Obrigada pela tua amizade, sem ti não conseguia, acredita contigo até ao fim. Adoro-te muito.

À Ariana pela sua maneira de ser, obrigada por poder guardar um baú de recordações contigo, obrigada pela tua amizade, sem ti a licenciatura não era a mesma coisa.

À Tânia e ao Gonçalo porque sempre fizeram parte de mim, não posso deixar de vos agradecer, por ao fim de tantos anos de amizade compartilharem comigo mais uma conquista da minha vida, obrigada por serem quem são.

À Joana vitória, à Filipa e à Sara porque fizeram parte de mim, marcaram o meu percurso, espero que não fiquemos por aqui, Obrigada.

Ao Diogo, por ser a base, a estrutura e a conclusão desta tese, por toda a tua paciência para comigo neste último ano, um muito obrigada, obrigada por seres mais do que um padrinho académico, obrigada por prestares atenção a todos os caprichos e resolveres todas as minhas dificuldades.

Aos Jovens, a quem dedico esta tese, espero que com ela possa contribuir para o vosso sucesso, porque acredito em vocês. Obrigada por me deixarem bisbilhotar a vossa vida, e a partir dessa poder elaborar o meu último trabalho de curso, Obrigada pela vossa abertura.

E por último não menos importante ao meu namorado, melhor amigo e marido, obrigada por teres estado comigo desde o início até ao fim. Obrigada por nunca hesitares em me apoiar e me dares força para lutar até ao fim, porque mudaste a minha vida, obrigada por nunca me deixares de lado mesmo quando foste trocado pelo trabalho, obrigada meu amor por tudo. Amo-te muito.

*“A todos os que sofrem e estão sós, dai sempre um sorriso de alegria. Não lhes proporcionas apenas os vossos cuidados, mas também o vosso coração”*

*Madre Teresa de Calcutá.*

## **Siglas e Abreviaturas**

**CE** – Centro Educativo

**MTI**- Medida Tutelar de Internamento

**EFA** – Educação e Formação de Adultos

**LTE** – Lei Tutelar Educativa

**PEP** – Projeto Educativo Pessoal

**RA** – Regime Aberto

**RF** – Regime Fechado

**RSA** – Regime Semiaberto

**DGRSP** – Direção geral de Reinserção Social e Serviços Prisionais

**OTM**- Organização Tutelar de Menores

## Resumo

O objetivo primordial do presente estudo advém do vasto interesse em compreender e dar a entender a experiência subjetiva dos jovens sob medida de internamento em centro educativo. É assim pretendido com este trabalho compreender a essência das vivências pelas vozes dos próprios, para que se torne possível a adaptação do sistema judicial às necessidades específicas destes jovens. Para que não se intervenha apenas na padronização dos comportamentos, como é possível averiguar na vasta literatura existente acerca desta problemática. Este trabalho diferencia-se dos outros trabalhos qualitativos, por se constituir como um estudo fenomenológico da experiência destes jovens, e para que a partir daqui seja possível a compreensão dos técnicos e dos demais intervenientes sobre a adequação da sua intervenção. Na sua formalidade apresenta-se único, pelos resultados conseguidos, podendo ser utilizado para futuros trabalhos científicos.

A metodologia utilizada introduz-se numa investigação qualitativa a par com o método fenomenológico de Amadeo Giorgi, com o intuito de alcançar a essência do fenómeno em estudo.

A Amostra é constituída por dez participantes, sete do sexo masculino e três do sexo feminino com idades entre os 15-18 anos, encontrando-se em regime semiaberto e fechado de dois centros educativos. Os resultados conseguidos, remetem para a existência de sete constituintes essenciais; vulnerabilidades emocionais, a mudança, o crescimento e as aprendizagens, a adaptação, o confronto com a liberdade condicionada, a rede de suporte, a valorização académica, e a responsabilização das ações. Através destes, é possível, a compreensão do impacto da institucionalização nestes jovens, contribuindo com uma nova investigação.

**Palavras-chave:** Delinquência juvenil, Medida tutelar de internamento em Centro Educativo, Fenomenologia.

## **Abstract**

The main objective of the present study comes from the vast interest in understanding and giving an understanding of the subjective experience of young people as they are admitted to an educational center. It is thus intended with this work to understand the essence of the experiences through their own voices, so that it becomes possible to adapt the judicial system to the specific needs of these young people. So as not to intervene only in the standardization of behaviors, as can be found in the vast literature on this problem. This work differs from other qualitative studies, as it constitutes a phenomenological study of the experience of these young people, so that from here on, it is possible for the technicians and other participants to understand the adequacy of their intervention. In its formality it presents itself unique, for the results achieved, and can be used for future scientific work.

The methodology used is introduced in a qualitative research along with the phenomenological method of Amadeo Giorgi, in order to achieve the essence of the phenomenon under study.

The sample consists of ten participants, seven males and three females aged between 15-18 years, being in semi-open and closed regime of two educational centers. The results obtained refer to the existence of seven essential constituents; emotional vulnerabilities, change, growth and learning, adaptation, confrontation with conditioned freedom, support network, academic valorization, and accountability of actions. Through these, it is possible to understand the impact of institutionalization on these young people, contributing to a new research.

**Keywords:** Juvenile delinquency, Guardianship measure of internment in Educational Center, Phenomenology.

# Índice

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>3</b>
<b>1.1 Enquadramento Teórico .....</b>	<b>3</b>
<b>1.1.1 A Adolescência .....</b>	<b>3</b>
<b>1.1.2 Delinquência Juvenil.....</b>	<b>4</b>
<b>1.1.3 Perspetivas da delinquência juvenil .....</b>	<b>7</b>
<b>1.1.4 Fatores de risco e de proteção delinquência juvenil .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1.5 Regulamentação Portuguesa do sistema jurídico: Lei tutelar Educativa.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1.6 A Institucionalização em Centro educativo.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1.7 A experiência subjetiva da institucionalização nos jovens delinquentes .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPITULO II.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 Metodologia .....</b>	<b>22</b>
<b>2.1.1 Objetivos do Estudo.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1.2 Participantes.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1.3 Material.....</b>	<b>24</b>
<b>2.1.4 Procedimentos .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1.5 Investigação Qualitativa.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1.6 Método Fenomenológico.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1.7 Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi .....</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>29</b>
<b>3.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>29</b>
<b>3.2 Descrição da estrutura geral de Significado nos nove participantes.....</b>	<b>29</b>
<b>3.3 Constituintes essenciais da Estrutura geral de significados e Variações empíricas.....</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO IV.....</b>	<b>52</b>
<b>4.1 DISCUSSÃO.....</b>	<b>52</b>
<b>4.2 Diálogo com a literatura.....</b>	<b>52</b>

<b>CAPÍTULO V</b> .....	<b>59</b>
<b>5.1 CONCLUSÃO</b> .....	<b>59</b>
<b>5.2 Considerações finais</b> .....	<b>59</b>
<b>5.3 Limitações do estudo e propostas de investigação</b> .....	<b>60</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>67</b>
<b>Anexo I – Gráficos relativos ao internamento dos jovens</b> .....	<b>68</b>
<b>Anexo II- Consentimento Informado</b> .....	<b>71</b>
<b>Anexo III -Guião da Entrevista</b> .....	<b>72</b>
<b>Anexo IV - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 1 (P1).</b> .....	<b>73</b>
<b>Anexo V - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 2 (P2).</b> .....	<b>108</b>
<b>Anexo VI - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 3 (P3).</b> .....	<b>135</b>
<b>Anexo VII - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 4 (P4).</b> .....	<b>145</b>
<b>Anexo VIII - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 5 (P5).</b> .....	<b>169</b>
<b>Anexo IX - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 6 (P6).</b> .....	<b>179</b>
<b>Anexo X - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 7 (P7).</b> .....	<b>206</b>
<b>Anexo XI - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 8 (P8).</b> .....	<b>213</b>
<b>Anexo XII - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 9 (P9).</b> .....	<b>223</b>

**Anexo XIII - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 10 (P10). .....259**

**LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1- Análise dos Constituintes Essenciais e das Variações Empíricas.....47**

**LISTA DE FIGURAS**

**Figura 1- Relação dos Constituintes Essenciais da Experiência de Institucionalização...58**

## **Introdução**

O presente estudo foi realizado no âmbito da cadeira de Dissertação de Mestrado integrado em Psicologia Clínica do ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da vida, tendo como finalidade, a descrição e a compressão da experiência subjetiva dos jovens, que se encontram sob Medida Tutelar de Internamento (MTI) em centro educativo.

Apesar de ser uma temática já estudada, e existirem vários estudos qualitativos em Portugal relacionando esta temática, este estudo verifica-se diferente na medida em que, a finalidade principal é o estudo fenomenológico da experiência, resultando na sua essência em várias diferenças com os outros estudos.

Esta investigação permite assim ver o internamento em centro educativo através do olhar dos jovens que o vivenciam no seu dia-a-dia, durante meses e anos.

Existem pontos em comum com várias investigações, patenteando a diferença nos resultados que com este estudo foram obtidos. Estes resultados podem fomentar o conhecimento e adaptação dos vários técnicos e demais intervenientes que trabalham diariamente com estes jovens.

Apesar da multiplicidade de estudos existentes, ainda não se verificam suficientes para que o sistema intervenha sob outro prisma, i.e. fazer a ponte entre os centros educativos e a passagem dos jovens para o seu meio social e familiar, diminuindo assim os riscos de reincidência. A utilização científica deste estudo poderá ser utilitário para uma futura meta-análise sobre esta terminologia.

É assim relevante transparecer o olhar destes jovens, de um modo individual e não meramente institucional, sendo um tema que ainda carece de especial atenção e orientação.

A intenção da execução do mesmo prende-se, com a expressão de vontade por parte da investigadora, em contribuir para que mais meios sejam acionados para a obtenção de maior sucesso na vida destes jovens.

Esta investigação é um estudo qualitativo, fenomenológico, fundamentado no método de Amadeo Giorgi.

Considerando as dinâmicas desta problemática, tornou-se prudente no capítulo I, o conhecimento da dinâmica da delinquência juvenil, as suas conexões e a explicitação das várias perspectivas que procuram esclarecer esta temática.

No Capítulo II, é patenteado o objetivo de estudo, a metodologia utilizada conjunta de uma síntese do método qualitativo, do método fenomenológico, e do método de Amadeo Giorgi, bem como a descrição do procedimento, material e participantes do estudo.

No Capítulo III, são apresentados os resultados do estudo bem como toda a sua análise. Em relação aos resultados, estes são apresentados com uma breve descrição e análise dos constituintes essenciais, e das suas variações empíricas.

No capítulo IV, é discutida a essência do estudo, verificando-se as “correlações” existentes entre os resultados obtidos e a discussão da literatura.

Por fim, no capítulo V, é apresentada uma conclusão do estudo, bem como as limitações verificadas pela investigadora na construção do mesmo. Propondo-se assim, características para novos estudos.

# CAPÍTULO I

## 1.1 Enquadramento Teórico

### 1.1.1 A Adolescência

A definição do termo da Adolescência ainda encerra na atualidade de muita complexidade, porém, é presentemente contextualizada pelo período compreendido entre a infância e o estado adulto padecendo de inúmeras transformações no adolescente. Segundo a OMS (2011) (Organização Mundial de Saúde) a adolescência abarca a ordem temporal que ocorre entre os 10 e 19 anos de idade (Ferreira & Nelas, 2016). Neste período, são desencadeadas várias mudanças no adolescente, ao nível físico e psicológico, proveniente do seu crescimento e transformação (Ferreira & Nelas, 2016).

Nesta fase transitiva, o adolescente é confrontado com uma dualidade, entre deixar para trás a infância e acarretar as responsabilidades que a vida adulta lhe coloca, como a delineação do seu projeto futuro, e a construção da sua identidade.

Antecedente ao final do século XIX, não era reconhecida pelos adultos segundo as autoras (Ferreira & Nelas, 2016), esta transição vital entre a infância e a fase adulta, chamada de adolescência. Nos nossos antecedentes, o sujeito passava diretamente da infância para o estado adulto, não havendo assim esta fase desenvolvimental.

Assim sendo, foi a partir do século XIX que foi posta uma tónica importante naquilo que é a fase primordial do desenvolvimento, a adolescência. Foi na segunda metade do século XX, que começaram a urgir as investigações no que concerne a este fenómeno, no ano de 1905 surgiu o primeiro livro sobre a adolescência, escrito pelo autor americano Stanley Hall, intitulado por “*Adolescence*” (Silva, E., & Silva, D., & André, 2016).

Corroborando com o anteriormente referido, existe na adolescência uma procura da identidade social e individual, uma disseminação da mesma, que conduz por vezes à escolha de uma identidade negativa. Aqui o adolescente, procura a sua autonomia e com isso desprende-se da dependência dos seus pais, tentando na sua essência novas relações afetivas i.e. relações entre pares e relações amorosas entre as quais o sujeito se identifica (Silva & Costa, 2005).

Este período transitivo é assim vulnerável face à desorganização, que se instala se não for resolvida e estruturada pode acarretar consequências negativas, como a propensão ao desvio e à prática transgressiva (Silva & Costa, 2005).

Segundo alguns autores (Brizio, Gabbatore, Tirassa, & Bosco, 2015), a adolescência padece de um crescimento não só do indivíduo, como também de um reconhecimento dos outros face a ele, é assim esperado que o jovem adolescente desenvolva o seu raciocínio, e adquira a capacidade de autocontrole sobre si e sobre as suas reações externas, mediando as oscilações ocorridas nesta fase crucial da sua vida.

Por último, existe ainda nesta fase segundo as teorias cognitivas, uma supremacia de pensamentos egocêntricos, que podem conduzir o adolescente à prática de comportamentos de risco, pois, na relação com os outros o jovem adolescente vê o seu pensamento a ser compreendido pelo grupo de pares, identificando-se com ele. Este pensamento egocêntrico surge no início da adolescência, mas tende a diminuir no seu decorrer i.e. aos 15/16 anos de idade (Kumar, 2017).

Todas as transformações e modificações ocorridas nesta fase da adolescência, transportam na sua essência uma especial atenção, para a compreensão dos comportamentos disruptivos. A procura do jovem em responder a uma solução, manifesta-se nesta fase, frequentemente através da transgressão (Benavente, 2002), sendo importante entender a ligação existente entre a adolescência e a delinquência.

### **1.1.2 Delinquência Juvenil**

O termo da (delinquência) juvenil ainda carece na atualidade de uma definição uniformizada e compreensiva, não podendo ser estigmatizada a uma só compreensão. Desde o século XIX, o comportamento dito desviante têm-se constituído um objeto de estudo (Carvalho, 2003), concebendo a ideia da existência de uma ligação das transgressões ao período da adolescência, qualificando as transgressões como uma dependência para o crescimento e desenvolvimento do sujeito (Benavente, 2002), aqui esta dependência encontra-se inteiramente relacionada com a adaptação do indivíduo na procura de resolver o conflito.

Segundo Negreiros (2008), o conceito de delinquência é mutável podendo este termo ser definido através de critérios *jurídico-legais*, ou através da frequente representação do *comportamento antissocial*.

Assim sendo, a (delinquência) juvenil deve ser perpetuada como um comportamento antissocial que abarca não só manifestações transgressivas, que ousam desviar-se das normas socialmente estabelecidas (roubos, agressões, etc.) como também, uma evidência de perturbações ao nível do comportamento. Esta ambiguidade de caracterizações conduz a uma complexidade na definição da mesma. Porém, a utilização dos termos de delinquência,

perturbações do comportamento e comportamento antissocial são utilitárias para a definição dos atos transgressivos (Negreiros, 2008).

O delinquente define-se na sua essência, pela conotação ao mundo da criminalidade, isto é, delinquente por definição é o jovem que cometeu atos que se consagraram em condenações pelos tribunais. Muitos destes atos cometidos pelos jovens resultam numa pena que toma a forma de medida de internamento, medida a favor da comunidade, ou numa medida de acompanhamento educativo, pois, se cometidos num estado de adulto resultam em penas de prisão (Negreiros, 2008).

Segundo Quintela (2004) sob maneira de compreendermos a delinquência e os atos transgressivos, devemos primariamente tentar conhecer a maneira como os jovens sentem e exteriorizam as suas vulnerabilidades, tais como a desadaptação, o sofrimento e a construção da sua identidade no seu meio individual e ainda no confronto com o grupo de pares. Existem fatores de ordem interna e externa que potenciam as ações transgressivas.

Carvalho (2005) nos seus estudos realizados conclui que, o fenómeno do ato transgressivo, não é um fenómeno novo quando comparado aos nossos antepassados, no entanto, as dinâmicas diferenciais interpelam-se com os espaços e os meios sociais onde este se tende a demonstrar, sendo a escola e a família alvos preferenciais dessas condutas transgressivas.

A maioria dos jovens do estudo do autor supracitado, revelava traços sociais mais desfavorecidos, a qualidade dos laços familiares destes era acentuadamente negativa, visado um meio social conflituoso e com uma constante necessidade de adaptação ao meio familiar, que por sua vez, era carregado por uma rutura constante e privação afetiva. A instabilidade afetiva do meio familiar, a constância dos atos violentos e a ausência de normas e das figuras parentais podem ser fatores percutores no futuro destes jovens (Carvalho, 2005).

Em Portugal, o fenómeno da delinquência juvenil têm vindo a sublinhar-se como uma problemática de cariz muito preocupante, pois apesar de todos os esforços existentes para atenuar esta problemática, a tendência segundo Sanches e Pereira (2010) será para que este fenómeno aumente, pois cada vez mais nos confrontamos com famílias ricas em carências económicas e emocionais, emergindo esta realidade nos ditos bairros sociais.

Cada vez mais, nos deparamos com uma realidade em que crescem as dificuldades económicas, eleva-se o número de desempregos, reproduzindo cada vez mais pobreza,

repelando-se num aumento da exclusão social e dos comportamentos desviantes. A exclusão circunscrita à nossa sociedade, passa por uma discriminação dos indivíduos ao nível *social, escolar e relacional*. Existem múltiplos fatores ao nível relacional e individual que fomentam a delinquência, contudo a explicação do seu cerne encontra-se numa enorme complexidade que muitos estudos e investigações não conseguem clarificar.

Contudo, é de realçar que frequentemente se atribui ao mesmo comportamento várias conceptualizações como, *delinquente, antissocial, transgressivo ou desviante* não compreendo cada um, na sua essência. Porém, os comportamentos ditos desviantes podem no seu cerne ser representados como um desvio às normas, mas, na realidade não representarem uma infração legal, como o comportamento delinquente (Sanches & Pereira, 2010).

Por último, sob forma de contextualizar o fenómeno da delinquência existem dois tipos de delinquentes, i.e. o *delinquente ocasional* e o *delinquente habitual*.

O *delinquente ocasional* caracteriza-se segundo Born (2005) pelo jovem que comete atos transgressivos de fraca gravidade esporadicamente, este tipo de delinquente, manifesta-se por um jovem que na sua história criminal só cometeu um ou dois atos transgressivos, a grande parte da delinquência na adolescência insere-se nesta tipologia.

O *delinquente habitual* ou também denominado de delinquente de carreira, caracteriza-se pelo jovem que cometeu vários atos transgressivos com uma ordem temporal superior ao anterior delinquente. Este tipo de delinquente geralmente revela-se por aquele que se ergue numa trajetória desviante (Brochu *et al.*, 2002; cit.por. Born 2005).

Uma característica essencial na compreensão da delinquência juvenil, compreende-se com a idade de entrada à prática da mesma, segundo a literatura anglo-saxónica, a carreira delinquente inicia-se precocemente sendo denominada por “ *early onset*” isto é, por vezes inicia-se na infância mas no seu cerne constitui-se na adolescência.

Segundo Moffitt (1993; cit.por. Born, 2005) existem dois tipos, os *delinquentes “limitados à adolescência (adolescence limited delinquency)* e os *delinquentes persistentes (life-course-persistent delinquency)* ”.

A delinquência limitada à adolescência, têm o seu início geralmente na adolescência, i.e. *depois dos 12 anos* de idade, encontrando-se no seu cerne uma cessação do período da infância, variando o desvio conforme as vivências. Este tipo de delinquência define-se essencialmente pelo desligamento das figuras familiares e a procura de afirmação na sociedade. Segundo Born (2005) o término da delinquência, acompanha o término da adolescência, i.e. quando o adolescente assume responsabilidades de ordem profissional e afetiva.

No que concerne, a *delinquência persistente* quando comparada à *delinquência limitada*, a adolescência antecede-se numa fase mais precoce, ou seja, na infância, segundo o autor durante este período há evidências de algumas perturbações comportamentais desta tipologia. A acumulação de vários problemas nesta fase como um deficitário controlo da criança, os insucessos escolares, os conflitos de aprendizagem e uma deficitária vinculação precoce ao nível relacional, leva ao aumento destes comportamentos disruptivos.

Quando se sucede a deficitária relação ou a privação da vinculação, primariamente com as figuras parentais e secundariamente com os outros adultos, as crianças procuram a sua base de compreensão junto de alguns grupos de pares já interligados a atividades marginais. Esta ligação a atividades delinquentes numa vida tão precoce da criança que é a infância, leva a que a sua conduta se repele pela adolescência e frequentemente pelo estado adulto (Born, 2005). Para melhor entendimento do fenómeno da delinquência juvenil, considerou-se pertinente abordar o parecer das várias perspetivas que procuram clarificar a essência deste fenómeno.

### **1.1.3 Perspetivas da delinquência juvenil**

*“ Não existe nenhuma perspetiva ou abordagem que consiga clarificar em toda a sua essência o fenómeno da delinquência ” (Born, 2005).*

#### **Perspetiva Psicossocial**

Segundo a perspetiva psicossocial da delinquência, existem vários comportamentos sociais que são catalogados como comportamentos delituosos, i.e. comportamentos sociais sem uma ligação imediata ao aqui e agora. Segundo Born (2005) dentro dos comportamentos sociais distingue-se, os comportamentos neutros, os comportamentos pró-sociais, os comportamentos associativos e por último os comportamentos antissociais.

Os comportamentos neutros são descritos pelos meros atos como retirar notas durante uma aula, ou uma palestra; os comportamentos pró-sociais caracterizam-se pelas ações de ajuda aos outros, os comportamentos associativos representam-se pelos comportamentos que provocam danos, porém *sem intenção de o provocar*, por último os comportamentos antissociais que se manifestam por comportamentos em que há uma representação negativa, ou seja, há o intuito para fazer o mal, para *roubar ou agredir alguém* por exemplo (Born,2005).

Entre todos os comportamentos, os que mais se enquadram no cariz de comportamentos delinquentes, são os comportamentos *associativos* e os comportamentos *antissociais*, pois em ambos é atribuída a catalogação intencional ou de culpabilidade (Born,2005).

## **Perspetiva Criminológica**

Segundo a perspetiva criminológica da delinquência, a atribuição que a sociedade faz de uma determinada ação delituosa tem uma grande relevância, potencializando a conjuntura legal e social na delineação e estabelecimento do grau de relevância dos atos cometidos.

No prisma legal, a gravidade dos atos é caracterizada pela pena atribuída, sendo a gravidade da mesma delineada pelo contexto social e legal (Born,2005). Porém, existem diferenças entre estes dois prismas na conceptualização da gravidade dos atos, segundo os estudos de opinião, um crime passional poderá ser conceptualizado como menos grave comparativamente a um roubo (Born, 2005, p.20).

De acordo com o autor supracitado, existem atos transgressivos que não são apurados e com isso, não repelem de qualquer parecer social. Com isto, pretende-se enunciar que nem todos os dados estatísticos oficiais apresentam completa veracidade, incidindo frequentemente numa base distorcida completamente promovida pela sociedade e o sistema social (Born, 2005).

## **Perspetiva Desenvolvimental**

No cerne desta perspetiva, encontra-se a necessidade de compreensão do ato delinvente na sua génese, uma vez que estes atos surgem em determinadas fases da vida dos adolescentes, mais necessariamente na adolescência (Born, 2005).

Assim, para que se possa compreender o núcleo do ato delituoso, é necessário primeiramente compreender os dois pontos de vista que segundo esta perspetiva o fundamentam, i.e. o conceito da *microgénese* e da *macrogénese* (Born, 2005).

A *microgénese*, compreende a prossecução das fases que antecedem e acompanham o ato delituoso, por sua vez, a *macrogénese* atenta à compreensão das circunstâncias que conduziram o sujeito à prática do ato delituoso, atendendo também ao entendimento da vida do sujeito anteriormente à prática do ato (Born, 2005).

Segundo Born (2005) a génese da socialização é fundamental para a apreensão destes atos, na medida em que, este processo acompanha o indivíduo no decorrer da sua vida, ocupando um importante papel na fase da infância e adolescência do indivíduo.

## **Perspetiva Psicológica**

Segundo a perspetiva Psicológica, a delinquência deve considerar contextos individuais, situacionais ou desenvolvimentais como anteriormente referido (Quintela, 2004). Na perspetiva clínica, segundo Born (2005) a questão fundamental deve compreender a essência do mundo interno do adolescente, esta perspetiva procura integrar, não só os fatores individuais, como também os fatores familiares para a compreensão da delinquência (Luzes, 2010).

Assim, regendo-se por esta perspetiva a delinquência não é só significada pelo seu ato transgressivo, como também, pela subjetividade e o psíquico do jovem transgressivo (Luzes 2010). Os fatores antissociais condutores do jovem prevalecem na motivação para a prática do desvio impossibilitando-o de se adaptar à sociedade e as suas normas (Luzes, 2010).

Por sua vez, conforme o exposto na literatura, existem jovens que na sua essência cometem práticas delituosas devidas à incapacidade na sua estrutura e construção psíquica. A esta linha psíquica que condiciona o comportamento do jovem, a psicologia atribui o termo de “*delinquência patológica*” havendo assim uma condicionante mental que governa o comportamento delituoso do sujeito (Luzes,2010).

## **Perspetiva fenomenológica**

A perspetiva fenomenológica do comportamento dito delinquente, pretende chegar à compreensão da mesma através da experiência que nos é dada pelo jovem transgressivo (Garrido, 2012).

Existem várias perspetivas, que põem a sua tónica na compreensão do fenómeno da delinquência, contudo, nas suas especificidades não põem em estudo o modo como os jovens a experienciam, focando-se meramente nos fatores que os conduziram até ela. A perspetiva fenomenológica, procura a compreensão da delinquência padecendo essencialmente da visão do jovem.

Assim, os autores Brunelle, Cosineau e Brochu (2002) (cit.por. Garrido, 2012), no seu estudo sobre jovens em regime de institucionalização procuraram chegar à essência das suas vivências, concluindo que numa primeira instância antecedente aos consumos de estupefacientes e ao agir, os jovens manifestavam situações negativas nas quais se encontravam inseridos, como, por exemplo culpabilidade, rejeição (Garrido, 2012).

Segundo os autores supracitados, o início da ação delituosa encontra-se interligada com a curiosidade e prazer do jovem em experimentar e conhecer sensações. Por sua vez, este início

encontra-se estreitamente ligado à construção de uma autoestima favorável, ou seja, erguer o seu positivismo e coragem (Garrido, 2012).

A incidência nas práticas delinquentes, padece correlacionada com os acontecimentos de vida dos jovens, melhor clarificando, o recurso aos estupefacientes é simbolizado pela vontade do jovem em descurar e se abstrair dos seus problemas pessoais e legais (Garrido, 2012).

A atividade delituosa, surge como último recurso dos jovens para poderem confrontarem e aceitarem as falhas vincuativas, as vivências que passam as dificuldades enaltecidas, assim sendo, estas práticas são assim tomadas pelos mesmos urgindo como meios de explicação aos seus vividos negativos. A desistência da delinquência sucede-se após o acontecimento de algo tido e percecionado como importante na vida do jovem (Garrido, 2012). Esta desistência por sua vez é acompanhada por diversos fatores, de risco e proteção que dificultam ou apoiam a trajetória dos adolescentes.

#### **1.1.4 Fatores de risco e de proteção delinquência juvenil**

Os fatores de risco encontram-se circunscritos às características individuais e ambientais, i.e. às dificuldades e aos dilemas que se ostentam na vida do indivíduo e com isso, o conduzem a vivências de situações traumáticas, stressantes e conflituais (Nardi & Aglio, 2010).

Os fatores de risco individuais, desmarcam-se desde o início da vida do sujeito, a condição do nascimento, a vivência da infância, as características psicológicas e o início do consumo, apresentam-se como características essenciais para a estruturação ou não das condutas delituosas na adolescência e continuação num estado adulto (Blanc, Ouimet, & Szabo, 2008).

Segundo a literatura, existe uma correlação entre o início e o consumo de estupefacientes, relacionados com a qualidade do ambiente familiar, o historial dos antecedentes familiares, a dependência dos jovens às figuras afetivas e a ausência de resposta destas aos jovens integram-se na explicação para o início do consumo (Soares & Mendes, 2016).

De acordo com o estudo de Rochester, os autores Browning, Thornberry e Porter (1999), concluíram que o grau do vínculo familiar inter-relaciona-se com as práticas delinquentes, as crianças que detinham um maior vínculo parental, encontravam-se menos ligadas aos atos

delinquentes; as famílias mais desfavorecidas acarretavam em si uma maior propensão para a prática delinvente, por último a influência familiar nesta prática tende a diminuir com o crescimento do adolescente.

O estudo de Rochester, também sublinha uma relação existencial entre os fracos desempenhos escolares com o uso recorrente de estupefacientes, neste estudo também é passível a compreensão, a conotação da delinquência com os grupos de pares dos jovens, sendo que os grupos de pares quando interligados a aspetos negativos constituem-se como um meio facilitador para a prática delinvente. Este estudo por sua vez corrobora a ideia de que quanto maior for a ligação dos jovens aos consumos e práticas delituosa maior será a probabilidade do abandono escolar (Browning, Thornberry & Porter, 1999).

### **Os Fatores de proteção**

Os fatores de proteção, tal como os fatores de risco, apresentam na sua essência meios individuais e ambientais de prevenção, estes são tidos na literatura como um meio de atenuação, das vulnerabilidades e das problemáticas que propensão o ato delituoso pelos adolescentes (Soares & Mendes, 2016).

Segundo Blanc, Ouimet e Szabo (2008), os fatores de proteção são definidos pela existência de uma boa relação intrafamiliar, um positivo grupo de pares, i.e. a ligação a grupos sociais que não estejam conotados com práticas delinquentes, um ambiente vincutivo onde o adolescente possa expor e com ajuda solucionar os seus conflitos. A construção e inserção no meio familiar, social e escolar positivo por si só já funciona como um agente passivo de proteção.

De acordo com o estudo de Masten e Cicchetti (2016), a resiliência pode ser tomada como um meio de proteção face às ameaças existentes. Assim, a resiliência define-se pela capacidade de adaptação positiva às condições menos favoráveis, esta capacidade individual quando encarada pelo jovem congrega-se pela sua resistência face aos desafios que se apresentam na sua vida, como a capacidade de negar ou desprezar a tendência para as condutas delituosas.

No estudo realizado pelos autores supracitados, é dada uma grande importância à resiliência como um meio de adaptação em diversas situações, esta é reproduzida por diversos estudos como um fator de sucesso e proteção para os sujeitos em várias situações, como por exemplo, práticas delituosas, condutas de adaptação familiares, eventos de guerra e traumáticos.

Por fim a resiliência é tomada e estuda como um meio favorável e imprescindível nos processos adaptativos (Masten & Cicchetti,2016).

Sob forma de terminar e contextualizar os fatores de proteção segundo Nardi e Aglio (2010) o cumprimento pelo jovem de uma medida jurídica pode simbolizar um fator de proteção do jovem, pois durante o cumprimento destas evidencia-se nos estudos realizados a adequação e o reconhecimento do jovem sobre o seu projeto de vida e o estabelecimento e fortalecimento de vínculos afetivos.

O Cumprimento da medida jurídica por sua vez é sustentada pela L.T.E, constituindo-se esta como um meio fundamental para a reeducação do jovem menor apoiando toda a intervenção educativa. A implementação da L.T.E teve lugar após a reforma da OTM.

### **1.1.5 Regulamentação Portuguesa do sistema jurídico: Lei tutelar Educativa**

Na década de setenta em Portugal procedeu-se à reforma do sistema tutelar de menores com a expedição da Organização Tutelar de Menores (OTM) aprovada pelo DL n.º 44 288, de 20 de Abril de 1962, a OTM veio introduzir alterações significativas no que concerne à proteção de crianças e jovens.

No ano de 1999 por carência de práticas para uma intervenção mais objetiva e precisa junto dos menores autores de factos qualificados como delitos, foi aprovada e promulgada a Reforma do Direito de Menores (Proposta de Lei Nº 266/VII de 17 de Abril de 1999, lei n 133/99, de 28 de Agosto), contribuindo para a diferenciação entre a intervenção tutelar educativa e a intervenção tutelar de proteção. A reforma do direito dos menores é hoje representada pela Lei Tutelar Educativa (LTE).

A lei tutelar educativa vigora em Portugal desde 1 de janeiro de 2001 (Lei nº 166/99 de 14 de setembro) tendo tido a sua revisão a 15 de janeiro de 2015 (Lei nº4/2015 de 15 de janeiro), constituindo-se como uma referência primordial para a intervenção tutelar educativa. Até à entrada em vigor da LTE eram internados na mesma instituição jovens com diferentes problemáticas, i.e. jovens infratores e jovens vítimas de algum tipo de exclusão social, a junção destas duas problemáticas padeceu constituir-se um fator de risco, na medida em que os jovens que ainda não tinham ligação à prática delituosa, ao se relacionarem diariamente com outros com essa problemática poderiam se influenciar (Marteleira, 2002).

No âmbito da LTE encontra – se disposto “*A prática, por menor com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos, de facto qualificado pela lei como crime (que) dá lugar à aplicação de medida tutelar educativa*” (art.º 1.º da LTE). No entanto, o cumprimento das

medidas tutelares educativas podem prolongar-se até aos 21 anos do jovem, idade em que cessa obrigatoriamente (art.º5.º da LTE).

Segundo o disposto no art.º 4,nº1, da LTE, são caracterizadas como medidas tutelares “*A admoestação, a privação do direito e da permissão para conduzir ciclomotores, a reparação ao ofendido, a realização de tarefas a favor da comunidade, a imposição de regras de conduta, a imposição de obrigações, a frequência de programas formativos, o acompanhamento educativo e o internamento em certo educativo*”.

A medida de internamento em centro educativo pode ser realizada segundo um dos três regimes de execução: Regime aberto, Regime semiaberto e Regime fechado (art.º 4, nº3, da LTE).

A medida de internamento tem como finalidade o afastamento temporário do menor do seu meio habitual, visa a utilização de programas e métodos pedagógicos, a interiorização de valores conformes ao direito e a aquisição de recursos que lhe permitam no futuro conduzir a sua vida de modo social e juridicamente responsável (art.º 17, nº1, da LTE).

Segundo o disposto no artigo 18º nº 2 da LTE, a medida de internamento no regime fechado pode ter a duração mínima de seis meses e máxima de dois anos, dependendo da gravidade dos factos causados. O internamento em regime fechado pressupõe a existência de factos pela lei considerados como crime a que corresponda uma pena máxima superior a cinco anos ou ter cometido dois ou mais crimes contra as pessoas a que corresponda uma pena máxima superior a três anos, o menor neste tipo de internamento deve ter uma idade igual ou superior a catorze anos à data de aplicação da medida. (art.º 17º,nº4, da LTE).

A medida de internamento em regime semiaberto e aberto, segundo o disposto no artigo 18º nº 1 da LTE pode ter uma duração mínima de três meses e máxima de dois anos, dependendo dos factos praticados, esta duração máxima pode ser alterada e aumentada devido a existência ou não de um cúmulo jurídico.

O internamento em semiaberto é aplicável a um jovem menor que tenha cometido um facto qualificado pela lei como crime, a que corresponda uma pena aplicável de prisão superior a três anos, ou ter cometido dois ou mais factos contra as pessoas aos quais corresponde uma pena máxima superior a três anos (art.º 17º,nº3, da LTE).

Para além da regulamentação jurídica, o internamento em centro educativo é fundamentado por vários pontos de vista, como uma “*medida educativa e ao mesmo tempo punitiva*” Manso e Almeida (2009),fazendo alusão a fatores favoráveis e de risco no impacto da institucionalização nos jovens.

### 1.1.6 A Institucionalização em Centro educativo

De acordo com Goffman (1974) enraizado numa instituição encontra-se o fechamento, caracterizando as instituições como um meio que retém em certa forma o interesse e o tempo dos sujeitos, dirigindo-os para a adequação a um novo mundo.

A comparação existente entre as diversas instituições do mundo ocidental, relaciona-se com o grau de abertura ou não ao exterior, espelhado através de “*altos muros, portões redundantes, arames farpados, vales profundos e florestação*”. Estas instituições segundo Goffman (1974) são qualificadas como instituições totais.

No entanto, segundo o autor supracitado existe três características essenciais para a compreensão de uma instituição como instituição total, tais como; a sua forma total, a privação de liberdade, e por último a homogeneidade em relação às atividades e regras (Goffman,1974).

Segundo Inderbitzin (2012) estas instituições “*penitenciárias*” são delimitadas mais pelo seu carácter punitivo, invés do carácter re (educador) e reabilitador, estando vigente nestas uma constante sanção.

De acordo com o estudo de Barton e Mackin (2012) grande parte das instituições penitenciárias (juvenis), não reproduzem um desenvolvimento positivo da adolescência. Estas instituições segundo estes autores são definidas, por um ambiente totalmente controlado, com atividades e oportunidades especificadas e limitadas, onde existe uma permanente troca de pessoal, falta de apoio e um projeto educativo pessoal geral não concebendo a individualidade de cada um.

Quintãns, Alberto e Machado (2010) no seu estudo, caracterizam a institucionalização como “*duas faces de uma moeda*”, na medida em que estas proporcionam aos jovens oportunidades de *mudanças positivas*, mas, por outro lado, podem tornar essas oportunidades contraditórias aos objetivos pretendidos pelos jovens.

Skyes (1958; cit.por Cesaroni &Badali,2016) foi o primeiro autor a referenciar que na compreensão da privação ao exterior deve-se primeiro entender a prisão/instituição para além do seu encerramento ao exterior característico das mesmas (paredes, *portas, barras e fechaduras*). Assim segundo o autor citado estes locais repelam na sua essência de enorme complexidade, sendo um sistema padronizado com normas próprias e adaptadas.

Mulvey *et. al.*,(2010) revelam como o mais importante na estruturação da institucionalização, as relações estabelecidas com os jovens, sendo que estas garantem oportunidades de mudança e um percurso institucional favorável.

Através das estatísticas da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), é possível aludir o número de jovens internados no mês de agosto de 2017. Como se pode verificar no (ANEXO 1), nos sete centros educativos em funcionamento, existe um total de 158 jovens institucionalizados, dos quais 136 são do género masculino e 22 do género feminino. Dos 158 jovens institucionalizados 71% (113) cumprem medida em regime semiaberto, 18% (28) em regime aberto e 11% (17) em regime fechado (Anexo I). Em agosto de 2016 totalizaram-se 146 jovens internados, já em agosto de 2017 o número aumentou significativamente para 158 jovens institucionalizados (Anexo 1). Relativamente à idade predominante dos jovens institucionalizados 32% têm 16 anos de idade (Anexo I), por último no que concerne à tipologia do crime a grande maioria 49% cometeu crimes contra as pessoas seguindo de 41%, percentagem, de crimes contra o património.

### **1.1.7 A experiência subjetiva da institucionalização nos jovens delinquentes**

O internamento em centro educativo é composto essencialmente por três fases: A fase de acolhimento, ou seja, o primeiro contacto dos menores com a instituição, o estabelecimento das regras e das primeiras relações; A fase de intervenção, onde são definidos e planeados os objetivos de modificação de conduta, aqui é elaborado o PEP (Projeto educativo pessoal) do menor, e por fim a fase de preparação para a saída, aqui a saída do menor é preparada sob forma de não ocorrerem extremas transformações no confronto deste com o exterior.

Quando entra na instituição, o educando é obrigado a retirar todos os seus pertences pessoais (brincos, telemóveis, anéis) e a adaptar a sua maneira de ser ao centro, existe aqui uma *mortificação do eu* e um *desculturamento*, segundo Goffman (1974), o menor despoja as suas características pessoais para as tornar segundo o padrão social aceite dentro do centro educativo (Marteleira, 2002).

Este processo do menor despojar a sua individualidade, transformando-a na individualidade institucional aceite, cria nos mesmos algumas resistências, de acordo com Goffman este processo denomina-se de *ajustamentos primários e secundários*. No *ajustamento primário*, o menor participa nas atividades impostas pela instituição, aceitando ou não as mesmas, por sua vez no *ajustamento secundário*, existe o confronto do menor com a instituição, sob forma de exercer práticas puníveis dentro da mesma (fumar, ter uma saída ao exterior e

consumir estupefacientes), contrariando aquilo que deve ser ou fazer dentro da instituição (Goffman,1974 & Marteleira,2002).

Segundo Goffman existe três formas para que o sujeito possa utilizar os bens de outros: imposição, troca económica e social. A imposição procede-se quando um educando mais velho enfrenta o mais novo sob forma de obtenção de benefícios, a troca económica sucede-se quando, um compra uns óculos e outro um chapéu e entre si, trocam. Por último a troca social manifesta-se quando um sujeito defende o outro face ao monitor e de seguida lhe pede algo em troca (Goffman,1974 e Marteleira, 2002).

Segundo Mota e Matos (2008), no estudo das implicações do internamento verificaram que o processo de institucionalização reproduz no sujeito sentimentos de solidão, perda e abandono.

Segundo Azevedo (2013), os jovens participantes do seu estudo, destacaram dificuldades em relação ao internamento, devido a se encontrarem longe dos familiares, em relação ao cumprimento das regras e ao facto de terem a sua liberdade condicionada.

Nos resultados do estudo de Conde e Teixeira (2017) a institucionalização é referida como o quinto tema central na experiência de vida dos participantes, sendo que estes revelam e verbalizam o momento de institucionalização ligado a revoltas, a sentimentos de tristeza face ao distanciamento da sua família, caracterizando a entrada como um processo difícil, devido às dificuldades em aceitarem a sua permanência na mesma.

De acordo com os estudos elaborados por Fonseca *et. al* (2011) sobre os centros educativos, os autores enunciam que no momento da entrada é manifestado por grande parte dos jovens, uma revolta face à institucionalização, porém, na sua essência os jovens consciencializam-se das situações que levaram ao internamento, havendo, no entanto casos sentidos pelos jovens como injustiçados. Esta reatividade inicial advém, segundo os autores, da consciencialização por parte dos jovens da distância familiar e de tudo aquilo que lhe é conhecido e que por sua vez faz parte de si.

Para além dos fatores negativos apresentados na confrontação com a institucionalização, a literatura defende outro prisma em relação à mesma. De acordo com Alberto (2002; cit.por. Manso e Almeida,2010) o centro educativo é considerado como um local que fornece aprendizagens aos educandos, sob forma de não reincidirem.

Conde e Teixeira (2017) nos seus resultados, demonstram que os educandos identificam o centro educativo como um meio que proporciona e potencializa a sua mudança, sendo o centro educativo considerado como um meio de aprendizagens, crescimento e maturação.

Herman e Sexton (2017), no estudo que elaboraram sobre jovens presas e futura reinserção na sociedade, constataram que estas revelavam uma necessidade de aprendizagem, enumerando os mecanismos que possuíam para alcançar as mudanças comportamentais pretendidas, os resultados frisaram também, como sendo vantajoso para as mesmas, terem uma rotina estruturada com atividades, a aprendizagem da confiança e do controlo sobre si mesmas.

A experiência da institucionalização deve direcionar – se para a promoção da autonomia dos jovens internados, visando as formações académicas profissionais, e um trabalho intensivo na *re (socialização)* dos mesmos para futura reinserção na sociedade e promovendo um leque de experiências que potenciem uma resposta adequada face aos fatores de risco inerentes (Manso & Almeida,2009).

O internamento, fundamenta-se na base consensual do desenvolvimento das capacidades e competências pessoais e sociais dos jovens, e não só deve também possibilitar o desenvolvimento positivo da autonomia, não só no contexto institucional como também no seu contexto relacional, sob forma de criar aptidões pessoais para o sucesso na sua futura reintegração (Manso & Almeida,2009).

Contudo, é perceptível, segundo o estudo das autoras, a necessidade do enfoque da intervenção direcionada para o meio de origem do jovem, urgindo como um apoio reeducativo no exterior do centro (Manso & Almeida,2009).

Neves (2008), no seu estudo etnográfico “*Entre o Educativo e o Penitenciário*”, compreende o dia-a-dia dos educandos do CESA (Centro Educativo de Santo António) à luz da *teoria interacionista* de Goffman. Sob forma de entendimento do centro educativo, o autor fundamenta – se nestas teorias, verificando na intervenção um enfoque central no imediato esquecendo-se do contexto mais incluso dos sujeitos (Neves,2008, p. 170).

É, segundo o autor notável a diferenciação entre as vidas exteriores dos educandos, muitas vezes regidas sem horários, orientações e condições e as vidas rotinas que lhes são dispostas nos centros educativos, contudo, segundo o autor supracitado “*Há necessariamente lugar a uma adaptação do estilo de vida e do estilo delinquente do educando*” (Neves,2008, p. 170).

De acordo com o estudo Schubert *et al.* (2012) sobre as percepções dos jovens institucionalizados, estes identificam como elos positivos para a mudança dos seus comportamentos, as oportunidades concebidas pela instituição, i.e. o treino e a orientação de competências para a vida, porém, conforme o estudado não existe uma relação direta entre a institucionalização e a diminuição das práticas delinquentes.

Segundo Azevedo (2013), no seu estudo sobre jovens internados, revela que uma das maiores dificuldades pautadas por estes relativamente ao internamento, advém da privação de liberdade com que se confrontam.

De acordo com Fonseca (2014) a restrição e a privação da liberdade encontram-se inerentes ao cumprimento de medidas tutelares de internamento em centro educativo.

De acordo com os estudos de Inderbitzin (2012), a privação da liberdade e a perda da autonomia, são encaradas como uma “*dor de prisão*” (Skyes 1958; cit por., Inderbitzin,2012) com que os adolescentes se tem que confrontar e consequentemente se adaptar.

Na consciência dos jovens internados, há uma consciencialização das suas perdas e ausências de experiências que se seguem numa continuidade exterior, como as festas de aniversário, os dias festivos, marcos importantes para a sua história (Inderbitzin,2005).

Estas perdas de acontecimentos e privação da liberdade, podem ser sentidas pelos jovens de acordo com os autores, com ansiedade e sentimentos de baixa autoestima ” (Skyes 1958; cit por., Inderbitzin,2012).

No que respeita à interação social entre os menores, segundo Marteleira (2002) no seu estudo fundamenta que, existe apenas acordos entre estes, em relação à relação com os monitores a autora supracitada considera a existência de uma instabilidade relacional entre educandos e monitores, na medida em que os monitores mais obedecidos são os que manifestam uma maior consistência física, as monitoras no seu estudo, eram as menos respeitadas, mas por sua vez, eram as mais recorridas quando os educandos queriam falar dos seus problemas e méritos.

Contrapondo a teoria desta autora, Neves (2008) revela existir uma tensão entre os funcionários e os educandos reproduzida através das relações de afeto desenvolvidas entre ambos, existindo assim uma conjuntura relacional entre diversificados registos como o educativo, o profissional, o afetivo e o quase familiar.

De acordo com Azevedo e Duarte (2014), a relação estabelecida entre os educandos e os técnicos funcionam como um meio essencial em todo o processo de institucionalização,

sendo que esta proximidade é tida pelas autoras como um fator favorável nas mudanças dos jovens, na aquisição de competências dos mesmos, por isso um meio fundamental para a intervenção.

Em relação à experiência escolar dentro do centro educativo, esta dimensão é primordial na medida em que é dada uma grande importância e um especial destaque nas atividades escolares e formativas. Segundo Manso e Almeida (2009), nos seus estudos verificam que o centro educativo é como um meio facilitador percebido pelos jovens para a obtenção da escolaridade, que outrora no exterior não obtinham devido ao seu absentismo escolar.

No entanto, para além da valorização das aprendizagens efetuadas as autoras revelam, haver um reconhecimento geral por parte dos jovens face aos ensinamentos em que se baseia a orientação do centro educativo (Manso & Almeida, 2009).

Segundo Fonseca (2014), os centros educativos focam-se muito na sua formalidade para responder as necessidades educativas e formativas manifestadas pelos jovens educandos.

De acordo com Blomberg *et al.*, (2011) no seu estudo realizado na Flórida, confirma a relação primordial existente entre a escola e o não retorno às práticas transgressivas, na medida em que os jovens, que se encontravam no seu estudo em centro educativo e obtinham resultados positivos escolares estavam mais propensos aquando da sua saída voltar à escola e não à atividade transgressiva.

Ainda, segundo o estudo do autor supracitado, as instituições não providenciam a educação especializada aos jovens, carecendo estes de alguns problemas consideráveis ao nível da aprendizagem, comportamento e cognição (Blomberg *et al.*, 2011).

Em relação à interação entre jovens internados, Marteleira (2002) no seu estudo, revela não existir uma interação muito intensa, sendo a relação entre os internados caracterizada por conveniência, conflitos e satisfação dos interesses individuais.

De acordo com os estudos de Inderbitzin (2012), os jovens que se encontravam nos estabelecimentos prisionais- corretivos, detinham uma necessidade em apreender e compreender os códigos de conduta que os colegas institucionais compartilhavam consigo, integrando também as normas culturais adjacentes aos estabelecimentos, mediado como um elemento fulcral no favorecimento da experiência prisional-corretiva.

No estudo de Herman e Sexton (2017) as participantes aludem a relação com o grupo como uma ferramenta importante para a aprendizagem de competências, constituindo-se como

uma vantagem para as futuras relações com pessoas com diferentes estilos de vida e personalidades.

Segundo o estudo etnográfico de Neves (2008), o autor constatou que pode haver uma intenção no estabelecimento de uma relação entre educandos, por sua vez, os acordos subentendidos revelam-se mais incisivos no que toca à estrutura relacional e institucional do que há estrutura convencional. Entre os educandos, verifica-se neste estudo uma importância considerável dada à partilha, na medida em que, existe entre os educandos a partilha de bens pessoais e alimentos recebidos do exterior, existindo também por sua vez, a partilha entre estes dos medos, receios e dúvidas sobre as suas namoradas, de cartas recebidas e a escrita das cartas a enviar, entre outras coisas.

Por último, de acordo com a literatura e com o estudo de Manso e Almeida (2009), um dos motivos da transgressão à lei surge, segundo os jovens em estudo, como resposta às necessidades básicas e às debilidades económicas vividas face à alimentação, habitação. De acordo com as autoras supracitadas, não há evidências nem sentimentos de reconhecimento pelo jovem do ato praticado, nem dos prejuízos provocados para outrem. É percecionado neste estudo, a presença de dificuldades dos jovens em se colocarem no lugar do outro, patenteando um discurso egocêntrico.

Nos estudos de Conde e Teixeira (2017), os comportamentos transgressivos ocupam a terceira posição no que remete às experiências centrais nas histórias de vida destes jovens, de acordo com as autoras, os jovens sublinham as consequências negativas, evidenciando culpabilização e arrependimentos bem como a vitimização face aos danos físicos que sofreram. Reconhecem o início da atividade transgressiva e do consumo aliado aos grupos de pares, porém, no que concerne aos crimes cometidos descartam a sua responsabilidade nos mesmos, atribuindo esta a terceiros.

Num último momento, segundo os estudos de Azevedo (2013), a caracterização que os jovens fazem da sua conduta antes da entrada no centro, é visível nos processos dos mesmos. Os jovens do estudo reconhecem o seu comportamento conotado com a falta de autocontrolo, *agressividade, impulsividade, resistência á autoridade*, incapacidade na interiorização e cumprimento das regras. Existe também, a identificação das suas condutas transgressivas, ainda que alguns jovens, num número pouco significativo do estudo, atribua as mesmas a fatores externos.

Terminada a medida de internamento e toda a intervenção no Centro educativo, os jovens passam de um meio intensivo onde dispõem de vários meios, para o seu meio exterior, frequentemente destruturado e fragilizado, pondo assim em causa, todo o trabalho realizado, constituindo-se como um fator de risco para a reincidência (Azevedo & Duarte,2014). Carece ainda, a necessidade de haver uma ponte de ligação entre todo o trabalho intensivo realizado no centro educativo, e o meio exterior do jovem, preparando-o assim para todas as dificuldades com que se irá confrontar à saída do centro (Manso & Almeida,2009).

De acordo com Mendel (2011), o internamento prejudica o futuro dos jovens, tornando-se ineficaz para os pequenos atos transgressivos, funcionando como um preditor de risco para o aumento da reincidência. Neste estudo pôde-se verificar esta ineficácia do sistema de internamento na reinserção na sociedade, cerca de 80 % dos jovens que estiveram internados em casas correcionais, passados dois, três anos voltaram a reincidir.

No estudo de Hartwell, McHacking, Tansi, e Bartlett (2010) os resultados da institucionalização, repelem-se na integração do jovem na sociedade, constituindo-se como um desafio à mesma. Muitas das aprendizagens adquiridas dentro do centro educativo, são apaziguadas, quando os jovens se confrontam com a sua reinserção no meio social e familiar. O tempo de institucionalização conduz aos jovens a aquisição de aprendizagens e competências, padronizando os às normas sociais, por sua vez, revela-se diminuta para uma “*modificação consistente e sustentada das trajetórias dos jovens*” (Neves, 2008, p.183).

## **CAPITULO II**

### **2.1 Metodologia**

#### **2.1.1 Objetivos do Estudo**

O objetivo primordial deste estudo compreende a descrição e a compreensão da experiência subjetiva dos jovens delinquentes institucionalizados em Centro Educativo. É assim pretendido com este estudo a compreensão do fenômeno “ institucionalização em centro educativo sob MTI (Medida tutelar de internamento) ” através das experiências e dos olhares destes jovens.

O estudo da experiência dos jovens urge em contexto de uma investigação qualitativa abarcando uma leitura fenomenológica, através desta, é pretendida a análise da experiência dos jovens aquando a sua entrada em centro educativo, com o propósito da compreensão da essência dos significados subjetivos associados ao fenômeno em questão.

#### **2.1.2 Participantes**

A amostra deste estudo é composta por dez participantes, três do género feminino e sete do género masculino, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos.

Analogamente os critérios de seleção dos participantes nesta amostra tiveram em ponderação a duração do internamento dos mesmos, bem como a aceitação a disponibilidade e o consentimento de cada participante para a realização de uma entrevista gravada presencialmente nos dois centros educativos.

A seleção dos (as) participantes foi realizada pelo investigador em conjunto com a respetiva Diretora e Diretor de cada centro educativo em questão, após a aprovação do Diretor geral da DGRSP do devido requerimento realizado pelo investigador, onde fora explicado toda a pretensão e objetivo do estudo em questão.

Previamente ao início de cada entrevista o investigador abordou individualmente cada participante explicitando a pertinência do estudo e a sua livre participação.

Antes da gravação de cada entrevista, foi devidamente assinado pelo investigador e pelos (as) participantes o consentimento informado.

Segue-se uma sucinta descrição de cada um(a) dos (as) participantes de acordo com a informação disponibilizada pelos mesmos e de acordo com o levantamento de alguns dados

efetuado pelo investigador do *dossiê* jurídico dos (as) participantes, com o devido consentimento da Diretora e do Diretor de cada centro educativo em questão:

P1 é um rapaz de 16 anos, foi-lhe aplicada a medida de internamento de 1 ano, encontra-se institucionalizado, há 12 meses em regime semiaberto por ter praticado um crime de ofensa à integridade física qualificada (artº.145º CP), e um crime de furto (artº.203º CP);

P2 é um rapaz de 16 anos, foi-lhe aplicada a medida de internamento de 2 anos, encontra-se institucionalizado, há 15 meses em regime semiaberto por ter praticado um crime de roubo (artº.210º CP), um crime de furto simples (artº. 203º CP), e um crime de condução sem habilitação legal (artº. 3º CP);

P3 é um rapaz de 16 anos, foi-lhe aplicada a medida de internamento de 1 ano e oito meses, encontra-se institucionalizado, há seis meses em regime fechado por ter praticado um crime de furto (artº. 203º CP), um crime de furto qualificado (artº. 204º CP);

P4 é um rapaz de 17 anos, foi-lhe aplicada a medida de internamento de 1 ano e seis meses prorrogada em dois anos e seis meses, encontra-se institucionalizado, há um ano e cinco meses em regime fechado por ter praticado um crime de roubo na forma tentada (artº.210º CP);

P5 é um rapaz de 18 anos, foi-lhe aplicada a medida de internamento de 2 anos, encontra-se institucionalizado há 11 meses em regime fechado por ter praticado um crime de roubo simples (artº. 210º CP);

P6 é um rapaz de 17 anos, foi-lhe aplicada a medida de internamento de 2 anos e seis meses prorrogáveis em quatro anos por cúmulo jurídico, encontra-se institucionalizado há 21 meses em regime fechado, sendo que uma semana antes da data da realização da entrevista passou a cumprir a medida no regime semiaberto, por ter praticado um crime de roubo (artº.210º CP);

P7 é uma rapariga de 16 anos, foi-lhe aplicada a medida de internamento de 2 anos, encontra-se institucionalizada há 11 meses em regime semiaberto por ter praticado dois crimes de ofensa à integridade física simples (artº.143º CP), um crime de injúria agravada qualificada

(artº.182º e artº.184º CP), um crime de ofensa à integridade física agravada (artº.145º CP), e dois crimes de furto simples (artº.203º CP);

P8 é uma rapariga de 15 anos, foi-lhe aplicada a medida de internamento de 1 ano e seis meses, encontra-se institucionalizada há 9 meses em regime semiaberto por ter praticado dois crimes de furto (artº.203º CP), e um crime de dano (artº.212º CP);

P9 é uma rapariga de 15 anos, foi-lhe aplicada a medida de internamento de 2 anos e três meses, encontra-se institucionalizada há um ano e dez meses em regime semiaberto por ter praticado três crimes de roubo em coautoria (artº.210º CP).

P10 é um rapaz de 17 anos, foi-lhe aplicada a medida de internamento de 2 anos, encontra-se institucionalizado, há 21 meses em regime fechado por ter praticado um crime de homicídio simples na forma tentada (artº.131º CP);-- não usada para análise.

### **2.1.3 Material**

A entrevista presencial foi a técnica elegida, como o principal recurso para a obtenção de uma descrição concreta e detalhada da experiência vivida pelos entrevistados sobre o fenómeno em estudo. Constituindo-se como um instrumento utilitário para o investigador recolher e poder chegar à essência do fenómeno, i.e. A experiência de institucionalização. Este recurso também verificou-se vantajoso, para que numa fase posterior fosse possível conceber as respetivas unidades de significado psicológico associadas.

A gravação das respetivas entrevistas foi realizada, a partir de um gravador de áudio e transcritas na sua íntegra para um documento Word de um computador portátil. A análise e o tratamento dos dados recolhidos de cada entrevista foi realizado a partir do método fenomenológico de Amadeo Georgi.

### **2.1.4 Procedimentos**

Primariamente o investigador começou por elaborar um requerimento/pedido de autorização formal, ao Sr., Diretor Geral da Reinserção social e dos Serviços Prisionais (DGRSP), por despacho da Sra., Diretora do centro educativo onde o investigador estava a

estagiar, para que pudesse entrevistar os Jovens do Centro educativo, tendo obtido resposta positiva para o estudo.

Num segundo momento e sendo que o primeiro centro em questão era formado só por jovens masculinos, sob forma de enriquecer o seu estudo, o investigador requereu novamente junto da Sra. Diretora do centro, um novo pedido de autorização ao Sr., Diretor Geral da Reinserção social e dos Serviços Prisionais (DGRSP) para que pudesse entrevistar três jovens femininas de outro centro educativo. Após a aprovação do mesmo foi agendado junto do Diretor a ida do investigador ao centro.

Antes da concretização de cada entrevista, o investigador falou com cada jovem explicitando o seu estudo e o objetivo do mesmo, agradecendo a sua disponibilidade para o mesmo, frisando se tratar de uma participação voluntária, podendo os mesmos em qualquer momento desistir. Após a unanimidade de cada jovem foi entregue e devidamente assinado pelo investigador o consentimento informado (Anexo II) a cada jovem para que os mesmos pudessem compreender a essência do estudo em questão a garantia da confidencialidade e anonimato e a devida autorização dos (as) mesmos (as) à gravação áudio das entrevistas.

Esclarecidas todas as questões, as entrevistas iniciaram-se com algumas perguntas meramente indicativas sobre o sujeito (ex. Idade, nacionalidade, tempo de medida), sendo posteriormente feitas perguntas de carácter exploratório sobre forma de entendimento e compreensão da experiência dos mesmos acerca da institucionalização no centro educativo.

Assim, foram abordadas as questões abertas pré-estabelecidas no guião da entrevista (anexo III), o guião da semiestruturado da entrevista urgiu como um mecanismo meramente orientador da mesma, pelo que algumas das perguntas ou intervenções do investigador surgiram como uma linha orientadora e compreensiva face às descrições dos participantes, preservando-se no entanto toda a liberdade e naturalidade de resposta dos mesmos.

A duração das entrevistas variou entre um tempo mínimo de 4 minutos (representado apenas por uma entrevista desta duração) a um tempo máximo de 55 minutos, a ordem temporal de cada entrevista variou de participante para participante dependendo no entanto da facilidade ou dificuldade de cada um em verbalizar a sua experiência. Em dez entrevistas realizadas, nove foram consideradas pelo investigador, no entanto, a entrevista de menor tempo (quatro minutos) foi utilizada em alguns momentos da discussão dos resultados.

Das dez entrevistas realizadas, quatro foram consideradas pelo olhar do investigador com alguma dificuldade de verbalização e/ou exposição do(a) participante ao investigador.

Após o término de cada entrevista, foi agradecido ao participante toda a sua disponibilidade de participação na mesma.

Recolhidas e aplicadas as entrevistas a todos os (as) participantes, as mesmas foram transcritas na sua íntegra e analisadas segundo o método fenomenológico de investigação em Psicologia de Amadeo Giorgi.

### **2.1.5 Investigação Qualitativa**

As metodologias qualitativas têm como finalidade principal a demonstração objetiva da realidade, enquanto as metodologias quantitativas se apaziguam e se fundamentam numa representação explicativa do mundo. Assim, a investigação qualitativa propagou-se em várias correntes não sendo, porém de fácil aceção. Este método de investigação tem-se multiplicado através de vários paradoxos, no entanto, ainda carece de uma minoria face às investigações quantitativas (Giorgi e Sousa, 2010).

O objetivo fundamental deste método de investigação qualitativa assenta na compreensão de ideologias dos participantes face ao fenómeno estudado, o mais importante neste método é o anseio de compreensão revogando as generalizações existentes (Garnica, 1997). A adequação deste método ao tema em estudo advém da experiência e percepção dos jovens na sua vivência, que tende a ser compreendida pelo investigador através do questionamento e atribuição de significados à mesma (Giorgi e Sousa, 2010).

Não deixando de frisar a pertinência deste método ao estudo em questão, a partir do mesmo é possível chegar à essência do fenómeno estudado através do que é pelo participante experienciado (Giorgi e Sousa, 2010).

### **2.1.6 Método Fenomenológico**

O método fenomenológico urgiu através da filosofia fenomenológica de Edmund Husserl no final do século XIX. Esta abordagem da psicologia fenomenológica baseia-se na experiência do sujeito e em como aparece à sua consciência.

Na base filosófica desta abordagem, encontra-se a intencionalidade, que prediz a constância da nossa consciência. Esta abordagem procura estabelecer o sentido da experiência em como ela aparece à consciência sem recorrer aos raciocínios cognitivos. Assim a intencionalidade foca-se naquilo que é a experiência “ (*noema*) ” e em como esta é experimentada “ (*noesis*) ” (Langdridge, 2007).

Posto isto, o método fenomenológico assenta em duas especificidades primordiais: é descritivo i.e. a descrição fenomenológica acarreta uma descrição dos fenómenos tal como são aludidos à consciência dos participantes (a partir daquilo que pensaram ou refletiram das suas vivências), e é intersubjetivo i.e. visa adquirir conhecimentos generalizáveis e passíveis de crítica entre pares (Giorgi e Sousa, 2010).

O objetivo principal do método, é procurar chegar à essência da experiência vivida da pessoa, isto é, o principal “*objetivo é chegar à consciência deal*” (Giorgi e Sousa, 2010):

Para que seja passível de aplicar o método fenomenológico numa investigação deve se considerar cinco dimensões fundamentais: *A Epoché*, *a Redução Fenomenológica*, *a Análise Eidética*, *a Descrição* e *a Intersubjetividade*.

*A Epoché* consiste na suspensão do investigador de quaisquer conhecimentos prévios do fenómeno em estudo;

*A Redução Fenomenológica* abarca um enfoque no objeto tal como este aparece à consciência;

*A Análise Eidética* possibilita alcançar as estruturas invariantes, i.e. a essência do objeto de estudo através da variação livre imaginativa.

*Descritivo*, a análise fenomenológica abarca uma descrição dos fenómenos tal como são aluídos à consciência intencional;

*Intersubjetivo*, visa obter conhecimentos generalizáveis e passíveis de crítica entre pares (Giorgi & Sousa, 2010).

### **2.1.7 Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi**

Segundo Giorgi a essência da investigação fenomenológica advém da descrição, o principal propósito do investigador é a descrição com o maior rigor do fenómeno estudado, não carecendo de qualquer influência pré-conhecida sobre o participante, o investigador deve assim permanecer fiel aos factos que lhe são imputados pelo participante (Groenewald, 2004).

O método fenomenológico de Amadeo Giorgi é fundado e dividido em quatro passos fundamentais:

1. Estabelecer o sentido geral; após a transcrição de toda a entrevista na sua íntegra o primeiro passo a ser realizado é a leitura completa da mesma, sob forma de apreender o seu sentido geral.

2. Determinação das Partes: Divisão das unidades de significado; num segundo momento o investigador deve dividir a descrição dos participantes em partes mais pequenas com o intuito de facilitar a análise da descrição dada.
3. Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico; num terceiro momento deve se suceder a transformação da descrição dos participantes, com o uso da redução fenomenológica-psicológica e da análise eidética, permitindo assim uma transformação progressiva do sentido da descrição dos participantes revogando-os em unidades de significado psicológico através da variação livre imaginativa, desvendando e relacionando o sentido psicológico dos participantes em relação ao fenómeno em estudo.
4. Determinação da Estrutura geral de significados psicológicos; o quarto e último momento consiste na determinação dos sentidos invariantes, isto é, dos constituintes essenciais da experiência.

Cada momento do método consiste numa redução do passo anterior, até à determinação da estrutura geral. Reunida a síntese das unidades de significado, o investigador faz o diálogo com a literatura, comparando os seus resultados com outros existentes (Giorgi e Sousa, 2010).

## CAPÍTULO III

### 3.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Fundados no método fenomenológico de Amadeo Giorgi, os resultados serão apresentados segundo as duas vertentes principais, a *estrutural geral dos significados psicológicos*, e os *constituintes essenciais da estrutura geral de significado e variações empíricas*.

A primeira vertente consagra a essência comum e subjetiva dos nove participantes em relação ao fenómeno em estudo, e a segunda vertente concerne à análise e descrição dos sentidos invariantes.

Subsequentemente, serão apresentadas na secção dos anexos (anexos IV-XIII), as transcrições das entrevistas realizadas aos dez participantes e as respetivas tabelas elaboradas com a transformação das unidades de significado em expressão de carácter psicológico, baseado nos quatro passos fundamentais do método de Amadeo Giorgi.

### 3.2 Descrição da estrutura geral de Significado nos nove participantes

Num primeiro momento os participantes confrontam-se com a entrada no centro educativo e com os três primeiros dias de entrada, verificando-se aqui uma vulnerabilidade emocional dos nove participantes face ao isolamento, à estranheza e à solidão característica destes primeiros dias, alguns participantes fazem ênfase neste primeiro momento aos sofrimentos sofridos da receção da notícia de entrada no centro educativo.

Num segundo momento sucede-se à adaptação dos nove participantes ao centro educativo, denotando-se aqui uma aprendizagem dos mesmos com as ferramentas fornecidas pelos centros e um crescimento pessoal, é neste momento que se iniciam as vivências de institucionalização dos participantes aos centros.

Num terceiro momento ocorre a experiência de vivência no centro educativo, aqui também há uma ênfase dos participantes à responsabilização das razões que os levaram a entrar no centro educativo, neste momento os participantes abordam a privação da sua liberdade e tendem a tecer e a diferenciar as experiências mais positivas e negativas da sua experiência, também aqui é sublinhada a importância da rede de suporte, a valorização das oportunidades formativas e académicas fornecidas pelos centros.

No quarto momento, o último momento é realçada a importância do centro educativo para o futuro dos jovens, aqui são enaltecidos os objetivos produzidos pela mudança do centro e uma gratificação de alguns pela sua experiência de institucionalização, denota-se aqui também a responsabilização dos atos que conduziram à institucionalização sob forma de não voltar a cair na tentação.

### **3.3 Constituintes essenciais da Estrutura geral de significados e Variações empíricas**

Os constituintes essenciais revelam os significados invariantes análogos na análise das entrevistas dos nove participantes e que retratam de uma maneira unificada o fenómeno de institucionalização em centro educativo, assim foram identificados sete constituintes essenciais na estrutura geral de significados: Vulnerabilidade emocional, Mudança/Crescimento pessoal/Aprendizagens, Adaptação ao centro educativo, Liberdade condicionada, Rede de suporte, Valorização académica e Responsabilização pelas ações.

Após a apresentação e análise dos constituintes essenciais conjuntos das citações mais representativas dos participantes, será exibida a respetiva tabela da sintetização dos constituintes essenciais e das suas variações empíricas (tabela 1, ver p.47-51).

#### **Vulnerabilidade emocional**

Num primeiro momento relativo à entrada dos jovens no Centro educativo desde a sua entrada no centro à vivência dos primeiros dias, os (as) participantes revelam sentimentos de tristeza, estranheza, raiva face à nova situação vivenciada (entrada no centro e os primeiros dias).

O Participante 1 (P1) quando questionado sobre a sua entrada no centro e como foi para si a vivência dos primeiros dias refere que esteve fechado isolado de todos os jovens, sentindo uma tristeza, raiva e revolta, revolta de si mesmo por não dado ouvido aos outros e por isso ter entrado no centro:

*“ (...) estive no quarto fechado, isolado de todos, todos os jovens (...) houve atãõ, houve mais do que um, tristeza, ou raiva, também houve solidão, porque estava sozinho, estava, estava fechado, acho que foi um pouco isso, revolta também (...) ah, revolta de mim próprio, porque se eu tivesse agido se calhar de outra forma, não, não estava aqui, se estivesse feito o que, o que me tinham dito (...) ”*

O Participante 2 (P2) refere que os primeiros dias foram vividos como “muito maus”, pois são fechados num quarto, tiram-lhes as rotinas a que estão habituados interrompendo-a, o que causa muito impacto neles, sendo os primeiros dias muito maus:

*“ (...)Pah.. foram muito maus (...)Foi, porque, quando entramos somos postos, tipo num quarto(...)Num quarto fechado, sem nada ... que é, dão o nome de quarto de isolamento, e como nós estamos habituados a uma vida, a uma rotina lá fora, e quando nos interrompem a, essa nossa rotina, tipo é uma coisa muito... que causa muito impacto sobre nós, e a mim causou, e esses três dias para mim, foi muito maus (...)porque eu não comia, não dormia, não, não sei, não consegui fazer nada, foi uma coisa de nós estarmos habituados a uma vida, uma rotina e isso, depois os vícios também de tabaco de drogas e que não ajudou, não ajudou muito e, e por causa disso fiquei uns dias ainda a passar mal sim (...)”*

O Participante 3 (P3) quando questionado sobre a sua entrada no centro, refere com dificuldade a sua entrada e vivência dos primeiros dias:

*“ (...) Ah, foi difícil entrar cá, cheguei e não estava habituado a estar sempre fechado, cheguei aqui fiquei logo três dias fechado num quarto é difícil (...)”*

O Participante 4 (P4) refere que vivenciou a sua entrada no centro e os primeiros dias com frustração, e zanga sentindo-os como maus, referindo que de um momento para o outro teve de viver “ com regras, com adultos, orientações, olhares e uma rotina”:

*“ (...) Frustração, zanga, foi maus os três primeiros dias (...) Ter que de um momento para o outro viver com regras, com adultos, com orientações com regras principalmente, e, olhares, uma rotina (...) ”*

O Participante 5 (P5) revela que quando entrou no centro foi mau, tendo dificuldade de adaptação, sentindo-se assustado quando soube que vinha para o centro, mas ao mesmo tempo curioso de saber como seria:

*“ (...) Foi um bocado, foi mau não me consegui adaptar aqui porque não estava nos meus planos vir para aqui (...) Não eu sabia que tinha de vir para aqui mas não, pensava que não vinha (...) Eu tive quatro meses fugido e depois me apanharam em casa (...) Ah, fiquei, fiquei um bocado assustado e também um bocado, um pouco, um pouco curioso de saber como é que era isto (...) ”*

O Participante 6 (P6) quando questionado sobre a sua entrada no centro, refere que no primeiro dia se sentiu assustado, mas que depois começou a sentir o centro educativo de uma forma mais fácil, diferente daquilo que pensava:

*“ (...) O meu primeiro dia fiquei tipo assustado, ah, fiquei a pensar várias coisas e depois deixei, comecei a sair do quarto e comecei a ver o centro educativo um bocadinho mais fácil, de uma forma diferente como eu pensava (...) pensava que, não sei para mim é, como foi a minha primeira vez tar num centro pensava que tinha de partilhar quarto com os meus colegas e é uma coisa que eu não gosto pensava que havia, que batiam aqui as pessoas que maltratavam as pessoas e desde que entrei aqui já pensei, já pensava mais a frente de mudar tudo na minha vida, foi mais fácil (...) ”*

A Participante 7 (P7) quando questionada sobre os seus primeiros dias no Centro refere que foram no quarto, e que esteve sempre fechada, a participante já tinha experienciado situações semelhantes anteriormente:

*“ (...) No Quarto, eu já tinha estado noutro centro educativo (...) estive sempre fechada (...) ”*

A Participante 8 (P8) enuncia que os primeiros dias foram maus, foram horríveis, e que não gostou, confrontou-se com o desconhecido, com as saudades de estar no exterior e com a sua família:

*“ (...) Foi horrível, tive no quarto fechada, não sabia muito bem onde é que tava já sentia saudades de estar lá fora e da minha família (...) Foram mesmo maus, não gostei (...) ”*

A Participante 9 (P9) quando questionada sobre os seus primeiros dias no Centro, refere que se sentiu mal fechada no quarto, se sentiu presa e com raiva das pessoas que a puseram no Centro, porque não sabia qual era o objetivo de as porem no centro:

*“ (...) Mal, fechada no quarto (...) Nós sentimos nos que estamos presas que é uma coisa que nós não sentíamos lá fora e também sentimos mais ou menos raiva das pessoas que nos cá poem porque não sabemos qual é o objetivo de nos porem cá dentro (...) ”*

### ***Mudança/ Crescimento pessoal/ Aprendizagens***

No momento associado há existência de alguma alteração no modo de estar, os nove participantes manifestam uma mudança em si denotando um crescimento pessoal e uma vasta aprendizagem com aquilo que é a experiência no centro educativo

O Participante 1 (P1) quando questionado sobre alguma alteração no seu modo de estar, por estar dentro do centro realça a sua experiência enriquecida de uma mudança, um crescimento e aprendizagens:

*“ (...) é assim, cresci a, cresci na mentalidade, ah, também aprendi a ver a realidade de outra forma, na verdade nós pintamos o quadro tudo rosa e quando estamos lá fora é que vemos essa realidade, ah, cresci a nível de mentalidade como já tinha dito, também, cresci mais também a nível cultural, também aprendi mais da, como é que eu hei-me explicar, prontos, ah, consegui o sexto ano, não é grande ano de escolaridade, mas para mim foi um dos objetivos que queria cumprir, ah, por isso eu tenho estado a apreender, porque todos os dias eu apreendo uma coisa nova, ah, nós nascemos a apreender e vamos morrer a apreender, aprendi várias coisas (...)* ”

O Participante 2 (P2) quando questionado sobre a existência de alguma alteração no seu modo de estar dentro do centro, afirma uma experiência de mudança, aprendizagens e crescimento pessoal:

*“ (...) Sim, mudou muita coisa as pessoas lá fora dizem que eu estou completamente diferente porque só o facto de não de não ter vícios tipo ajuda muito e pah e tudo, a maneira de pensar também e essas coisas, porque aqui há muito tempo para pensar e então eu há muito tempo que penso em mim e fico com um pensamento diferente do que eu tinha antes (...) Eu sinto-me bem sei que mudei, eu sei que estou diferente para melhor, não é para pior, se fosse para pior, mas como é para melhor eu sinto-me bem, até porque estou a evoluir para melhor (...) ”*

O Participante 3 (P3) afirma que houve uma mudança em si, revelando-se mais calmo, enuncia também que aprendeu a lidar com outros manifestando um crescimento em si, também que “aprendeu a engolir sapos” e que é uma aprendizagem que pode levar para o futuro:

*“ (...) Acho que sim, mais passivo mais quietinho, antes lá fora era muito mexido não parava quieto (...) mas há coisas que eu aprendi aqui que também posso levar lá para fora (...) Apreendi coisas aqui nas atividades que tivemos, como aprendi a lidar com os outros, não sei...isso tudo. E posso levar para o futuro apreender a engolir sapos também (...) ”*

O Participante 4 (P4) quando questionado sobre a existência de alguma mudança em si, afirma que houve, começando pela relação com a sua mãe que agora é boa, afirma a escola

como uma aprendizagem sólida para o seu futuro, reconhecendo que não quer ser “um zé-ninguém, quer ser alguém” e que isso adquire-se nas escolas, enuncia também que pensa de maneira diferente daquilo que pensava anteriormente:

*“ (...) A escola dá-nos uma base sólida para o nosso futuro e sem essa base nos somos um zé-ninguém e eu pensei, penso agora para mim que eu não quero ser um zé-ninguém, quero ser alguém, quero ter uma casa, um carro, uma vida mais ou menos estável e para isso eu tenho que ter uma boa base sólida para o meu futuro e onde é que se adquire isso, nas escolas estudando apreendendo, ah, tirar o nono ano, o decimo segundo de preferência, por isso eu penso de maneira diferente como eu pensava há algum tempo atrás (...) ”*

O Participante 5 (P5) numa fase inicial afirma que houve uma mudança em si mas logo de seguida, enuncia que não mudou a pessoa que era no exterior, revela que apreendeu a ver algumas coisas de outra maneira, mas que a pessoa que era lá fora não pode ser dentro do centro, pois tem regras para cumprir, no entanto reconhece que a vida que tinha lá fora não quer voltar a ter, pois não era boa para si:

*“ (...) foi só, apreendi a ver certas coisas de outra maneira mas a minha pessoa que eu era lá fora continua a ser, só por vezes não posso ser aqui dentro, porque tenho regras para cumprir, ah, mas é claro que a vida que eu tinha lá fora em si não, um dia que eu sair não não quero voltar a ter porque não é boa para mim (...) ”*

O Participante 6 (P6) quando questionado sobre a existência de alguma mudança em si afirma que houve muita mesmo, desde o seu comportamento, ao seu pensamento, a tudo, referindo que formou uma nova pessoa dentro do centro, “uma pessoa positiva”:

*“ (...) Muita, muita mesmo... (Ri-se), epah tudo, tudo, comportamento, ah, pensamento tudo, tudo mesmo, tudo, formei uma nova pessoa cá dentro, uma pessoa positiva mesmo (...) ”*

A Participante 7 (P7) refere que houve uma mudança em si desde que está no centro, na sua raiva, conseguindo ultrapassar isso:

*“ (...) Yah a minha raiva toda. Consegui ultrapassar isso (...) ”*

A Participante 8 (P8) quando questionada sobre a existência de alguma mudança em si, afirma ter mudado muito desde que entrou sendo uma aprendizagem, revelando que já não pensa da mesma forma, e afirmando haver uma necessidade de mudança, enunciando a mudança na maneira de pensar como uma grande ajuda:

*“ (...) Eu acho que mudei muito desde, desde a altura em que estava lá fora acho que foi, acho que isto é uma maneira de apreender (...) Já não penso da mesma maneira como pensava, antes dizia tudo, dizia não quero saber aquilo que vai acontecer deixei-me ir e pronto, mas agora tento pensar antes de fazer as coisas acho que deve haver uma mudança antes de ... Eu acho que houve uma grande mudança na minha maneira de pensar e isso só ajudou muito (...) ”*

A Participante 9 (P9) revela uma mudança em si, uma aprendizagem no seu autocontrolo e um reconhecimento de mudança e na sua maneira de ser, enuncia que até à sua saída ainda irá mudar muito:

*“ (...) Sim, sim, eu antes não conseguia dizer as coisas na cara das pessoas sem ser de uma maneira mais malcriada enquanto eu agora consigo dizer as coisas mas sem faltar, sem ser mal-educada dizer as coisas com boa educação (...) eu sei que ainda vou mudar muito e isso (...) eu era muito refilona e agora mais ou menos não digo que não seja mas controlo-me melhor, o responder, da maneira como respondo, ah, controlo-me muito melhor (...) ”*

## **Adaptação Centro Educativo**

Passados os momentos iniciais de entrada no Centro, verifica-se nos nove participantes uma adaptação ao centro educativo. Contudo esta adaptação é repleta de alguns pontos de vista divergentes, para alguns participantes a adaptação foi fácil e é caracterizada por um conjunto de oportunidades e experiências, por sua vez para outros participantes esta adaptação é tida com mais dificuldade e repleta de saturação face às rotinas proporcionadas pelo centro.

O Participante 1 (P1) quando questionado acerca da sua adaptação e vivência no centro refere a adaptação como algo favorável, devido ao facto de ter vindo anteriormente de instituições do mesmo registo, em relação à sua vivência, enuncia o ano que passou no centro como um ganho de experiência, aprendizagem e mudança para o seu futuro:

*“ (...) foi tranquila porque eu já vinha já doutro centro e ah, não era centro, estava numa comunidade, ah, e já estava habituado, já ah, tar a conviver com muito pessoal (...) ah, este ano que eu passei foi, é assim foi, prontos um ano em que eu ganhei experiência, mais um pouco de experiência o que é que é a vida cá fora, porque cheguei a ir a casa umas duas ou três vezes e vi como é que estava a realidade, ah, lá fora e vi que tinha de mudar, consegui mudar e ahh, encaixei algumas coisas que eu quero para o meu futuro (...) ”*

O Participante 2 (P2) revela ter tido uma adaptação boa ao centro, já no que concerne a sua vivencia no centro educativo, refere a mesma como uma experiência boa e má, má porque deixou a rotina a que estava habituado, e boa porque se não estivesse entrado no centro não completava a escolaridade, não apreendia a ter outra rotina, revelando que já apreendeu muito para não “me meter em aventuras assim tão cedo”:

*“ (...) A minha adaptação foi, foi boa porque eu sou uma pessoa que não dou muito nas vistas, fico tipo no meu canto, e fui-me adaptando com o tempo e com as pessoas também (...) Para mim é uma experiência boa e má, eu gosto sempre de dizer e pensar que, foi bom por um lado eu ter entrado aqui, e, mau por outro lado, porque foi mau porque deixei a minha vida a que estava habituado, e foi bom porque senão tivesse entrado aqui, não ia fazer a escolaridade que fiz e que ainda estou a fazer, não ia, pah apreender muitas coisas e ter, ter outro tipo de vida, uma rotina e isso e acho que é o suficiente para eu pensar em não, não me meter em aventuras assim tão cedo e isso (...) ”*

O Participante 3 (P3) revela que a sua adaptação não foi muito difícil nem muito fácil, foi-se adaptando sozinho, em relação há sua vivência no centro, sublinha que preferia estar em casa com os seus familiares, considerando o mais difícil da sua vivência a repetição da rotina, considerando-a “secante”:

*“ (...) Foram normais, não foi assim tão difícil, não foi assim tao fácil, foi normal. Fui-me adaptando sozinho (...) viver no centro, ah, não é normal, preferia estar em casa com eles, do que viver no centro, ah, o que é mais difícil é por causa de ser sempre a mesma rotina, sempre a fazer as mesmas coisas, é muito secante.. Se houvesse assim algumas coisas que muda-se acho que seria melhor passar o tempo aqui (...) ”*

O Participante 4 (P4) sublinha que a sua adaptação ao centro em termos de relacionamento com os colegas foi boa, manifestando algumas dificuldades não inter-relação com os adultos, considera ser complicado “estar muito tempo fechado e constantemente sobre avaliação” é “como tudo tem altos e baixos”, contudo enuncia que é possível ser distrair e viver “tranquilamente”:

*“ (...) Em termos de colegas foi bom, agora com adultos foi um pouco complicado e principalmente com alguns em especial (...) É complicado devido a estar muito tempo fechado com muitas pessoas e constantemente sobre avaliação é complicado mas é como tudo tem altos e baixos, mas ainda dá para distrair um pouco e viver tranquilamente por isso (...) ”*

O Participante 5 (P5) caracteriza a sua adaptação ao centro como difícil, referindo ser difícil estar longe da sua família e não poder estar com a mesma quando quer, mas que já começou a ir a casa:

*“ (...) foi difícil adaptar-me aqui no centro (...) É um bocadinho difícil, é sempre difícil estar longe da família, se tou cá dentro sei que não posso sair mesmo que aconteça alguma coisa sei que não posso sair assim à toa para estar com eles e é mais difícil estar aqui longe deles do que estar lá fora longe, é diferente (...) ”*

O Participante 6 (P6) quando questionado sobre a sua adaptação ao centro, referiu que foi normal, já conhecia algumas pessoas quando entrou, depois foi-se integrando com os outros colegas, respeitava eles e eles respeitavam-no, revela que viver no centro é uma coisa normal, é um sítio para pensarem nas coisas de mal que tinham no exterior, realça que já pode ir ao exterior e que para conseguir isso teve que lutar e mostrar o que queria desde a sua entrada, enunciando que para ele é fácil:

*“ (...) para mim viver aqui no centro é uma coisa normal é tipo, é mais para a gente pensar nas coisas que a gente tinha de mal lá fora, o que a gente fez mal, e estou num a fase de semiaberto que eu vou chegar lá fora vou uns tantos dias e eu para poder essas coisas todas eu tive que lutar muito eu tive que mostrar o que é que eu queria desde o início da, desde a entrada e para, se for assim se toda a gente pensa-se como eu eu acho que toda a gente conseguia fazer aquilo que queria que pretendia de fazer, por isso para mim isto é muito fácil (...) ”*

A Participante 7 (P7) refere que a sua adaptação foi boa, mas que surgiram algumas dificuldades de relação com as suas colegas, enuncia que agora consegue dizer tudo (cumprir as regras) e que é fácil:

*“ (...) Foi boa, surgiram algumas dificuldades com as minhas colegas, ah, foi elas mandavam-me fazer algumas coisas e eu não gostava e davam-me notas negativas (...) Agora consigo dizer tudo, agora é fácil (...) ”*

A Participante 8 (P8) refere que a sua adaptação passou por se ir integrando aos poucos e ir-se dando com as pessoas, em relação à sua vivência no centro manifesta habituação às regras, mas enuncia que é sempre a mesma rotina, e que o que é bom é o Chapitô por ser um momento livre, de resto sente que é sempre uma repetição de rotina:

*“ (...) Depois fui-me integrando no grupo assim aos poucos, fui dando com as pessoas mais ou menos, foi só (...) Ih não sei, é sempre a mesma rotina, já tou habituada a algumas regras, mas*

*o que é bom aqui é o Chapatô, que nos ajuda a, é um momento livre mais ou menos que nós temos e temos sempre alguma coisa para fazer, não é sempre tar na unidade paradas a ver televisão, sempre a mesma coisa, claro que é a melhor coisa dentro de um centro educativo (...)* ”

A Participante 9 (P9) revela que no início não confiava em ninguém, que sentia que as pessoas a estavam sempre a testar, mas que com as colegas conseguir se integrar bem, com alguns monitores foi mais difícil porque respondia, em relação à sua vivência refere que no início foi muito mau, pois achava que tinha muitas regras, mas depois foi-se integrando no centro e compreendeu que haviam coisas que a ajudavam, e começou a compreender porque estava no centro:

*“ (...) Foi mais ou menos porque não tinha confiança em ninguém, toda a gente me olhava de lado, eu olhava de lado também para as pessoas (ri-se), as pessoas estavam me a tentar testar e eu não tinha noção disso (...) No inicio era muito mau, muito mau tinha, eu achava que tinha muitas regras, regras parvas e no inicio foi mau e não consegui-me adaptar as coisas, mas depois comecei a integrar me mais no âmbito do centro educativo e comecei a perceber que haviam aqui coisas que me ajudavam (...) ”*

### ***Liberdade Condicionada***

A experiência de institucionalização em centro educativo nos nove participantes encontra-se associada numa primeira instância à privação da liberdade.

O Participante 1 (P1) revela que um ano no centro está a ser difícil, porque está privado de liberdade, está longe da sua família:

*“ (...) ah, para mim lá está a ser difícil, como eu tinha dito, ah, porque acabo de estar privado da liberdade, ah, acabo por estar longe da família (...) ”*

O Participante 2 (P2) refere que não há nada mais negativo da sua experiência do que lhe tirarem a liberdade:

*“ (...) não há nada mais negativo do que nos tirarem a liberdade... Isso é o mais negativo de tudo (...) ”*

O Participante 3 (P3) revela que no Centro não tem liberdade porque estão completamente fechados:

*“ (...) Aqui não tenho liberdade porque estamos completamente fechados (...) ”*

O Participante 4 (P4) revela que no Centro é livre para pensar o que quer, a liberdade ao todo nunca a tiram, contudo para este é complicado viver sem liberdade:

*“ (...) Nós temos liberdade, mesmo quando estamos presos fisicamente nós temos liberdade, psicologicamente podemos pensar no que nós quisermos... Liberdade ao todo nunca nos tiram, mas, é também complicado viver sem liberdade (...) ”*

O Participante 5 (P5) refere que no Centro têm liberdade, mas que por estar no regime semiaberto deviam de ter mais liberdade de oportunidades para estarem com os seus familiares:

*“ (...) acho que nós devíamos ter mais liberdade pelo facto de que tamos no semiaberto devíamos de ir mais vezes a casa... ”*

O Participante 6 (P6) refere que enquanto esteve em medida de internamento em regime fechado sentia que não tinha liberdade:

*“ (...) Não Não tinha liberdade porque as vezes ficava, ficava, chegava ao fim de semana, e ficava aborrecido porque epah os meus colegas tem visita mas eu sei que a minha mãe não pode vir, eu não tenho visita e é muito chato e não sei que e, mas temos de ser fortes não é, e é isso (...) ”*

A Participante 7 (P7) antes de ter dado entrada no Centro passou por várias instituições, referindo que não tinha ideias do que seria o Centro Educativo e que não lhe afetou nada a sua entrada pois esteve “sempre fechada”:

*“ (...) depois vim para aqui, eu não sabia o que era um centro educativo, então não me afetou nada, porque a mim não me deu ideias...estive sempre fechada (...) ”*

A Participante 8 (P8) revela que nem ela nem as suas colegas que se encontram a cumprir medida de internamento no Centro educativo, têm liberdade:

*“ (...) Eu acho que aqui dentro não temos liberdade (...) ”*

A Participante 9 (P9) refere que ela e as suas colegas sentem-se presas dentro do Centro Educativo, e não sentiam lá fora, porque lá fora têm “sempre muita liberdade”:

*“ (...) Nós sentimos nos que estamos presas que é uma coisa que nós não sentíamos lá fora porque estamos sempre com muita liberdade (...) ”*

### ***Rede de Suporte***

Na experiência de institucionalização, denota-se evidências de uma rede alargada de suporte aos jovens institucionalizados. Apresentando-se esta rede como uma base de securização aos mesmos.

O Participante 1 (P1) refere que ouve a experiência dos outros não sendo o único com problemas dentro do centro, revela que lida com os outros jovens, fala com a doutora psicóloga, mas enuncia que há jovens que sabem mais da sua vida:

*“ (...) Tudo o que ouço todos os dias, com a experiência dos outros também porque não sou só eu que tenho problemas, aqui dentro toda a gente tem problemas, e eu assisto a isso todos os dias, porque somos obrigados a estar debaixo do mesmo teto, eu e mais 12, 11 jovens aqui dentro, por isso cada um, lidamos uns com os outros, olha se calhar até, até com a doutora, com a doutora psicóloga que eu falo todas as sextas feiras e falo bastante com ela, penso que há mais jovens aqui, que sabem mais da minha vida (...) ”*

O Participante 2 (P2) revela que com o tempo foi-se adaptando às pessoas, referindo que fazer amizades ajuda muito nessa adaptação sob forma de não se sentir sozinho na sua experiência de institucionalização:

*“ (...) fui-me adaptando com o tempo e com as pessoas também, fazer amizades ajuda muito, que é para uma pessoa não se sentir sozinho (...) ”*

O Participante 3 (P3) manifesta que uma das coisas melhores do centro é alguns dos amigos que fazem no centro, no início não falava com os amigos, mas que depois foi-se adaptando a eles, eles ajudaram-no na sua adaptação e agora mantêm uma relação “como se estivessem lá fora”:

*“ (...) o melhor aqui é mesmo a escola, a escola e depois alguns amigos que fazemos aqui (...) No início não foi, não falávamos, depois fui falando fui-me adaptando, eles falaram comigo explicaram-me o que eu devia e não devia fazer, eu fui depois falando com eles e agora falamos normal, como se estivéssemos lá fora (...) ”*

O Participante 4 (P4) evidência uma alargada rede de suporte dentro do centro, frisando e realçando a importância da relação que tem alguns monitores e jovens na sua experiência de institucionalização:

*“ (...) Sim essas pessoas principalmente monitores, e também alguns educandos que me ajudaram bastante para eu crescer, para me fazerem crescer e isso, é impossível eu não criar uma relação e por mais que eu diga que não, essas pessoas eu nunca vou esquecer por isso acho que seria bom ter lá fora, ter as relações que eu tenho aqui dentro (...) ”*

O Participante 5 (P5) realça a relação dele com os outros jovens e os monitores do centro, referindo que estes o receberam bem, deram-lhe conforto e que se sentiu bem ao pé deles:

*“ (...) Eles (silêncio) mal eu cheguei também quando eu sai a primeira vez do quarto falaram normalmente comigo receberam-me bem senti-me também bem ao pé deles e isso (...) também me receberam bem, super bem deram-me conforto e assim dentro dos possíveis (...) ”*

O Participante 6 (P6) enuncia que enquanto esteve no regime fechado teve uma vasta rede de apoio dentro do centro que o ajudaram muito a ter força:

*“ (...) Mas eu tenho tido muita força, eu tive pessoas que me ajudaram muito como os técnicos como os seguranças como as técnicas como a psicóloga e isso tudo, e dá para pensar (...) ”*

A Participante 7 (P7) refere que o início da sua entrada no Centro foi bom para ela:

*“ (...) Conheci amigas minhas, fiz aqui muitas amizades (...) ”*

A Participante 8 (P8) quando entrou no centro já tinha uma colega que conhecia facilitando a sua institucionalização, porém refere que as outras colegas a receberam bem:

*“ (...) Já conhecia aqui uma rapariga, teve noutra colégio comigo foi mais fácil para mim, mas as outras também me receberam bem (...) ”*

A Participante 9 (P9) enuncia que as colegas e “em especial a técnica-tutora” a ajudaram na sua integração e na capacidade de compreensão daquilo que é positivo e negativo dentro do centro:

*“ (...) Me ajudavam e em especial a técnica-tutora, que nos ajuda a nós conseguirmos ter capacidade de compreender aquilo que é bom e mau dentro do centro educativo (...) ”*

## **Valorização**

Face à experiência de institucionalização denota-se um grande impacto e valorização dos campos escolares e formativos como oportunidades e objetivos fundamentais destes jovens.

Participante 1 (P1) quando questionado sobre as suas experiências enuncia que dentro do centro conseguiu tirar o curso de jardinagem, que é o que mais queria e tinha como objetivo dentro do centro:

*“ (...) eu acabei, consegui tirar o curso de jardinagem, agora lá fora vou integrar o B3 vou tentar fazer, 7,8 e 9, consegui, consegui o curso que era o que eu queria (...) Um dos objetivos que eu tinha aqui dentro (...) ”*

Participante 2 (P2) quando questionado sobre as suas experiências positivas, menciona que se ele e os jovens que estão no centro não lá entrassem, não fariam a escolaridade, considerando essa oportunidade como o melhor do centro, pois ficam com escolaridade e formação ao nível profissional, “ferramentas que os vão ajudar para o futuro:

*“ (...) A escolaridade, tipo nós fazermos, termos oportunidade... e nenhum de nós jovens se não entrássemos aqui, não iríamos fazer a escolaridade, o nono ano, não íamos mesmo... Eu entrei aqui com o quarto ano e não tinha intenções de fazer mais, hoje estou a fazer o nono já (...) aposto que ninguém fazia, porque estavam com outras coisas na cabeça eu acho que isso é o melhor daqui, porque ficamos com formação profissional também, e isso são tipo ferramentas que vão nos ajudar para o futuro (...) ”*

Participante 3 (P3) quando questionado sobre as suas experiências positivas dentro do centro, menciona que sente que a escola não é tão difícil como é lá fora, sendo que o melhor do centro é a escola:

*“ (...) Acho que é a escola, não é tão difícil como lá fora, é a escola e acho que não é mais nada, acho que o melhor aqui é mesmo a escola, (...) ”*

Participante 4 (P4) quando questionado sobre as experiências positivas que levará do centro para o seu futuro, reconhece que se não estivesse no centro não tinha completado sequer a escolaridade, sendo algo muito bom que leva do centro, revelando como positivo as oportunidades que lhes dão como as formações e as experiências:

*“ (...) A primeira coisa que me aparece logo à cabeça é por exemplo a escolaridade, a esta altura se eu estivesse na rua não tinha completado nem sequer o nono ano, isso é algo muito bom que levo daqui do centro, formações, ah, e mesmo as experiências (...) ”*

Participante 5 (P5) quando questionado sobre a sua experiência positiva, refere que o centro o vai ajudar a acabar a escola, que é bom pois lá fora se calhar não faria pois não ia de maneira nenhuma à escola:

*“ (...) A minha experiência aqui pronto vai-me ajudar a acabar a escola que é uma coisa boa que se calhar lá fora não conseguia porque eu não ia a escola lá fora, não ia de maneira nenhuma à escola (...) ”*

Participante 6 (P6) refere como enorme satisfação o facto de no momento presente estudar no exterior, tendo alcançado a possibilidade de um curso de formação profissional no exterior por conquista própria, realça que se não fosse o centro não acabava a escolaridade, revelando estar muito contente:

*“ (...) porque foi uma coisa que eu, que eu conquistei, que eu queria, que lá fora eu não ligava muito que era a escola, fiquei dois anos sem ir a escola tive o sétimo ano, se não fosse aqui o centro eu não concluí a nono, e eu estou a tirar um curso de pastelaria, padaria é um curso que eu gosto com equivalência ao décimo segundo ano, fico contente por eu estar no curso (...) ”*

Participante 7 (P7) quando questionada sobre o mais positivo da sua experiência no centro educativo revela o facto de poder vir a estudar no exterior:

*“ (...) Estudar lá fora (...) Não ainda estudo aqui dentro, mas vou estudar lá fora (...) ”*

Participante 8 (P8) quando questionada sobre o mais positivo da sua experiência no centro revela a formação profissional e a escolaridade:

*“ (...) O curso de cabeleireiro (...) e já acabei o sexto ano, pensei pensei que nunca mais acabava, acabei o sexto ano agora (...) ”*

Participante 9 (P9) refere como positivo da sua experiência poder estudar no exterior, no entanto enuncia que não estava habituada a frequentar a escola, mas que concluiu o sexto ano no Centro educativo, estando no presente a estudar no exterior:

*“ (...) fiz o meu sexto ano dentro do centro educativo, foi aquilo que me custou mais porque eu não estava habituada a ir à escola, ah, e depois comecei, comecei a estudar lá fora e ainda estudo lá fora (...) ”*

### **Responsabilização das ações (que conduziram à institucionalização)**

Os jovens quando questionados sobre a sua vida anteriormente ao centro, demonstram reconhecimento e consciencialização das ações e comportamentos que os conduziram à institucionalização no centro educativo.

O Participante 1 (P1) reconhece que tudo começou com os dias em que não lhe apetecia ir à escola, era chamado a atenção, não queria saber, revoltava-o, cada vez mais raiva tinha e assim aumentava o que fazia:

*“ (...) Havia aqueles dias que não me apetecia ir a escola não ia, depois isso foi aumentando, os problemas foram aumentando da minha parte também, várias vezes fui chamado a atenção pois não queria saber pois, vinha as consequências e mais revolta me dava mais raiva me dava por isso ia sempre aumentando tudo o que fazia (...) ”*

O Participante 2 (P2) reconhece que fazia tudo o que queria antes de entrar no centro:

*“ (...) Era uma vida pah.... não sei como explicar, (silêncio), era assim muito à vontade, (...) fazia o que queria, basicamente isso (...) ”*

O Participante 3 (P3) reconhece que anteriormente há sua entrada no centro não ia à escola e ia para a “rua ter com amigos”:

*“ (...) Então não ia a escola ficava em casa, depois ia para a rua ter com amigos, era praticamente isso (...) ”*

O Participante 4 (P4) reconhece que vivia à base das suas próprias regras, tomou o controlo da sua vida a cem por cento desde muito cedo, teve uma casa sua e fez o que fez para ter o dinheiro para ter a casa, reconhecendo que fez muita “coisa errada”:

*“ (...) eu não sabia o que eram regras não vivia, quer dizer vivia a base das minhas próprias regras, a base do meu querer, ah, não admitia que alguém mandasse em mim nem que dissesse o que é que eu tinha de fazer e basicamente desde muito novo que eu tomei o controlo da*

*minha vida a cem por cento, sai de casa cedo, arranjei uma própria casa para mim, fiz as coisas que eu fiz para poder ter o dinheiro para as ter e fiz muita coisa errada (...)* ”

O Participante 5 (P5) revela que estava sempre na rua não ia há escola, não tinha uma vida, tinha uma rotina que não se “aproveitava muito” e agora reconhece que não era boa para si:

*“ (...) o que eu fazia no meu dia-a-dia era só tar com os meus amigos, tar sempre na rua, tar sempre em casa dos meus amigos quase que não parava em casa, não ligava aos meus pais, quando eles me diziam para ir à escola, para eu deixar as companhias que eu andava e assim, só que não ligava a isso. Não tinha uma vida tinha uma rotina que não se aproveitava muito. Não era a melhor forma, mas na altura pronto eu achava né, mas agora vejo que não era uma rotina boa para mim (...)* ”

O Participante 6 (P6) reconhece que vivia a base de roubos, dependendo de si próprio, razão pela qual está no centro, refere que só queria saber daquilo que lhe ia na cabeça:

*“ (...) Era complicado, era complicado eu vivia mais a base de roubos, vivia como eu quisesse não dependia da minha mãe, não dependia de ninguém, dependia de mim próprio é por isso é que eu estou aqui no centro, não, como eu acabei de dizer não ligava a que as pessoas me diziam não queria saber de nada só queria saber daquilo que me vinha à cabeça e é isso (...)* ”

A Participante 7 (P7) refere que tudo começou por a tia lhe ter batido e ter ido parar a um colégio onde começou a ter raiva e a bater em toda a gente:

*“ (...) eu tive a viver um ano na casa dos meus avós e a minha tia um dia bateu-me e eu fui parar num colégio, e depois fui para outro e comecei com a raiva toda, batia em toda a gente, vim para aqui, agora a minha vida já é normal, já não bato em ninguém, ando sempre sem muita raiva (...)* ”

A Participante 8 (P8) revela que o que tinha anteriormente era horrível, nem chama de vida:

*“ (...) Era horrível, acho que não chamo muito bem aquilo de uma vida, ah, aquilo que eu era antes acho que não é aquilo que sou agora, era completamente diferente (...)* ”

A Participante 9 (P9) refere que a mãe lhe batia e que fez queixa da mesma, puseram-na num colégio onde começou a fumar e a fugir, até não aparecer no colégio de vez, revelando

que ai cometeu um crime em que considera que não fez nada, mas como estava lá o tribunal “considerou que quem estava, também tinha de pagar” foi quando foi para o centro:

*“ (...) houve uma altura em que eu não gostava que a minha mãe me batesse, mas a minha mãe batia-me e eu houve uma altura que fiz queixa da minha mãe, e puseram-me num colégio (...) comecei a fumar e a fugir e a ir para noitadas e isso tudo, e comecei a tar sempre fugida do colégio, e foi quando, quando eu cometi um crime em que eu posso considerar que eu não fiz nada, eu não fiz mas o tribunal considerou que quem estava como eu, também não fiz queixa de nada também tinha de pagar por isso então foi quando eu vim parar ao centro educativo (...)*

**Tabela 1- Análise dos Constituintes Essenciais e das Variações Empíricas**

Constituintes Essenciais	Variações Empíricas				
	P1	P2	P3	P4	P5
<i>Vulnerabilidade Emocional</i>	Esteve no quarto fechado sentiu solidão tristeza raiva revolta de si próprio.	Esteve no quarto fechado Viveu os primeiros dias como maus, não comia não dormia não fazia nada.	Sentiu com dificuldade a sua entrada e os primeiros dias no quarto fechado.	Sentiu como maus os primeiros dias sentiu-se com frustração e raiva.	Sentiu como mau não se consegui adaptar ficou assustado e curioso.
	<b>P6</b>	<b>P7</b>	<b>P8</b>	<b>P9</b>	
	Sentiu-se assustado no seu primeiro dia.	Sentiu-se fechada no quarto.	Sentiu como horrível esteve num quarto fechada não gostou.	Sentiu-se mal fechada num quarto sentiu-se presa sentiu raiva das pessoas.	
<i>Mudança/Crescimento Pessoal /Aprendizagens</i>	<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>	<b>P5</b>
	Refere que cresceu na mentalidade cresceu a nível cultural refere que aprendeu muitas coisas.	Refere que mudou muita coisa, que se encontra diferente sente que está diferente para melhor.	Sente que está mais quietinho Refere que aprendeu coisas que pode levar quando sair como engolir sapos.	Refere a escola como uma boa base e sente que sem ela é um zé-ninguém sente que pensa de	Apreendeu a ver as coisas de outra maneira sente que não quer ter a vida que tinha lá fora

<i>Mudança/Crescimento Pessoal /Aprendizagens</i>				outra maneira.	
	<b>P6</b>	<b>P7</b>	<b>P8</b>	<b>P9</b>	
	Formou uma pessoa nova dentro do centro uma pessoa positiva mudando a sua maneira de ser.	Revela que conseguiu ultrapassar a sua raiva.	Sente que mudou muito desde a sua entrada Sente uma grande mudança na maneira de pensar.	Refere que ainda vai mudar muito mas sente que já se controla muito mais.	
<i>Adaptação ao Centro Educativo</i>	<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>	<b>P5</b>
	Revela uma boa adaptação, sente que que ganhou experiência e encaixou o que quer para o seu futuro.	Revela uma boa adaptação sente o centro como uma experiência boa e má.	Sente a rotina como difícil e algo secante refere que se adaptou sozinho.	Revela uma boa adaptação com os colegas sente que é complicado estar fechado e sempre sob avaliação.	Revela que teve uma adaptação difícil e sente como muito difícil o estar longe da sua família.
	<b>P6</b>	<b>P7</b>	<b>P8</b>	<b>P9</b>	
Sente o centro como um sítio para pensar e lutar pelo que quer	Sentiu o início difícil mas que agora é fácil revelando	Revela que se integrou mas que é sempre a mesma rotina, sendo o	Sentiu difícil o início não confiava em ninguém achava as		

	revelando ser fácil.	uma boa adaptação.	Chapitô o melhor.	regras parvas mas integrou-se.	
<i>Liberdade Condicionada</i>	<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>	<b>P5</b>
	Está a ser difícil porque está privado de liberdade e acaba por estar longe da sua família.	Não há nada mais negativo do que nos tirem a liberdade é o mais negativo de tudo.	Não têm liberdade porque sentem que estão completamente fechados.	Sente que liberdade ao todo nunca lhes tiram mas também é complicado viver sem liberdade.	Deviam ter mais liberdade no semiaberto para irem mais vezes a casa.
	<b>P6</b>	<b>P7</b>	<b>P8</b>	<b>P9</b>	
	Sente que não tinha liberdade os colegas tinham visitas e ele não mas temos de ser fortes.	Esteve sempre fechada.	Sente que no centro não têm liberdade.	Sentem que estão presas, o que não sentiam lá fora tinham muita liberdade.	
<i>Rede de Suporte</i>	<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>	<b>P5</b>
	Sente que não é só ele todos tem problemas lidam uns com os outros há jovens que	Sente que fazer amizade ajuda muito para que não se sintam sozinhos.	Enuncia como o melhor alguns amigos que fazem foise adaptando e eles	Monitores e alguns educandos ajudaram-no para ele crescer essas pessoas	Eles receberam-no bem sentiu-se bem ao pé deles deram-lhe conforto.

<i>Rede de Suporte</i>	sabem mais da sua vida.		ajudaram-no.	nunca vai esquecer.	
	<b>P6</b>	<b>P7</b>	<b>P8</b>	<b>P9</b>	
	Tem tido muita força e pessoas que o ajudaram muito como a psicóloga os técnicos seguranças.	Conheceu algumas amigas fez muitas amizades.	Já conhecia uma rapariga mas as outras receberam na bem.	Ajudavam-na em especial a técnica-tutora que as ajuda a compreender o que era bom e mau.	
<i>Valorização</i>	<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>	<b>P5</b>
	Conseguiu tirar o curso de jardinagem um curso que queria um dos seus objetivos no centro.	A oportunidade e de fazerem a escolaridade e ficarem com formação profissional ferramentas para o futuro.	Sente que escola no centro não é tão difícil como lá fora a sendo a escola o melhor do centro.	A escolaridade e se estivesse na rua não a completava é algo muito bom que leva as formações experiências.	Sente que a sua experiência aqui vai-o ajudar a acabar a escolaridade e lá fora não acabava.
	<b>P6</b>	<b>P7</b>	<b>P8</b>	<b>P9</b>	
Revela que se não fosse o centro não concluí o nono ano está a tirar o curso de	Ambição em estudar lá fora, ainda estuda no centro mas quer	Sente como positivo curso de cabeleireiro e ter acabado o sexto ano pois	Refere que concluiu o sexto ano no centro custou-lhe muito não estava habituada		

	pastelaria que queria.	estudar lá fora.	pensava que não acabava.	agora estuda lá fora.	
<i>Responsabilização pelas ações (que levaram à institucionalização)</i>	<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>	<b>P5</b>
	Sente que havia dias que não lhe apetecia ir à escola aumentando os problemas e as consequências deu-lhe revolta e ficou com raiva.	Enuncia que tinha uma vida pah muito à vontade fazia o que queria basicamente.	Revela que não ia à escola depois ia ter com os seus amigos era praticamente e isso.	Vivia à base das suas regras do seu querer fez o que fez para ter o seu dinheiro fez muitas coisas erradas.	O seu dia-a-dia era estar sempre na rua não ia à escola não se aproveitava muito agora vê que não era uma boa rotina.
	<b>P6</b>	<b>P7</b>	<b>P8</b>	<b>P9</b>	
Era complicado vivia à base de roubos dependia de si próprio por isso é que está no centro não ligava ao que as pessoas lhe diziam.	Um dia a sua tia bateu-lhe e eu foi parar a um colégio começou a ter raiva e batia em toda a gente agora anda sem raiva.	Sentia que horrível não chamava uma vida aquilo que era antes não é o que é agora é completamente diferente.	A mãe batia-lhe e eu fez queixa foi para um colégio começou a fumar e a fugir do colégio foi quando cometeu um crime mas sente que não fez nada.		

## CAPÍTULO IV

### 4.1 DISCUSSÃO

Neste capítulo do estudo é realizada a discussão dos resultados, ou seja, dos significados atribuídos pelos participantes no estudo, a experiência de institucionalização num Centro Educativo. O pretendido neste capítulo é dar seguimento às questões emergentes desta investigação fenomenológica, instituindo-se assim, uma correlação entre os resultados do estudo e a literatura existente, para que se possa fundamentar esta investigação e com isso, compreender o impacto da construção de significado da experiência de estar institucionalizado num centro educativo.

É procurado compreender e clarificar, a relação entre a estrutura do significado comum e o que a literatura revela acerca desta experiência. No término deste capítulo, será apresentada uma ilustração gráfica (Figura 1) com o propósito de auxiliar o entendimento da relação existente entre os constituintes essenciais da experiência de institucionalização.

### 4.2 Diálogo com a literatura

O primeiro constituinte essencial *Vulnerabilidade emocional* está relacionado, com a entrada dos jovens no centro e a sua vivência inicial (os primeiros dias), é possível perceber que todos os participantes revelam vários sentimentos como raiva, tristeza no que concerne à sua entrada no centro e aos primeiros dias, como P1 afirma (...) *houve atão, houve mais do que um, tristeza, ou raiva, também houve solidão, porque estava sozinho, estava, estava fechado, acho que foi um pouco isso, revolta também (...)*. É também de sublinhar, que o participante (P10) cuja entrevista foi retirada da análise devida à escassez de conteúdo, revela a presença deste constituinte na sua entrevista afirmando (...) *Foi complicado, tive muitas dificuldades (...)* *Então sem a minha liberdade e isso, estar fechado num quarto (...)*.

Este constituinte é corroborado pela literatura Mota e Matos (2008) verificaram que o processo de institucionalização reproduz no sujeito sentimentos de solidão, perda e abandono. Outro estudo, que corrobora este constituinte é o estudo dos centros educativos de Fonseca *et. al.*, (2011) que alega que aquando da entrada no centro, a grande parte dos jovens revolta-se contra a instituição, por estarem cientes que vão estar longe de tudo aquilo que lhes é familiar.

No que respeita ao segundo constituinte essencial, *Mudança/ Crescimento pessoal/ Aprendizagem* verifica-se que todos os participantes revelam a existência de alguma mudança, ou crescimento, ou aprendizagem apreendida pela sua passagem no centro, é passível de se verificar neste constituinte através das narrativas dos sujeitos as modificações comportamentais e pessoais resultantes desta experiência, como é possível verificar através da narrativa do P6 (...) *Muita, muita mesmo... (Ri-se), epah tudo, tudo, comportamento, ah, pensamento tudo, tudo mesmo, tudo, formei uma nova pessoa cá dentro, uma pessoa positiva mesmo (...)*, a narrativa do P10 também se adequa a este constituinte essencial na medida em que este revela (...) *Apreendi a dizer não a muita coisa, a não ser influenciado... (silêncio) (...)*.

Em relação à revisão de literatura efetuada, existem estudos que corroboram este constituinte, como o estudo de Conde e Teixeira (2017) em que se compreende a identificação do centro educativo por parte dos jovens como um meio que proporciona e potencializa a sua mudança, sendo um meio de aprendizagens, crescimento e maturação. No estudo de Herman e Sexton (2017), verifica-se nas participantes objetivos de mudanças comportamentais e os elementos institucionais que apoiam nessas mudanças. Contudo, no estudo de Manso e Almeida (2009) este constituinte, não é totalmente corroborado nem contestado, na medida em que são reconhecidas as aprendizagens educativas pelos jovens, no entanto, é descurado na grande maioria dos jovens a apreensão dos valores inerentes na orientação do centro educativo.

Devo também aludir o facto de ser corroborado na revisão da literatura este constituinte (Mudança, crescimento, aprendizagens) interligado num só.

O terceiro constituinte essencial, diz respeito á compreensão *da adaptação ao centro educativo*, é possível verificar e compreender a adaptação de todos os participantes ao centro, no entanto, esta adaptação é representada pela existência de uma dualidade, existem participantes que percecionam e verbalizam a sua adaptação como um conjunto de experiências, como é possível de verificar na narrativa do P2 (...) *A minha adaptação foi, foi boa (...)* Para mim é uma experiência boa e má, eu gosto sempre de dizer e pensar que, foi bom por um lado eu ter entrado aqui, e, mau por outro lado (...) e outros que a narram com dificuldade e saturação no que concerne às rotinas, como é possível de verificar na narrativa da P8 (...) *Ih não sei, é sempre a mesma rotina (...)*. Por sua vez, a narrativa do P10 também se enquadra neste constituinte como podemos visualizar (...) *acho uma experiência difícil, tenho de estar sempre a cumprir as regras e tudo, é difícil (...)*.

No que respeita à revisão da literatura sobre este constituinte, não é possível aludir literatura em relação aos sentimentos dos jovens em relação a sua adaptação, não havendo assim, literatura que corrobore em certa parte este constituinte, no entanto, no que concerne à adaptação na sua essência, e às rotinas, este ponto encontra-se corroborado na literatura. Pelos estudos de Inderbitzin (2005), constatando que muitos dos jovens institucionalizados, na interrupção das suas práticas transgressivas, adaptam-se ao centro educativo, aguardando o término das suas medidas, para que aquando a sua saída voltem a viver novamente no exterior.

O quarto constituinte essencial, *Liberdade Condicionada*, todos os participantes revelam um enfoque à privação da liberdade, sentida como uma limitação para alguns jovens e para outros como algo negativo na sua experiência de institucionalização. Pode-se verificar o enfoque da privação de liberdade no P1 (...) *ah, para mim lá está a ser difícil, como eu tinha dito, ah, porque acabo de estar privado da liberdade, ah, acabo por estar longe da família (...)*, ainda dentro da vertente privativa da liberdade o P2 verbaliza (...) *não há nada mais negativo do que nos tirarem a liberdade... Isso é o mais negativo de tudo (...)*. No participante 10, também é passível de encontrar este constituinte na medida em que este verbaliza (...) *Aqui não tenho liberdade (...)*.

Este constituinte é corroborado com o estudo de Azevedo (2013) onde a privação da liberdade é pautada como uma das maiores dificuldades ao nível do internamento, expostas pelos jovens.

Outro estudo Skyes (1958; cit. por., Inderbitzin, 2012) também corrobora este constituinte, na medida em que o autor caracteriza a privação de liberdade e a perda da autonomia como uma “*dor de prisão*” pela qual os jovens se veem confrontados.

De acordo com o estudo destes autores, os jovens experienciam um sentimento de perda por se verem ausentes das épocas festivas, e dos momentos marcantes que ocorrem sem eles no exterior. Sendo esta perda e a privação de liberdade sentida de uma forma ansiosa, corrugada de sentimentos de baixa autoestima (Skyes 1958; cit por., Inderbitzin, 2012).

Em relação ao quinto constituinte *Rede de Suporte*, denota-se na experiência de institucionalização de todos os jovens uma rede alargada de suporte, apresentando-se esta rede como uma base de securização aos mesmos. A rede de suporte é percebida pelos participantes ao nível dos seus colegas e sobretudo, ao nível dos técnicos apresentando-se os mesmos como

um meio condutor nesta experiência. Como podemos verificar no P4 (...) *Sim essas pessoas principalmente monitores, e também alguns educandos que me ajudaram bastante para eu crescer, para me fazerem crescer e isso, é impossível eu não criar uma relação e por mais que eu diga que não, essas pessoas eu nunca vou esquecer por isso acho que seria bom ter lá fora, ter as relações que eu tenho aqui dentro (...)*, e no P5 (...) *Mas eu tenho tido muita força, eu tive pessoas que me ajudaram muito como os técnicos como os seguranças como as técnicas como a psicóloga e isso tudo, e dá para pensar (...)*.

Este constituinte, é contestado no estudo de Marteleira (2002), de acordo com a autora as relações entre educandos funcionam em moldes contratuais e convenientes. Por sua vez, a relação entre monitores e educandos é tida pela autora como uma relação instável, na medida em que, os monitores autoritários são a quem mais os educandos obedecem, as relações com as monitoras por sua vez, são as que carecem de menor respeito pelos mesmos, mas quando manifestam problemas, é as monitoras que os educandos recorrem mais.

Por sua vez, este constituinte encontra-se corroborado pelo estudo etnográfico de Neves (2008), segundo o autor a relação entre educandos e funcionários não comporta apenas tensões ou distanciamentos, mas também dinâmicas de proximidade e afetivas, existindo entre estes uma conjuntura relacional patenteada por vários registos como o educativo, o profissional, o afetivo e o quase familiar.

Outro estudo que corrobora este constituinte é o estudo de Azevedo & Duarte (2014), que caracteriza a relação estabelecida entre os educandos e os funcionários como um fator essencial e favorável no internamento dos jovens. Esta relação, funciona como uma base de apoio na mudança e aquisição de competências pelos jovens, visando-se ser um fator fundamental em toda a intervenção.

Ainda no estudo de Herman e Sexton (2017), este constituinte é aludido na medida em que as participantes do estudo referem a relação grupal como uma ferramenta importante na instituição, sendo que estas relações estabelecidas dentro das instituições são concebidas pelas mesmas como uma base para o estabelecimento de relações futuras.

Por sua vez, é corroborado na literatura a partilha, e a relação entre educandos como meios favoráveis na experiência dos mesmos. Segundo o estudo Inderbitzin (2012), a partilha dos códigos de conduta institucional que os jovens mais velhos partilhavam com os mais novos, favoreciam a sua experiência institucional. No estudo de Neves (2008), é passível de verificar os momentos de partilha entre os jovens, sendo dada uma grande importância às mesmas. O autor denota no seu estudo, a partilha entre os jovens, dos bens materiais, alimentares, e os

receios, medos e dúvidas em relação às relações afetivas. As cartas amorosas sendo íntimas, são, no entanto, partilhadas nas dinâmicas relacionais institucionais.

No que respeita ao sexto constituinte *Valorização*, denota-se em todos os participantes um grande enfoque e valorização dada aos campos escolares e formativos, constituindo-se como oportunidades e objetivos fundamentais na experiência de internamento. Como podemos constatar no P1 (...) *eu acabei, consegui tirar o curso de jardinagem, agora lá fora vou integrar o B3 vou tentar fazer, 7,8 e 9, consegui, consegui o curso que era o que eu queria (...) Um dos objetivos que eu tinha aqui dentro (...)*. No participante 10 também é passível de se identificar este constituinte quando este verbaliza (...) *Sei lá, os estudos, as formações que estou a tirar, sei que ajudam no meu futuro a arranjar emprego e essas coisas (...)*.

Já no que concerne à revisão da literatura, esta corrobora este constituinte na medida em que, no estudo de Mando & Almeida (2009), o centro educativo é considerado pelos jovens como um meio facilitador para a obtenção da escolaridade que outrora no exterior não fizeram. Para além destas atividades escolares, existe também segundo as mesmas a valorização das atividades formativas (cursos EFA).

Segundo Fonseca (2014), os centros educativos focam-se em dar respostas as carências formativas e escolares manifestadas pelos jovens.

Outro estudo que confirma este constituinte é o estudo de Blomberg et al., (2011), corroborando a relação existencial entre a escola e o abandono das práticas transgressivas, nos resultados do seu estudo o autor detém a compreensão de que os jovens que em moldes institucionais obtinham resultados escolares positivos revelavam uma maior propensão de continuarem os seus estudos e não voltarem a transgredir.

Quitãns, Alberto e Machado, (2010), no seu estudo sublinha como elemento de valorização no CE, as oportunidades escolares e formativas, sendo estas reconhecidas pelos participantes do estudo como fundamentais e utilitárias na sua vida.

O sétimo e último constituinte, *Responsabilização das ações (que conduziram à institucionalização)* foca-se no reconhecimento e consciencialização das ações transgressivas cometidas, que por sua vez, originaram o internamento no centro educativo. Este constituinte, é apurado em todos os participantes, sendo que todos na sua essência faz alusão aos comportamentos que os colocaram em institucionalização. Podemos constatar este

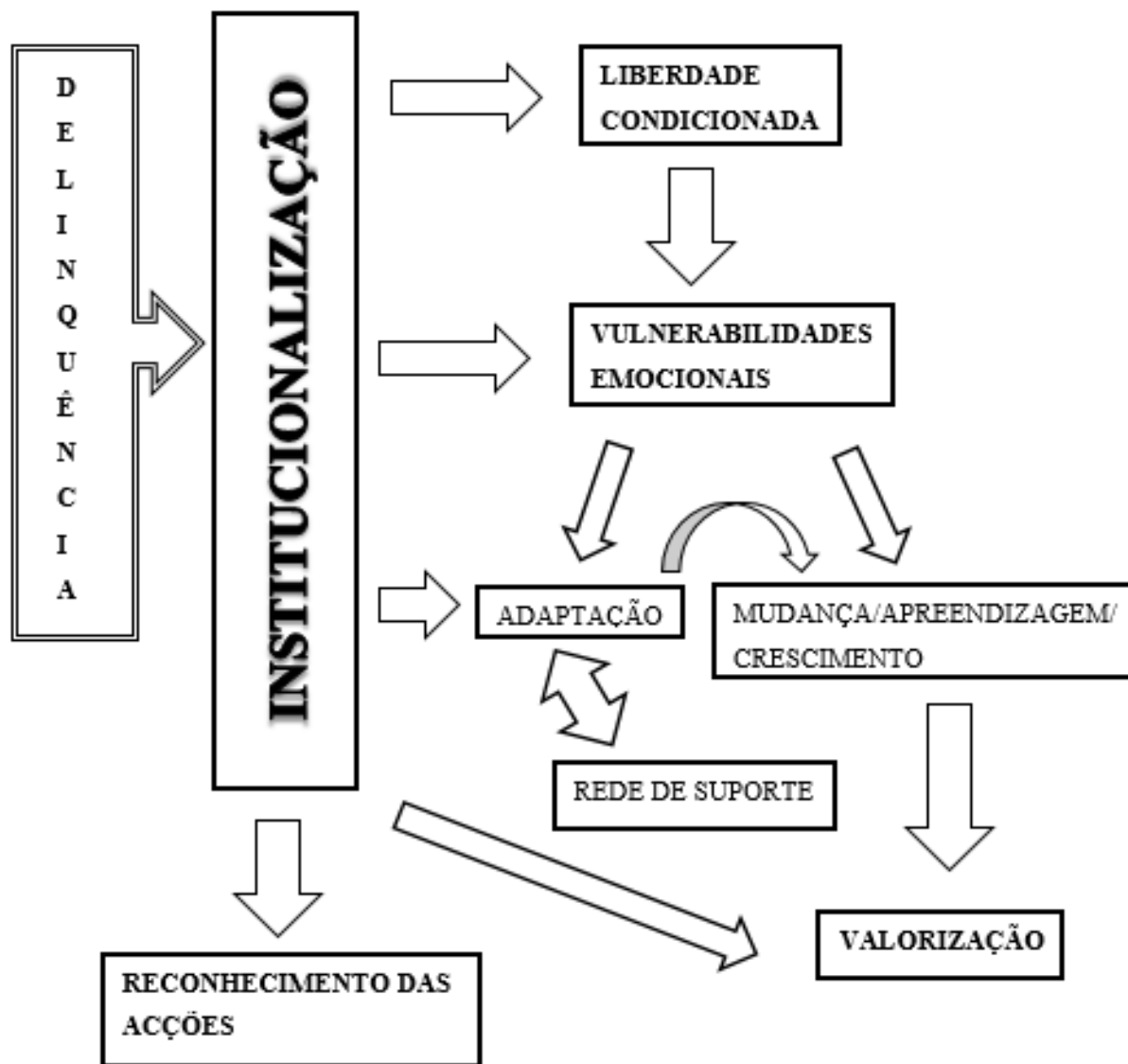
reconhecimento através da narrativa do P6 (...) *Era complicado, era complicado eu vivia mais a base de roubos, vivia como eu quisesse não dependia da minha mãe, não dependia de ninguém, dependia de mim próprio é por isso é que eu estou aqui no centro (...)* por sua vez a narrativa da P7 apela a razão que deu origem aos seus comportamentos (...) *eu tive a viver um ano na casa dos meus avós e a minha tia um dia bateu-me e eu fui parar num colégio, e depois fui para outro e comecei com a raiva toda, batia em toda a gente, vim para aqui (...)*.

De acordo com a revisão da literatura este constituinte é contestado no estudo de Manso & Almeida (2009), segundo as autoras um dos motivos em que se baseiam os comportamentos transgressivos, estão relacionada com ordens externas, i.e., estes surgem sob maneira de responderem às necessidades e debilidades económicas, alimentares e habitacionais. Não existindo assim um reconhecimento ou culpabilização por parte do jovem do seu comportamento e das implicações do mesmo nos outros. De acordo com as autoras estes jovens manifestam incapacidade em tomarem o lugar do outro, consequência da sua estrutura egocentrista.

Por seu lado, o estudo de Conde & Teixeira (2017) corrobora este constituinte com os seus resultados, segundo as autoras reconhecem e referenciam o início da atividade transgressiva, aliando o início dos consumos ao grupo de pares, evidenciam culpa e arrependimento. Porém, face aos danos que sofreram colocam-se numa postura de vitimização. A responsabilidade nos crimes é descurada destes, atribuindo-a a terceiros.

Num último momento o estudo de Azevedo (2013) corrobora este constituinte, na medida em que os jovens por si estudados, reconhecem o seu comportamento conotado a uma impulsividade, falta de autocontrolo, resistência à autoridade e incapacidade em inteorizar e cumprir regras. Os jovens que atribuem as razões das suas ações a ordens externas, manifesta-se num número redutor de jovens.

Figura 1- Relação dos Constituintes Essenciais da Experiência de Institucionalização.



## CAPÍTULO V

### 5.1 CONCLUSÃO

#### 5.2 Considerações finais

O objetivo principal deste estudo prendeu-se em muito com o intuito de compreender a voz dos jovens acerca da sua experiência de internamento, e perceber os impactos que a mesma causava nos jovens.

Num momento *a priori*, da execução do estudo propriamente dito, era pretendido alcançar uma comparação aos níveis das narrativas masculinas e femininas, daí a existência de dez participantes, sendo que um deles como já foi enunciado neste estudo, não se constituiu como elemento para a análise dada a directividade da narrativa e com isso a escassez de conteúdo na mesma.

No que concerne à comparação ente os géneros não foi possível a realização da mesma, devido à amostra constituir-se essencialmente pelo género masculino, por conseguinte ser notável a escassez de conteúdo visível através da análise das entrevistas das jovens raparigas.

A concretização deste estudo permitiu, pensar nestes jovens não só como atores transgressivos, como também sujeitos passíveis de sofrimento ao nível familiar e emocional. Foi possível chegar ao entendimento da experiência, e clarificar que nem toda ela é conotada a elementos negativos e repressivos.

A experiência de internamento repele-se numa ambivalência de sentimentos, por, todavia, é de salientar que agregado a este internamento, encontram-se histórias pessoais complexas e padrões relacionais, autoritários e deficitários.

Esta experiência desenvolve-se em quatro momentos fundamentais, pelo que num primeiro momento os jovens confrontam-se com a entrada no centro confinado a um desconhecimento e um sofrimento.

Num segundo momento ocorre a adaptação dos participantes ao centro, iniciando-se aqui as primeiras vivências dos mesmos.

Num terceiro momento os participantes experienciam o internamento, aludem as razões que os conduziram, reconhecendo a responsabilidade nas suas ações. Ainda neste momento é sublinhada a privação da liberdade e verbalizados os pontos mais altos e baixos da sua experiência.

No quarto e último momento, é enaltecido o centro educativo como oportunidades futuras, e leque de aprendizagens presentes.

Em detrimento dos estudos já realizados anteriormente, podemos considerar que este detém particularidades diferentes devido ao ser executado numa perspetiva fenomenológica, existe atualmente alguma abundância de estudos, contudo pode-se considerar, que cada um é único na sua formalidade constituindo-se como elementar no entendimento desta temática.

Não sendo demais, na medida em que se pode constituir como uma mais-valia para a atuação do nosso sistema. Mais-valia na medida em que detém a perceção real dos jovens, podendo a mesma ser conjugada com o que ainda se pode vir a fazer, marcando a necessidade de algumas alterações ao nível da atuação no, pós- saída para o exterior destes jovens.

### **5.3 Limitações do estudo e propostas de investigação**

Como primeira limitação ao estudo, é sublinhada a abundância de estudos, detendo cada um de vários pontos de vista, não sendo por isso possível a corroboração de todos os constituintes em estudo pela literatura. Não obstante, a este facto é de denotar que visto, se tratarem de participantes diferentes é normalizado a existência de estudos difusos na sua essência.

Uma outra limitação ao estudo deveu-se ao facto de haver um prévio conhecimento de alguns participantes e de algumas relações estabelecidas, o que conduz a uma dualidade de pensamento por parte do investigador, na medida em que as entrevistas com mais riqueza de conteúdo repelam-se pelas entrevistas que detinham de uma maior relação entre o investigador e participante. Por seu lado as entrevistas às jovens raparigas, em que não existia nenhum conhecimento prévio do investigador, revelaram-se com um maior distanciamento e retraimento por parte das mesmas. Assim o conhecimento prévio pode ter um efeito limitador, mas ao mesmo tempo, constituir-se como um meio de abertura à narrativa.

Outra limitação que pode ser considerada relaciona-se com a gravação das entrevistas, na medida em que, quando os jovens vislumbravam o gravador mostravam o seu comportamento mais retraído. O facto de as entrevistas serem gravadas no interior do centro educativo, e algumas vezes em salas comuns, pode-se constituir como uma limitação às mesmas, na medida em que os jovens acabam por não se expor na sua totalidade.

Como limitação ao estudo, pode-se considerar o facto de a amostra do género feminino ser manifestavelmente menor do que a amostra do género masculino, portanto, para uma comparação entre estas amostras, revela-se necessário em estudos futuros uma igualdade do número das mesmas.

O acesso apenas a dois regimes constitui-se como outra limitação do estudo, na medida em que quanto mais heterogéneo for a população, mais passível é de se chegar a todas as experiências.

Em estudos futuros revela-se pertinente a elaboração de estudos longitudinais onde seja possível descurar a experiência dos jovens e os seus meios familiares, podendo assim estudar o olhar das figuras parentais, para melhor compreensão das dinâmicas institucionais-familiares.

Outro estudo pertinente no futuro é poder fazer uma análise do percurso destes jovens desde a sua entrada no centro até à sua saída e adaptação na sociedade. Sob forma de poder conceber os fatores que acentuam a taxa de reincidência. Um outro estudo pertinente de se elaborar futuramente é a existência ou não de uma correlação entre a institucionalização e o aumento da reincidência, sob forma de se vir a compreender se subsiste uma ligação, entre alguns fatores da institucionalização como fatores de risco para a reincidência.

Por fim é possível a compreensão como limitação deste estudo, a existência de poucas diferenças entre as narrativas da grande maioria dos rapazes e das narrativas das raparigas. Num momento primário nesta investigação, fora pretendido analisar a presença de diferenças entre as experiências de institucionalização narradas pelos jovens e pelas jovens.

No entanto, a única diferença mais alusiva que a investigadora pode presenciar, repele-se em relação à responsabilização das ações que conduziram ao internamento.

Na generalidade dos rapazes, este reconhecimento é atribuído ao seu comportamento e às suas ações internas e pessoais, no entanto, a P7 e a P9 fazem o enfoque das razões comportamentais, associados essencialmente a fatores externos, a partir de uma situação de vivência de vitimização.

## REFERÊNCIAS

- Azevedo, C.T. (2013). Institucionalização e Lei Tutelar Educativa: As representações de jovens, profissionais e direção de um Centro Educativo. (Tese de Mestrado). Universidade do Minho. Minho: Portugal.
- Azevedo, T e Duarte, V (2014) Intervenção em Centro educativo: Discursos a partir de dentro. *Configurações, revista de sociologia* (13) 2014, trabalho e justiça.
- Benavente, R. (2002). Delinquência juvenil: Da disfunção social à Psicopatologia. *Análise psicológica*, 4- (xx): 637-645.
- Blomberg, T. G., & Bales, W. D., & Mann, K., & Piquero, A. R., & Berk, R. A. (2011). Incarceration, education and transition from delinquency. *Journal of Criminal Justice*, 39 (4), 355-365.
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. Lisboa: Climepsi Editores
- Brizio, A. & Gabbatore, I. & Tirassa, M. & Bosco, F. (2015). No more a child, not yet an adult”: studying social cognition in adolescence *Frontiers in Psychology*. *Volume 6, Article 1011*.
- Browning, K. & Thornberry, T. & Porter, P. (1999) Highlights of Findings From the Rochester Youth Development Study. *Department of Justice Office of Justice Programs Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention*.
- Carvalho, J.M. (2003). Entre as Malhas do Desvio. Jovens, Espaços, Trajetórias e Delinquências, *1º volume da Coleção Reinserção Social*. Oeiras, Portugal: Celta Editora.
- Carvalho, M (2005). Jovens, espaços, trajetórias e delinquências. *Sociologia, problemas e práticas*, nº49, 2005, pp.71-93.
- Cesaroni, C. & Badali, M. (2016). The Role of fairness in the adjustment of adolescent boys to pretrial detention. *The Prison Journal*, Vol. 96(4) 534 – 553, SAGE Publications.

- Conde, R.& Teixeira, S. (2017). Histórias de vida de jovens delinquentes: O contributo da investigação qualitativa para a compreensão da Delinquência juvenil, *Investigação qualitativa em Ciências Sociais*, volume 3.
- Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (2017).Estatística Mensal dos Centros Educativos Agosto 2017.Consultado em: <http://www.dgrs.mj.pt/>., Acedido em Setembro de 2017.
- DL n.º48/95, de 15 de Março. Código Penal de 1982 versão consolidada posterior a 1995. Consultado em: <http://www.pgdlisboa.pt/leis>.
- Ferreira, M. & Nelas, P. (2016). Adolescências... Adolescentes. *Educação, Ciência e Tecnologia* 141.
- Fonseca, A. (2014).Privação de liberdade na justiça juvenil: Contornos de Problemas entre meios e fins. Coimbra: Editora Julgar nº22.
- Garnica, A. V. M. (1997). Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, São Paulo, 1 (1).
- Garrido, C. E. (2012). O desenvolvimento e significação de trajetórias desviantes. (Tese de mestrado integrado em psicologia).Universidade do Porto. Porto: Portugal.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). Método fenomenológico de investigação em psicologia. Lisboa: Fim de século.
- Goffman, E. (1974). Manicómios, prisões e conventos. São Paulo: Editora Perspetiva
- Groenewald, T. (2004). A phenomenological research design illustrated. *Internacional Journal of Qualitative Methods*, 3, (1).

- Hartwell, S., McMackin, R., Tansi, R., & Bartlett, N. (2010). "I Grew Up Too Fast For My Age:" Postdischarge Issues and Experiences of Male Juvenile Offenders. *Journal of Offender Rehabilitation*, 49 (7), 495-515
- Herman, W.J., & Sexton, S.J. (2017). Girls Leaving Detention: Perceptions of Transition to Home After Incarceration. *Journal of Juvenile Justice*. Volume 6, Issue 1, Spring 2017.
- Inderbitzin, M. (2005). Growing up behind bars: An ethnographic study of adolescent inmates in a cottage for violent offenders. *Journal of Offender Rehabilitation*, 42 (3), 1-22.
- Inderbitzin, M. (2012). Delinquency Interrupted: Research into and Inside of Juvenile Correctional Facilities. *Sociology Compass*, 6 (6), 445-457.
- Kumar, S. (2017). Well-being of adolescents: Reflections from Bhagavad Gita. *Indian Journal of Health and Wellbeing* 2017, 8 (6), 538-543. Consultado em [http://www.iahrw.com/index.php/home/journal\\_detail/19#list](http://www.iahrw.com/index.php/home/journal_detail/19#list).
- Langdrige, D. (2007). *Phenomenological psychology: Theory, research and method*. Harlow, England: Pearson Education Ltd.
- Lei Tutelar Educativa. (1999, 14 Set.). Lei nº 166/99. Diário da República. (Lisboa, Portugal). 1ª (215). Lei Tutelar Educativa. (2015, 15 Jan.). Lei nº 4/2015. Diário da República. (Lisboa, Portugal). 1ª (10).
- Luzes, C. (2010). Um olhar psicológico sobre a delinquência. Consultado em: [www.psicologia.com.pt](http://www.psicologia.com.pt).
- Manso, A e Almeida, A (2009). Um discurso a duas vozes: Potencialidades de um estudo interpretativo sobre lei e institucionalização.
- Manso, A. e Almeida, A (2010) "E depois o que é que querem que faça?" Educar para o direito: Pontes de ligação do centro educativo à comunidade, *Educação, Sociedade e Culturas*, nº30, 2010, 23-40.

- Marc, L.B. & Marc, O. & Denis, S. (2008). Tratando de Criminologia Empírica. *Colecção fundamental*, Climepsi Editores: 273-275.
- Marteleira, J. (2002). Análise de um centro educativo à luz do conceito de instituição total de Erving Goffman. Actas dos *ateliers* do V “ Congresso Português de Sociologia”. *Sociedades contemporâneas: Reflexividade e Acção*, Ateliê: Exclusões.
- Masten, A. S., & Cicchetti, D. (2016). Resilience in development: Progress and transformation. In D. Cicchetti (Ed.), *Developmental psychopathology, Vol. 4: Risk, resilience, and intervention* (3rd Ed.):271-333.
- Mendel, R. A. (2011). No Place for Kids: The Case for Reducing Juvenile Incarceration. Annie E. Casey Foundation
- Mota, C. & Matos, P. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação. *Psicologia & Sociedade*, 20 (3):360-367.
- Mulvey, E. P., Schubert, C. A., & Odgers, C. A. (2010). A method for measuring organizational functioning in juvenile justice facilities using resident ratings. *Criminal Justice and Behaviour*, 37, 1255-1277.
- Nardi, F. & Aglio, D. (2010). Delinquência juvenil: Uma revisão Teórica. *Acta Colombiana de Psicologia*, 13 (2):69-77.
- Negreiros, J. (2008) Delinquências juvenis: Trajetórias, intervenção e prevenção, LivPsic, Porto.
- Neves, T. (2008). Entre educativo e penitenciário: Etnografia de um centro de internamento de menores delinquentes. Edições Afrontamento.
- Oliveira, J. & Fonseca, A. & Melo, A & Ferreira, E. (2011) Conflitos em internamentos de jovens delinquentes. Causas e efeitos da conflitualidade: estudo sistemático sobre três anos de atividade em instituição e ensaio sobre algumas conclusões sobre a aplicação da lei tutelar educativa. *Centro educativo do Mondego 2007-2009*.

- Quintela, S. C. (2004). *Sentidos para o Agir: Contributos para a compreensão das Perturbações de Comportamento*. Oeiras: Celta Editora
- Quintãns, C.& Alberto, I.& Machado, C. (2010). *Era uma vez a Instituição onde eu vivi: Narrativas de Adultos sobre experiências de Institucionalização*. *Psychologica*,53:329-351.
- Sanches, C.& Pereira, M. (2010). Julgamentos de justiça em contexto escolar e comportamentos desviantes na adolescência. *Análise Psicológica*, 1 (XXVIII): 71-84.
- Schubert, A.C.,&Mulvey, P.E.,&Loughran, A.T.,& Losoya, H. A. (2012).Perceptions of Institutional Experience and Community Outcomes for Serious Adolescent Offenders.*Criminal Justice and Behavior*.
- Silva, E. & Silva, D.& André, S. (2016). A pequena sereia: Arquétipo da adolescência. *Educação, Ciência e Tecnologia* 93.
- Silva, M.& Costa, M. (2005). Desenvolvimento psicossocial e ansiedade nos jovens. *Análise Psicológica*, 2 (XXIII): 111-127.
- Soares, G.& Mendes, D. (2016). A atuação do psicólogo com adolescentes infratores em medida socioeducativa. *Psicologia e Saúde em debate*, (2):117-137.
- William H. Barton & Juliette R. Mackin (2012): Towards a Strength-Based Juvenile Correctional Facility: *Sustainability and Effects of an Institutional Transformation*, *Journal of Offender Rehabilitation*, 51:7, 435-452

## ANEXOS

## Anexo I – Gráficos relativos ao internamento dos jovens

### 1. Lotação dos centros educativos e número de jovens internados, por regime

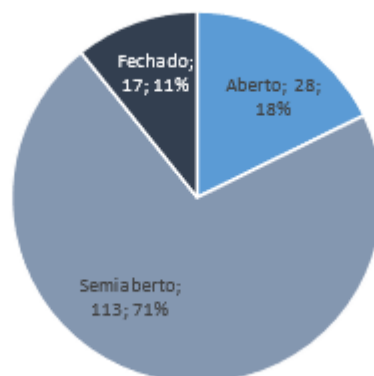
Quadro 1 – Lotação dos centros educativos e número de jovens internados, por regime

Regime	Lotação	Jovens internados em centro educativo			Total
		Aberto	Semi-aberto	Fechado	
CE Bela Vista F	6	4	4	8	
CE Bela Vista M	26	9	16	25	
CE Mondego*	0			0	
CE Navarro de Paiva F	14	1	11	2	
CE Navarro de Paiva M	24	3	21	24	
CE Olivais	34	7	21	5	
CE Padre António Oliveira	24		18	7	
CE Santo António	24	4	22	3	
Subtotal Masculino	132	23	98	15	
Subtotal Feminino	20	5	15	2	
<b>Total</b>	<b>152</b>	<b>28</b>	<b>113</b>	<b>17</b>	

\* Desativado

Fonte: SIRS, setembro 2017

Gráfico 1 – Jovens internados em centro educativo, por regime



Fonte: SIRS, setembro 2017

Quadro 2 – Evolução mensal da lotação e do número de jovens internados 2016 – 2017

	2016												2017								Média
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	
lotação	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	152	152	152	152	175,00
n.º jovens	149	149	149	146	154	146	146	146	143	144	142	138	143	140	135	135	148	151	152	158	145,25

Fonte: SIRS, setembro 2017

## 2. Jovens internados por centro educativo, situação jurídica e regime

Quadro 3 – Jovens internados em centro educativo segundo a situação jurídica, regime e género

Centro Educativo	Lotação	Total de jovens	Internamento para Perícia		Medida Cautelar de Guarda		Medida de Internamento		
			semi aberto	fechado	semi aberto	fechado	aberto	semi aberto	fechado
CE Bela Vista F	6	8			1		4	3	
CE Bela Vista M	26	25			1		9	15	
CE Mondego*	0	0							
CE Navarro de Paiva F	14	14			1	1	1	10	1
CE Navarro de Paiva M	24	24			1		3	20	
CE Olivais	34	33			1		7	20	5
CE Padre António	24	25			1	1		17	6
CE Santo António	24	29			1		4	21	3
Subtotal Masculino	132	136	0	0	5	1	23	93	14
Subtotal Feminino	20	22	0	0	2	1	5	13	1
<b>Total</b>	<b>152</b>	<b>158</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>28</b>	<b>106</b>	<b>15</b>

O Centro Educativo do Mondego foi desativado

Fonte: SIRS, setembro 2017

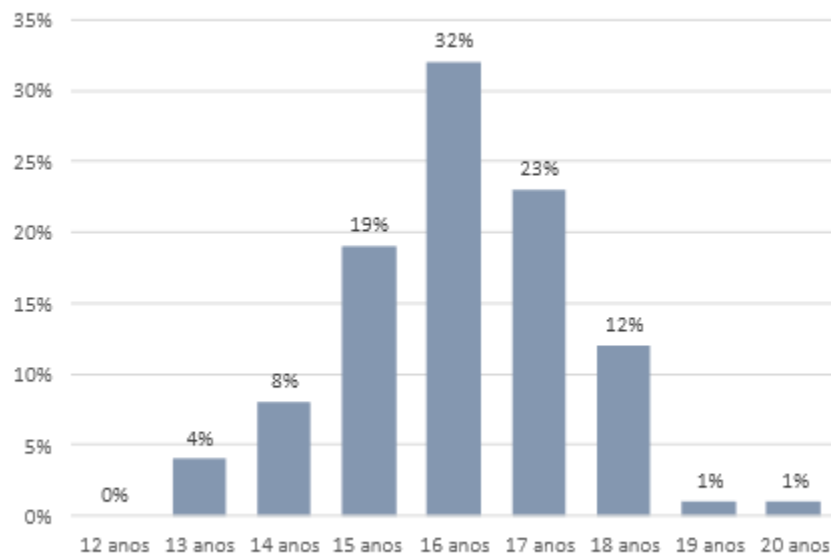
## 3. Jovens internados por idade

Quadro 4 – Jovens internados em centro educativo por idade

Género/Idade	12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	19 anos	20 anos	Total	média
Masculino	0	5	11	24	45	34	13	2	2	136	16,11
Feminino	0	1	2	6	6	2	5	0	0	22	15,95
<b>total</b>	<b>0</b>	<b>6</b>	<b>13</b>	<b>30</b>	<b>51</b>	<b>36</b>	<b>18</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>158</b>	<b>16,08</b>

Fonte: SIRS, setembro 2017

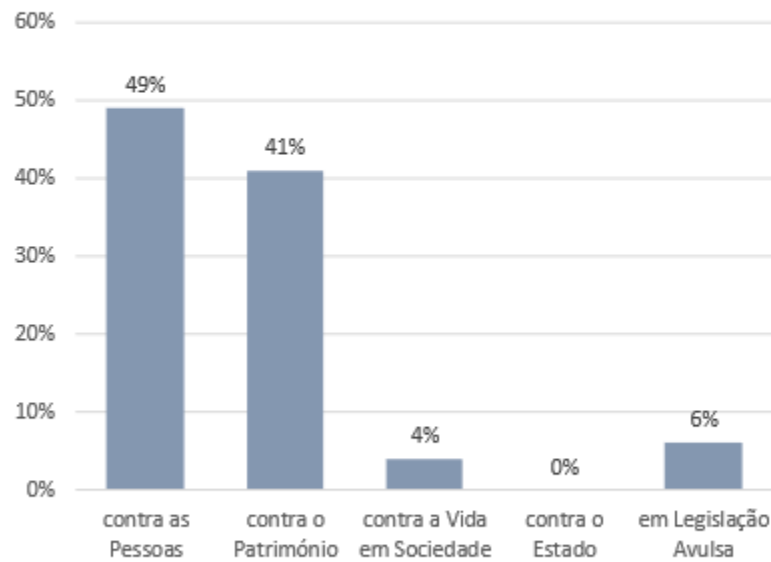
Gráfico 4 – Jovens internados em centro educativo por idade



Fonte: SIRS, setembro 2017

#### 4. Tipologia de Crimes

Gráfico 5 – Jovens internados em centro educativo, por tipo de crime



Fonte: Contabilização dos crimes com base na "Tabela de Crimes Registrados", SIRS, setembro 2017  
Os números respeitam a todos os tipos de crime registados nos processos judiciais que originaram as medidas de internamento, independentemente do n.º de ocorrências de cada crime.

## **Anexo II- Consentimento Informado**

Declaro ter conhecimento das condições de realização da investigação abaixo apresentada e que pretendo colaborar de forma voluntária na mesma. A investigação prende-se com a finalidade de elaborar uma dissertação para o grau de Mestre, do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do ISPA- Instituto Universitário (ISPA-IU), levada a cabo por RUTE ANDREIA SILVA RODRIGUES e orientada pelo Professor Doutor Vítor Amorim, assim será neste âmbito realizada uma entrevista individual, que poderá ser caso o consinta gravada, cujo Tema é “Quando a liberdade é condicionada: Estudo Fenomenológico da experiência dos e das jovens sob Medida tutelar de Acompanhamento em Centro Educativo: Regime Fechado, Regime semiaberto e regime Aberto”. Para esta Investigação pretende-se que os/as Jovens falem sobre a sua experiência de institucionalização no Centro Educativo e toda a relação da mesma na sua vida. Depois de conseguidas, as entrevistas serão analisadas ao nível do seu conteúdo, garantindo sempre o anonimato e a confidencialidade das mesmas.

A minha participação neste estudo é anónima, voluntaria e gratuita, sem que exista algum tipo de recompensa ou despesa pessoal, podendo desistir a qualquer momento da Investigação sem justificação.

Declaro ter sido informado(a) sobre o objetivo da Investigação e aceito que os dados recolhidos bem como os seus resultados serão, em regime de completo anonimato, utilizados neste estudo e em publicações futuras.

Declaro ter sido informado antecipadamente das condições de aplicação da entrevista, e ter-me sido respondido eventuais dúvidas sobre a mesma. Foi-me também informado que ao participar nesta investigação não haverá quaisquer riscos para mim bem como para terceiros.

Aceito de livre e espontânea vontade participar na mesma:

Participante \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

Investigador: \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

## **Anexo III -Guião da Entrevista**

Guião para a Entrevista da Tese:

- ➔ Idade
- ➔ Nacionalidade
- ➔ Quando é que deste entrada aqui no centro
- ➔ Como é que viveste “os teus primeiros 3 dias” aqui no centro
- ➔ Como é que foi a tua adaptação aqui no Centro
- ➔ Por favor descreve-me o melhor possível, como é para ti viveres aqui no centro
- ➔ Como é que era a tua vida anteriormente ao Centro
- ➔ O que é que é mais positivo da tua experiência aqui
- ➔ O que é que é mais negativo da tua experiência aqui
- ➔ Sentes alguma alteração no teu modo de ser por estares aqui no Centro
- ➔ De que maneira achas que a tua experiência aqui no centro educativo pode contribuir para o teu futuro

**Anexo IV - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 1 (P1).**

<b>Transcrição da Entrevista</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>Unidades de significado Psicológico</b>
<p><b>E: Para começar quer- te perguntar qual é a tua idade?</b></p> <p>P1:16 anos</p>		
<p><b>E: A tua Nacionalidade</b></p> <p>P1:Portuguesa</p>		
<p><b>E: Quando e que deste aqui entrada no centro?</b></p> <p>P1: (uhhuhh) x-x-xxxx...</p>		
<p><b>E: Apanhaste uma medida de quanto tempo?</b></p> <p>P1:Um ano, doze meses..</p>		
<p><b>E:Doze meses, hum, no momento em que tu recebeste a carta como é que foi para ti como é que tu reagiste?</b></p> <p>P1: Ahhh, é assim eu primeiro não, primeiro (ahh) fui a tribunal e tava, fiquei a espera porque foi decidido que eu vinha para um centro mas tive de</p>	<p>Em resposta a pergunta da investigadora, o P1 revelou que depois de ter ido a tribunal, ficou um tempo a espera da aplicação da medida.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com a preocupação com o Futuro, com aquilo que os seus pais poderiam pensar,</p>

<p>estar cerca de três meses a espera, por isso na altura que, não foi carta, mas sim (ahhh) pessoalmente (ahh) a notícia, prontos fiquei mais ou menos atão, fiquei assim assim, o que é que iria fazer, o que é que se iria passar, o que é que a minha mãe ia pensar, o meu pai</p>	<p>Revela que ficou a pensar o que iria acontecer, e o que os seus pais iriam achar.</p>	<p>e preocupação com o que iria acontecer.</p>
<p><b>E: pensaste muito no que é que os outros podiam achar?</b></p> <p>P1:Sim sim</p>		
<p><b>E: ahh, então tu deste entrada, dia XX, já faz agora um ano... quando deste aqui entrada como é que foi para ti, os teus primeiros 3 dias aqui no centro?</b></p> <p>P1:Ah, é assim, ah, foram isolados de todo o pessoal, ah, pronto tive de estar numa fase de habituação, aqui ao centro, ah, tive mais resguardado dos jovens daqui, e também foi um tempo para pensar o porque de eu estar ali e também aquele, os três dias para para poder aceitar também. O porquê de estar aqui.</p>	<p>O P1 revela que quando entrou no centro educativo, teve três dias de isolamento, que serviram para que este se habitua-se ao centro e aceita-se o porque de estar ali.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com o sentimento de isolamento, e reflexão sobre os seus atos.</p>
<p><b>E: Foi uns três dias em que pensaste em tudo,</b></p>		

<p><b>não estiveste com os teus colegas..</b></p> <p>P1:Não, não.. Tive no quarto fechado, isolado de todos, todos os jovens.</p>	<p>O P1 refere que esteve fechado no quarto, longe de todos os jovens.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimento de solidão.</p>
<p><b>E: E assim vir de repente cá para dentro, e esses três dias, sentiste alguma ah, o que é que tu sentiste?</b></p> <p>P1: houve atão, houve mais do que um, tristeza, ou raiva, também houve solidão, porque estava sozinho, estava, estava fechado, acho que foi um pouco isso, revolta também..</p>	<p>P1 refere que viveu um misto de emoções, como raiva e tristeza porque esteve sozinho fechado e isolado.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza, raiva, solidão, e revolta.</p>
<p><b>E: Revolta porquê?</b></p> <p>P1: ah, revolta de mim próprio, porque se eu tivesse agido se calhar de outra forma, não, não estava aqui, se estivesse feito o que, o que me tinham dito..</p>	<p>P1 refere revolta contra ele próprio por não ter seguido os conselhos que lhe deram</p>	<p>O Participante 1 manifesta, revolta com ele próprio, e sentimentos de angústia.</p>
<p><b>E: Hum, hum, depois de passados esses três dias, tu foste inserido no meio com os teus colegas, certo?</b></p> <p>P1:Certo.</p>		

<p><b>E: e como é que foi a tua adaptação, se é que foi uma adaptação.</b></p> <p>P1:foi, foi tranquila porque eu já vinha já doutro centro e ah, não era centro, estava numa comunidade, ah, e já estava habituado, já ah, tar a conviver com muito pessoal, ah, tar assim isolado do exterior, por isso para mim foi fácil.</p>	<p>P1 refere que a adaptação não foi difícil, porque vinha de outro centro, e que estava habituado a estar isolado.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionada com o isolamento, habituação, e resiliência.</p>
<p><b>E: Foi fácil, já vinhas, o que me estás a dizer é que já estás...</b></p> <p>P1:já tinha sim, já vinha com experiência de trás, ah, já do, da, outra comunidade.</p>	<p>P1 manifesta que já tinha experiência da comunidade de onde vinha.</p>	
<p><b>E: e mesmo com os teus colegas, foi fácil tu adaptares-te a eles.</b></p> <p>P1: é assim foi porque, eu apanhei, apanhei uma, apanhei uma unidade com pessoal que estavam aqui todos pelo, quase pelo mesmo e compreendiam-se uns aos outros, e foi por isso que foi fácil, cada um compreendia a situação do outro, o outro compreendia o outro e assim sucessivamente.</p>	<p>P1 menciona que apanhou pessoas com as quais se relacionou, que o compreendiam.</p>	<p>Identificação com os outros, relação com os outros.</p>

<p><b>E: hum, hum Tu entraste em que unidade?</b></p> <p>P1:Semiaberto</p>		
<p><b>E: Entraste logo no semiaberto. Então não fizeste transferência entre regimes?</b></p> <p>P1:Não, não, não, não</p>		
<p><b>E: Qual é a melhor maneira que tu tens para descrever, a tua ah, este teu ano aqui no centro, viveres aqui um ano como é que foi, ok que tu já vieste de um, de uma comunidade e já estavas meio habituado, ao se posso dizer isto, a vida com outros colegas, ah, dentro de uma instituição, mas, como é que foi aqui a tua experiência? Tu estás perto da tua área de residência?</b></p> <p>P1: ah, não eu sou de XX, ainda fica, fica um bocadinho longe, ah, mas é assim este ano que eu passei aqui, ah, este ano que eu passei foi, é assim foi, prontos um ano em que eu ganhei experiência, ah, também de experiência, mais um</p>	<p>P1 afirma estar longe de casa, e revela que no ano em que esteve dentro do centro, ganhou experiência, e conseguiu mudar.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionada com sentimentos de ter ganho, aprendizagem, experiência, e ter conseguido uma mudança.</p>

<p>pouco de experiência o que é que é a vida cá fora, porque cheguei a ir a casa umas duas ou três vezes e vi como é que estava a realidade, ah, lá fora e vi que tinha de mudar, consegui mudar e ahh, encaixei algumas coisas que eu quero para o meu futuro.</p>		
<p><b>E: Sentes que aqui houve... Apreendeste novas coisas...</b></p> <p>P1: Apreendi então, aprendi a, aprendi a..como é que eu hei de dizer, prontos se calhar, a , aprendi mais hábitos de higiene, ter o quarto arrumado ,ah, de poder partilhar mais coisas com o pessoal, porque aqui prontos, temos quem oportunidades de, da família mandar comida partida, lá onde eu estava era uma coisa que não se podia dar a ninguém, o que era meu era meu, o que era dos outros era dos outros, pronto esse, esse senso de partilha, também aprendi, aprendi várias coisas isso agora agora é complicado de falar.</p>	<p>P1 evidência mudanças a nível do comportamento dele, aprendizagens, partilha com os outros.</p>	<p>Sentimentos de mudança e Aprendizagem.</p>
<p><b>E: Foi um, do que me estás a dizer foi um conjunto de experiências...</b></p>		

<p>P1: sim, sim...</p>		
<p><b>E: Que te foram dadas cá dentro, que pelo que me dizes não tinhas anteriormente no sítio onde estavas...</b></p> <p>P1: Correto...</p>		
<p><b>E: E em termos de visitas, tu chegaste a receber visitas cá?</b></p> <p>P1: sim eu, eu só desde que aqui estou, só tive duas visitas, que foi dia x de xx que foi a festa de, os anos do xx, ah, aqui no centro educativo e foi quando eu fiz anos que foi dia x, mas a partir dai comecei a ir a casa, ah, uma vez por mês mais ou menos, uma vez por um mês, já cheguei a ir três ou quatro vezes, por isso.</p>		
<p><b>E: E tu queres - me falar um bocadinho sobre o ir a casa, tu sais imagina um dia e depois tens de voltar passados x dias para aqui, sabendo que vens novamente para aqui, o que é que é, como é que é esse desafio que acaba por ser, ir e voltar</b></p>		

<p>P1: é assim, ah, eu do momento em que saio daquele portão para ir para estação, vou apanhar o autocarro, e para mim isso já é um voto de confiança que me deram logo desde o início, poder apanhar o autocarro e poder ah, ir sozinho para casa, ah, e ter atenção que ainda eram.ah, ainda são uns bons quilómetros do, da minha casa aqui, ah, mas lá está do momento em que saia daquele portão fora, pensava agora passo uma noite, passo outra e vou ter de voltar já para aqui, porque eu era, eu fui sempre durante o, os fins-de-semana, e fui no natal mas também fui quatro dias, ah, quatro, três ou quatro dias, mas lá está estava sempre já com aquele pensamento que daqui a x dias já tenho de estar aqui, aquela hora..</p>	<p>P1 refere que lhe dão um voto de confiança para ir apanhar o autocarro, pois a partir desse momento vai para casa sozinho e ainda é longe a sua casa.</p>	<p>O participante 1 sente que os outros depositam-lhe confiança.</p>
<p><b>E: Como é que tu sentias isso?</b></p> <p>P1: é assim, tentava não pensar porque, porque quanto mais pensasse menos aproveitava o tempo lá fora, ahh, e tentava lidar com isso como se fosse, olha tá quase venho, agora venho, volto da minha ida a casa e</p>	<p>P1 refere que para lidar com o que sentia, não pensava sobre isso. Revolta e zanga com ele por não ter ouvido os outros.</p>	<p>Unidades de significado psicológico relacionadas com sentimentos de evitamento, raiva, revolta.</p>

<p>daqui a pouco tempo estou lá fora e lidava assim, e sentimentos, sentimentos, lá está aquela raiva revolta por não, porque mais uma vez eu poderia ter evitado, ah, se eu tivesse feito as coisas direitas, como como, quando me diziam, como davam os conselhos, eu não os segui por isso, raiva, revolta.</p>		
<p><b>E: se voltasses atrás, isto é que o que me estas a tentar dizer, se voltasses atrás...</b></p> <p>P1: Sim, mudava</p>		
<p><b>E: Mudavas e..</b></p> <p>P1: Mudava, tudo bem que aqui é um ano, aqui foi um ano, mas aqui um ano custa muito, mas lá fora passa rápido, e quando eu vou ver se calhar já tenho grandes responsabilidades e depois não posso, como é que eu hei de dizer, não posso, não posso aproveitar a minha adolescência tá a ver..é assim um pouco isso</p>	<p>P1 afirma que um ano dentro do centro custa a passar, cada vez mais ganha mais responsabilidades, e devido a estas não aproveita a adolescência.</p>	<p>Dificuldades em viver no centro, liberdade condicionada.</p>
<p><b>E: Hum-hum, um ano aqui é difícil... porque é</b></p>		

<p><b>que dizes que um ano aqui é difícil?</b></p> <p>P1: ah, para mim lá está a ser difícil, como eu tinha dito, ah, porque acabo de estar privado da liberdade, ah, acabo por estar longe da família, ah, não é que a minha família não goste de mim ou que não tenha interesse por mim, que não me tenha vindo ver mais do que duas vezes mas ah, não há possibilidades, e eu próprio também cheguei a falar, não quero que venham, porque esse dinheiro pode fazer falta amanhã e vocês não o tem se depois vierem cá, ah hum, e pois lá está é mais, estar longe estar isolado, tar fechado não é, mas tem que, cada um tem que carregar com as suas consequências, o mal ta feito já não posso voltar atras, mas se pudesse voltava e mudava tudo.</p>	<p>P1 afirma ter a sua liberdade privada, revela que está longe da sua família, sente-se isolado e fechado, acarretando com as consequências das suas ações.</p>	<p>O participante P1 sente a sua liberdade condicionada, isolamento, e angústia.</p>
<p><b>E: Tu disseste-me a pouco que estavas privado de liberdade, sentes que não tens liberdade?</b></p> <p>P1: é assim, ah, eu tou aqui dentro eu ando a vontade, eu vou a casa de banho sozinho, basta a, vai sempre um monitor ou segurança mas é sempre</p>	<p>P1 revela que se sente à vontade para satisfazer algumas necessidades básicas, revela também alguma insatisfação em</p>	<p>O Participante P1 manifesta-se insatisfeito.</p>

<p>para abrir a porta depois vão se embora, ah, quando e para ir ao refeitório também vou sozinho ou porque quero ir beber água ou porque quero ir lanchar antes de me ir deitar, porque o resto das refeições e tudo feito a horas, exceto a hora de, a noite porque há uns que se deitam as nove, há outros que se deitam as nove e meia e outros que se deitam as dez, por isso há horas diferentes para tomar a ceia, ah, mas se calhar e mesmo mais nessa questão de estar aqui, não poder tar lá fora, não poder ir tomar o café ao café. Percebe? Não poder ir se calhar a pastelaria quando me apetece um bolo, assim esses exemplos.</p>	<p>satisfazer outras necessidades próprias.</p>	
<p><b>E: Sentes que algumas coisas, estão condicionadas mas há outras que até tens alguma...</b></p> <p>P1: Sim porque, eu já ouvi falar de outros centros, que é mais ah, é mais riço, mais apertado e acho que aqui temos muito a vontade.</p>	<p>P1 sublinha que ouviu falar de um maior controle noutros centros, comparativamente a este.</p>	<p>Sente-se com mais liberdade e à vontade neste centro.</p>
<p><b>E: Dão vos algum tipo de liberdade.</b></p>		

<p>P1: Sim porque também nós fazemos por isso e damos confiança para isso também..</p>	<p>P1 afirma que fazem por ter liberdade e para que tenham confiança neles.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com depositarem confiança neles e com isso terem alguma liberdade.</p>
<p><b>E: depende um pouco de vocês?</b></p> <p>P1: sim sim</p>		
<p><b>E: Isso do deitarem-se a x horas, isso depende do quê?</b></p> <p>P1: depende das fases</p>		
<p><b>E: Das fases?</b></p> <p>P1: A fase um deita-se, ah, é assim, aliás, ah, quando se vem logo o primeiro mês deita-se as oito, ah, depois quando passar um mês passa para a fase dois, para a fase um porque isso quando se vem durante um mês é a fase, ah como é que é, ah pronto é a fase zero é aquele tempo de integração também depois a fase um deita-se as nove a fase dois deita-se as nove e meia e depois a fase três e a fase quatro deita-se as dez, isso durante a semana e ao fim-de-semana aumenta, ou seja sábado, não sexta e sábado ah e nos dias em que no dia a seguir e feriado, aumenta</p>	<p>P1 diz que existem várias fases, a fase inicial deita-se as oito, passado um mês passa-se para a fase um que se deita às nove, a fase dois deita-se as nove e meia, e a fase três e quatro as dez.</p>	

<p>uma hora, meia hora ficamos mais tempo acordados</p>		
<p><b>E: E essas fases dependem do quê?</b></p> <p>P1: Depende do tempo que apanhamos de medida, um ano aqui de medida é três em três meses sobe-se de fase que é o meu caso, agora fase, agora tipo dois anos penso que seja de quatro em quatro meses isso tem a ver agora, depende do tempo que se apanha.</p>		
<p><b>E: depende só do tempo não é nada relacionado com vocês?</b></p> <p>P1: Não, não, ah, claro se eu se eu tiver avaliação negativa, notas negativas é claro que, ou muitas participações é claro que eu não passo.</p>	<p>P1 afirma que a passagem de fases depende da avaliação que recebe e das suas participações.</p>	<p>Sentimento relacionado com a adequação do comportamento.</p>
<p><b>E: Então também depende um bocadinho do vosso desempenho?</b></p> <p>P1: Sim do nosso comportamento e da nossa colaboração.</p>	<p>P1 afirma que depende do comportamento e colaboração.</p>	<p>Comportamento e empenho.</p>
<p><b>E: E tu conseguiste atingir as fases todas?</b></p>		

<p>P1: Sim porque, eu não é para me gabar, mas ahhh, eu mesmo, eu sou o segundo mais velho daqui, ah, em baixo, ah, sou o segundo mais velho, ah, porque, também lá está subi sempre de fase nos dias que era para subir porque, não é para me gabar mas raramente tenho uma avaliação negativa, ah, tive uma participação, uma vez mas foi por causa de uma brincadeira estúpida que não se devia ter, ahh, e do resto, do resto tenho sempre notas positivas e por isso e que ajuda mais na passagem de fase.</p>	<p>P1 refere o seu bom comportamento no cumprimento da medida, tendo sempre avaliações positivas e com isso o cumprimento da passagem de todas as fases.</p> <p>P1 refere só ter tido uma avaliação negativa devido a uma brincadeira sem nexo.</p>	<p>Satisfação por ter avaliações positivas, sente realização.</p> <p>Reconhecimento do seu comportamento como prejudicial.</p>
<p><b>E: Ou seja entraste cá e tiveste um comportamento adaptado e..</b></p> <p>P1: Sim sim, porque lá esta porque já vinha, já vinha habituado já vinha com a mesma rotina, acordar fazer a faxina, fazer as minhas coisas, arrumar o meu quarto é por causa disso.</p>	<p>P1 refere que manteve os mesmos hábitos e rotina que já trazia fora do centro.</p>	<p>Unidades de significado psicológico relacionadas com a facilidade de adaptação, e rotina.</p>
<p><b>E: Sim, sem dúvida, anteriormente a tua vida era um bocadinho nos moldes do que se está a passar agora, era um</b></p>		

<p><b>bocadinho dentro de uma instituição, certo.</b></p> <p>P1: Ah, sim porque eu lá fora não, antes de eu entrar para a comunidade ou outro sítio, neste caso para aqui, ah, e assim não quer dizer que eu não tenha tido hábitos de higiene, não quer dizer que eu tinha comportamentos delinquentes ou não ia a escola, pah sim, mas lá está havia aqueles dias que não me apetecia ir a escola não ia, depois isso foi aumentando, os problemas foram aumentando da minha parte também, várias vezes fui chamado a atenção pois não queria saber pois, vinha as consequências e mais revolta me dava mais raiva me dava por isso ia sempre aumentando, tudo o que eu fazia.</p>	<p>P1 refere que já existiam os mesmos hábitos/rotinas antes de entrar no centro.</p> <p>P1 reconhece que os seus comportamentos delinquentes surgiram com as sucessivas faltas escolares.</p> <p>P1 demonstrou-se revoltado com as sucessivas chamadas de atenção referente ao seu comportamento.</p>	<p>Repetição de hábitos</p> <p>Reconhecimento e responsabilidade.</p> <p>Revolta</p>
<p><b>E: E antes então, antes tiveste aqui, antes tiveste na instituição e antes disso..</b></p> <p>P1: Antes tive numa santa casa também, tive na santa casa por mau comportamento</p>		
<p><b>E: E a primeira vez que tu foste para uma</b></p>		

<p><b>instituição, aí como é que tu te sentiste lembraste?</b></p> <p>P1: ahhh, como é que eu me senti... epah... lá está no momento vem vem muitos sentimentos não é? Porque, porque me aconteceu a mim, porque é que quando há problemas acontecem sempre a mim, ah, e os sentimentos de raiva, é isso é assim, até agora há cerca de três quatro anos para trás, atrás, eu tenho vindo um pouco assim nesse, nesse rumo, ah tristeza, raiva, lá está não quer dizer que eu quando tou com a família não esteja triste, mas não quando estou mais só, quando penso, quando lembro das minhas coisas e quando penso se pudesse voltar atrás eu ia, e é um pouco esse sentimento que me deu quando entrei...</p>	<p>P1 demonstra uma ambivalência de sentimentos entre raiva e tristeza.</p> <p>P1 refere que quando está sozinho reflete sobre tudo o que aconteceu, e naquilo que faria e que não faria se voltasse atrás.</p>	<p>Raiva e tristeza</p> <p>Reflexão pessoal.</p>
<p><b>E: Porque tu estás a falar de uma raiva de uma revolta, essa raiva e revolta tu sentiste era porque, porque tinhas sido tu...</b></p> <p>P1: Sim, porque ahh, porque lá está eu próprio tinha feito, tinha feito asneiras, eu próprio tinha feito porcaria por isso tinha que acartar com as consequências.</p>	<p>P1 refere assume as consequências das suas ações.</p>	<p>Responsabilidade/reconhecimento.</p>

<p><b>E: E alguma vez te comparaste aos teus outros colegas...ah...</b></p> <p>P1: ah...</p>		
<p><b>E: Não é que seja muito relevante mas quando, não interessa o que fizeste mas quando, quando tiveste essas ações mais punitivas entre aspas, estavas sozinho, estavas em grupo...</b></p> <p>P1: é assim, eu, eu, eu, eu fui uma pessoa que, que sempre sempre sempre gostei de estar no meu canto, no meu, nunca gostei de falar muito, ah mas do momento em que fui para a comunidade terapêutica, ah, lá está lá não eramos obrigados, mas pronto vá erámos quase obrigados, tínhamos de falar dos nossos problemas, o que é que a gente sentia, tá ver, assim essas coisas e, desde ai desde ai até hoje eu, gosto de falar, gosto de falar, gosto de dizer tudo o que sinto, ah, mas antes quando eu entrei, quando eu entrei para a minha primeira instituição, sempre tive no meu canto, por mais problemas que acontecessem, por mais</p>	<p>P1 reconhece que desde que entrou na comunidade terapêutica tornou-se uma pessoa mais comunicativa e menos reservada</p>	<p>Mudança na maneira de ser.</p>

<p>triste que eu estivesse por mais prontos por mais qualquer coisa que tenha acontecido na minha vida, lá fora, tanto lá dentro na instituição, eu ficava sempre no meu canto e nunca falava com ninguém, não foi, não foi por ser excluído ou por ser, ou por ser alto ou por ser magro, ou por ser gordo ou por ser aquilo, ou por ser o outro..</p>		
<p><b>E: Era assim a tua maneira de ser...</b></p> <p>P1: Sim, sim</p>		
<p><b>E: mas sentes que já mudou então desde...</b></p> <p>P1: Sim, sim, claro</p>		
<p><b>E: desde essa comunidade, e então se eu estou a perceber bem, na altura que praticaste o que praticaste não interessa para aqui, não foi com influência de amigos</b></p> <p>P1: não, não</p>		
<p><b>E: foi por ti mesmo...</b></p> <p>P1: Sim foi pela minha própria revolta..</p>	<p>P1 refere as suas práticas devido a uma revolta sua.</p>	<p>P1 manifesta um sentimento de revolta.</p>

<p><b>E: Revolta?</b></p> <p>P1: Sim</p>		
<p><b>E: Porque, que tu praticaste o que praticaste por uma revolta tua</b></p> <p>P1: E assim, eu, eu até aos meus para ai até aos meus 12 anos, sempre fui à escola, sempre tava na escola, ah, depois a partir mais ou menos dessa idade, ahh, deu-me na cabeça pa hoje vou faltar às aulas para ir jogar à bola, ah, porque eu tive, tive numa escola onde, onde de um lado tinha, tinha do primeiro ao quarto ano, e do outro lado, ah tipo dois blocos, no intervalo a gente convivia juntos e depois no outro bloco tinha do sexto ao nono, ah, por isso havia havia vários horários e havia sempre trocas, havia sempre quando a minha turma, quando nós estávamos a ter aulas haviam turmas que estavam cá fora no intervalo, ou porque a professora não tinha vindo, e eu lembro-me acho acho que foi por uma professora de doutro turma não ter vindo que eu faltei para para ir jogar a bola, e depois daí aconteceu uma,</p>	<p>P1 reflete a origem das suas ações, enuncia o porque do inicio das suas práticas</p>	<p>Reconhecimento das ações que desencadearam, no participante sentimentos de revolta.</p>

<p>aconteceu duas e comecei a ganhar esse hábito, depois comecei, entrei no tabaco entrei na, comecei a fumar, ah, a fumar vá e depois ai foi tudo aumentando, tudo, porque ah, como se costuma dizer nós nunca estamos bem com nada, e por isso eu sempre, sempre quis mais, sempre sempre..</p>		
<p><b>E: Mas não sentes que houve alguma, que houve alguma influência externa...</b></p> <p>P1: Não penso que não, porque até hoje, até mesmo hoje as decisões que eu tomo são são por minha influência, por minha influência, minha mesmo.</p>	<p>P1 afirma que não teve influências externas, assume as mesmas por influência própria.</p>	<p>Responsabilidade das suas ações e decisões.</p>
<p><b>E: Agora faz um ano que estás aqui, o que é que é mais positivo da tua experiência aqui? O que é que tu... estas quase a sair, é uma questão de horas, o que é tu levas daqui como experiência mais positiva...</b></p> <p>P1: É assim, ah, para além de tudo levo, levo pessoal comigo, tanto monitores como alguns educandos, como doutores, por ai fora, ah, aqueles que eu tive</p>	<p>P1 refere como o mais positivo da sua experiência as relações com os outros...</p>	<p>Relações com os outros tida como uma rede de suporte e reconhecida pelo participante.</p>

<p>uma relação mais, mais funda vá, uma relação mais fundo</p>		
<p><b>E: Tiveste uma relação com alguém mais profunda,</b></p> <p>P1: Sim sim...</p>		
<p><b>E: queres falar um pouco sobre isso</b></p> <p>P1: é assim, tem mesmo tem mesmo a ver com lá está, ah, aquela base de apoio, ah, a base de integração, ah, porque eu também quando cá cheguei, não foi logo cheguei e já estava aos abraços com o pessoal não, primeiro, primeiro analisei tudo, tive no meu canto sempre a ver o pessoal, ah, e depois lá está, depois aparecia sempre um ou dois sentavam-se ao pé de mim, punham-se o braço em cima das costas, começavam a falar comigo a perguntar de onde é que eu era, e depois a dizer que se identificavam e, e que tudo passa que isto aqui é uma passagem, entre outras coisas, etc que, que me falavam, ah, e doutores também que me ajudam nos momentos também</p>	<p>P1 refere que as relações mais profundas que teve, funcionaram com uma base de apoio que ajudaram na sua integração...</p>	<p>Base de apoio, relações com os outros, integração, compreensão, sentida uma rede de suporte.</p>

<p>complicados e que conseguem compreender, agora há aqueles doutores que pronto isso é mesmo.</p>		
<p><b>E: Guardas uma experiência boa ou muito boa com os técnicos e doutores, e há outros que nem tanto, e dos que guardas uma experiência boa, em que é que contribuíram para tu lewares essa experiência...</b></p> <p>P1: Ahhh, muitas vezes me abriram os olhos e, ah, muitas vezes me confrontaram com algo enquanto era a minha primeira vez que eu tava a cometer isso, e vá a cometer esse erro, mas avisavam-me, avisam-me duas, três vezes e não me davam notas, avaliação negativa, e ah porque para mim eu não vou lá se uma pessoa é a mesma coisa que a minha mãe nunca me bateu, nem o meu pai, mas, se me tivessem batido eu de certeza que não ia lá também, de certeza que ia ficar mais revoltado, porque para mim, prontos ou educação, ou fazer abrir os olhos não vai para além disso percebe, e é esse o caso, falaram, falaram, repetiam muitas vezes, deram-me na</p>	<p>P1 refere que muitas vezes o avisaram e confrontaram por erros seus..</p> <p>P1 refere que se lhe tivessem batido teria ficado ainda mais revoltado...</p>	<p>Confronto com os erros...</p>

<p>cabeça muitas vezes enquanto há, esses ai eu guardo no coração, enquanto que há aqueles que, eu tenho respeito com todo o respeito, ah, que tavam sempre de olho aberto que era para quando eu erra-se tumba uma avaliação negativa, olha já não vais a casa, assim um pouco isso ..</p>	<p>P1 refere que enquanto uns monitores o avisavam outros o penalizavam...</p>	
<p><b>E: Então sentes que há um lado dos monitores bons, e técnicos que...</b></p> <p>P1: Sim isso depois também depende de, do trabalho de cada um não é porque, tudo bem que as regras são iguais, ah, para todos nós, para todos os doutores, para todos os Tprs, ah, pois lá está, depois há um que facilita, há um que é mais rígido, que é mais rígido com tudo, isso depende da maneira de como cada um trabalha..</p>	<p>P1 manifesta existir uma diferença entre monitores, sendo uns mais rígidos e outros mais facilitadores.</p>	<p>Sentimento de rigidez por um lado e facilidade por outro.</p>
<p><b>E: Pois, as pessoas são todas diferentes entre si e na prática reagem de outra maneira...</b></p> <p>P1: sim ..</p>		
<p><b>E: E tu sentes que há essas diferenças, que há</b></p>		

<p><b>uns que reagem de uma maneira, e que há outros que reagem doutra... Então as pessoas que guardas como experiências mais positivas estiveram lá sobretudo?</b></p> <p>P1: Sim, sim</p>		
<p><b>E: E então e o mais negativo da tua experiência aqui..</b></p> <p>P1: O mais negativo, ahh, acho acho que foi acho que foi mesmo essa essa questão de agora poder, poder tar lá fora e aproveitar a vida ao máximo, aproveitar tar com os meus ao máximo porque eu não sei o dia de amanhã, ah, acho que é essa a experiência, penso que é só essa a experiência negativa, porque de resto é tudo positivo, mas é tendo em conta a experiência negativa é mesmo essa questão mesmo de poder dar um simples poder dar valor a uma simples cama lavada, lençóis lavados uma simples comida na mesa, roupa lavada, o que lá fora não dava...</p>	<p>P1 refere como o mais negativo da sua experiência o facto de não poder sair do centro...</p>	<p>Sentimento negativo face à falta de liberdade.</p>
<p><b>E: E apreendeste a dar esse valor aqui dentro?</b></p>		

<p>P1: sim, sim</p>		
<p><b>E: Realmente o centro proporciona-vos um leque de várias atividades pelo que percebi...</b></p> <p>P1: Sim, sim</p>		
<p><b>E: E em termos escolares sentes que alguma coisa mudou?</b></p> <p>P1: eu acabei, consegui tirar o curso de jardinagem, agora lá fora vou integrar o B3 vou tentar fazer, 7,8 e 9, consegui, consegui o curso que era o que eu queria..</p>	<p>P1 valoriza o facto de ter conseguido acabar o curso de jardinagem...</p>	<p>Valorização profissional e desejo pessoal.</p>
<p><b>E: Era o que tu querias?</b></p> <p>P1: Um dos objetivos que eu tinha aqui dentro.</p>	<p>Participante P1 refere que um dos seus objetivos passava por tirar a escolaridade.</p>	<p>Valorização profissional, realização pessoal.</p>
<p><b>E: Então e outros objetivos...</b></p> <p>P1: Penso que há mais a cumprir, que é sair de cabeça erguida, por mais problemas que haja lá fora, por mais que haja problemas cá dentro vou sair sempre de cabeça erguida</p>		

<p><b>E: Sabes que quando saíres, podes encontrar um panorama semelhante ao que estava antes de entrares aqui dentro, sentes que mudaste em alguma coisa?</b></p> <p>P1: Mudei sim..</p>	<p>P1 afirma que mudou.</p>	<p>Mudança.</p>
<p><b>E: e sentes que essas mudanças depois são aplicáveis lá fora</b></p> <p>P1: sim, sim eu já quando fui a casa eu já apliquei muito isso, tenho, tenho isso, é assim ahh, ahh, simples gestos, para mim basta simples gestos, também foi tar no carinho, no amor, no amor que tenho a minha família, isso é tudo um pouco experiências, tudo o que eu ganho, tudo o que consegui aqui dentro, penso que vá aplicar lá fora..</p>	<p>P1 refere que já aplicou muito daquilo que apreendeu, simples gestos, amor, carinho com a família...</p> <p>P1 refere que tudo o que ganhou com o centro, poderá aplicar no exterior.</p>	<p>Aprendizagem...</p> <p>Reconhecimento.</p>
<p><b>E: Falaste agora do amor e do carinho que tiveste cá dentro, sentiste que tiveste um pouco disso...</b></p> <p>P1: sim, sim porque, por mais que eu, por mais que eu, por mais que eu seja criminoso, por mais que a sociedade me veja mal, ah, prontos que não é esse o caso, mas se fosse esse o</p>	<p>P1 manifesta que a sociedade o vê como um criminoso mas que sente sempre um apoio da sua família...</p>	<p>Sentimento de ser estereotipado pela sociedade apoio e suporte da família.</p>

<p>caso eu sei, que sempre, sempre tenho o apoio da família, da minha mãe, do meu pai, dos meus tios da minha avó, de toda a família.</p>		
<p><b>E: Sentes que a sociedade te olha de outra maneira?</b></p> <p>P1: é assim não, como eu estava, eu dei um exemplo não é, a mim ninguém me olha de lado, ninguém me olha assim, porque também, lá está na altura que andava na má vida entre aspas, na dita má vida, claro que não andava ai na rua, não andava a fazer ai grandes coisas de chamar o pessoal à atenção, por isso também sempre tive no meu canto, resguardado, acho que é um pouco isso, ou se calhar nunca dei motivos para, para me olharem de lado..</p>	<p>P1 sente que a sociedade não lhe olha de lado e portanto sempre esteve mais resguardado.</p>	<p>Isolamento...</p>
<p><b>E: Sim, sim só te questionei, por teres referido acerca da sociedade. Gostava de perceber qual era a tua perceção da sociedade.</b></p> <p>P1: sim, sim</p>		
<p><b>E: Tu já me falaste numa mudança, mais quais alterações tu sentes que, há várias alterações no</b></p>		

<p><b>teu modo de estar, tu desde que estas aqui no centro, sentes que a tua passagem de um ano, te modificou, coisas com que te identificaste ou não...</b></p> <p>P1:é assim, cresci a, cresci na mentalidade, ah, também apreendi a ver a realidade de outra forma, na verdade nós pintamos o quadro tudo rosa e quando estamos lá fora é que vemos essa realidade, ah, cresci a nível de mentalidade como já tinha dito, também, cresci mais também a nível cultural, também apreendi mais da, como é que eu hei-de explicar, prontos, ah, consegui o sexto ano, não é grande ano de escolaridade, mas para mim foi um dos objetivos que queria cumprir, ah, por isso eu tenho estado a apreender, porque todos os dias eu apreendo uma coisa nova, ah, nós nascemos a apreender e vamos morrer a apreender, apreendi várias coisas.</p>	<p>P1 sente que cresceu como pessoa, encara a realidade de outra maneira, sentiu um crescimento a nível cultural e escolar, revela que apreendeu.</p>	<p>Crescimento pessoal e aprendizagens.</p>
<p><b>E: E essas coisas vais leva-las contigo quando saíres lá para fora, ou é uma questão de tempo?</b></p> <p>P1: não, eu não tenho duas caras, há muita gente que diz que eu tenho duas</p>	<p>P1 revela que dizem que tem duas caras, mas que para ele isso é mentira, que</p>	<p>Revolta, desinteresse, ansiedade.</p>

<p>caras, que eu agora para o final é que me estou mais a revelar o que eu vou ser lá fora, e para mim é, para mim é mentira não é, porque eu sei, mas a mim também não me interessa o que os outros pensam, porque a mim há um tempo atrás, tem-me confrontado que eu ando mais, mais sobressaltado e eu falo que é a ansiedade que é normal, dizem que eu ando mais respondão, que para mim também é ansiedade, mas não vou no momento assim no momento em que saia daquele portão eu vou, eu quero aplicar tudo porque não volto para aqui, volto lá para cima para ou sei lá..</p>	<p>não lhe interessa o que os outros dizem, pois tem-no confrontado que agora perto da saída anda mais sobressaltado, o que para ele é ansiedade e é normal, revela também que no momento em que saia, quer aplicar tudo..</p>	
<p><b>E: Para um estabelecimento prisional é isso que queres dizer?</b></p> <p>P1: é isso mesmo</p>		
<p><b>E: eu penso que aqui tem um leque de atividades e de coisas que lá não tem não sei..</b></p> <p>P1: Lá é bem diferente certamente</p>		
<p><b>E: sentes que agora que a tua medida está a chegar ao fim... estamos a realizar a entrevista muito pouco antes de te</b></p>		

<p><b>ires embora daqui, daqui a um dia já vais embora, acabou a tua medida como é que tu te sentes?</b></p> <p>P1: é assim, ah, sinto-me feliz não é, e vou- me sentir quando sair daquele portão, vou -me sentir bem e sinto-me bem neste momento, tirando esta constipação, ah, mas nunca esquecendo o que eu passei aqui dentro, e o que eu passei no meu passado</p>	<p>P1 revela que se sente feliz, e que o vai sentir quando sair do portão, que se vai sentir bem e que também se sente, refere nunca se esquecer do que se passou e do seu passado.</p>	<p>Sentimento de bem-estar, vivências, memórias, felicidade.</p>
<p><b>E: Guardas o teu passado e o teu presente contigo?</b></p> <p>P1: Sim, sim, o meu passado, houve isso aprendi lá em cima, aprendi, não ouvi falar e foi uma coisa que me encaixou na cabeça, que há muita gente que diz, ah tens de esquecer o passado, e eu hoje não esqueço o passado, porque se esquece-se o passado poderia voltar aqui, e eu penso todos os dias de manha ou quando me convém lembrar o meu passado, ver o que passei, ver o que sofri, que é para não voltar a cometer.</p>	<p>P1 afirma que apesar do que dizem, ele não esquece o passado, pois se o esquecesse poderia voltar, revela que todos os dias de manhã relembra o seu passado para ver o que passou e sofreu para não voltar a cometer.</p>	<p>Aprendizagem, recordação, sofrimento.</p>
<p><b>E: O que me dizes e que tens um passado onde</b></p>		

<p><b>sofrete, mas que tomas como exemplo no dia de hoje?</b></p> <p>P1:sim, sim, ah, questão tá longe, ah, etc várias coisas que aconteceram que prefiro não referir agora</p>		
<p><b>E: Tu já de uma certa maneira já explicaste isto, mas em suma o que é que o centro te influenciou?</b></p> <p>P1:PVou levar muitas ferramentas, ah é assim, vou levar muita coisa que me pode ajudar lá fora, tudo o que eu apreendi aqui, tudo o que ouço todos os dias, com a experiência dos outros também porque não sou só eu que tenho problemas, aqui dentro toda a gente tem problemas, e eu assisto a isso todos os dias, porque somos obrigados a estar debaixo do mesmo teto, eu e mais 12, 11 jovens aqui dentro, por isso cada um, lidamos uns com os outros, olha se calhar ate, até com a doutora ...,com a doutora psicóloga que eu falo todas as sextas feiras e falo bastante com ela, penso que há mais jovens aqui, que sabem mais da minha vida do que, do que a doutora, e é uma doutora que eu falo bastante até da</p>	<p>P1 afirma que levará consigo muitas ferramentas, muitas aprendizagens suas e das experiências dos outros, revela que existe jovens a saber mais da sua vida do que a doutora, pois é forçado a conviver com outros, que mesmo após uma discussão está tudo bem, que levará lá para fora consigo as suas experiências e a dos outros para não voltar aos mesmos erros...</p>	<p>Aprendizagem com a experiência no centro, rede de suporte.</p>

<p>minha vida lá fora e daqui de dentro, por isso entre aspas, nós somos forçados a viver e a tar em confronto uns com os outros, até acontece muito eu hoje tou mal com um deles, até discutimos e tudo, não sei quê não sei que mais, gritamos uns para o outro, mas passados 10 minutos está tudo bem, porque penso que seja normal, e é um pouco essas experiências, experiências dos outros que eu vejo, as minhas experiências, tudo, vou levar tudo lá para fora para não voltar aqui com os mesmos erros.</p>		
<p><b>E: Tu falaste nos outros que estão na mesma situação que tu, cá em baixo estão uns quantos, lá em cima também, em que é que achas que te pode ter ajudado ou não a experiência dos outros, identificaste-te em algumas coisas? Como é que foi a relação em suma com os teus colegas, já que além de todos os técnicos e doutores é com eles que vives ao fim ao cabo 24 sob 24 horas.</b></p> <p>P1: sim identifiquei, ah é assim, ah, eu tenho, tenho um primo aqui dentro não</p>		

<p>é como a doutora sabe, penso que saiba</p>		
<p><b>E: Sim, sim</b>  P1: Ah, pronto tenho aqui, tenho aqui um primo aqui dentro e identifico-me muito com ele, ele também é de longe, ah, também é de XX, ah, identifico-me nesse aspeto, identifico-me também o problema lá fora que acabamos por partilhar uns com os outros não tou agora só a referir-me a ele, mas com mais jovens não é, porque parecendo que não, estamos aqui, tudo bem que se calhar eu posso ter feito uma coisa diferente de um, mas se eu for a ver, 60 ou 70%, é tudo, estamos aqui todos pela mesma coisa.</p>	<p>P1 revela que tem um primo dentro do centro, que se identifica muito com ele pois ele também é de longe, também se identifica com os outros nos problemas que partilham, pois em grande parte encontram-se todos dentro do centro pelas mesmas coisas..</p>	<p>Identificação, rede de suporte...</p>
<p><b>E: Sim, um fez uma outra coisa, outro fez outra, mas no geral...</b>   P1: Sim, identifico-me nessa parte sim</p>	<p>P1 manifesta identificar-se com os outros em relação aos atos cometidos.</p>	<p>Identificação com os outros.</p>
<p><b>E: E sentiste que em algum momento os sentiste como uma ajuda, se tivesses que descrever os teus colegas em duas ou três palavras como é que os descreverias?</b>   P1: Ah, maioria deles, maioria não mas, nós somos 12, cerca de três ou</p>	<p>P1 descreve três ou quatro jovens como lutadores e manifesta o seu apoio para</p>	<p>Valorização de alguns, e desvalorização dos mais novos.</p>

<p>quatro descrevo lutadores não é, lutadores e que não desistam, não desistam, mas depois tem aqueles mais novos que ainda tão aqui e que não se tem que preocupar com nada lá fora e ainda vão tar aqui muito tempo e ainda tem 13 ou 14 anos, não tem de se preocupar de nada lá fora..</p>	<p>que estes não desistam, face aos mais novos refere que estes não tem que se preocupar com nada lá de fora e que vão estar ainda muito tempo por serem novos não tendo nada para se preocuparem....</p>	
<p><b>E: E por serem mais novos não tem se preocupar é isso que estas a dizer?</b></p> <p>P1:é assim eu como eu já disse, ah, até hoje, hoje em dia ainda sinto tristeza por ter estado aqui, raiva e tudo mais mas claro que não tive todos os dias cabisbaixo, não tive todos os dias de cara trancada, sem sorrir, sem brincar não é, mas eu durante o ano em que aqui estou não, como é que eu hei-me explicar, não, não consegui passar um ano sempre a rir, e eu vejo pessoal que eu vi a entrar aqui, que pah esta tudo bem, estamos na boa, temos comida, temos temos roupa lavada, esta tudo bem, não há problema</p>	<p>P1 manifesta que ainda sente tristeza e raiva por ter estado no centro, revela que não esteve todos os dias cabisbaixo, sem sorrir ou brincar mas que também não conseguiu passar o ano todo sempre a rir como algum pessoal que entra, que está sempre a rir e que para eles está tudo bem, não há problema...</p>	<p>Tristeza, raiva, ambivalência de sentimentos, comparação com os outros.</p>
<p><b>E: Isso se calhar tem a ver com a bagagem que</b></p>		

<p><b>eles trazem de trás, e normal que tu valorizes umas coisas e eles outras, e para ti um ano aqui passou rápido?</b></p> <p>P: Agora que eu olho para trás passou rápido.</p>	<p>P1 revela que um ano de medida passou rápido.</p>	
<p><b>E: Ou sentes-te muito a pensar no tempo?</b></p> <p>P1: Não.. claro que eu penso nos dias que falta, ou o tempo que já passou mas, também não estou constantemente a ver o calendário, e não sei o que mais, a ver quanto tempo é que falta ..</p>	<p>P1 revela que pensa nos dias que falta, ou no tempo que já passou, mas não está sempre a ver o calendário, para saber quanto tempo falta...</p>	<p>Ânsia de sair do centro</p>
<p><b>E: Vamos ficar por aqui, muito obrigada pela tua participação</b></p>		

**Anexo V - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 2 (P2).**

<b>Transcrição da Entrevista</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>Unidades de significado psicológico</b>
<p><b>E: Em primeiro lugar quero-te perguntar a tua idade?</b></p> <p>P2: 16</p>		
<p><b>E: A tua nacionalidade</b></p> <p>P2: Portuguesa</p>		
<p><b>E: Quando é que deste entrada aqui no Centro?</b></p> <p>P2: Há xxx tempo.</p>		
<p><b>E: Em que regime?</b></p> <p>P2: Em regime fechado e depois, fui passado para semiaberto</p>		
<p><b>E: Passado quanto tempo é que tu passaste para o semiaberto?</b></p> <p>P2: Três meses</p>		
<p><b>E: Três meses? Já que passaste de fase, como é que foi para ti essa passagem de fase do regime fechado para o regime semiaberto?</b></p> <p>P2: Para mim foi... foi melhor claro, tinha a possibilidade de ir a casa,</p>	<p>P2 refere que para si foi melhor, pois assim já poderia ir a casa.</p>	<p>Sentimento favorável por poder sair a casa.</p>

foi, foi claro melhor para mim...		
<b>E: Gostaste mais, tinhas mais liberdade no regime semiaberto do que no fechado?</b>  P2: Sim obviamente		
<b>E: Ah, como é que foi para ti, os teus primeiros três dias aqui no centro?</b>  P2: Pah.. Foram muito maus..	P2 refere que os primeiros dias foram muito maus.	Sentimento de insatisfação em relação aos primeiros dias.
<b>E: Então?</b>  P2: Foi, porque, quando entramos somos postos, tipo num quarto	P2 refere que quando entram são postos num quarto.	Sentiu-se isolado.
<b>E: Sim</b>  P2: Num quarto fechado, sem nada ... que é, dão o nome de quarto de isolamento, e como nós estamos habituados a uma vida, a uma rotina lá fora, e quando nos interrompem a, essa nossa rotina, tipo é uma coisa muito... que causa muito impacto sobre nós, e a mim causou, e esses três dias para mim, foi muito maus	P2 refere que é um quarto fechado sem nada, tem o nome de quarto de isolamento, e que lá fora são habituados a uma rotina e que quando a interrompem causa muito impacto neles, revela que nele causou e que os três dias foram muito maus.	Sentimentos de isolamento, inadaptação, insatisfação face ao interromper da rotina anterior.
<b>E: Sentiste que o que estavas habituado a viver, foi cortado nesses três dias?</b>		

<p>P2: Sim..</p>		
<p><b>E: E esse quarto de isolamento como é que é, como é que o descreves... a tua melhor maneira para o descreveres..</b></p> <p>P2: Pah, é quarto mesmo que não dá para fazer nada lá dentro, que tem um colchão muito duro, uma cama de pedra e, e tipo é muito fechado e quando nós, causa esse impacto em nós, nós acabamos de entrar e somos metidos num quarto daqueles, tipo a nossa moral vai abaixo, tipo, ficamos a pensar logo que pah, que tamos, tamos feitos.</p>	<p>P2 descreve o quarto como um quarto em que não dá para fazer nada, com um colchão duro uma cama de pedra, muito fechado e que quando entram são metidos neste quarto, a moral vai abaixo e pensam logo que estão feitos.</p>	<p>Sentimentos de solidão, desmotivação, descontentamento.</p>
<p><b>E: Tu antes de entrares no centro, já tinhas alguma vez ouvido falar dos centros, o que é que seria?</b></p> <p>P2: Já, já tinha ouvido falar mas passava-me ao lado, não queria nem saber</p>	<p>P2 revela já ter ouvido falar dos centros, mas não quis saber.</p>	<p>Manifestou despreocupação.</p>
<p><b>E: E quando entraste, achaste que o que te diziam era igual, o que na realidade se passava?</b></p> <p>P2: Para mim, não tiveram possibilidade de dizer grande coisa, porque se me falassem disso eu nem</p>	<p>P2 revela que não tiveram oportunidade de dizer grande coisa, porque não</p>	<p>Despreocupação, desinteresse, face ao que lhe haviam dito dos centros educativos.</p>

queria saber, dizia ah tá bem não me interessa...	queria saber nem lhe interessava..	
<b>E: Porque é que tu não querias nem sequer saber?</b>  P2: Porque não metia a hipótese de eu vir para cá	P2 não metia em hipótese ir para o centro.	Inconsciência.
<b>E: E quando soubeste que vinhas para aqui para ti como é que foi?</b>  P2: Eu não soube, eu só soube logo quando vim.	P2 só soube quando veio.	
<b>E: Tu no dia em que vieste, foi no dia em que soubeste que vinhas?</b>  P2: Sim, eu tinha uma vaga ideia, porque tinha um mandato, e esse mandato pelo menos um era para cá, só que pah, não quis não quis dar importância...	P2 tinha vários mandatos e pelo menos um deles era para o centro, mas não quis dar importância.	Desvalorização da sua situação.
<b>E: E então no dia em que vieste como é que te sentiste, como é que ficaste?</b>  P2: Fiquei muito em baixo, fiquei a tentar preparar uma coisa não sei, uma fuga, não sei (ri-se)	P2 afirma que ficou em baixo e tentou preparar uma fuga.	Sentiu o primeiro dia como insatisfação, ambivalência.
<b>E: Quiseste fugir daqui?</b>		

<p>P2: Eu quis, mas quando eu cheguei aqui e vi uns grandes matolões, não sei, mudei um pouco de ideias, só que ya é tipo é complicado ya..</p>	<p>P2 afirma que quando chegou viu uns matolões e mudou de ideias, dizendo ser complicado.</p>	<p>Sentiu medo, dificuldade, reconhecimento da autoridade.</p>
<p><b>E: Então esses três primeiros dias, não foram muito fáceis, o que é que tu fizeste?</b></p> <p>P2: Eu ainda dizia o que não fiz... Porque eu não comia, não dormia, não, não sei, não consegui fazer nada...</p>	<p>P2 revela que não fez nada, não comia, não dormia, não conseguia fazer nada.</p>	<p>Sentiu uma negação, funcionamento afecto.</p>
<p><b>E: Não comias? Porquê?</b></p> <p>P2: Porque não conseguia, não dormia, porque primeiro foi tipo como eu já tinha dito, foi uma coisa de nós estarmos habituados a uma vida, uma rotina e isso, depois os vícios também de tabaco de drogas e que não ajudou, não ajudou muito e, e por causa disso fiquei uns dias ainda a passar mal sim...</p>	<p>P2 revela que não conseguia dormir porque estava habituado a uma rotina a uma vida, os vícios do tabaco e das drogas também não ajudou, o que fez com que ficasse uns dias a passar mal.</p>	<p>Sentimento de adaptação, dependência, sentimento de mau estar.</p>
<p><b>E: E foi só os três primeiros dias ou foi mais do que esses primeiros dias?</b></p> <p>P2: Pah o que custa mais é a primeira semana, a primeira, as primeiras</p>	<p>P2 revela que as duas primeiras semanas custam</p>	<p>Sentimento de mau estar, habituação.</p>

duas, o resto depois vai-se passando, dia após dia, vai-se passando.	mais, depois o resto vai passando.	
<b>E: Tu apanhaste uma medida de quanto tempo?</b>  P2: Dois anos...		
<b>E: E estás quase a terminar a tua medida?</b>  P2: Falta metade...		
<b>E: Tiveste três meses em cautelar de guarda?</b>  P2: Sim		
<b>E: Como é que foi depois dessas duas primeiras semanas que dizes mais difíceis, como é que foi a tua adaptação aqui no centro?</b>  P2: A minha adaptação foi, foi boa porque eu sou uma pessoa que não dou muito nas vistas, fico tipo no meu canto, tento apreender a ver e, não, não me mostro muito assim, gosto de ficar no meu canto e fui-me adaptando com o tempo e com as pessoas também, fazer amizades ajuda muito, que é para uma pessoa não se sentir sozinho...	P2 manifesta que a sua adaptação foi boa, ficou no seu canto a ver e a apreender, com o tempo foi se adaptando e com as pessoas também, refere que fazer amizades ajuda muito para não se sentir sozinho.	Adaptação favorável, aprendizagem, rede de suporte.

<p><b>E: O que me estás a dizer é que com os teus colegas, o relacionamento com eles ajuda muito?</b></p> <p>P2: Sim..</p>	<p>P2 reconhece os colegas como um meio de ajuda.</p>	<p>Sentida uma rede de apoio.</p>
<p><b>E: E é só com eles ou com mais alguém?</b></p> <p>P2: Depende, eu, o tempo que eu cá estou eu só tenho assim a, pessoas adultas que eu sei que posso falar, eu sei que posso falar com todos, mas que eu tenho confianças, assim com um ou dois, três no máximo, monitores, técnicos não gosto de me abrir assim muito...</p>	<p>P2 refere que tem algumas pessoas adultas para falar, pode falar com todos, mas tem mais confiança com dois ou três monitores, com os técnicos não gosta de se abrir muito.</p>	<p>Sentimento de confiança e de uma rede de suporte. Manifesta-se por ser reservado.</p>
<p><b>E: Nem com a tua técnica tutora?</b></p> <p>P2: Não, não tenho assim uma grande relação...</p>	<p>P2 revela não ter uma grande relação com a técnica tutora.</p>	<p>Ausência de relação.</p>
<p><b>E: Como é que é para ti, a melhor forma que tu tens para me descrever a tua vida aqui no centro? Como é que tu me descreves a tua experiência?</b></p> <p>P2: Para mim é uma experiência boa e má, eu gosto sempre de dizer e pensar que, foi bom por um lado eu ter entrado aqui, e, mau por outro</p>	<p>P2 revela que é uma experiência boa e má, foi bom por lado ter entrado no centro, mau porque deixou a vida a que estava habituado e as pessoas. Menciona que foi bom ter entrado pois senão não iria fazer a escolaridade, não iria apreender muitas coisas e ter outro tipo de</p>	<p>Manifestada uma ambivalência de sentimentos, Sentimentos de aprendizagem, investimento escolar, rede de apoio e incerteza em relação ao futuro.</p>

<p>lado, porque foi mau porque deixei a minha vida a que estava habituado e as pessoas e nem sei o quê.. Essas coisas todas, e foi bom porque senão tivesse entrado aqui, não ia fazer a escolaridade que fiz e que ainda estou a fazer, não ia, pah apreender muitas coisas e ter, ter outro tipo de vida, uma rotina e isso sim é bom e mau, só que aqui apreende-se muito, só que o tempo é que é complicado, porque não passa, o tempo não passa, mas, neste tempo todo pah eu já apreendi muito, fiz amizades e acho que é o suficiente para eu pensar em não, não me meter em aventuras assim tão cedo e isso, e o resto não sei, não sei o que é que poderá acontecer no futuro, não sei.</p>	<p>vida outra rotina. Sendo bom e mau. P2 revela que é complicado porque o tempo não passa, mas já apreendeu muito e fez muitas amizades, apreendeu a não se meter em aventuras tão cedo e em relação ao futuro não sabe.</p>	
<p><b>E: Disseste que o tempo não passa aqui, como assim?</b></p> <p>P2: Porque, porque é verdade o tempo não passa, vou-te dar um exemplo, eu estou em semiaberto eu estou a ir a casa de quinze em quinze dias e eu por exemplo fui a casa neste fim-de-semana passado e agora devo ir não neste, mas, no próximo. E a partir de segunda-feira que é a</p>	<p>P2 refere que o tempo não passa, que agora que vai a casa de quinze em quinze dias e que perto da altura da ida, essa semana parece três semanas a passar, os dias não passam e que refere que está sempre a pensar porque é que nunca mais chega. P2 enuncia também que quando estiver a seis meses do</p>	<p>Manifesta uma Reflexão temporal, e uma intolerância.</p> <p>Questionamento face à passagem do tempo, perto do término da sua medida.</p>

<p>semana que eu vou a casa, essa semana parece três semanas a passar, porque os dias não passam é claro que uma pessoa tá sempre a pensar porque nunca mais chega, nunca mais chega e isso...e quanto mais próximos nós estamos da nossa saída daqui também não muda muito, porque a mim não e falta muito, quando me faltar seis meses também vai demorar muito a passar.</p>	<p>término da sua medida o tempo vai demorar muito a passar.</p>	
<p><b>E: Falaste-me agora ia falar mais à frente, como é que é para ti o ir a casa, sair e saberes que tens de voltar?</b></p> <p>P2: é muito mau, é muito mau porque, primeiro quando temos tempo é pior, por exemplo dão me uma ordem de saída a casa durante um fim-de-semana é muito mau, porque uma pessoa nunca tem a cabeça descansada, não pode, fica sempre com aquela coisa a x horas tenho que, tipo me entregar.</p>	<p>P2 refere como mau o ir a casa e voltar, enuncia que quando tem uma saída de fim-de-semana, é muito mau porque não descansa a cabeça, fica sempre a pensar que a certa hora tem de se entregar.</p>	<p>Sente Insatisfação, Ansiedade, e Receio em ir a casa e saber que tem de voltar.</p>

<p><b>E: Mas tens saído por um período de horas, ou de fim-de-semana?</b></p> <p>P2: Não, Não... tou-te a dar só um exemplo, eu agora tou a sair, eu costumava sair por exemplo no fim-de-semana, tipo vou sábado de manhã e regresso domingo a tarde mas depois fui, fui progredindo e agora tou a ir sexta à tarde e a vir domingo a tarde e pah, e assim já é bom... A primeira vez que fui na sexta-feira, no sábado sabia que ainda tinha o domingo, podia ter a cabeça assim um bocado mais descansada porque sabia que ainda tinha mais algum tempo, é pouco é muito pouco mas é melhor do que cá.</p>	<p>P2 enuncia que agora vai a casa à sexta e volta ao domingo, podendo ter a cabeça mais descansada e que assim já é bom porque ia na sexta ainda tinha o sábado e só vinha no domingo, refere que é pouco mas que é muito melhor do que no centro.</p>	<p>Sente Satisfação por ir mais tempo a casa e faz Comparação com os tempos em que ia menos tempo.</p>
<p><b>E: O que me estás a dizer é que inicialmente quando tu ias sábado e vinhas domingo, ficavas a pensar muito nisso, o que queria dizer que nem aproveitavas o fim-de-semana.</b></p> <p>P2: Sim é mesmo isso, porque estava sempre com a ideia que já tinha na cabeça que olha falta x horas para ir embora não sei quê..</p>	<p>P2 refere que tinha sempre em ideia e na cabeça que faltava x horas para ir embora.</p>	<p>Ansiedade em saber que tinha de voltar.</p>

<p><b>E: E em termos de sentimentos como é que tu me consegues descrever esse ir e voltar e saber que vais num dia, mas que noutro tens de voltar...como é que tu te sentes.</b></p> <p>P2: Uma pessoa fica feliz e contente, isso é normal porque quando chego daqui do centro, só de saber que podemos tar com as nossas coisas, roupas e se apetecer sair, sabemos que estamos livres por pouco tempo mas já é bom, nós ficamos contentes, depois tar com as pessoas de que gostamos e não sei que, na nossa casa e ficamos felizes, eu fico feliz só que depois quando me lembro que falta pouco tempo para voltar ai já começo a ficar mais, mais desanimado e quando chega mesmo a hora de entrar aqui eu tou muito, eu tou completamente...</p>	<p>P2 refere que fica feliz e contente e é normal porque quando sai do centro pode vestir as suas roupas, pode sair e está livre por pouco tempo mas que já é bom, menciona que pode estar com quem gosta e estar na sua casa e que fica feliz, mas que quando se lembra que falta pouco tempo para voltar começa a ficar desanimado, e quando entra está muito desanimado.</p>	<p>Manifesta Felicidade, Poder de escolha, Liberdade, Rede de suporte quando vai a casa e está com quem gosta.</p> <p>Sente Desânimo ao entrar no centro.</p>
<p><b>E: entras aqui já desanimado?</b></p> <p>P2: Sim</p>		
<p><b>E: Agora falaste-me que tinhas mais liberdade nesses fins-de-semana, aqui sentes que não tens liberdade?</b></p>	<p>P2 em relação a liberdade dentro do centro refere que não tem pois estão sempre a ser controlados parecendo que não</p>	<p>Sente Condicionamento, Desconfiança e falta de Reconhecimento, por alguns monitores.</p>

<p>P2: Não, aqui não porque estamos sempre a ser controlados tipo parece que não confiam em nós mesmo os rapazes de semiaberto, as pessoas tipo os monitores e isso tão sempre em cima de nós, às vezes esquecem-se que nós vamos a casa e que tipo temos responsabilidades e que temos vidas normais lá fora, porque está sempre a controlar está sempre em cima de nós, não sei quê... Eu sei que tem de ser, mas às vezes esquecem-se um bocadinho que nós também, que nós andamos a ir a casa e que já estamos noutra patamar.</p>	<p>confiam neles, menciona que os monitores estão sempre em cima e que se esquecem que vão a casa, que tem responsabilidades e vidas normais lá fora, P2 refere que sabe que tem que ser mas que as vezes os monitores esquecem-se que já vamos a casa e que já estamos noutra patamar.</p>	<p>Autonomia, Crescimento, e Afirmação.</p>
<p><b>E: Vocês para poderem usufruir de idas a casa de férias, já tem de estar numa fase mais evoluída?</b></p> <p>P2: Sim</p>		
<p><b>E: Já passaste algumas férias em casa?</b></p> <p>P2: Não, era para ir umas anteriores em xx, mas, tive um percalço... Não fui, mas agora tou a espera de ir pela primeira vez...</p>		

<p><b>E: Vais este ano de férias... e como é que te sentes em relação a isso?</b></p> <p>P2: Pah tou um pouco com o pé atrás, porque eu agora faltam-me uns dias para passar para a fase quatro, também já devia de ter passado, não passei, faltam-me uns dias e eu não sei como é que vão organizar as minhas férias, porque a saber que são pessoas que organizam a nossa vida e que mexem na nossa vida e não sei quê, sem a nossa opinião sem o nosso consentimento e isso, pah há coisas que eu sei que não vou concordar e sei que tenho que comer, mas como, mas por um lado estou contente mesmo que seja coisas que eu não concorde, dias e coisas assim, prontos só quero ir a casa, são dias para, desde que seja fora daqui não há problema... tá-se bem...</p>	<p>P2 revela estar um pouco pé atrás porque vai passar para a ultima fase que já devia de ter passado e não passou, manifesta que não sabe como vão organizar as suas férias e que são pessoas que mexem na sua vida e organiza tudo sem as suas opiniões e consentimentos, e sabe que há coisas que não vai concordar, revela estar contente mesmo não concordando com algumas coisas não há problema desde que seja fora do centro.</p>	<p>Unidades de significado manifestadas:  Incerteza, Imposição, Revolta por organizarem a sua vida sem opinião, Ambivalência face ao que vão decidir, Satisfação, e Necessidade de rede de suporte por saber que vai sair do centro por um tempo.</p>
<p><b>E: Demonstras-me aqui uma ambivalência de sentimentos, gostas da ideia de ir a casa nas férias mas ao mesmo tempo não gostas como me disseste que não mexam na tua vida...</b></p> <p>P2: Não mas tem que ser, pah a ideia de sair deixa-me feliz sim, pah enquanto</p>	<p>P2 revela que a ideia de sair, deixa-o feliz, e que enquanto estiver no centro</p>	<p>Sente Felicidade, liberdade face ao poder sair do centro.</p>

<p>eu estiver aqui vou ter que, pah vai ter de ser assim...conforme as pessoas querem e as regras e isso, vai ter de ser assim, eu nunca fui uma pessoa que gostasse que se intrometessem na minha vida e nas minhas coisas, e aqui é um sítio que tem de ser, porque como nós somos menores, temos que ter as pessoas tipo responsáveis por nós.</p>	<p>vai ter de ser conforme as regras e as pessoas. Manifesta que nunca gostou que se intrometessem na sua vida mas que no centro tem de ser porque é menor e tem de ter pessoas responsáveis por ele.</p>	<p>Sente retraimento porque nunca gostou que se intrometessem na vida dele.</p>
<p><b>E: Tu falaste-me agora que antes não era assim, como é que era a tua vida anteriormente ao centro, antes de estares aqui como é que era a tua vida?</b></p> <p>P2: Era uma vida pah... não sei como explicar, (silêncio), era assim muito à vontade..</p>	<p>P2 revela que a sua vida era assim muito à vontade.</p>	<p>Liberdade total anteriormente.</p>
<p><b>E: Muito à vontade como assim?</b></p> <p>P2: era muito a vontade, fazia o que queria, basicamente isso.</p>	<p>P2 revela que era muito a vontade que fazia o que queria basicamente.</p>	<p>Liberdade total , ausência de regras.</p>
<p><b>E: Tinhas a liberdade que querias?</b></p> <p>P2: Hum hum</p>		
<p><b>E: E agora essa liberdade?</b></p>		

<p>P2: Agora não tenho quase nenhuma... (silêncio).</p>	<p>P2 revela que agora quase não tem liberdade.</p>	<p>Sente a liberdade Condicionada.</p>
<p><b>E: Ah, da tua experiência aqui o que é para ti mais positivo?</b></p> <p>P2: A escolaridade, tipo nós fazemos, termos oportunidade... E nenhum de nós jovens se não entrássemos aqui, não iríamos fazer a escolaridade, o nono ano, não íamos mesmo... Eu entrei aqui com o quarto ano e não tinha intenções de fazer mais, hoje estou a fazer o nono já..</p>	<p>P2 manifesta como o mais positivo da experiência a escolaridade afirmando que se não entrassem no centro não fariam o nono ano, revela que entrou com o quarto ano e não tinha intenções de fazer mais, hoje está a fazer o nono ano.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P2 valoriza as oportunidades escolares e manifesta um crescimento pessoal.</p>
<p><b>E: Estás a concluir o nono ano?</b></p> <p>P2: Estou a fazer o sétimo, oitavo e nono, já conclui até ao sexto e agora estou quase a metade do curso do nono ano, e eu sei que não fazia lá fora e aposto que ninguém fazia.. porque estavam com outras coisas na cabeça eu acho que isso é o melhor daqui, porque ficamos com formação profissional também, e isso são tipo ferramentas que vão nos ajudar para o futuro e eu espero que, que me ajudem para o futuro senão não estava aqui a ter trabalho...</p>	<p>P2 manifesta que já vai quase a metade do curso do nono ano reconhecendo que lá fora não faria e que ninguém o faria pois tinha outras coisas na cabeça, considerando o melhor daqui a formação profissional e as ferramentas que vão ajudar para o futuro, e espera que isso aconteça para não ser em vão o seu trabalho.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P2 reconhece que anteriormente não concluía a escolaridade, valorização pessoal e escolar, reconhece as aprendizagens.</p>

<p><b>E: Como é que achas que o que fazes aqui em termos de escolaridade te vai ser útil para o futuro?</b></p> <p>P2: Não sei eu pah, eu espero que seja útil, mas quanto melhor eu apanhar, melhor para mim, não significa que eu vá pronto, posso aproveitar a, as formações que tenho e isso mas quero continuar a trabalhar e tirar ainda longe mais as formações nas áreas que eu gosto para eu ver o que é que se pode fazer o que é que se pode arranjar...</p>	<p>P2 revela que espera que as formações sejam uteis, não significando que vá aproveitar as que tem, mas quer continuar a tirar as formações nas áreas de que gosta.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P2 valoriza as formações profissionais fornecidas.</p>
<p><b>E: Tens objetivos futuros no seguimento das formações que estas a tirar aqui?</b></p> <p>P2: hum-hum sim...</p>		
<p><b>E: Para além do mais positivo, o que é que é mais negativo da tua experiência aqui?</b></p> <p>P2: o mais negativo aqui? O mais negativo pah não sei... Aqui não há muito que seja negativo, quer dizer não há nada mais negativo do que nos tirarem a liberdade... Isso é o mais negativo de tudo, mas assim mesmo de</p>	<p>P2 revela como o mais negativo do centro o facto de lhes tirarem a liberdade e manifestando como mau os primeiros dias, porque depois é só rotina.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P2 revela como mais negativo a liberdade condicionada, sente uma insatisfação face aos primeiros dias. Rotina.</p>

<p>negativo não há assim grande coisa, só o que é mau é só os primeiros tempos porque depois uma pessoa habitua-se e já é rotina, é só rotina, dia atrás dia até passado o tempo que estamos agora porque é só rotina...</p>		
<p><b>E: Tu há pouco referiste-me que havia coisas que gostavas menos, como assim?</b></p> <p>P2: por exemplo nós sentirmos que somos sempre controlados, que tipo não temos um pouco de espaço até para ir a casa de banho, não há espaço físico estão sempre em cima de nós tipo parecemos criancinhas, isto também é uma parte má...</p>	<p>P2 refere como uma parte má o facto de se sentir sempre controlado, que não tem espaço até para ir a casa de banho, que não há espaço físico, estão sempre em cima deles como se fossem criancinhas.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P2 refere como mau, a supervisão excessiva, a ausência de espaço físico, provocando – lhe uma angústia.</p>
<p><b>E: sentes que vos tratam como crianças?</b></p> <p>P2: Eu acho que as pessoas que trabalham aqui tem de saber as pessoas responsáveis e as que não são responsáveis porque de facto tem que jovens que parecem umas autenticas criancinhas, mas os adultos tem de saber quem é que são esses jovens e com cada jovem tem de ter uma maneira de trabalhar, de lidar com ele</p>	<p>P2 manifesta que as pessoas que trabalham no centro tem de saber quem são as pessoas responsáveis e as que não são, e que existem jovens que parecem umas criancinhas, mas os adultos devem saber quem são e trabalhar de maneira diferente com eles, porque não são todos iguais, e os adultos devem saber quem</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P2 se Identifica com os outros, demonstra a sua angústia, face ao não reconhecerem a sua autonomia.</p>

<p>de forma diferente, porque nós não somos todos iguais e cada um tem a sua forma de lidar com as coisas e os adultos tem de saber isso e saber quem é mais autónomo e quem não é...</p>	<p>é mais autónomo e quem não é.</p>	
<p><b>E: Sentes que tratam todos de maneira igual, que não tem em questão a individualidade de cada um?</b></p> <p>P2: Alguns e também não é sempre, porque cada um trabalha à sua maneira e tem pessoas que sabem trabalhar corretamente e que sabem fazer as coisas e que quando tem que dar alguma liberdade dão, porque sabem...sabem quem são os jovens autónomos, e sabem que não vamos falhar com eles, se eles também não nos falharem nós também não lhes falhamos.</p>	<p>P2 manifesta que cada pessoa trabalha a sua maneira, e que há pessoas que sabem-lhes dar liberdade porque sabem quem são os jovens autónomos e que não lhes vão falhar se eles também não falharem.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P2 sente que é reconhecida a sua liberdade, autonomia, e depositada confiança.</p>
<p><b>E: A ti sentes que te tratam na tua individualidade ou que te tratam como os outros?</b></p> <p>P2: Depende das pessoas, mas a maior parte dos adultos que estão aqui, porque eu já estou cá a algum tempo, eles me conhecem e ai sabem,</p>	<p>P2 revela que a maior parte dos adultos o conhece e sabem como lidar consigo, sabem que é uma pessoa que está sempre no seu canto e não</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P2 sente reconhecimento, confiança.</p>

<p>sabem as maneiras de lidar comigo, porque sabem que eu sou uma pessoa que não causo muito estralho e que estou sempre no meu canto, e que não faço nada de mal e por isso tratam me assim não é bem individualmente mas sabem, sabem me por a vontade, mas demorou a ganhar...</p>	<p>faz nada de mal, sabem-no pôr a vontade, mas foi algo que demorou a ganhar.</p>	
<p><b>E: Mas agora que tens e que sentes isso como é que é?</b></p> <p>P2: Agora, agora parece que eu quero mais, porque agora demorou a ganhar já ganhei, mas agora já ganhei isso, como estou numa fase mais avançada de semiaberto estou a ir a casa e não sei que... Isso para mim não me basta porque sou semiaberto vou a casa, quando vou a casa tenho liberdade total a cem por cento e a liberdade que me dão aqui não chega comparado com a liberdade que eu tenho lá fora, mas é bom claro que é... Mas não consigo tar a sentir que é muito porque, porque lá fora eu tenho a cem por cento e isso aqui não consigo sentir.</p>	<p>P2 manifesta que quer mais, e que o que tem não basta, porque quando vai a casa tem liberdade total a cem por cento, e a que lhe dão no centro não chega quando comparada a que tem lá fora, afirma que é bom mas que não sente porque lá fora tem a cem por cento e no centro não.</p>	<p>Sente necessidade de mais liberdade, sente a liberdade ainda condicionada.</p>
<p><b>E: como é que tu consegues gerir como me disseste o lá fora cem por</b></p>		

<p><b>cento de liberdade e o aqui dentro nem metade?</b></p> <p>P2: (Silêncio)</p>		
<p><b>E: Tu és dos jovens que já esta aqui há mais tempo... Como é com a entrada de novos jovens... Como é que é a tua relação com eles?</b></p> <p>P2: Pah eu acho que alguns jovens que pah, que quando entram aqui pensam que, pensam que entram e estão onde andavam lá na rua, e que querem, querem tipo, pah querem meter a sua marca querem que é para nós os vermos, querem sobressair e às vezes nós claro também, nós sabemos como é que é porque nos também já fomos novos já entramos aqui e havia outros mais velhos também e tivemos todos que apreender por isso nós deixamos andar até os monitores deixarem, eles tem que andar sozinhos porque o difícil é só os primeiros tempos tem que se adaptar só que há pessoas que se adaptam mais rápido e outras mais devagar e há pessoas que demoram meses para se adaptarem...</p>	<p>P2 revela que os jovens quando entram pensam que estão onde andavam e querem meter a sua marca querem sobressair para eles verem, manifesta que sabe como é que é porque também já foi novo e quando entrou havia outros mais velhos e que tiveram todos de apreender. Revela que o mais difícil é nos primeiros tempos e que eles tem que se adaptar, há uns que se adaptam mais rápido do que outros.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P2 reconhece os primeiros tempos como difíceis, demonstrando a necessidade dos mais novos apreenderem e se adaptarem.</p>

<p><b>E: E tu ajudas nessa adaptação? Tu és um dos jovens de exemplo estás quase na fase quatro, como é que tu te sentes como sendo um exemplo para os outros jovens?</b></p> <p>P2: Eu só ajudo se eu ver que querem ser ajudados porque há pessoas que, há varias pessoas que querem ajudar e eles não querem ser ajudados parece que não querem ou não conseguem, parece que não querem, mas eu não vou ajudar de livre vontade só porque me apetece eu tenho de ver que ele esta se a esforçar e que quer evoluir, tar bem aqui para cumprir a sua medida e ir se embora, se for assim eu ajudo..</p>	<p>P2 revela que só ajuda se vir que querem ser ajudados, porque há varias pessoas que querem ajudar e eles não querem ou não conseguem ser ajudados, manifesta que não vai ajudar de livre vontade só porque lhe apetece, tem de ver que ele se esta a esforçar e quer evoluir, se for assim ele ajuda.</p>	<p>Unidades de significado psicológico onde P2 manifesta uma preocupação em ajudar os outros, mas ao mesmo tempo uma necessidade em ser procurado pelos mesmos, evidenciando uma ambivalência.</p>
<p><b>E: como é que é para ti achas que é importante ser também um apoio na relação com os outros?</b></p> <p>P2: Sim, eu quando entrei aqui eu por acaso tive uma pessoa aqui que conhecia e foi o meu grande apoio.</p>	<p>P2 revela que quando entrou tinha no centro uma pessoa que conhecia que foi o seu grande apoio.</p>	<p>Sentiu uma rede de apoio e de suporte quando entrou no centro.</p>
<p><b>E: Já o conhecias de lá de fora?</b></p> <p>P2: Sim, e depois tive mais uns três, três pessoas que</p>	<p>P2 manifesta que teve três pessoas que ainda estão no</p>	<p>Sentiu uma rede de apoio e de suporte, por alguns</p>

<p>alguns ainda estão cá, que me ajudaram muito e que agora sou como eles que quem precisar de ajuda eu ajudo também</p>	<p>centro que o ajudaram muito e que ele agora é como eles, quem precisar de ajuda ele ajuda também.</p>	<p>colegas, identificando-se com eles.</p>
<p><b>E: As relações que estabeleceste cá dentro como é que achas que vai ser um dia que saias, achas que as levarás contigo?</b></p> <p>P2: Pah isso ai eu já não sei, pah aqui dentro a maior parte são todos uns amigos uns dos outros e dizem todos que lá fora não sei que... Vamos fazer e acontecer... Só que neste tipo de coisas eu só acredito quando eu vir é porque falam muito, as pessoas falam muito. A maior parte eu levarei comigo, algumas coisas e pessoas vão ficar pelo caminho, mas se eu não tenho planos de ter relações lá um dia quando eu sair eu deixo isso que é para saberem, promessas falsas e isso, amigos de interesse isso não preciso, isso já eu tenho muito lá fora não preciso de mais. Pah um dia se me convidarem a sair para um café ou alguma coisa assim e eu vir que essa pessoa de fato não é o que eu pensava ai podemos tentar estabelecer uma relação mas quando eu vir</p>	<p>P2 refere que aqui dentro são todos uns amigos dos outros e que lá fora vão fazer e acontecer, mas que só acredita quando vir porque falam muito. Revela que a maior parte levará consigo mas que algumas coisas e pessoas ficarão pelo caminho, e quando sair deixa isso porque falsas promessas e de amigos de interesse não precisa de mais. Um dia podem beber um café mas se vir que a pessoa não é o que pensava pode tentar estabelecer uma relação, mas quando vir que falha ou tenta, corta logo a relação.</p>	<p>Unidades de significado psicológico relacionadas com desconfiança e reconhecimento.</p>

<p>que me falha ou me tenta falhar ai, ai vou cortar logo..</p>		
<p><b>E: Sentes alguma alteração no teu modo de ser desde que entraste aqui no centro?</b></p> <p>P2: Sim, mudou muita coisa as pessoas lá fora dizem que eu estou completamente diferente porque só o facto de não de não ter vícios tipo ajuda muito e pah e tudo, a maneira de pensar também e essas coisas, porque aqui há muito tempo para pensar e então eu há muito tempo que penso em mim e fico com um pensamento diferente do que eu tinha antes..</p>	<p>P2 refere que mudou muita coisa desde que entrou no centro, que as pessoas lá fora dizem que está completamente diferente, só o facto de não ter vícios ajuda muito, mudou a maneira de pensar também porque tem muito tempo para pensar e pensa nele, ficando com um pensamento diferente do que tinha antes.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P2 refere uma mudança na maneira de ser, um crescimento pessoal, um reconhecimento e ausência de vícios e uma aprendizagem.</p>
<p><b>E: Tu dizes que as pessoas lá fora dizem que tu estás diferente, como é que tu te sentes em relação a isso?</b></p> <p>P2: Eu sinto-me bem sei que mudei, eu sei que estou diferente para melhor, não é para pior, se fosse para pior, mas como é para melhor eu sinto-me bem, até porque estou a evoluir para melhor...</p>	<p>P2 afirma que se sente bem em relação ao que as pessoas dizem, sabe que mudou refere que está diferente para melhor, e como é para melhor sente-se bem, está a evoluir para melhor.</p>	<p>Sente Satisfação pela sua mudança e crescimento pessoal, evidenciando uma evolução positiva.</p>

<p><b>E: O jovem que entrou aqui há um ano e três meses atrás, já não é o jovem que está aqui hoje?</b></p> <p>P2: Não, estou modificado. (silêncio)</p>	<p>P2 Afirma estar modificado.</p>	<p>Modificação/ Mudança.</p>
<p><b>E: E de que maneira é que achas que a tua experiência aqui no centro pode contribuir para o teu futuro?</b></p> <p>P2: Pode contribuir para eu não cair nas mesmas tentações para não voltar ao mesmo modo de vida a perder tempo de vida, com as mesmas pessoas com as mesmas companhias e ao mesmo pensamento de antigamente porque eu sei que aqui é tudo bonito, só que como era dantes, eu posso sair e a minha cabeça pode dar uma volta pode ir parar a mesma coisa por isso não sei posso estar aqui a falar muito e depois chegar lá fora e entrar outra vez sei lá não sei..</p>	<p>P2 refere que a experiência no centro pode contribuir para não voltar as mesmas tentações ao mesmo modo de vida, a perder tempo de vida com as mesmas companhias e pensamentos, revela que aqui é tudo bonito e que pode sair e a cabeça pode dar uma volta e voltar tudo a mesma coisa.</p>	<p>Sente uma aprendizagem, com o centro, revela um medo e receio de voltar ao mesmo.</p>
<p><b>E: Sentes que te podem influenciar?</b></p> <p>P2: influenciar... não sei</p>		

<p>talvez eu por acaso não deixo ser muito influenciado mas pode acontecer, é mais se eu tiver alguma coisa na cabeça ou por um motivo qualquer, um motivo que mexa assim muito comigo e que por exemplo eu vá abaixo e que possa entrar no mesmo estilo de vida de antigamente.</p>	<p>P2 revela que não deixa ser muito influenciado, revela que é mais se tiver alguma coisa na cabeça ou por algum motivo for abaixo e possa entrar no antigo estilo de vida.</p>	<p>Reconhecimento de que não é influenciável, mas revela um medo e receio de se ir abaixo.</p>
<p><b>E: Achas que há algo no teu modo de estar que te possa levar a mesma tentação?</b></p> <p>P2: Sim.. e depois os amigos que temos aqui vamos ver como é que é lá fora, aqueles que dizem que são verdadeiros amigos, só que eu não posso estar a esperar por eles, não posso estar a contar com eles..</p>	<p>P2 refere que os amigos que tem no centro que depois quer ver lá fora, os que dizem ser verdadeiros amigos, mas não pode estar a esperar por eles a contar com eles.</p>	<p>Sente uma rede de suporte no centro, mas uma insegurança em relação a essa rede fora do centro.</p>
<p><b>E: Como assim?</b></p> <p>P2: Querem ajudar querem aparecer tudo bem, mas mais vale pensar negativamente e se der positivo melhor do que pensar positivo e depois ficarmos desiludidos.</p>	<p>P2 refere que eles querem ajudar mas que mais vale pensar negativo e se der positivo melhor do que pensar positivo e ficar desiludido.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P2 refere desconfiança, negativismo, e medo da desilusão</p>
<p><b>E: E os teus amigos lá de fora, em relação a eles como é que tu te sentes?</b></p> <p>P2: Já não tenho amigos,</p>		

<p>eu digo que amigos tenho uns quatro ou cinco, o resto para mim são conhecidos, é tudo conhecidos e tenho muitos há muitos, bastantes conhecidos, só que não contribuem para mim, e ter um amigo que não contribui para mim, não sei, porque amigos é porque nos tem de ajudar não é. Temos de ter uma relação assim de amizade que vamos ganhando essa amizade, só que ter tipo conhecidos e são, isso é pessoas de outra vida passada. Os meus amigos são aqueles que mesmo quando eu estava no mau caminho me quiseram puxar e eu não dei ouvidos, a muitos que não dei ouvidos e qua alguns como eu não dei ouvidos seguiram os seus caminhos eu acho que fizeram bem atão, quiseram ajudar, eu não quis aceitar a ajuda seguiram o caminho deles, só que tenho outros que eu nunca quis a ajuda deles e eles continuaram ao meu lado até eu aceitar e esses são os meus amigos. E depois tenho os conhecidos que não eram amigos de verdade e que claro ajudaram me para o mal também podiam ajudar para o bem mas isso era muito raro era mais para o mal e são esses que</p>	<p>P2 revela que já não tem amigos, tem quatro ou cinco amigos, o resto são conhecidos que não contribuem para ele, e para ele ter amigos é porque nos tem de ajudar, P2 refere que numa relação de amizade vai se ganhando essa amizade, e que os conhecidos são pessoas de outra vida passada. Enuncia que os amigos são aqueles que quando teve no mau caminho o quiseram puxar e não deu ouvidos e seguiram a sua vida, depois há outros que não deu ouvidos e continuam na sua vida. Refere que pessoas há muitas e que amigos pode arranjar facilmente.</p>	<p>Sente uma rede de suporte.</p>
---	---	-----------------------------------

eu quero deixar para trás...Porque se não eram meus amigos antes e não me ajudaram quando eu precisei de ajuda não me ajudaram eu não quero saber. Pessoas há muitas posso arranjar amigos facilmente..		
<b>E: Podes claro que podes...Ficamos por aqui Obrigada pela tua participação</b>		

**Anexo VI - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 3 (P3).**

Transcrição da Entrevista	Unidades de Significado	Unidades de significado psicológico
<p><b><u>E: Em primeiro lugar quero-te perguntar a tua idade?</u></b></p> <p>P3:16</p>		
<p><b><u>E: A tua nacionalidade?</u></b></p> <p>P3: Português</p>		
<p><b><u>E: Quando é que deste entrada aqui no centro?</u></b></p> <p>P3: Dia 31 do 3 de 2017</p>		
<p><b><u>E: Como é que tu viveste os três primeiros dias aqui no centro?</u></b></p> <p>P3: Ah, foi difícil entrar cá, cheguei e não estava habituado a estar sempre fechado, cheguei aqui fiquei logo três dias fechado num quarto é difícil, mas depois habituei-me...</p>	<p>P3 revela que foi difícil entrar no centro que não estava habituado a estar fechado, foi difícil estar fechado no quarto mas depois habituou-se.</p>	<p>Unidades de significado psicológico, P3 refere dificuldades, isolamento face ao estar fechado e habituação.</p>
<p><b><u>E: Como é que foi a tua adaptação depois desses três dias aqui no centro?</u></b></p> <p>P3: Foram normais, não foi assim tão difícil, não</p>	<p>P3 revela que os dias seguintes não foram fáceis</p>	

<p>foi assim tao fácil, foi normal. Fui-me adaptando sozinho.</p>	<p>nem difíceis, que foram normais e foi-se adaptando sozinho.</p>	<p>Sentiu uma Ambivalência face aos primeiros dias, uma adaptação, e solidão.</p>
<p><b><u>E: Foste-te adaptando sozinho, disseste-me agora que não foi assim tão difícil mas também não foi assim tão fácil como assim?</u></b></p> <p>P3: Acho que para outros jovens é mais difícil se adaptarem ao centro, eu não, para mim não foi difícil comecei me a habituar, como se estivesse em casa...mas aqui no centro.</p>	<p>P3 refere que acha que a adaptação é mais difícil para outros jovens, para ele não foi difícil, habituou-se como se estivesse em casa.</p>	<p>Sentiu a adaptação ao centro com facilidade.</p>
<p><b><u>E: Como é para ti viveres aqui no centro?</u></b></p> <p>P3: viver no centro, ah, não é normal, preferia estar em casa com eles, do que viver no centro, ah, o que é mais difícil é por causa de ser sempre a mesma rotina, sempre a fazer as mesmas coisas, é muito secante. Se houvesse assim algumas coisas que muda-se acho que seria melhor passar o tempo aqui.</p>	<p>P3 revela que preferia estar em casa com eles do que viver no centro, enuncia que o mais difícil é a rotina e fazer as mesmas coisas.</p>	<p>Sente insatisfação por estar no centro e por ser sempre a mesma rotina.</p>
<p><b><u>E: Quando tu dizes que não é normal, o que</u></b></p>		

<p><b><u>queres dizer com o não ser normal?</u></b></p> <p>P3: Não ser normal é, há pessoas que, pah não sei explicar, para mim é, eu fui, é normal porque é normal, porque eu fui-me habituando sozinho é normal habituar-me...agora há pessoas que não se conseguem habituar é difícil...</p>	<p>P3 manifesta que foi-se habituando sozinho, sendo normal habituar-se, havendo pessoas que não se conseguem habituar.</p>	<p>Comparação, habituação.</p>
<p><b><u>E: E tu estavas a dizer que é secante por serem as mesmas rotinas, se mudassem as rotinas..</u></b></p> <p>P3: Acho que ficava mais fácil passar o tempo aqui..</p>		
<p><b><u>E: Apanhas-te uma medida de quanto tempo?</u></b></p> <p>P3: Um ano e oito meses</p>		
<p><b><u>E: Como é que te sentes em relação a essa medida?</u></b></p> <p>P3: Acho que foi bem dada, também foi só, uma pequena coisa para abrir os olhos, portanto agora é levantar a cabeça e seguir em frente..</p>	<p>P3 refere que a medida foi bem dada, que serviu para abrir os olhos e agora é levantar a cabeça e seguir em frente.</p>	<p>Reconhecimento, e aceitação da sua medida. Aprendizagem.</p>
<p><b><u>E: Sentes que apreendeste com isso?</u></b></p> <p>P3: Apreendi</p>	<p>P3 revela que sente que aprendeu com a medida.</p>	<p>Aprendizagem.</p>

<p><b><u>E: e como sentes que vai ser esse tempo aqui?</u></b></p> <p>P3: Aqui dentro, acho que eu pelo menos, é acabar o curso e depois conseguir tirar outro, aproveitar ao máximo a escolaridade...</p>	<p>P3 refere que quer acabar o curso, retirar outro e aproveitar ao máximo a escolaridade.</p>	<p>Valorização escolar.</p>
<p><b><u>E: Pensas em lá fora prosseguir com os estudos?</u></b></p> <p>P3: Prosseguir não sei bem, ainda estou indeciso ainda estou a pensar com a minha doutora se vou trabalhar ou se vou continuar a estudar, se eu continuar a estudar vou tirar um curso no Chapitô ou então vou trabalhar..</p>	<p>P3 revela se indeciso quanto ao futuro, se continuará com os seus estudos, se tirará um curso no Chapitô ou se irá trabalhar.</p>	<p>Indecisão em relação ao futuro.</p>
<p><b><u>E: Anteriormente ao centro como é que era a tua vida?</u></b></p> <p>P3: Então não ia a escola ficava em casa, depois ia para a rua ter com amigos, era praticamente isso..</p>	<p>P3 refere que anteriormente não ia á escola, ficava em casa e ia para a rua ter com os amigos.</p>	<p>Absentismo escolar.</p>
<p><b><u>E: E daqui do centro o que é que é mais positivo da tua experiência aqui?</u></b></p> <p>P3: Acho que é a escola, não é tão difícil como lá fora, é a escola e acho que não é mais nada, acho que o melhor aqui é mesmo a</p>	<p>P3 revela como mais positivo da sua experiência a escola e alguns amigos que fazem no centro.</p>	<p>Sente como mais positivo da sua experiência, as oportunidades escolares e a rede de suporte.</p>

<p>escola, a escola e depois alguns amigos que fazemos aqui..</p>		
<p><b><u>E: Agora que falaste nos amigos, como é que foi a tua adaptação com os teus amigos?</u></b></p> <p>P3: No inicio não foi, não falávamos, depois fui falando fui-me adaptando, eles falaram comigo explicaram-me o que eu devia e não devia fazer, eu fui depois falando com eles e agora falamos normal, como se estivéssemos lá fora...</p>	<p>P3 revela que no início não falava com os colegas, mas depois foi se adaptando e eles foram falando consigo explicando o que devia e não devia de fazer.</p>	<p>Sentiu um isolamento, Identificação com os outros, Adaptação, Rede de suporte/apoio.</p>
<p><b><u>E: Há pessoas aqui que sentes que vais guardar um dia quando saíres?</u></b></p> <p>P3: Acho que sim, uma ou duas, de resto o resto é são mais umas pessoa que eu encontro.</p>	<p>P3 revela que quando sair levará uma ou duas pessoas consigo.</p>	<p>Sente uma rede de suporte/apoio, identificando-se com essas pessoas.</p>
<p><b><u>E: Falaste da escola como o mais positivo da tua experiência aqui, e o mais negativo?</u></b></p> <p>P3: O mais negativo é, o mais negativo é tar aqui (ri-se) mas temos que aproveitar mas o mais negativo é rotinas, as rotinas são sempre as mesmas de resto são tudo positivo...</p>	<p>P3 refere que o mais negativo é estar no centro mas tem de aproveitar, mas o que é mesmo o mais negativo é as rotinas.</p>	<p>Reconhece como o mais negativo do centro, as rotinas.</p>

<p><b><u>E: o que é para ti o estar aqui dentro?</u></b></p> <p>P3: Então já que estou aqui aproveito ao máximo, mas gostaria de estar lá fora não ter passado por aqui é difícil estar aqui...</p>	<p>P3 refere que já que está no centro aproveita ao máximo, mas que gostaria de estar lá fora e não ter passado pelo centro pois é difícil.</p>	<p>Reconhece as oportunidades, sente dificuldade.</p>
<p><b><u>E: É difícil como?</u></b></p> <p>P3: Por causa da família, a família está lá fora</p>	<p>P3 revela ser difícil devido á família estar lá fora.</p>	<p>Afetividade familiar, Rede de suporte.</p>
<p><b><u>E: E tu tens recebido visitas?</u></b></p> <p>P3: Tenho</p>		
<p><b><u>E: Como é que é para ti receberes as visitas e depois elas voltarem a sair e tu ficares?</u></b></p> <p>P3: Isso é bom tar com a minha família, mas depois tipo sei que é duas horas por semana...acho que fico um bocadinho triste, e já é o habitual, temos que nos habituar.</p>	<p>P3 refere que é bom estar com a família mas que é duas horas por semana e fica um pouco triste, mas é o habitual e tem que se habituar.</p>	<p>Sente satisfação, tristeza, revelando ter que se habituar.</p>
<p><b><u>E: Tu ainda não podes ir fins-de-semana a casa?</u></b></p> <p>P3: Não, nem sei se poderei estar, depende do meu comportamento e se passar para semiaberto sim..</p>	<p>P3 refere que não sabe se poderá ir a casa, que depende do seu comportamento e da sua passagem para semiaberto.</p>	<p>Sente uma dúvida, estando dependente do seu comportamento e atitudes.</p>

<p><b><u>E: Tu neste momento estas no regime fechado?</u></b></p> <p>P3: Sim..</p>		
<p><b><u>E: E dependendo do teu progresso poderás passar para regime semiaberto...</u></b></p> <p>P3: Sim</p>		
<p><b><u>E: E como achas que tem sido o teu comportamento desde que aqui entraste?</u></b></p> <p>P3: Estou-me a portar bem, só ainda tive uma descaída. De resto.</p>	<p>P3 revela que se está a portar bem e que só teve ainda uma descaída.</p>	<p>Reconhecimento.</p>
<p><b><u>E: Sentes alguma alteração no teu modo de estar, por estares aqui no centro?</u></b></p> <p>P3:Acho que sim, mais passivo mais quietinho, antes lá fora era muito mexido não parava quieto, mas há dias que não me apetece fazer nada, só quieto no meu canto.</p>	<p>P3 revela estar mais passivo e quietinho que lá fora era muito mexido, agora tem dias que não lhe apetece fazer nada só quieto no seu canto.</p>	<p>Sente uma mudança, Isolamento.</p>
<p><b><u>E: Agora para terminar de que maneira é que achas que a tua experiência aqui no centro pode contribuir para o teu futuro?</u></b></p> <p>P3: A escola, algumas pessoas, mas há coisas que</p>	<p>P3 refere que a sua experiência no centro pode</p>	

<p>eu apreendi aqui que também posso levar lá para fora..</p>	<p>contribuir para o seu futuro através da escola, de algumas pessoas e algumas coisas que aprendeu.</p>	<p>Valorização escolar, aprendizagens e rede de suporte.</p>
<p><b><u>E: Como por exemplo?</u></b></p> <p>P3: Apreendi coisas aqui nas atividades que tivemos, como apreendi a lidar com os outros, não sei...isso tudo. E posso levar para o futuro apreender a engolir sapos também..</p>	<p>P3 refere que aprendeu coisas nas atividades que tiveram, aprendeu a lidar com os outros e a engolir sapos.</p>	<p>Reconhecimento da aprendizagem, aceitação, e crescimento pessoal.</p>
<p><b><u>E: Então..</u></b></p> <p>P3: Porque há pessoas aqui que acho que falam demais, uma pessoa tem que engolir sapos que é para não estragar aqui nada..</p>	<p>P3 enuncia que há pessoas que falam demais, e que tem de engolir sapos para não estragar nada.</p>	<p>Sente uma confrontação, indignação, e submissão.</p>
<p><b><u>E: Referes-te a teus colegas ou superiores?</u></b></p> <p>P3: A colegas e algumas vezes a superiores tão, não é só, não é só os educandos que falham os superiores também falham e acho que as vezes falham mais do que os educandos, as vezes é como se fossemos só mais uns que passamos por aqui e para alguns, há alguns que se lembram, para outros é só mais uns.</p>	<p>P3 revela que não são só os educandos que falham, que os superiores também falham as vezes até mais do que os educando, refere que as x para alguns parece que são mais uns que passam por ali e que só alguns é que se lembram.</p>	<p>Sente uma confrontação, Injustiça e desvalorização.</p>

<p><b><u>E: Agora que falaste nisto, como é que é a tua relação com a tua técnica tutora?</u></b></p> <p>P3: Sei lá é boa, falo normal para ela, falo bem com ela, ela ajuda-me dá me conselhos...</p>	<p>P3 revela que a sua relação com a sua técnica tutora é boa, que fala bem com ela e que ela o ajuda e dá-lhe conselhos.</p>	<p>Sente uma rede de suporte e ajuda.</p>
<p><b><u>E: A tua relação com os técnicos e com os superiores como é que é?</u></b></p> <p>P3: é normal, só falo, falo com as doutoras todas normal, um bocadinho mais com a doutora, com a minha doutora. Mas com as outras, falo igual é como se fossem minhas doutoras também, e os monitores falo com alguns, e com outros não é como se tivessem a mania por serem adultos, aqui não podemos fazer nada contra os adultos mas tenho uma relação boa com eles, não tenho motivo nenhum para não ter...</p>	<p>P3 revela ter uma relação normal com as doutoras, refere que fala com alguns monitores e que com outros não porque é como se tivessem a mania por serem adultos e que não pode fazer nada contra os adultos, mas tem uma boa relação com eles, não tem motivo para não ter.</p>	<p>Sentimento de superioridade e de uma rede de suporte.</p>
<p><b><u>E: Se pudesses fazer algo a eles farias?</u></b></p> <p>P3: A alguns faria ..</p>		
<p><b><u>E: Lembrei-me agora ainda não tínhamos falado, como é que sentes a liberdade?</u></b></p>		

<p>P3: A minha liberdade é normal, é sempre bom ter liberdade mas de vez em quando fecha-se...</p>	<p>P3 refere ter uma liberdade normal, revela que é sempre bom ter liberdade mas que de vez em quando fecha-se.</p>	<p>Sente satisfação, mas ao mesmo tempo condicionamento.</p>
<p><b><u>E: E como a sentes aqui?</u></b></p> <p>P3: Aqui não tenho liberdade porque estamos completamente fechados, temos alguma liberdade para fazemos algumas coisas que queremos, não é completamente fechado, fechado...</p>	<p>P3 refere que dentro do centro não tem liberdade pois está fechado, mas que tem alguma liberdade para fazer algumas coisas que quer, não é completamente fechado, fechado.</p>	<p>Ausência de liberdade, Ambivalência, Reconhecimento.</p>
<p><b><u>E: Sentes que não estas completamente fechado?</u></b></p> <p>P3: Sim ..</p>		
<p><b><u>E: Obrigada pela tua participação, ficamos por aqui...</u></b></p>		

**Anexo VII - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 4 (P4).**

<b>Transcrição da Entrevista</b>	<b>Unidades de significado</b>	<b>Unidades de significado psicológico</b>
<p><b>E: Em primeiro lugar quero-te perguntar a tua idade?</b></p> <p>P4: 17 anos</p>		
<p><b>E: A tua nacionalidade?</b></p> <p>P4: Brasil, Brasileiro</p>		
<p><b>E: Estás em que regime?</b></p> <p>P4: Fechado</p>		
<p><b>E: De quanto tempo é a tua medida?</b></p> <p>P4: Ao todo de dois anos e meio</p>		
<p><b>E: Quando deste entrada aqui no centro, como é que foi para ti os teus três primeiros dias?</b></p> <p>P4: Frustração, zanga, foi mau os três primeiros dias, mas, habituei-me..</p>	<p>P4 revela que os três primeiros dias foram maus, foram sentidos com raiva e frustração mas que depois habituou-se.</p>	<p>Sentiu os primeiros dias com insatisfação, raiva, frustração, e habituação.</p>
<p><b>E: Quando dizes que foi mau, o que queres dizer com isso?</b></p> <p>P4: Ter que de um momento para o outro</p>	<p>P4 revela que foi mau porque teve de um</p>	<p>Limitações, Supervisão,</p>

<p>viver com regras, com adultos, com orientações com regras principalmente, e, olhares, uma rotina...</p>	<p>momento para o outro viver com regras, com adultos, com orientações, com olhares e uma rotina.</p>	<p>Rotina.</p>
<p><b>E: Não estavas habituado a isso?</b></p> <p>P4: Não</p>		
<p><b>E: Passados esses três dias como é que foi a tua adaptação aqui no centro?</b></p> <p>P4: Inicialmente foram, fora algum tempo desses três dias ainda foi muito difícil para mim, complicado mas ao fim de algum tempo entrei na rotina...</p>	<p>P4 revela que passados os três dias ainda foi difícil e complicado, mas que passado algum tempo entrou na rotina.</p>	<p>Sentiu dificuldade, Adaptação.</p>
<p><b>E: Como é que foi a tua adaptação com os teus colegas com os superiores?</b></p> <p>P4: Em termos de colegas foi bom, eu nunca tive problemas em me adaptar com pessoas mais ou menos da minha idade, agora com adultos foi um pouco complicado e principalmente com alguns em especial..</p>	<p>P4 refere que a sua adaptação com os colegas foi boa, mas, que com os adultos foi um pouco complicado especialmente com alguns.</p>	<p>Sentiu satisfação, uma rede de suporte, Identificação com os outros, adaptação e dificuldade com os adultos.</p>
<p><b>E: Como é que é a tua relação com a tua técnica tutora?</b></p>		

<p>P4: É boa e sempre mais ou menos positiva, teve altos e baixos como tudo mas foi boa, e está a ser boa, e em geral com ela e com toda a gente..</p>	<p>P4 revela ter uma boa relação com a sua técnica tutora, com alguns altos e baixos mas boa com ela e em geral com todos.</p>	<p>Satisfação, Oscilação, Rede de suporte.</p>
<p><b>E: Como é que é para ti viveres aqui no centro?</b></p> <p>P4: É complicado devido a estar muito tempo fechado com muitas pessoas e constantemente sobre avaliação é complicado mas é como tudo tem altos e baixos, mas ainda dá para distrair um pouco e viver tranquilamente por isso..</p>	<p>P4 revela que é complicado viver no centro por estar muito tempo fechado com muitas pessoas e sobre avaliação, tem altos e baixos, mas dá para distrair um pouco e viver tranquilamente com isso.</p>	<p>Condicionamento, Supervisão, Ambivalência.</p>
<p><b>E: Em relação à liberdade como é que a sentes?</b></p> <p>P4: No início foi mais complicado porque eu estava habituado a ter total liberdade e, mas nada que o tempo não resolva, por isso agora já estou conformado com a situação.</p>	<p>P4 revela que ao início foi mais complicado porque estava habituado a ter total liberdade, mas agora com o tempo já está mais conformado com a situação.</p>	<p>Liberdade total, Liberdade condicionada, Aceitação.</p>
<p><b>E: E sentes que aqui a tens?</b></p> <p>P4: Nós temos liberdade, mesmo quando estamos presos fisicamente nós temos liberdade, sempre, psicologicamente podemos pensar no que nós quisermos... Liberdade ao</p>	<p>P4 revela que tem liberdade de pensamento, que podem pensar no que querem mesmo estando presos fisicamente, ao todo nunca lhes tiram a liberdade mas que é</p>	<p>Liberdade de pensamento, Liberdade condicionada, Ambivalência.</p>

<p>todo nunca nos tiram, mas, é também complicado viver sem liberdade...</p>	<p>complicado viver sem liberdade.</p>	
<p><b>E: Aqui dentro onde é que achas que não tens liberdade?</b></p> <p>P4: Por exemplo horários de dormir, horários de comer, horários de comer acho que se engloba mais numa rotina mas mesmo assim é obrigatório, eu não posso dizer não eu não quero comer a esta hora, tenho que ir e fora outras coisas, por exemplo ligar a televisão, só podemos ver televisão à noite e esses detalhes assim que fazem a diferença.</p>	<p>P4 refere que não tem liberdade de escolha face a sua rotina e face as regras impostas.</p>	<p>Liberdade condicionada, Controlo/ Rigidez, Rotina.</p>
<p><b>E: E se tu pudesses alterar, era isso que mudarias?</b></p> <p>P4: Não seria bem isso, há outras prioridades, caso eu mandasse e pudesse alterar existiriam outras prioridades, mas neste caso eu nem mudaria porque, no início eu também não achava correto essas regras, pronto cresci com elas neste tempo todo dentro do centro educativo e conseguir apreender isso tudo e acho que me fez bem entrar numa rotina</p>	<p>P4 revela que se pudesse mudar alguma coisa haveriam outras prioridades para além das regras, as regras cresceu com elas e conseguir apreender a entrar numa rotina e isso acha que não mudaria.</p>	<p>Crescimento pessoal, Reconhecimento, Aprendizagem.</p>

<p>assim, isso eu não mudaria.</p>		
<p><b>E: Falaste agora numa prioridades, que prioridades eram para ti?</b></p> <p>P4: Não sei por exemplo, o centro já tem alguns bons anos até acho que se não me engano são x e pronto tem zonas mais degradadas e por isso como prioridade eu acho que isso seria, agora fora outras coisas, algumas prioridades tipo comida que nos fornecem, ah, não sei algumas coisas assim por exemplo...</p>	<p>P4 refere como prioridades as zonas degradadas do centro, e outras coisas como a comida que lhes fornecem.</p>	<p>Preocupação com o seu bem-estar e dos outros.</p>
<p><b>E: Há pouco falamos na liberdade, tu já tiveste saídas?</b></p> <p>P4: Eu já tive saídas, como regime fechado só tive saídas para tribunais, psp, médico de vez em quando, mas fora isso não tive nenhuma saída, fins-de-semana e ferias ainda não tive porque estou no regime fechado, mas há por exemplo colegas meus que passam a medida toda em fechado, mas eu tive a sorte ou azar, de que quando apanhei mais medida apanhei para semiaberto, ou seja, apanhei a minha primeira medida em fechado tou a</p>		

<p>cumpri-la, e quando a segunda começar estou em semiaberto, pois eu apanhei um ano em fechado e um ano em semiaberto.</p>		
<p><b>E: O que anseias do regime semiaberto?</b></p> <p>P4: Não sei... um pouco mais de a mesma liberdade, porque liberdade ao todo nunca temos mas não sei ter um pouco menos de pressão, um pouco menos de avaliação constante, ah, puder provar também a minha melhoria do regime fechado e por em prática..</p>	<p>P4 anseia no regime aberto um pouco mais da mesma liberdade, porque liberdade ao todo nunca tem, ter um pouco menos de pressão e avaliação constante, e provar a sua melhoria do regime fechado e pô-la em prática.</p>	<p>Sente a sua liberdade condicionada, Sente-se condicionado, Crescimento pessoal, Necessidade de reconhecimento.</p>
<p><b>E: Tu sentes que és sempre avaliado no regime fechado?</b></p> <p>P4: Também em semiaberto são coisas diferentes, são regimes diferentes são maneiras, os monitores tratam de maneiras diferentes, por isso sim exclusivamente em regime fechado sim acho que sim...</p>	<p>P4 revela existir uma supervisão constante no regime fechado.</p>	<p>Supervisão, Autoridade.</p>
<p><b>E: E em relação a tua futura passagem para o regime semiaberto, anseias as tuas saídas ao fim-de-semana? Como é que sentes isso?</b></p>		

<p>P4: Acho que seria positivo até mesmo porque estou há tanto tempo em regime fechado, e poucas vezes vi a minha mãe, porque também sou de longe e gostava, já não sei como é que é a minha cama a minha casa, já não sei como é que é poder andar livremente em casa sem ter de estar a pedir permissão para entrar nas portas ou até mesmo se me der vontade de comer, poder comer algo comer o que bem entender, seria diferente e já nem sei o que é que é isso por isso gostaria de, mais ou menos por em prática... Estou quase a saber, agora esta minha medida em fechado acaba em novembro, e passo para o semiaberto cumprindo mais um ano de medida.</p>	<p>P4 revela que a sua passagem se regime seria positiva, porque está há muito tempo no regime fechado e viu poucas vezes a sua mãe, refere que já não sabe o que é a sua casa e puder andar livremente sem estar a pedir permissão para tudo, se quiser comer algo come, já não sabe o que é isso é diferente e gostaria de por em prática.</p>	<p>Sente necessidade de liberdade, Necessidade da rede de apoio, Necessidade do seu meio envolvente, Sente satisfação pela passagem de regime e por poder ir a casa.</p>
<p><b>E: Agora que estás perto da tua passagem para semiaberto, como é que te sentes, quais são as tuas expetativas?</b></p> <p>P4: Não sei dizer, eu penso que pelo menos como eu já cumpri uma medida de um ano e meio, dois meses que faltam para eu ir para o semiaberto é sinal que já faltou muito mais por isso, mas sim claro tenho sempre aquela ansiedade,</p>	<p>P4 revela que a sua passagem para semiaberto revela que já faltou mais, mas que tem sempre aquela ansiedade de fazer muitas atividades que no centro fazem, e está ansioso por isso, mas que</p>	<p>Sente ansiedade, Reconhecimento das suas limitações.</p>

<p>como é que será puder ir as compras, fazer algo banal, eu não sei, ir a um cinema, ir a um teatro, que aqui fazem muitas atividades dessas, ah, sim estou ansioso por isso, mas, não quero por os cavalos à frente da carroça...</p>	<p>não quer por os cavalos a frente da carroça.</p>	
<p><b>E: Acredito que sim, ah, anteriormente ao centro como é que era a tua vida?</b></p> <p>P4: Eu é assim sinceramente eu não sabia o que eram regras não vivia, quer dizer vivia a base das minhas próprias regras, a base do meu querer, ah, não admitia que alguém mandasse em mim nem que disse-se o que é que eu tinha de fazer e basicamente desde muito novo que eu tomei o controlo da minha vida a cem por cento, sai de casa cedo, arranjei uma própria casa para mim, fiz as coisas que eu fiz para poder ter o dinheiro para as ter e fiz muita coisa errada mas agora esse tempo de fechado deu-me, ah, deu-me uma sensação, não é sensação digamos tipo por exemplo quando nós comemos chocolate constantemente. Esse chocolate não tem muita piada, mas quando</p>	<p>P4 refere que anteriormente ao centro não tinha regras, vivia à base das suas próprias regras, da sua vontade não admitindo que alguém mandasse nele, desde muito cedo que tomou o controlo da sua vida, teve a sua própria casa fez coisas erradas para ter o seu dinheiro, mas agora o tempo no regime fechado fê-lo ver que se fizer sempre a mesma coisa não tem piada, mas, se for de vez em quando, é diferente, revela que deu mais valor as coisas e que ter uma saída para ele é muito bom, sair destas pessoas e andar um pouco é bom e é algo banal sair e dar uma volta, enuncia que dá outro valor as coisas.</p>	<p>Desrespeito pelos outros, Reconhecimento, Satisfação.</p>

<p>comemos uma vez, outra já tem outro gosto diferente já até sabe melhor e é mais ou menos isso, dei valor mais as coisas, por exemplo, uma saída para mim, ter uma saída é bom...muito tempo fechado aqui, sair destas pessoas andar um pouco é bom, e isso é extremamente banal, sair, passear, dar uma volta é, dou outro valor as coisas.</p>		
<p><b>E: Lá fora é banal, mas cá dentro.</b></p> <p>P4: Lá fora é banal, mas cá dentro já não é, é valioso, é bem valioso, quando nos temos a possibilidade de vestir a nossa própria roupa, tipo, dizerem-te veste a tua roupa que vais sair é bom é extremamente bom..</p>	<p>P4 refere que o que lá fora era banal dentro do centro não é, é valioso como a possibilidade de vestir a própria roupa e de sair, revela que é bom extremamente bom.</p>	<p>Valorização, Satisfação.</p>
<p><b>E: Quebrar a rotina?</b></p> <p>P4: Sim é isso quebrar um bocadinho a rotina, nós aqui estamos tão formatados numa certa rotina, que a mínima coisa que saia do programa é bom, por exemplo ir despejar o lixo à rua, fazemos um ou dois dias e quando o fazemos é bom...</p>	<p>P4 refere que se encontram formatados numa certa rotina, que a mínima coisa que saia do programa é bom, como por exemplo ir despejar o lixo a rua, algo que fazem um ou dois dias e é bom.</p>	<p>Rotina, Satisfação.</p>
<p><b>E: E tu pensas que quando saíres aos fins-de-semana como será? O</b></p>		

<p><b>ir e voltar tu pensas nisso?</b></p> <p>P4: Sim, é como fora desta vida aqui do centro, em fechado tenho tido muitos desafios e testes a fazer, e sair num final de semana para casa é bom e ter de voltar, ah, será mais um teste mas isso é uma prova com as pessoas que estão comigo no centro, quando eu sair eu não quero ter problemas nem nada disso, não quero ter problemas com a justiça, já não quero ter tribunais a mandar-me cartas ter que ir comparecer lá, e por isso é mais uma prova, é provar que eu já não quero ter mais essa vida e que pelo sim pelo não eu volto, eu poderia não voltar, poderia ir tipo para casa de alguém, fazer, tipo entrar em fuga.. Isso posso fazer mas não é aconselhável não é aconselhável e nem é bom... Cabe-me a mim escolher.</p>	<p>P4 refere que sair num fim-de-semana para casa é bom e ter de voltar é mais um teste uma provas como tem tido na vida do centro em regime fechado, refere que é uma prova com as pessoas que tem no centro, e que quando sair não quer ter problemas com ninguém nem com a justiça, quer provar que não quer ter mais essa vida e que volta, poderia não voltar ter uma fuga mas não é aconselhável, e nem é bom, cabe-lhe a ele escolher.</p>	<p>Desafio, Crescimento pessoal, Reconhecimento das suas opções.</p>
<p><b>E: Referiste-me agora que estás sobre e testes e pressões. Como assim? Achas que tens mais?</b></p> <p>P4: Não, não é bem a mania da perseguição, mas claro que nós estamos sempre a ser avaliados com notas, e nós constantemente estamos a ser avaliados, se eu agora</p>	<p>P4 revela que estão sempre a ser avaliados, e que se fizer qualquer coisa má leva nota negativa, mas se quiser fazer algo certo leva uma nota bastante positiva, que lhe dá entender que</p>	<p>Sente-se avaliado constantemente.</p>

<p>neste momento fizer qualquer coisa má levo uma nota negativa, se eu mais logo fizer uma coisa errada levo uma nota negativa, a qualquer hora do dia que eu faça qualquer coisa errada eu levo uma nota negativa, e, como também se eu quiser fazer algo certo levo uma nota bastante positiva mas é o que me dá a entender que nos estamos quase 24 sob 24 constantemente em avaliação porque é mais ou menos isso...</p>	<p>estão quase 24 sob 24 horas em avaliação.</p>	
<p><b>E: Sentes que essa avaliação é geral, ou sentes que é mais individualizada para alguns?</b></p> <p>P4: Não isso é uma coisa geral porque como ter, ah, fazer qualquer coisa errada, levar uma nota negativa obviamente que outra pessoa que cometa o mesmo erro também levaria porque nós estamos aqui estamos para apreender e apreender com os nossos erros, ah, penso que é em geral a avaliação, mas, depois isso também é de pessoa para pessoa de monitor para monitor de educando para educando, ah de relacionamento que nós criamos com os monitores, que com um relacionamento com um</p>	<p>P4 revela que estão no centro para apreender com os erros. Manifesta que a avaliação difere de pessoa para pessoa, sendo que existe monitores que deixam passar mais coisas do que outros.</p>	<p>Aprendizagem, Reconhecimento das ações, Reconhecimento da autoridade.</p>

<p>monitor que me dê melhor provavelmente deixaria passar algo, do que prontos do que com um monitor que eu não me dê assim tanto mas em regra geral é para todos...</p>		
<p><b>E: Mas como exemplo, tu se estiveres numa fase mais elevada, sentes que esperam mais de ti?</b></p> <p>P4: Sim isso esperam sempre, sim esperam, porque é, é dá para receber mas esperam sempre qualquer coisa da gente, mas, ah, é por exemplo nós aqui também temos fases, da fase um à fase quatro...um jovem que entre relativamente à pouco tempo e que esteja na fase um se cometer, faça qualquer coisa errada o monitor até dá um aviso ao mesmo tempo pode não dar nada de negativo e se for um jovem que está aqui há muito mais tempo na fase quatro pode tar logo em cima e carimbar logo porque dizem que o nível de exigência é mais alto pedem-nos mais a nós como mais velhos e mais experientes em vida do centro educativo do que a um jovem que acabou de entrar, ou seja, nós temos que não temos mas já quase obrigatoriamente temos mesmo que, que</p>	<p>P4 revelam que esperam mais dele porque está numa fase mais avançada, os jovens que entram na fase um podem receber um aviso não levando logo uma nota negativa, já os da fase quatro os monitores podem estar logo em cima e carimbar, porque o nível de exigência é mais alto, porque são mais velhos e mais experientes em vida de centro educativo do que os que acabaram de entrar, porque já estão no centro a algum tempo já sabem as regras de cor e dar o exemplo é fundamental.</p>	<p>Sente que esperam mais de si,  Maior grau de exigência consigo,  Sente-se como um exemplo para os outros.</p>

<p>cumprir e saber porque não é desde ontem que nós estamos aqui, já estamos aqui a algum tempo, já estamos, já sabemos as regras de cor e salteado e dar o exemplo também é fundamental...</p>		
<p><b>E: Tu estás em que fase?</b> P4: Fase quatro..</p>		
<p><b>E: Já estás na fase exemplar, tu és um exemplo para os outros?</b></p> <p>P4: Para os mais novos sim, eu sou um dos que estou cá a mais tempo.</p>	<p>P4 refere que é um exemplo para os mais novos, porque é um dos que está no centro há mais tempo.</p>	<p>Sente-se um exemplo.</p>
<p><b>E: E como te sentes em relação aos jovens que entram?</b></p> <p>P4: Ah quando eu entrei por acaso, quando era muito novo aqui, na fase um parecia que o tempo não passava, tipo não sei parecia que o tempo tinha congelado era difícil de passar os dias, parecia que um mês não tinha, nunca acabava mas agora eu que me sinto um, um dos mais velhos e com a entrada dos mais novos vejo que o tempo passa relativamente depressa porque por exemplo um jovem que para mim entrou há um tempo entre aspas, a algum</p>	<p>P4 revela que quando entrou parecia que o tempo não passava, parecia que tinha congelado, era difícil de passar e que um mês nunca acabava, mas agora que é um dos mais velhos, e com a entrada dos mais novos, vê que o tempo passa relativamente rápido, dando-lhe uma sensação, que o tempo passa mais rápido e também não pensa tanto no tempo, porque também tem de ter objetivos, e tenta sempre ter um objetivo a curto prazo e a</p>	<p>Sentiu uma dificuldade inicial, Sente uma rapidez temporal, Necessidade de objetivos a curto prazo e a longo prazo.</p>

<p>tempo já passa para a fase dois e eu eu penso para mim fogo esse jovem que entrou ainda ontem já tá quase na fase dois é sinal que passou o tempo e rapidamente e se passou para ele, também passou para mim logo é, dá-me uma sensação que o tempo passa mais rápido, também a verdade é que já não penso tanto no tempo porque também nós temos que ter objetivos e distrairmo-nos com outras coisas, tentamos sempre ter um objetivo a longo prazo e um objetivo a curto prazo e isso também nos distrai do nosso dia-a-dia, é uma boa maneira de fugir à pressão aqui do centro.</p>	<p>longo prazo, que o distrai do dia-a-dia e é uma boa maneira de fugir a pressão do centro.</p>	
<p><b>E: Falaste-me agora dos jovens que entram, como é que é o teu relacionamento com eles?</b></p> <p>P4: Eu tento ajuda-los, mas como eu entrei um pouco revoltado entrei com raiva mesmo tipo da situação, da minha situação de ter entrado no centro educativo, entrei desconfiado das pessoas entrei um pouco apreensivo, por isso é normal que as outras pessoas também entrem assim e eu dou sempre o</p>	<p>P4 revela que tenta ajudar os outros jovens que entram, mas que quando entrou, entrou um pouco revoltado, com raiva de ter entrado num centro educativo, entrou desconfiado das pessoas, muito apreensivo, e acha normal que os outros também entrem assim, refere que dá o benefício da duvida, porque já</p>	<p>Ajuda,  Revolta,  Raiva,  Desconfiança,  Apreensão,  Sente uma preocupação e compreensão do</p>

<p>benefício da dúvida, por exemplo porque eu já passei por isso e se eu vejo que uma pessoa está mais recadada para si, ainda não têm a confiança suficiente para se expor e comunicar com os outros e isso é para mim é dar tempo ao tempo, que depois no futuro há-de de se abrir mais e conversar, ligar-nos e isso por vezes é complicado para alguns jovens que entram também revoltados como eu tinha entrado, mas, dá tempo ao tempo...</p>	<p>passou por isso, se a pessoa está mais recadada para si, para ele é dar o tempo ao tempo, é complicado para esses jovens mas é dar tempo ao tempo.</p>	<p>comportamento inicial dos outros.</p>
<p><b>E: Tu agora disseste-me que entraste com raiva, revoltado como assim? Agora que pensas nisso...</b></p> <p>P4: Porque por exemplo dá no noticiário que houve um acidente de carro e uma pessoa morreu, nós pensamos que pronto acontece aos outros nunca nos acontece a nós, e eu pensava um pouco nisso porque eu fazia muitas asneiras, cometia muitos crimes e isso e eu pensava que prontos não me apanhavam...apanhavam os outros e nunca me apanhariam e quando vi que isso não é bem assim, que não é bem que só acontece aos outros e não nos acontece a nós, ah, fiquei chateado, revoltado</p>	<p>P4 refere que pensa que acontece aos outros e nunca acontece a nós, e ele pensava um pouco nisso, porque fazia muitas asneiras e cometia muitos crimes e pensavam que pronto não o apanhavam, que apanhavam os outros e nunca a ele, e viu que não é bem assim, que não acontece só aos outros, e aí ficou chateado, revoltado, com ele próprio e por saber que teria de passar um tempo específico no centro, que não podia dizer, já cumpri tudo agora vou-me embora, pensou</p>	<p>Revolta com o facto de ter sido apanhado. Revolta das suas ações.</p>

<p>comigo próprio e também pelo facto de prontos saber que teria de passar um tempo específico aqui no centro, que não podia dizer prontos ok já cumpri tudo vou-me embora, e pensei agora vou manipular o meu tempo com o quê...</p>	<p>como é que iria manipular o seu tempo.</p>	
<p><b>E: Se pudesses manipular o tempo de medida manipularias?</b></p> <p>P4: Poderia manipular mas não poderia no início, ou seja, não mudaria até agora não muita coisa, manipularia muita pouca coisa, porque eu apreendi que por mais duro que tenha sido a minha entrada eu apreendi muitas coisas, dei valor a muitas coisas e isso fez-me crescer e por isso eu não mudaria muita coisa..</p>	<p>P4 revela que se pudesse mudar, não mudaria muita coisa porque apreendeu e por mais duro que tenha sido a sua entrada, apreendeu muitas coisas, deu valor a muitas coisas que o fizeram crescer.</p>	<p>Aprendizagem, Valorização, Crescimento pessoal.</p>
<p><b>E: Sentes que já mudaste algumas coisas em ti desde que aqui entraste?</b></p> <p>P4: Sim, ah, eu não tinha, eu não tinha por exemplo uma boa relação com a minha mãe, agora tenho e antigamente eu pensaria que fogo para que eu vou para a escola, vou perder o meu tempo, agora sei que não é bem assim... A escola dá-nos uma base sólida para o nosso futuro</p>	<p>P4 revela desde que entrou que mudou algumas coisas, como a relação com a sua mãe, refere que anteriormente pensava para que vai para a escola e que agora não é bem assim, que a escola dá-lhe uma base sólida para o futuro e sem essa base não é nada, e agora</p>	<p>Mudança, Rede de suporte, Valorização escolar Aprendizagens, Crescimento pessoal, reconhecimento das suas necessidades.</p>

<p>e sem essa base nos somos um zé ninguém e eu pensei, penso agora para mim que eu não quero ser um zé ninguém, quero ser alguém, quero ter uma casa, um carro, uma vida mais ou menos estável e para isso eu tenho que ter uma boa base sólida para o meu futuro e onde é que se adquire isso, nas escolas estudando apreendendo, ah, tirar o nono ano, o decimo segundo de preferência, por isso eu penso de maneira diferente como eu pensava há algum tempo atrás..</p>	<p>pensa que não quer ser um zé-ninguém, quer ser alguém e ter uma base sólida para o seu futuro, e isso adquire-se na escola, estudando e apreendendo, enuncia que pensa de maneira diferente daquela que pensava antigamente.</p>	
<p><b>E: A nível escolar para o teu futuro tu tens planos?</b></p> <p>P4: Tenho alguns planos, algumas expetativas e algumas ideias, ah, tenciono acabar o décimo segundo ano mal saia daqui e caso possa entrar nos cursos que eu tirei aqui no centro que foi o curso de jardinagem e o curso de IRC, que é de computadores poder vir a trabalhar nalguma dessas áreas, já é alguma coisa, já é uma base por isso já não é mau de todo...</p>		
<p><b>E: Ah, da tua experiência aqui o que é que é mais positivo para ti?</b></p>		

<p>P4: Da minha experiência, algo positivo aqui dentro...</p>		
<p><b>E: O que é que é mais positivo, olhando para a tua experiência de estares cá...</b></p> <p>P4: Fora dar valor a certas coisas que eu não dava, detalhes e coisas desse género... ah... a ligação que eu agora tenho com a minha mãe, eu antes não tinha uma ligação, não tinha uma ligação agradável, não, não era muito de falar com a minha mãe não era muito de interagir de conviver e prontos é a minha mãe, já dou outro valor na base do respeito, fala-se, convive-se e prontos é bom agora ter um apoio da parte da minha mãe, que antes eu não tinha, não é porque a minha mãe não mudaria é mesmo porque eu não deixava a minha mãe mudar por isso é quase sempre por causa da relação com a minha família.. Também positivo é a experiência que tenho vivido, pessoas com alguma importância que vem de fora que deram o seu testemunho de vida, falaram, ensinaram-nos coisas que é sempre importante, é uma lição e caso haja alguma coisa no</p>	<p>P4 revela como positivo da sua experiência a valorização de certas coisas que antes não dava, a ligação com a sua mãe que antes não era agradável, enuncia como positivo a experiência com outras pessoas, pessoas importantes que vieram de fora e deram o seu parecer que lhes ensinaram coisas importantes da vida, uma lição de vida.</p>	<p>Valorização, Ligação com a sua mãe, Aprendizagens.</p>

<p>futuro sei que tenho sempre algo para me agarrar, nisso também cresci bastante de pessoas importantes terem vindo cá dar o seu testemunho de vida...</p>		
<p><b>E: Falamos agora do mais positivo, e o que é que é o mais negativo da tua experiência aqui?</b></p> <p>P4: O mais negativo, ah, alguns baixos que tive aqui no centro, por exemplo no início não queria relação com certos monitores entrei em conflito, ah, e negativo foi o facto de logo não ter aproveitado as minhas oportunidades que tinha para aproveitar e tar ainda em incumprimento isso acho que foi o ponto mais negativo que tive no centro.</p>	<p>P4 revela como negativo da sua experiência alguns baixos que teve no centro, como o seu inicio quando não quera relação com alguns monitores e entrou em conflito, negativo também o não aproveitar as oportunidades que teve por estar em incumprimento.</p>	<p>O conflito com alguns monitores,</p> <p>O incumprimento e com isso o não aproveitamento das oportunidades.</p>
<p><b>E: Sentes que houve alguma alteração no teu modo de ser e estar desde que entraste aqui no centro?</b></p> <p>P4: Sim...</p>		
<p><b>E: A última pergunta é... De que maneira é que achas que a tua experiência aqui te pode ajudar para o futuro?</b></p>		

<p>P4: A primeira coisa que me aparece logo à cabeça é por exemplo a escolaridade, a esta altura se eu estivesse na rua não tinha completado nem sequer o nono ano, isso é algo muito bom que levo daqui do centro, formações, ah, e mesmo as experiências, que eu aprendi aqui, saber viver em sociedade, a saber acatar as regras, ah, a ter uma rotina, principalmente uma rotina que é bom e só pelo facto que também de não consumir drogas, ah, estar livre desse mundo, ah, tentar conhecer pessoas no local de trabalho ou outro tipo de pessoas que não estejam ligadas com drogas e crime e isso é muito bom..</p>	<p>P4 refere que a sua experiência no centro o pode ajudar em relação à escolaridade, refere que se nesta altura estivesse na rua nem o nono ano concluíra, enunciando que é algo bom que levo do centro como as formações, as experiências que aprendeu, aprendeu a saber viver em sociedade a acatar regras e ter uma rotina.</p>	<p>Valorização escolar obtida no centro, As experiências de vida partilhadas no centro, A aceitação de regras, Sente como bom o facto de ter uma rotina.</p>
<p><b>E: Agora o que é que achas em relação a esse mundo e como pensas que irás reagir com os teus amigos que estejam ligados a esse mundo?</b></p> <p>P4: Não sei como é que será ao certo mas sei que eu tenho amigos eu tenho conhecidos, e se eu quero seguir os meus objetivos e tenho os meus princípios tenho que afirmar-me perante as pessoas que possam aparecer no meu caminho e tentar não me</p>	<p>P4 revela que não sabe como será, mas refere que se quer seguir os seus objetivos tem que se afirmar perante as pessoas e não se deixar influenciar a ir para maus caminhos, ou então está outra vez no mundo da droga, enuncia que tem que ser firme e a</p>	<p>Sente que se deve afirmar perante as pessoas para não ir para maus caminhos, Sente que manter uma rotina torna tudo mais fácil, Negação e evitação dos maus caminhos.</p>

<p>influenciar a ir para maus caminhos, ou estou outra vez a agarrar-me nesse mundo da droga, mas eu tenho de ser firme e dizer que não, e tentar aproveitar ao máximo, tentar conhecer outras pessoas, conviver com outras pessoas, tentar não cair na tentação e principalmente manter uma rotina, se eu manter uma rotina na rua fora daqui do centro é muito mais fácil para mim de negar essas coisas e evitá-las por isso uma coisa chave para não cair em tentações é saber dizer não e ter uma rotina...</p>	<p>aproveitar ao máximo para conhecer e conviver com outras pessoas, e principalmente manter uma rotina fora do centro, pois se a manter é muito mais fácil para ele negar essas coisas e evitá-las, é essencial ter uma rotina.</p>	
<p><b>E: Há pessoas aqui com as quais tens contato que pensas manter um dia quando saíres?</b></p> <p>P4: Sim essas pessoas principalmente monitores, e também alguns educandos que me ajudaram bastante para eu crescer, para me fazerem crescer e isso, e também fora o tempo que tou e que ainda vou estar aqui dentro não é um ou dois dias, chega a ser anos logo é impossível eu não criar uma relação e por mais que eu diga que não, essas pessoas eu nunca vou esquecer por isso acho que seria bom ter lá fora, ter as</p>	<p>P4 refere que pensa continuar a manter contacto com monitores e alguns educandos um dia que saia, pois ajudaram-no bastante para que crescesse e também o tempo que ainda vai estar no centro não são dias, mas anos e é impossível não criar relações e por mais que negue essas pessoas nunca vai esquecer e refere que seria bom ter lá fora as relações que tem no centro, refere que se não tivesse</p>	<p>Sente apego a alguns monitores e educandos,</p> <p>Rede de suporte,</p> <p>Reconhecimento da sua passagem pelo centro como uma oportunidade uma mais-valia,</p> <p>Gratidão para com as pessoas do centro.</p>

<p>relações que eu tenho aqui dentro, podia esquecer, era uma opção minha mas seria muito egoísta da minha parte porque essa pessoa ajudou no meu presente no meu dia-a-dia a crescer, e por mais que tenha feito qualquer coisa de desagradável, que eu não tenha gostado, sei que foi para me fazer crescer logo seria muito egoísta da minha parte se eu opta-se por simplesmente esquece-las...tipo dizer ok já sai do centro educativo já não tenho nada a ver com isso, não porque daqui a uns dez anos eu posso não me lembrar corretamente como eram as coisas aqui, mas terei sempre um leve pensamento, aiii, já tive num centro educativo e prontos também olha ai já conheci essa e essa pessoa que me ajudaram e seria muito egoísta da minha parte, se não fossem essas pessoas se eu nunca tivesse conhecido este centro educativo, se eu nunca tivesse dado entrada a esta hora eu teria continuado a fazer os mesmos delitos que eu fazia a consumir mais drogas do que habitualmente consumia e a esta hora já podia estar preso, já podia estar morto ou ainda podia estar a espera de qualquer coisa</p>	<p>conhecido estas pessoas, um centro educativo poderia estar morto ou preso ou ainda estar a espera que algo acontecesse, enunciando que é muito difícil não pensar no centro em si.</p>	
--	---	--

<p>assim má que me acontecesse por isso é muito difícil não pensar nisso, no centro em si...</p>		
<p><b>E: Achas que se não passasses por aqui a tua vida poderia estar pior do que anteriormente estava?</b></p> <p>P4: Sim, sim sem dúvida, e eu no futuro daqui a dez, quinze, vinte anos posso me vir a lembrar fogo eu podia neste momento não estar aqui, poderia ter apanhado uma overdose, podia estar preso, poderia ter entrado em confusão com alguém num gangue rival ou coisa assim, podia ter levado uma facada um tiro poderia estar morto e fora a desilusão que eu daria à minha mãe e coisas desse género, mesmo como muitos casos que tem havido aqui no centro para mim será sempre uma boa experiência... Porque a vida que eu tinha anterior à entrada ao centro educativo não teria mudado ou porque por simplesmente podia não ter saído dessa vida porque é um ciclo vicioso e quanto mais novos entramos nesse ciclo é muito muito difícil sair dele e por isso quase com toda a certeza teria um final trágico, se não fosse</p>	<p>P4 refere que se não passasse pelo centro a sua vida poderia estar pior do que estava, e que daqui a uns anos pode se vir a lembrar que podia ter apanhado uma overdose, estar preso, ter entrado numa confusão com um gangue, poderia ter levado uma facada ou um tiro, poderia estar morto, e que daria uma desilusão à sua mãe, como muitos casos que tem havido no centro, refere que para ele será sempre uma boa experiência, porque a sua vida anterior a entrada no centro não teria mudado porque é um ciclo vicioso, e se não fosse o centro teria tido um final trágico, se não fosse o centro dificilmente sairia da sua vida e que até agora o tempo dentro do centro muito gratificante mesmo pensando nas coisas menos boas que houveram.</p>	<p>Sente o centro educativo como uma oportunidade de mudança e aprendizagem na sua vida, Receio de desiludir a sua mãe, Sente a sua passagem pelo centro como muito gratificante, Reconhece que sem a sua passagem pelo centro dificilmente mudaria a sua vida, Crescimento pessoal, Centro educativo tomado como uma oportunidade de mudança.</p>

isto aqui dificilmente sairia da minha vida antiga, este tempo aqui até agora foi muito gratificante mesmo pensando em coisas menos boas que houveram...		
<b>E: Ficamos por aqui, Obrigada pela tua participação...</b>		

**Anexo VIII - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 5 (P5).**

<b>Transcrição da Entrevista</b>	<b>Unidades de significado</b>	<b>Unidades de significado psicológico</b>
<p><b>E: Para começar eu quero-te perguntar a tua idade?</b></p> <p>P5: 18 anos</p>		
<p><b>E: A tua Nacionalidade?</b></p> <p>P5: Português</p>		
<p><b>E: Como é que foi para ti os três primeiros dias aqui no centro?</b></p> <p>P5: Foi um bocado, foi mau não me consegui adaptar aqui porque não estava nos meus planos vir para aqui</p>	<p>P5 refere que os três primeiros dias foram maus, não conseguiu se adaptar, não estava nos seus planos vir para o centro educativo.</p>	<p>Sentiu dificuldade de adaptação ao entrar no centro, Não planeava entrar no centro.</p>
<p><b>E: Tu não tinhas ideia de que poderias vir para aqui?</b></p> <p>P5: Não eu sabia que tinha de vir para aqui mas não, pensava que não vinha</p>	<p>P5 refere que sabia que vinha para o centro mas pensava que não vinha.</p>	<p>Ambivalência de pensamentos entre saber que vinha e pensar que não vinha.</p>
<p><b>E: Tu quando soubeste como reagiste?</b></p> <p>P5: Eu tive quatro meses fugido e depois me apanharam em casa.</p>	<p>P5 revela que esteve fugido quatro meses e que depois o apanharam em casa.</p>	<p>Vivência de uma situação inesperada.</p>

<p><b>E: E quando te apanharam e tu soubeste que vinhas para aqui como é que vivenciaste essa situação?</b></p> <p>P5: Ah, fiquei, fiquei um bocado assustado e também um bocado, um pouco um pouco curioso de saber como é que era isto..</p>	<p>P5 refere que quando soube ficou assustado mas também um pouco curioso de saber como era o centro.</p>	<p>Manifesta ambivalência de sentimentos entre estar assustado e curioso.</p>
<p><b>E: Alguma vez tinhas ouvido falar de centros educativos, como seria?</b></p> <p>P5: Sim já ouvi falar, mas, não não não sabia como é que era..</p>		
<p><b>E: E passados os três primeiros dias como é que foi a tua adaptação aqui no centro?</b></p> <p>P5: Ah foi alguns, já tava a falar com alguns colegas meus e assim mas mesmo assim estava praticamente na mesma como quando cá cheguei porque foi foi difícil adaptar me aqui no centro...</p>	<p>P5 revela que passados os primeiros dias já falava com alguns colegas mas encontrava-se igual a quando entrou, porque foi difícil adaptar-se ao centro.</p>	<p>Rede de apoio, Sentiu dificuldade de adaptação ao centro.</p>
<p><b>E: Tu falaste agora dos teus colegas, como é que foi estabelecer relação com eles?</b></p> <p>P5: Ah, foi tranquilo, eles (silêncio) mal eu cheguei também quando eu sai a</p>	<p>P5 refere que o estabelecimento de relação com os colegas foi</p>	<p>Rede de apoio favorável, facilidade de relação com os colegas.</p>

<p>primeira vez do quarto falaram normalmente comigo receberam-me bem senti-me também bem ao pé deles e isso..</p>	<p>tranquilo, que falaram normalmente com ele e receberam-no bem, revela que se sentiu bem ao pé deles.</p>	
<p><b>E: E com os técnicos e os outros superiores?</b></p> <p>P5: Sim também, também me receberam bem, super bem deram-me conforto e assim dentro dos possíveis.</p>	<p>P5 refere que os técnicos e outros superiores o receberam super bem e que lhe deram conforto.</p>	<p>Sentiu uma rede de suporte e conforto pelos técnicos e outros superiores.</p>
<p><b>E: Como é que é a tua relação com a tua técnica-tutora?</b></p> <p>P5: É bom, é boa desde que cá entrei já estou mais a vontade para falar com ela das minhas coisas quando me apetecer falar como é óbvio e pronto já falo mais com ela...</p>	<p>P5 revela que tem uma boa relação com a técnica tutora, e que já está mais a vontade para falar com ela das suas coisas.</p>	<p>Técnica tutora sentida como uma rede de suporte.</p>
<p><b>E: Como é que é para ti viveres aqui no centro?</b></p> <p>P5: É um bocadinho difícil, porque tu pronto a partir de um certo ponto já se vai a casa, já comecei a ir a casa mas é sempre difícil estar longe da família, por exemplo eu posso estar longe da família mas estando lá fora eu sei que posso estar com eles quando eu quiser agora quando, se tou cá dentro sei que não posso sair mesmo que aconteça</p>	<p>P5 refere que viver no centro é difícil, mas que a partir de um certo ponto já se vai a casa, e que já começou a ir a casa, mas que é sempre difícil estar longe da família, e que lá fora pode estar longe da família, mas que pode estar quando quiser, agora dentro do centro sabe que não pode sair mesmo que aconteça alguma coisa, e que é difícil estar no</p>	<p>Sente a sua vivência no centro com alguma dificuldade,</p> <p>Dificuldade em estar longe dos seus familiares,</p> <p>Condicionamento da sua liberdade.</p>

<p>alguma coisa sei que não posso sair assim à toa para estar com eles e é mais difícil estar aqui longe deles do que estar lá fora longe, é diferente...</p>	<p>centro longe da família do que estar fora do centro.</p>	
<p><b>E: Tu entraste em que regime?</b></p> <p>P5: Semiaberto</p>		
<p><b>E: Apanhaste uma medida de quantos anos?</b></p> <p>P5: dois anos</p>		
<p><b>E: E tu já vais a casa?</b></p> <p>P5: Sim agora já estou a ir</p>		
<p><b>E: E como é que é para ti, como é que tu vivências a experiência de ir a casa, o sair e depois voltar?</b></p> <p>P5: O ir sempre ansioso, o ir assim estou sempre ansioso, estou sempre ansioso para ir, sinto-me bem como é obvio, sinto-me bem em casa com a minha família, ah depois pronto quando é para voltar, no dia em que é para voltar tou sempre ansioso porque eu tenho de voltar e assim ah é um bocado de sacrifício porque sei que tenho de voltar, eu tenho sempre no meu pensamento que</p>	<p>P5 revela que o ir a casa é sentido sempre como ansioso, sente-se bem em casa com a sua família, o voltar para o centro é também ansioso e é um sacrifício porque tem de voltar e tem sempre no seu pensamento que tem de ir mas que também tem de voltar.</p>	<p>Ansiedade sentida face à sua ida a casa,</p> <p>Sacrifício e ansiedade em voltar para o centro.</p>

<p>tenho de ir mas que também tenho sempre de voltar..</p>		
<p><b>E: Anteriormente ao centro como é que era a tua vida?</b></p> <p>P5: Ah, como é que eu era antes do centro ah, por exemplo o que eu fazia no meu dia-a-dia era só tar com os meus amigos, tar sempre na rua, tar sempre em casa dos meus amigos quase que não parava em casa, não ligava, muitas vezes não ligava aos meus pais nem quando eles me disseram, quando eles me diziam para ir à escola, para eu deixar as companhias que eu andava e assim, só que não ligava a isso, era não tava bem. Não tinha uma vida tinha uma rotina que não era muito aproveitador, não se aproveitava muito. Não era a melhor forma, mas na altura pronto eu achava né, mas agora vejo que não era uma rotina boa para mim.</p>	<p>P5 refere que anteriormente ao centro no seu dia-a-dia estava só com os seus amigos, sempre na rua ou em casa deles, que quase não parava em casa, muitas vezes não ligava aos seus pais nem quando eles diziam para ir a escola ou deixar-se das companhias com que andava, não tinha uma rotina, não era a melhor forma mas na altura achava que sim, hoje vê que não.</p>	<p>Despreocupação com o que lhe diziam, Desobediência as figuras paternas, Ausência de uma rotina, Reconhecimento de que a sua vida anterior não era a melhor.</p>
<p><b>E: Agora olhando para trás achas que não era normal a tua rotina?</b></p> <p>P5: Sim</p>		
<p><b>E: Pensas que houve alguma mudança em ti,</b></p>		

<p><b>na pessoa que és desde a tua entrada aqui no centro?</b></p> <p>P5: Sim, eu não digo desde que entrei para o centro, eu simplesmente aqui tenho que cumprir regras mas a pessoa que era não mudei, foi só, apreendi a ver certas coisas de outra outra maneira mas a minha pessoa que eu era lá fora continua a ser, só por vezes não posso ser aqui dentro, porque tenho regras para cumprir, ah, mas é claro que a vida que eu tinha lá fora em si não, um dia que eu sair não não quero voltar a ter porque não é boa para mim..</p>	<p>P5 refere que houve uma mudança nele, mas não desde que entrou para o centro, revela que no centro tem que cumprir regras mas a pessoa que era não mudou, apreendeu a ver certas coisas de outra maneira, mas a pessoa que era lá fora continua a ser a mesma, só que por vezes não pode ser dentro do centro pois tem regras para cumprir, enuncia que a vida que tinha lá fora um dia que saia não quer voltar a ter porque não é boa para si.</p>	<p>Ambivalência de sentimentos, Resistência ao seu crescimento pessoal, Aprendizagem dentro do centro, Sente que tem dentro do centro uma obrigação em cumprir regras, Reconhecimento de que a vida que levava não era a melhor para si, Crescimento pessoal.</p>
<p><b>E: Falaste agora das regras que tens cá dentro como é que tu vives com elas?</b></p> <p>P5: Ah eu agora já estou habituado a cumprir as regras daqui por isso já é rotina, ao início era um bocado difícil porque também não tava habituado e eu sou um bocado explosivo e assim e então às vezes diziam me para cumprir e eu não cumpria e depois dava porcarias..</p>	<p>P5 revela que já está habituado a cumprir regras do centro e que por isso já é uma rotina, mas que ao início era difícil porque não estava habituado e é um pouco explosivo e as vezes diziam-lhe para cumprir e ele não cumpria e depois dava porcarias.</p>	<p>Adaptação às regras do centro, Impulsivo, Sente que ao início confrontava as regras que lhe eram impostas no centro.</p>

<p><b>E: Em relação à liberdade, o que é que tu pensas da tua liberdade?</b></p> <p>P5: Aqui dentro do centro?</p>		
<p><b>E: Sim</b></p> <p>P5: Eu acho que eu, vou falar pelo, no geral pelos meus colegas de semiaberto acho que nós devíamos ter mais liberdade pelo facto de que tamos no semiaberto devíamos de ir mais vezes a casa, devíamos de ter mais oportunidades para estar com a nossa família para ter mais liberdade não só aqui dentro do centro, mas também lá fora..</p>	<p>P5 revela que ele e os seus colegas do regime semiaberto deviam ter mais liberdade por estarem no semiaberto, que deviam de ir mais vezes a casa, ter mais oportunidades para estar com as suas famílias, ter mais liberdade não só dentro do centro como também lá fora.</p>	<p>Sente a sua liberdade condicionada, Identificação.</p>
<p><b>E: Sentes que tens alguma cá dentro do centro?</b></p> <p>P5: Sim, sim tenho, sim sinto que tenho...</p>	<p>P5 sente que tem alguma liberdade dentro do centro.</p>	<p>Liberdade</p>
<p><b>E: Hum-hum, Da tua experiência aqui do centro o que é que sentes que é mais positivo para ti?</b></p> <p>P5: É tirar a escola e assim, é conseguir tirar, chegar ao nono ano que eu não consegui fazer lá fora e queria fazer aqui dentro para quando chegasse lá fora ou continuar a estudar</p>	<p>P5 refere como mais positivo da sua experiência conseguir tirar o nono ano, que lá fora não conseguiu fazer, para que quando sair arranjar emprego ou continuar a estudar,</p>	<p>Valorização escolar, Indecisão,</p>

<p>ou então arranjar emprego, outra coisa também é poder acalmar um bocado, porque eu sou um bocado explosivo então como tenho que cumprir regras tenho tem que ser a combinar com essa sensação de responder e assim, então acho que isso é bom para mim, lá fora, lá fora nós temos que nos adaptar e temos que nos controlar as vezes em certas situações e aqui é onde nós nos preparamos para isso...</p>	<p>enuncia como positivo o facto de poder acalmar um pouco porque é um pouco explosivo e como tem de cumprir regras isso é bom, porque lá fora tem que se adaptar e tem que se controlar em certas situações e sente que dentro do centro preparam se para isso.</p>	<p>Crescimento pessoal.</p>
<p><b>E: Sentes que te estás a preparar para te controlares, que aqui te ajudam a controlares-te?</b></p> <p>P5: Sim, Sim</p>		
<p><b>E: E o que é que é mais negativo da tua experiência aqui?</b></p> <p>P5: É tar aqui dentro, é ter que estar longe da minha família, longe de onde eu moro, não, não puder quando querer estar com a minha mãe ou assim, tar em casa é isso..</p>	<p>P5 refere que o mais negativo da sua experiência é o facto de estar longe da sua família, não puder estar com a sua mãe, ou em sua casa.</p>	<p>Necessidade do apoio familiar, Sofrimento por estar longe da sua família.</p>
<p><b>E: Já falamos de um certo modo aqui, mas tu sentes alguma alteração no teu modo de ser por estares aqui?</b></p>		

<p>P5: Não muito, sinto que estou um bocado mais calmo e, e vejo algumas coisas de outra maneira que antes não via mas de personalidade e assim acho que não mudei, a pessoa que entrei será a pessoa que vai sair..</p>	<p>P5 revela que não mudou muito na pessoa que é por estar dentro do centro, refere que está um pouco mais calmo e que vê algumas coisas de outra maneira que antes não via, mas a pessoa que entrou será a pessoa que irá sair.</p>	<p>Resistência à sua mudança, Reconhecimento que vê algumas coisas de outra maneira, Ambivalência de sentimentos.</p>
<p><b>E: E agora para terminar, de que maneira é que achas que a tua experiência aqui no centro pode contribuir para o teu futuro?</b></p> <p>P5: A minha experiência aqui pronto vai-me ajudar a acabar a escola que é uma coisa boa que se calhar lá fora não conseguia porque eu não ia a escola lá fora, não ia de maneira nenhuma à escola, vai-me ajudar a ganhar uma rotina, a levantar cedo, ah, pronto coisas básicas do dia-a-dia que não fazia lá fora, e que apanhei o hábito de fazer aqui dentro e para fazer lá fora...</p>	<p>P5 revela que a sua experiência o vai ajudar a acabar a escola, e que o vai ajudar a ganhar uma rotina, a fazer coisas básicas que apanhou o hábito de fazer no centro e lá fora não faria.</p>	<p>Valorização escolar, Sente que o centro o ajudará a ter uma rotina. Reconhecimento da rede de suporte, Habituação.</p>
<p><b>E: Como é que tu lidas com essa rotina?</b></p>		

<p>P5: É bom, é bom porque sinto-me uma pessoa normal, uma rotina normal como com as outras pessoas..</p>	<p>P5 refere que se sente uma pessoa normal, com uma rotina normal.</p>	<p>Sente com satisfação a rotina.</p>
<p><b>E: Como é que tu vives aqui a questão do tempo?</b></p> <p>P5: Epah isso é uma pergunta um bocado difícil de responder, eu já tou aqui há X meses e quando olho para trás passou rápido mas enquanto não passa parece que custa muito a passar mas agora que olho para trás parece que foi rápido sim digo que foi rápido, ao inicio custava-me muito mais porque tinha aquela ansiedade em ir a casa e atingir os objetivos que tinha para atingir, e é como agora ainda tenho objetivos para atingir que é ir mais vezes a casa e começar mais coisas aqui no centro...</p>	<p>P5 enuncia que quando olha para trás o tempo passou rápido, mas que enquanto não passa, parece que custa muito a passar, que ao inicio custava muito porque tinha ansiedade em ir a casa e atingir os objetivos que tinha para atingir, enuncia que agora ainda tem objetivos para atingir como ir mais vezes a casa e começar mais coisas no centro.</p>	<p>Dificuldades de adaptação ao centro, Ansiedade.</p>
<p><b>E: Tens conseguido atingir todos os teus objetivos?</b></p> <p>P5: Sim</p>		
<p><b>E: Ficamos por aqui, obrigada pela tua participação...</b></p>		

**Anexo IX - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 6 (P6).**

Transcrição da Entrevista	Unidades de significado	Unidades de significado psicológico
<p><b><u>E: Em primeiro lugar quero-te perguntar a tua idade?</u></b></p> <p>P6: 17 anos</p>		
<p><b><u>E: A tua Nacionalidade?</u></b></p> <p>P6: Portuguesa</p>		
<p><b><u>E: Apanhaste uma medida de quanto tempo?</u></b></p> <p>P6: Quatro anos e meio</p>		
<p><b><u>E: Neste momento encontraste em que regime?</u></b></p> <p>P6: Semiaberto, mas já tive dois anos em fechado</p>		
<p><b><u>E: E quando entraste como é que viveste os teus três primeiros dias aqui no centro?</u></b></p> <p>P6: O meu primeiro dia fiquei tipo assustado, ah, fiquei a pensar várias coisas e depois deixei, comecei a sair do quarto e comecei a ver o centro educativo um bocadinho mais fácil, de uma forma diferente como eu pensava..</p>	<p>P6 refere que no seu primeiro dia ficou assustado, ficou a pensar em várias coisas, depois começou a sair do quarto e a ver o centro educativo de uma forma mais fácil, de uma forma diferente do que pensava.</p>	<p>Sentiu-se assustado quando entrou, Adaptação ao centro.</p>

<p><b><u>E: E o que é que tu pensavas?</u></b></p> <p>P6: É, pensava que, não sei para mim é, como foi a minha primeira vez tar num centro pensava que tinha de partilhar quarto com os meus colegas e é uma coisa que eu não gosto pensava que havia, que batiam aqui as pessoas que maltratavam as pessoas e desde que entrei aqui já pensei, já pensava mais a frente de mudar tudo na minha vida, foi mais fácil...</p>	<p>P6 revela que foi a primeira vez que esteve num centro e que pensava que tinha de partilhar o quarto com os seus colegas, uma coisa que não gosta, pensava também que no centro maltratavam as pessoas, e que desde que entrou já pensava mais a frente já pensava em mudar tudo na sua vida e foi mais fácil.</p>	<p>Retraimento, Sentiu receio em partilhar o quarto com os outros, Pensamento estereotipado do centro, Crescimento pessoal, Necessidade de Mudança.</p>
<p><b><u>E: E isso que tu pensavas do centro educativo, era porque tinhas ouvido falar?</u></b></p> <p>P6: Já tinha ouvido falar de centros educativos porque já tive amigos, mas, nunca me vi nunca me pus no lugar deles, nunca me vi dentro ser parar aqui e imaginar o que e que era um centro educativo viver num centro educativo, nunca pensei nada num centro educativo.</p>		
<p><b><u>E: E quando soubeste para um centro educativo como é que tu reagiste?</u></b></p>		

<p>P6: Epah fiquei triste sei lá não sei...</p>	<p>P6 revela que quando soube que ia para um centro educativo ficou triste.</p>	<p>Reagiu com tristeza quando soube que ia para o centro.</p>
<p><b><u>E: Passados os teus três primeiros dias como é que foi a tua adaptação aqui ao centro?</u></b></p> <p>P6: Foi, Foi normal já tinha já tinha conhecido alguns, algum pessoal aqui que sei lá, acho que eles.... Toda a gente os respeitava e sim e depois eu fui-me dando com os outros normal, respeitava eles eles respeitavam-me e foi assim até hoje...</p>	<p>P6 revela que a sua adaptação foi normal, que já conhecida algum pessoal, que todos os respeitavam e ele foi se dando com os outros respeitava-os e eles respeitam-no.</p>	<p>Adaptação ao centro, Identificação com os outros.</p>
<p><b><u>E: Como é que é o ser normal?</u></b></p> <p>P6:Normal para mim é tipo epah nós vivemos todos no mesmo sítio vinte e quatro sob vinte e quatro, respeitavam o meu espaço eu respeitava o espaço dos meus colegas e ter um ambiente saudável para mim é que pelo menos aqui dentro nós tipo já que a gente não tem liberdade é mais fácil para passar o tempo aqui dentro...</p>	<p>P6 refere que o normal para ele é viverem no mesmo sítio vinte e quatro sob vinte e quatro horas respeitavam o espaço dele e ele o dos seus colegas para terem um ambiente saudável já que não tem liberdade é mais fácil para passar o tempo.</p>	<p>Identificação com os outros, Liberdade condicionada.</p>
<p><b><u>E: Referiste agora que já conhecias algumas pessoas quando chegaste cá?</u></b></p>		

<p>P6: Sim sim..</p>		
<p><b><u>E: Já tinhas cá amigos teus?</u></b></p> <p>P6: Sim.. conhecidos amigos...</p>	<p>P6 refere que quando entrou já tinha conhecidos, amigos no centro.</p>	<p>Rede de suporte.</p>
<p><b><u>E: E isso tornou mais fácil adaptares-te a eles...como é que é o teu relacionamento com os teus colegas?</u></b></p> <p>P6: Não foi difícil, não foi difícil porque eu já, eu conhecer os outros foi mais fácil porque depois eles perceberam que nós aqui dentro somos todos irmãos digamos assim, e epah eu cumprimentava eles, eu respeitava eles até surgirem aquelas conversas como é que foi a tua vida lá fora, o que é que, isso tudo e depois foi assim aqui dentro no centro..</p>	<p>P6 refere que a sua adaptação com os seus colegas não foi difícil porque ele já conhecia alguns colegas o que tornou mais fácil conhecer os outros, porque perceberam que dentro do centro são todos irmãos, enuncia que os cumprimentava e respeitava e assim começaram a surgir as conversas das vidas lá fora e dentro do centro.</p>	<p>Facilidade de adaptação com os colegas, Identificação com os outros.</p>
<p><b><u>E: Hum-hum, se puderes descreve-me da melhor maneira possível como é que é para ti viveres aqui no centro?</u></b></p> <p>P6: Para mim, paqui, para mim viver aqui no centro é uma coisa normal é tipo, é mais para a gente pensar nas coisas que a gente tinha de mal lá fora, o que</p>	<p>P6 revela que para si viver no centro é uma coisa normal, é para pensarem nas coisas de mal que tinham lá fora, e o que fizeram de mal. Refere que</p>	<p>Identifica-se com os outros, Reconhece as suas ações, Sente que lutou muito para o seu crescimento pessoal,</p>

<p>a gente fez mal e aqui no centro muita, digo eu porque já tenho experiência nisso e tou num a fase de semiaberto que eu vou chegar lá fora vou uns tantos dias e eu para poder essas coisas todas eu tive que lutar muito eu tive que mostrar o que é que eu queria desde o inicio da, desde a entrada e para, se for assim se toda a gente pensa-se como eu eu acho que toda a gente conseguia fazer aquilo que queria que pretendia de fazer, por isso para mim isto é muito fácil...</p>	<p>já tem muita experiência nisso e que está numa fase de semiaberto porque lutou muito, mostrou o que queria desde o início desde a sua entrada e que se toda a gente pensa-se como ele, todos conseguiriam fazer aquilo que queriam e pretendiam, P6 enuncia que por isto é que para ele o centro é muito fácil.</p>	<p>Sentiu uma facilidade de adaptação ao centro.</p>
<p><b><u>E: Tu estiveste em regime fechado quanto tempo?</u></b></p> <p>P6: Dois anos</p>		
<p><b><u>E: Cumpriste já metade da tua medida em regime fechado..</u></b></p> <p>P6: Sim em regime fechado..</p>		
<p><b><u>E: E agora diz-me como é que foi para ti viver dois anos no regime fechado, e agora como é que está a ser viver no regime semiaberto?</u></b></p> <p>P6: Foi difícil porque em termos familiares é</p>	<p>P6 refere que viver no regime fechado para ele</p>	<p>Vivência difícil no regime fechado,</p>

<p>complicado, porque a minha mãe está desempregada não vejo a minha mãe já desde o natal passado, vejo os meus primos vejo de vez em quando a minha irmã mais nova e o que passei no regime fechado a mim custa-me porque tou longe da minha família das pessoas mais perto de mim e recebo chamadas de vez em quando, quando dá e em regime fechado para mim é mais é mais complicado porque não tenho vá digamos assim aquela liberdade que eu tenho desde que eu passei para semiaberto e custa um bocado, mas eu tenho tido muita força, eu tive pessoas que me ajudaram muito como os técnicos como os seguranças como as técnicas como a psicóloga e isso tudo, e dá para pensar...</p>	<p>foi difícil em termos familiares, pois não vê a mãe há muito tempo, enuncia que o que passou no regime fechado a ele custa-lhe pois está longe da família, das pessoas que estão mais perto dele sendo mais complicado no regime fechado, refere que não tem aquela liberdade que tem desde que passou para o regime semiaberto e que custa um bocado, mas tem tido muita força e muitas pessoas para o ajudarem desde a psicóloga, os técnicos e que isso dá que pensar.</p>	<p>Liberdade condicionada no regime fechado,</p> <p>Sente que tem mais liberdade com a passagem de regime,</p> <p>Revela muita força,</p> <p>Sente que tem uma rede de apoio dentro do centro.</p>
<p><b><u>E: Como é que é a tua relação com os técnicos, com a tua técnica tutora e com os outros todos?</u></b></p> <p>P6: A minha relação aqui com toda a gente digo eu, penso eu é boa eu respeito toda a gente eu sou, desde que eu entrei o que é que eu pensei... vou evitar aquelas coisas que eu fazia lá fora que era não respeitar as pessoas,</p>	<p>P6 revela ter uma boa relação com toda a gente do centro, refere que desde que entrou que pensou que ia evitar o que fazia lá fora, não respeitar as pessoas, maltratar as pessoas, e que dentro do centro estando fechado</p>	<p>Têm uma boa rede de apoio dentro do centro,</p> <p>Evidência um crescimento pessoal.</p>

<p>maltratar as pessoas e aqui dentro eu estando fechado não respeitar as pessoas não ganho nada atão o que é que eu fiz... Respeito toda a gente, toda a gente me respeita, tenho uma relação, tenho uma boa relação com toda a gente e é mais fácil para mim...</p>	<p>não respeitar as pessoas não ganha nada então respeita toda a gente, todos o respeitam, tem uma boa relação com todos o que é mais fácil para ele.</p>	
<p><b><u>E: E tu sentes que essa mudança que fizeste do lá de fora, cá para dentro, do respeitar como me disseste agora, foi algo que mudaste mesmo em ti, ou é algo momentâneo?</u></b></p> <p>P6: Não porque é mesmo para permanecer em mim, foi mesmo por eu querer mesmo porque acho que é bom, acho que é assim que a gente deve ser, é assim que devemos de educar os nossos filhos daqui a uns anos e pensar naquilo em tudo o que as nossas mães diziam os nossos pais e que a gente não fazia por isso é que a gente está aqui, nós não respeitamos, não ouvíamos os nossos pais porque pensávamos nós que tínhamos, que sabíamos tudo que já sabíamos tudo e que a escola não era nada e hoje eu penso nisso porque já tive várias oportunidades e não, não soube aproveitar e agora tou a aproveitar</p>	<p>P6 refere que a mudança irá permanecer nele, porque é algo que quer e é bom, acha que é assim que devem ser, é assim que devem educar os filhos daqui a uns anos, refere que não ligavam aquilo que os pais e mães diziam e é por isso que estão no centro, enuncia que não respeitavam não ouviam os pais porque pensavam que já sabiam tudo e que a escola não era nada. Hoje revela e pensa que já teve varias oportunidades e que não as soube aproveitar, agora aproveita o que lhe deram para não acontecer o pior, que é ir para a cadeia e estar longe da sua família novamente.</p>	<p>Mudança sentida como positiva, Reconhecimento dos seus erros, Crescimento pessoal, Valorização profissional.</p>

<p>aquilo que me deram outra vez de volta para não acontecer o pior, que é ir para a cadeia e tar longe da minha família outra vez...</p>		
<p><b><u>E: E agora desde dia X que estás no regime semiaberto, há pouco mais de uma semana, falaste na questão da liberdade, como é que tu sentes a liberdade?</u></b></p> <p>P6: Epah como é que eu sinto..</p>		
<p><b><u>E: Tu vais estudar lá fora?</u></b></p> <p>P6: Sim</p>		
<p><b><u>E: É algo novo para ti, como é que pensas nisso, como é que sentes isso?</u></b></p> <p>P6: Eu não sei explicar mas tipo é, eu vou-lhe dizer eu não sei, foi um momento não sei dizer não sei explicar memo..</p>		
<p><b><u>E: O que provoca em ti?</u></b></p> <p>P6: Felicidade porque foi uma coisa que eu, que eu conquistei, que eu queria, que lá fora eu não ligava muito que era a escola, fiquei dois anos sem ir a escola tive o sétimo ano, se não fosse aqui o centro</p>	<p>P6 revela felicidade por ir estudar fora do centro, porque foi uma coisa que conquistou e que queria. Refere que lá fora não ligava muito a escola teve algum tempo sem ir e se não fosse o centro não</p>	<p>Sente Felicidade por estudar fora do centro, Valorização escolar, Valorização pessoal, Reconhecimento do seu crescimento por parte dos outros, Rede de suporte,</p>

<p>eu não concluía o nono, e eu tou a tirar um curso de XXX, é um curso que eu gosto com equivalência ao décimo segundo ano, fico contente por eu estar no curso fico contente pela minha mãe saber e ficar orgulhosa e toda a gente ficar contente por eu passar para semiaberto de ir lá fora, tar de vez em quando se der com os meus amigos com gente nova digamos assim, tenho o meu telefone quando precisar de fazer chamada vai a dez minutos, vinte minutos, aqui é só cinco minutos fico mais tranquilo e é isso..</p>	<p>concluía o nono ano. Enuncia que está a tirar um curso de que gosta com equivalência ao décimo segundo ano. Revela que fica contente por estar no curso, contente pela sua mãe saber e ficar orgulhosa e toda a gente. Agora no semiaberto pode se der estar com os seus amigos, tem o seu telefone para poder ligar durante mais tempo e fica tranquilo.</p>	<p>Sente que no regime semiaberto tem mais liberdade.</p>
<p><b><u>E: Sentes que tens mais...</u></b></p> <p>P6: Mais liberdade vou, vou em vez de a minha mãe gastar dinheiro para vir aqui, eu tenho passe quando me deixarem vou de fim-de-semana ver a minha mãe, vou tar com as pessoas que eu gosto, com as minhas amigas, com os meus amigos, é isso...</p>	<p>P6 revela que sente que tem mais liberdade para quando o deixarem ir ver a sua mãe, estar com as pessoas de que gosta, com as suas amigas e amigos.</p>	<p>Sente se com mais liberdade, para poder estar junto da rede de suporte.</p>
<p><b><u>E: E como é que tu lidas com o sair de manha e depois teres que voltar, sabes que podes sair mas que tens de voltar, como é que lidas com isso?</u></b></p> <p>P6: Lido bem porque,</p>	<p>P6 enuncia que lida bem com o sair e voltar para o</p>	<p>Revela responsabilidade nas suas ações,</p>

<p>porque, porque se me deixassem...imagina que a minha medida acabasse dia doze e eu queria ir para a escola, vou para a escola dois dias e não sei quê, ah mas eu não tenho que ir para o centro, amanhã tenho preguiça não vou para a escola porque, porque não penso eu que ainda não, mas aqui não eu tenho que levantar eles levantam-me cedo, pah tens de ir para a escola, as seis horas tens de estar aqui eu sei, é a mesma coisa que e pah como é que eu vou-lhe dizer torna-se um hábito e depois, porque se não for isso... Muitos colegas meus que saíram daqui hoje em dia ou tão presos ou tão quase a serem presos porque, porque não souberam aproveitar enquanto tiveram aqui, não tinham uma segurança enquanto tavam aqui quando iam estudar quando iam fazer uma saída, sabiam que tinham que voltar ou tentavam fugir ou se, se tivessem na escola iam e chegavam na hora que não era para tar aqui no centro, essas coisas todas... e para mim é bom porque não digo que não se não fosse o semiaberto eu não iria a escola eu vou, vou porque eu quero tirar o décimo segundo ano, porque eu</p>	<p>centro referindo que se a medida acabasse dia doze queria ir para a escola e passado dois dias pensava que não tem de ir para o centro e está com preguiça e não vai para a escola, e no centro tem de se levantar, ir para a escola tem de voltar a x horas e depois acaba-se por tornar num hábito, refere que muitos colegas que saíram estão presos porque não souberam aproveitar enquanto estavam no centro, se tivessem uma saída tentavam fugir ou não chegavam as horas que deviam. Revela que para ele é bom é bom ir a escola e é bom ter alguém a controlar as horas de entrada e de saída.</p>	<p>Tem necessidade em ser controlado, Identificação com os outros.</p>
---	--	--

<p>preciso do décimo segundo ano para a minha vida futura e, e isso ajuda muito aqui no centro, saber que eu tenho que voltar e que eu tenho que ir e que tenho tipo pessoas a me controlar digamos assim..</p>		
<p><b><u>E: É uma segurança que tu tens? E é uma coisa que tu gostas, porque esse curso que estás a tirar foi...</u></b></p> <p>P6: Foi, Foi pelo meu querer foi porque eu gosto e já da muito tempo, eu lá fora se eu continuasse lá fora podia esquecer esta área porquê, não ia a escola, não queria a escola para nada, a escola para mim não era nada e é por isso é que eu, eu estando aqui no centro penso muito assim, porque a escola é muito importante porque eu preciso da escola porque eu preciso das pessoas que estão aqui porque sabem muito, são pessoas mais velhas já tiveram várias experiências com isto com jovens, e eu quando eu oiço as pessoas eu não me posso armar em que eu sei porque eu não sei nada ao pé destas pessoas eu não sei nada e muitas das pessoas que estão aqui pensam assim, não pensam</p>	<p>P6 refere que se continuasse lá fora podia esquecer esta área porque não ia a escola e não queria saber da escola, enuncia que estando no centro é que pensa muito assim porque a escola é muito importante e precisa da escola e das pessoas que estão no centro, porque sabem muito e são mais velhas já tiveram varias experiências com jovens e quando ouve as pessoas não se pode armar em que sabe porque não sabe nada ao pé destas pessoas, e muitas das pessoas que estão no centro pensam que sabem mais do que as que vivem mais do que eles, enuncia que tenta aproveitar ao máximo o centro.</p>	<p>Valorização escolar, Rede de apoio, Aprendizagem com os mais velhos.</p>

<p>como eu pensam que sabem mais do que as pessoas que vivem mais do que eles, e é isso eu tento aproveitar o máximo disto aqui..</p>		
<p><b><u>E: Anteriormente ao Centro como é que era a tua vida?</u></b></p> <p>P6: Era complicado, era complicado eu vivia mais a base de roubos, vivia como eu quisesse não dependia da minha mãe, não dependia de ninguém, dependia de mim próprio e por isso é que eu estou aqui no centro, não, como eu acabei de dizer não ligava a que as pessoas me diziam não queria saber de nada só queria saber daquilo que me vinha à cabeça e é isso.</p>	<p>P6 revela que a sua vida anteriormente ao centro era complicada, vivia a base de roubos como queria, não dependia da sua mãe nem de ninguém, dependia de si próprio e é por isso que se encontra no centro, não ligava ao que as pessoas diziam, não queria saber de nada só queria saber daquilo que lhe ia à cabeça.</p>	<p>Desrespeito pelos outros, Reconhecimento das suas ações.</p>
<p><b><u>E: E sentes que o centro te mudou nesse sentido?</u></b></p> <p>P6: Que me mudou mesmo muito mesmo, não, não sei por mais que tipo, porque eu queria eu vim para refletir tive, tipo tive fechado e pessoas que me ligavam não pude falar para ai desde um ano, fiquei um ano sem falar com os meus amigos só falava com a minha família, fiquei um ano sem falar com a minha melhor amiga e e para mim a</p>	<p>P6 refere que o centro o mudou muito mesmo, que foi para o centro e teve que refletir, teve fechado e não pode falar com as pessoas que o ligavam durante um ano, só falava com a sua família não podia falar com os seus amigos. Revela que a partir do momento que começou a falar com os amigos viu que lá fora era complicado se lá estivesse, e que os</p>	<p>Sente que houve uma mudança em si desde a sua entrada no centro,</p> <p>Sentiu necessidade da rede de suporte,</p> <p>Liberdade condicionada em relação ao poder falar só com os seus familiares e ao facto de estar fechado.</p> <p>Reconhece a necessidade de mudança para se</p>

<p>partir desse momento que eu comecei a falar com eles vi que lá fora era memo complicado se eu tivesse lá e ai eles dão, ajudam me muito e fui pensando mesmo nisso, nos meus amigos que ficaram lá fora que tão naquele ambiente, naquele ambiente tipo vá, aquilo que se passa lá fora hoje em dia eles dizem que se eles se eles soubessem iam estudar mas agora já não dá para estudar, uns não tem documento porque, porque faziam isto e aquilo perderam o documento ou a mãe não renovou a residência essas coisas todas não dá para meter os documento português, ou vendem droga ou roubam as pessoas porque não não tem a escolaridade para trabalhar, não tem idade para trabalhar e ficam assim, é por isso que eu hoje de tudo o que já ouvi desde que eu tou aqui eu ultimamente mudo para quando ter de ir lá para fora não ter estas coisas outra vez de volta...</p>	<p>seus amigos agora com as coisas como estão lá fora lhe dizem que se soubessem tinham ido estudar, mas que agora já não dá. Refere que de tudo o que já ouviu ultimamente, muda para quando tiver que sair do centro não voltar as mesmas coisas.</p>	<p>adaptar ao exterior quando sair do centro,  Crescimento pessoal.</p>
<p><b><u>E: E tu como é que ouvindo isso, agora que me trouxeste isso para aqui, como é que tu pensas um dia quando fores lá para fora, como é que sabendo isso, o que é que tu pensas?</u></b></p>		

<p>P6: Epah o que é que eu penso, penso em ajudar no que eu puder, fazer os possíveis para eles não virem para o sítio onde eu estive ou pior que é a cadeia, ah, dar algumas ferramentas que me deram a mim, para fazer a minha vida melhor e é isso... Ajudar no que for preciso, se for dinheiro, se for trabalho que que, já me desenrasco nisso, já tou habituado para mim é quase o meu dia-a-dia aqui é isso e falar um bocado da minha experiência se não acreditarem é mais ou menos isso é isso...</p>	<p>P6 enuncia que quando sair do centro pensa em ajudar no que puder os amigos, para que eles não irem para um centro educativo ou pior como a cadeia, refere que quer dar algumas ferramentas que lhe deram para fazer a sua vida melhor. Refere que quer ajudar no que for preciso e transmitir um pouco da sua experiência no centro.</p>	<p>Sente necessidade de ajudar a sua rede de suporte, Demonstra necessidade de transmitir aos colegas as ferramentas que lhe deram no centro, Identificação com os amigos, Reconhecimento da sua aprendizagem dentro do centro.</p>
<p><b><u>E: Tu podes sempre referir...</u></b></p> <p>P6: Referir aquilo que eu passei, a minha experiência aqui...</p>		
<p><b><u>E: Da tua experiência aqui o que é que é mais positivo para ti?</u></b></p> <p>P6: Para mim de positivo? É tudo positivo</p>	<p>P6 refere que da sua experiência no centro é tudo positivo.</p>	<p>Satisfação com a sua experiência no centro.</p>
<p><b><u>E: Tu falaste-me de uma mudança, o que é que achas que contribui em termos mais positivos para essa mudança?</u></b></p>		

<p>P6: A escola, as chamadas dos meus amigos, da minha melhor amiga e isso...</p>	<p>P6 revela que o que contribui de mais positivo para a sua mudança é a escola e as chamadas dos amigos.</p>	<p>Valorização escolar, Necessidade da rede de suporte.</p>
<p><b><u>E: E o que é que é mais negativo da tua experiência aqui?</u></b></p> <p>P6: O que é que mais negativo? É acontecerem coisas lá fora com os teus familiares e tu sabes que não podes ir porque estás fechado e tipo ya posso dizer que que já tive no Natal no dia vinte e quatro morreu uma sobrinha minha de dois anos e eu fiquei triste claro no natal eu não pude ir ao funeral não pude fazer nada só falando pela chamada e epah é triste é triste mesmo porque é minha sobrinha é filha da minha irmã e eu tar aqui no colégio sabendo que ela morreu e eu não posso fazer nada não posso ajudar não posso ir ver e epah é uma coisa, é triste é isso...</p>	<p>P6 refere que o mais negativo da sua experiência no centro é o facto de acontecerem coisas lá fora com os seus familiares e não poder ir porque está fechado. Revela que no Natal a sua sobrinha de dois anos morreu e não pode ir ao funeral, não poder fazer nada só falar por uma chamada, enuncia que é triste porque é a sua sobrinha e estão no centro e não poder fazer nada não poder ajudar é triste.</p>	<p>Sentiu a sua liberdade condicionada,</p> <p>Sentiu-se triste pela morte da sua sobrinha,</p> <p>Sentiu-se incapacitado de poder fazer alguma coisa devido ao estar no centro.</p>
<p><b><u>E: Sentes que houve alguma alteração no teu modo de ser e estar por estares aqui no centro?</u></b></p> <p>P6: Muita, muita mesmo...</p>		

<p><b><u>E: Como por exemplo?</u></b></p> <p>P6: (Ri-se), epah tudo, tudo, comportamento, ah, pensamento tudo, tudo mesmo, tudo, formei uma nova pessoa cá dentro, uma pessoa positiva memo...</p>	<p>P6 revela que houve uma alteração no seu modo de estar por estar no centro, refere que houve uma mudança em tudo, no seu comportamento, pensamento e que formou uma nova pessoa uma pessoa positiva dentro do centro.</p>	<p>Revela uma mudança positiva em si,</p> <p>Sente que houve crescimento pessoal, Aprendizagem.</p>
<p><b><u>E: Tu és um dos jovens mais velhos que está cá dentro e agora tens a oportunidade de ir lá fora, face aos novos elementos como ages, o que é que tu fazes?</u></b></p> <p>P6: o que é que eu faço, eu, nós já fomos muito muito poucos aqui e naquele tempo nós como eramos poucos já tavamos aqui há algum tempo já tínhamos uma grande relação e hoje somos doze não tenho uma grande relação com muitos mas quando eu vejo que eles estão num mau caminho, não ouvem os monitores, o que eu o que eu faço e naquilo que eu posso é falar com eles e explicar explicar a eles já que não percebem o monitor porque aqui, muitas muitas das pessoas quando entram vem o monitor, epah sei lá como um policia lá fora, digamos</p>	<p>P6 revela que não tem uma grande relação com alguns colegas mas quando vê que eles estão num mau caminho, não ouvem os monitores, fala com eles e explica-lhes o que devem fazer o que é bom e o que não é para eles, tenta ajudar ou eles ouvem-no ou fazem o que quiserem.</p>	<p>Ajuda os colegas.</p>

<p>assim e nunca tem muita relação com os monitores então eles são mais ligados a nós e nós quando tamos nessas coisas ai eu explico o que é que ele deve fazer, o que é que é bom para ele, o que é que não é bom para ele isso tudo, tento-lhe ajudar ou ele ouve ou faz o que quiser, é como acontece quando os primeiros tão cá mas é, é depende de cada um...</p>		
<p><b><u>E: Disseste que agora são doze, mas ainda há uns que vem de trás?</u></b></p> <p>P6: São poucos, são três, dois, dois...</p>		
<p><b><u>E: Como é que é a tua relação com eles?</u></b></p> <p>P6: Muito boa, porque, porque se eu lhe disser uma coisa, se tipo eu lhe chamar a atenção ele sabe o que é que é o que é certo que ele está a fazer mal, o que é que ele pensa epah o XXX tá me a chamar a atenção eu tou a fazer mal, ele para e pensa e diz tá bem e ele fica na dele, agora se eu chamar um que já tá aqui a muito muito, há pouco tempo, ele pensa o que ya ele como já tá cá há mais tempo como já aconteceu, ele pensa que é o maior ele, e continua a</p>	<p>P6 revela que tem uma boa relação com dois ou três colegas porque se lhe chamar a atenção do colega ele sabe o que é certo e o que está a fazer de mal e diz- lhe que está bem. Revela que se chamar a atenção de um colega que está no centro há pouco tempo o colega pensa que ele é o maior e continua a fazer e que para ele isso não é nada, não é uma pessoa que quer mudar e que só está no centro para cumprir a medida dele.</p>	<p>Rede de suporte com dois ou três colegas,</p> <p>Sente indignação quando quer ajudar os mais novos e eles sentem-no como um confronto e não como uma ajuda,</p> <p>Sente-se indignado face a não mudança dos outros.</p>

<p>fazer isso para mim não é nada não é uma pessoa que não quer mudar não tá aqui a fazer nada só tá aqui memo a cumprir a medida dele, e isso é muito mau para ele, já disse e ele depois ouve se ele quiser...</p>		
<p><b><u>E: Sentes que muitas vezes os mais novos não te encaram não tanto como uma pessoa que quer ajudar, mas como alguém que os estão a enfrentar?</u></b></p> <p>P6: O que eles pensam não é porque, como nós ainda não estamos muito habituados a eles, é que eles daqui a três, quatro meses eles já vem a coisa de outra forma, porque eles tão aqui, tem a visita, quando quando dá a família traz boas coisas para eles, porque isso aqui dentro não é todos os dias, não é todos os fins-de-semana, a mãe também fica a pensar que não não é só ir visitar o filho tem contas para pagar, não é sempre levar boas coisas, não é sempre levar uma boa quantidade e depois quando isso começa a baixar eles começam já a refletir e é por isso é que quando eu digo a eles isso não fico assim tão chateado porque sei que eles estão aqui há pouco</p>		

<p>tempo e eu também quando tava aqui há pouco tempo eu também já não sabia tudo e eu ouvi que as pessoas me diziam que eu tava mal eu ouvia tentava fazer as coisas melhor para não me chamarem a atenção e essas coisas todas, e é assim que a gente apreende, aprendemos com os erros, mas também não é se a gente tiver sempre a errar, sempre na mesma não vão muito longe...</p>		
<p><b><u>E: Hum-hum, tu há pouco falaste nos fins-de-semana, tu pensas como será os teus fins-de-semana quando puderes ir, como é que será para ti, o que é que irás sentir?</u></b></p> <p>P6: Não sei, mas fico fico contente porque eu sei que posso ir ver a minha mãe que é uma das coisas que eu mais quero porque já não vejo há muito tempo fico epah... já não já não vejo o meu bairro há muito tempo já não vejo os meus amigos há muito tempo fico fico feliz, fico naquela epah, já tenho alguma liberdade pelo menos, já da para fazer algumas coisas, já dá para pensar mais na vida porque eu vou eu tou naquele ambiente e se o ambiente</p>	<p>P6 revela que não sabe como será mas que fica contente por poder ir ver a sua mãe que é uma das coisas que mais quer pois já não a vê há muito tempo, revela que já não vê os seus amigos e o seu bairro há muito tempo e que fica feliz, refere que já tem alguma liberdade e que já dá para fazer algumas coisas, que dá para pensar mais na vida e se tiver num ambiente pesado pode vir para o centro e refletir sobre isso e que o poder refletir é</p>	<p>Revela alguma incerta em relação a como será,</p> <p>Sente-se Satisfeito e feliz por poder estar com a sua rede de suporte,</p> <p>Revela uma necessidade de reflexão,</p> <p>Sente que tem alguma liberdade,</p> <p>Reconhece as suas condicionantes.</p>

<p>for muito pesado quando eu venho para o centro posso refletir mas agora se me largarem lá e a minha medida acabou o que é que eu vou pensar, que eu estou mesmo livre que posso fazer tudo o que eu quero e e isso é bom para a gente refletir e é positivo eu penso memo nisso, penso muito nisso...</p>	<p>muito bom é positivo pois se o largassem no seu bairro só no termino da medida ele iria pensar que estava livre e podia fazer tudo o que quiser, assim dá para refletir sobre isso.</p>	
<p><b><u>E: Tu agora sentes que tens liberdade, quando estavas no regime fechado o que é que tu sentias, sentias que tinhas liberdade que não tinhas?</u></b></p> <p>P6: Não Não tinha liberdade porque as vezes ficava, ficava, chegava ao fim de semana, e ficava aborrecido porque epah os meus colegas tem visita mas eu sei que a minha mãe não pode vir, eu não tenho visita e é muito chato e não sei que e, mas temos de ser fortes não é, e é isso...</p>	<p>P6 enuncia que no regime fechado não tinha liberdade e que chegava ao fim-de-semana e ficava aborrecido, porque os seus colegas tinham visitas e a sua mãe não o podia ir ver, refere que é muito chato mas tem de ser fortes.</p>	<p>Sentia a liberdade condicionada no regime fechado, Sentia necessidade da rede de suporte, Sentia-se aborrecido, Identificação com os outros.</p>
<p><b><u>E: Mas sentias que ela existia, ou que era te privada completamente?</u></b></p>		

<p>P6: Ela existia, existia mas não era como queria...</p>	<p>P6 refere que a liberdade existia mas não como queria.</p>	<p>Liberdade condicionada.</p>
<p><b><u>E: A última pergunta, é de que maneira é que tu achas que a tua experiência aqui te pode ajudar e contribuir para o teu futuro?</u></b></p> <p>P6: De maneira é que me pode ajudar, é como eu já disse é aproveitar mesmo, e habituar-me muito bem, as horas que eu tenho aqui, o tempo que eu tenho aqui para brincar, o tempo que eu tenho aqui para levar a sério, o tempo que eu ainda tenho para estudar é essas coisas que aqui, as ferramentas que eles dão aqui levar lá para fora que é é isso que nos ajuda se nós não levarmos somos burros porque aqui temos, eramos eramos tipo robôs mas fazíamos porque sabíamos que tínhamos pessoas em cima de nós, tipo e eu acho que isso não é ser robô se a gente levar isso lá para fora eu acho que para mim isso é uma pessoa que aproveita que aproveitou muito e que mostra que quer mudar de vida sim, e é isso...</p>	<p>P6 refere que o centro o pode ajudar no futuro através da sua habituação as horas e ao tempo que tem no centro para brincar, para levar a sério, para estudar. Revela que as ferramentas que lhe dão no centro vai levar lá para fora, e é isso que os ajuda, senão levarem são burros porque no centro eram robôs faziam porque tinham pessoas em cima deles, e acha que isso não é ser robô se levarem lá para fora, mas sim uma pessoa que aproveitou muito e que mostra que quer mudar de vida.</p>	<p>Necessidade de se habituar a uma rotina,</p> <p>Revela a sua aprendizagem do centro como essencial para o seu futuro,</p> <p>Identificação com os outros,</p> <p>Realça a importância da mudança.</p>
<p><b><u>E: Tu há pouco falaste que agora é bom tu</u></b></p>		

<p><b><u>saíres e teres horas para voltares, ires a fins-de-semanas e saberes que tens de voltar, e um dia que saias e saibas que não vais voltar, pensas nisso?</u></b></p> <p>P6: O que eu vou fazer, vou-me, é mais ou menos como quando eu vou de fim-de-semana, porque fim-de-semana, eu tenho que ficar à espera de uma chamada que é as dez, fico à espera de uma chamada que é ao meio dia e isso mais ou menos é a chamada de eu ir jantar com a minha família de eu estar em casa, ou seja eu quando janto aqui vou ver televisão e as dez eu tenho de ir para a cama, a minha mãe liga-me as oito tens de vir jantar eu vou jantar e tenho de ficar em casa porque amanhã é outro dia tenho que levantar cedo tenho que ir para a escola e é isto, é isto, se a gente pensar assim isso tudo funciona como tár aqui dentro, dentro deste centro, e é isso...</p>	<p>P6 revela que quando sair do centro vai fazer mais ou menos como quando for de fim-de-semana, refere que se pensarem que é como estar dentro do centro tudo funciona.</p>	<p>Necessidade de por em prática no futuro as aprendizagens e a rotina do centro.</p>
<p><b><u>E: O que me estás dizer é que vais tentar por em prática a tua rotina aqui.</u></b></p> <p>P6: Lá fora, quando, quando já, quando já não tiver no centro é isso..</p>		

<p><b><u>E: Hum-hum, e tu agora que já vais a metade da tua medida, quais são as tuas expetativas para o resto da tua medida?</u></b></p> <p>P6: (silêncio), acabar o décimo segundo ano, mas não vou acabar aqui dentro porque é são três anos e eu já tou quase a ir embora, porque se deus quiser eu vou a uma revisão de medida e..</p>	<p>P6 revela como expetativa para o resto da sua medida acabar o décimo segundo ano, enunciando que não vai acabar dentro do centro porque está quase a ir embora, porque se deus quiser tem uma revisão de medida.</p>	<p>Valorização escolar, Esperança de uma revisão de medida.</p>
<p><b><u>E: E sentes-te preparado para ir embora?</u></b></p> <p>P6: A cem por cento desde que eu, muito antes de eu pensar em passar para o semiaberto já já tava preparado, já tava preparado porque também dos meus colegas que saíram e que não souberam aproveitar o dinheiro que o centro dá, ah, as ferramentas que o centro dá, as pessoas que ajudam, a escola que eles não iam, o trabalho que o centro dava e eles não iam e depois no meio disso para onde é que eles foram, para a prisão isso já é uma coisa que eu tenho que refletir muito nisso, tenho que pensar muito nisso porque se eu não quero isso se eu quero tar ao pé da minha família eu tenho que aproveitar muito o que</p>	<p>P6 refere que se sente preparado para ir embora, que antes de passar para o regime semiaberto já estava preparado, porque tem colegas que saíram e que não souberam aproveitar o dinheiro, as ferramentas a escola o trabalho que o centro dá, e que depois foram para a prisão, revela que é uma coisa que tem de refletir muito porque se quer estar ao pé da família tem de aproveitar muito o que lhe vão dar no centro para poder ajudar a sua mãe, revela que já tem idade suficiente para pensar no que quer para a sua vida.</p>	<p>Revela crescimento pessoal,</p> <p>Revela necessidade em aproveitar as oportunidades e aprendizagens do centro,</p> <p>Identificação com os outros,</p> <p>Revela maturação.</p>

<p>eles me vão dar aqui e no dia em que eu sair, desde esse dia eu penso epah, não vou fazer o que os meus colegas faziam, eu gosto da minha mãe, vou ajudar a minha mãe se ela tem dificuldades, eu gosto da minha irmã mais nova, vou ajudar ela se ela tem dificuldades e é isso que a gente tem de pensar, muita pessoa, muitas pessoas que tão aqui há porque eu amo a minha mãe porque eu faço e acontece, mas quando a mãe tiver necessidade de ajuda ele não está lá, e eu digo, eu não gosto muito de dizer que eu amo a minha mãe eu gosto de mostrar gosto de fazer as pessoas perceberem o que é que é amar a mãe, não é só dizer por dizer e eu penso muito nisso mesmo muito, muito, e acho que é a maneira mais fácil de nós, vivermos, sem ver para trás, sem tar à espera de as pessoas nos vão bater a porta, porque estamos a dever ou porque dão nos uma multa e se a gente tiver dinheiro para pagar na hora pagar mas, com dinheiro não, com dinheiro não ilegal, dinheiro legal, legalmente que eu ganhei que eu suei a sério para eu ganhar porque, não tar a espera que a policia venha bater a porta porque eu</p>		
--	--	--

<p>tenho que ir a tribunal responder a um crime e não sei, nós temos que pensar nisso porque já já temos idade suficiente para pensar no que é que eu quero para a nossa vida, a gente não temos cinco anos, não temos dez anos que fazemos tudo porque era um divertimento é isso é refletir mesmo nisso..</p>		
<p><b><u>E: Hum-hum, mas diz me uma coisa tu disseste que antes de estares no centro não eras assim.</u></b></p> <p>P6: Sim</p>		
<p><b><u>E: Foi a tua passagem por aqui, que te mostrou essa nova realidade?</u></b></p> <p>P6: Sim e perceber, o que eu era lá fora, se eu não passasse por aqui, eu penso nisso, penso porque é o que eu digo aos meus colegas ou tava morto ou tava num sitio pior, ou não sei o que é que era de mim lá fora..</p>	<p>P6 revela que a sua passagem pelo centro fê-lo perceber o que era lá fora, e que se não passa-se pelo centro podia estar morto ou num sítio pior.</p>	<p>Reconhecimento da sua passagem pelo centro como uma mais-valia, Aprendizagem no centro.</p>
<p><b><u>E: Para concluir, tu falaste-me que tens aqui amizades muito grandes, e um dia que saias?</u></b></p> <p>P6: Epah se eles tiverem, tenho tenho pessoas longe, tenho pessoas que tem dificuldades e, e eu no dia</p>	<p>P6 revela que um dia que saia do centro, tem no centro amizades muito grandes, pessoas de longe</p>	<p>Preocupação com os outros, Identificação com os outros,</p>

<p>em que for embora, se eles ficarem cá eu espero que não, porque eles entraram mais cedo, ou que aconteça alguma coisa para eles saírem daqui, porque nós não queremos ninguém aqui e acho que isso não é vida para ninguém né, mas desde que eles tejam cá e souberem aproveitar é bom, mas eu vou permanecer com estas amizades, e tou disposto a ajudar no que for preciso porque tenho, sei de colegas que estão mesmo em situações graves e em termos de documentos mas isso o centro a ver se consegue em termos familiar falar com ele para arranjar um sitio para ele possa viver não no mau ambiente porque eu conheço o bem daqui sim, da historia que ele me contou e sei se ele se meter num sitio mau ele vai se sentir sozinho e vai voltar outra vez as mesmas coisas, por isso eu tenho que o meter mesmo num sitio muito bom aqui em xxx, ele é de fora, ele é do xxxx, tenho pessoas também daqui de YYYY que podem contar também comigo para o que quiserem...</p>	<p>com dificuldades e que no dia em que for embora se eles ficarem no centro espera que saibam aproveitar e que vai permanecer com essas amizades e ajudar no que for preciso, que podem contar com ele para o que for preciso.</p>	<p>Sente necessidade em ajudar os outros.</p>
---	---	---

<b><u>E: Ficamos por aqui, obrigada pela tua participação...</u></b>		
--	--	--

**Anexo X - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 7 (P7).**

Transcrição da entrevista	Unidades de significado	Unidades de significado psicológico
<p><b><u>E: Em primeiro lugar eu queria-te perguntar a tua idade</u></b></p> <p>P7: 16 anos</p>		
<p><b><u>E: A tua Nacionalidade?</u></b></p> <p>P7: Cabo-verdiana</p>		
<p><b><u>E: Apanhaste uma medida de quanto tempo?</u></b></p> <p>P7: Dois anos</p>		
<p><b><u>E: Como é que foi para ti os teus primeiros três dias aqui no centro?</u></b></p> <p>P7: No Quarto, eu já tinha estado noutra centro no XX.</p>		
<p><b><u>E: Foste transferida de um Centro?</u></b></p> <p>P7: Não eu estive no XXX antes de vir para aqui, depois sai em X, portei-me mal e depois vim para aqui, eu não sabia o que era um centro educativo, então não me afetou nada, porque a mim não me deu ideias...estive sempre fechada...</p>	<p>P7 Refere que já esteve noutra centro, mas não sabia o que era um centro educativo, não lhe afetou nada não tinha ideias de como era, esteve sempre fechada.</p>	<p>Revela uma ambivalência de sentimentos, esteve num centro mas não sabia o que era o centro, Sentimento de desvalorização, Liberdade condicionada.</p>

<p><b><u>E: O que me estás a dizer é que não tinhas esperanças antes de vir para aqui, não sabias para o que vinhas?</u></b></p> <p>P7: Não..</p>	<p>P7 revela não saber para o que vinha.</p>	<p>Desconhecimento.</p>
<p><b><u>E: E quando te deparaste com isto, quando vieste para aqui como é que foi?</u></b></p> <p>P7: Foi normal, conheci amigas minhas, fiz aqui muitas amizades...</p>	<p>P7 revela que foi normal, conheceu amigas, fez muitas amizades.</p>	<p>Identificação, Rede de suporte.</p>
<p><b><u>E: E como é que foi a tua adaptação aqui no centro?</u></b></p> <p>P7: Foi boa, surgiram algumas dificuldades com as minhas colegas, ah, foi elas mandavam-me fazer algumas coisas e eu não gostava e davam me notas negativas...</p>	<p>P7 refere que a sua adaptação foi boa, houveram algumas dificuldades com as colegas, enuncia que lhe mandavam fazer coisas e não gostava e davam lhe negativas.</p>	<p>Revela uma boa adaptação ao centro, Dificuldades com as colegas, Despreocupação com as regras.</p>
<p><b><u>E: Elas mandavam-te fazer coisas e tu não gostavas?</u></b></p> <p>P7: Sim, eu não fazia e depois davam-me notas negativas...</p>	<p>P7 refere que lhe mandavam fazer coisas ela não fazia e davam-lhe negativas.</p>	<p>Despreocupação com as regras.</p>
<p><b><u>E: Peco-te que me descrevas o melhor possível como é que foi</u></b></p>		

<p><b><u>para ti a tua adaptação aqui no centro, como é que é para ti viveres aqui no centro?</u></b></p> <p>P7: Foi difícil, a primeira fase é muito difícil.</p>	<p>P7 revela que a sua adaptação na primeira fase foi muito difícil.</p>	<p>Dificuldade de adaptação ao centro na primeira fase.</p>
<p><b><u>E: Difícil porquê?</u></b></p> <p>P7: Tar fechada no quarto, dormir as oito, ah, (silêncio), lidar com as colegas, lidar com os monitores, dizer se faz favor, dizer obrigada, não estava habituada a isso..</p>	<p>P7 enuncia que foi difícil devido ao estar fechada no quarto, dormir as oito, lidar com as colegas e monitores, obedecer a regras que não estava habituada.</p>	<p>Dificuldade na adaptação ao centro e aos outros, Dificuldade na habituação às regras.</p>
<p><b><u>E: E agora como é que é?</u></b></p> <p>P7: Agora consigo dizer tudo, agora é fácil...</p>	<p>P7 revela que agora é fácil.</p>	<p>Adaptação.</p>
<p><b><u>E: E agora para além primeira, fase porque tu já passaste a primeira fase?</u></b></p> <p>P7: Sim estou na terceira fase...</p>		
<p><b><u>E: E agora como é que é para ti estar na terceira fase?</u></b></p> <p>P7: Eu já, eu já sei dar, eu já estou quase na autonomia...</p>		
<p><b><u>E: Estás quase na autonomia, já saís a casa?</u></b></p>		

<p>P7: Yah</p>		
<p><b><u>E: Então e como é para ti sair e voltar</u></b></p> <p>P7: Eu às vezes quando vou a casa não me apetece nada vir para o centro educativo mas tenho de vir eu venho...</p>	<p>P7 refere que às vezes quando vai a casa não lhe apetece nada voltar para o centro, mas tem de voltar, volta.</p>	<p>Ambivalência entre o não querer voltar e o ter de voltar.</p>
<p><b><u>E: Sentes que é difícil?</u></b></p> <p>P7: É... (silêncio)... (silêncio)</p>		
<p><b><u>E: Antes de tu entrares no centro como é que era a tua vida?</u></b></p> <p>P7: A minha vida ah, ah, eu tive a viver um ano na casa dos meus avós e a minha tia um dia bateu-me e eu fui parar num colégio, e depois fui para outro colégio em XX e comecei com a raiva toda, batia em toda a gente, depois fui parar no centro XXX depois tiraram me outra vez, fui para a XXX depois batia em toda a gente outra vez e depois vim para aqui, agora a minha vida já é normal, já não bato em ninguém, ando sempre sem muita raiva...</p>	<p>P7 revela que antes de entrar para o centro esteve a viver com os avós, um dia a tia bateu-lhe e foi parar a um colégio, passou para outro colégio e começou com a raiva toda batia em toda a gente, foi novamente para outro colégio e batia em toda a gente, depois entrou no centro. Enuncia que a sua vida agora é normal, já não bate em ninguém ando sempre sem muita raiva.</p>	<p>Sufrimento, Raiva, Sentimento agressivo/agressão aos outros, Controlo sobre si mesma, Crescimento pessoal.</p>

<p><b><u>E: Porque é que sentias essa raiva, consegues explicar-me o porquê?</u></b></p> <p>P7: Porque a minha tia assim desde pequenina que me batia, então eu comecei a ter raiva e a bater em toda a gente...</p>	<p>P7 refere que sentia essa raiva porque desde pequenina que sofria de maus-tratos pela tia, e começou a ter raiva e a bater em todos.</p>	<p>Sentimento de Raiva, Revolta contra a tia, partindo para a agressão aos outros.</p>
<p><b><u>E: Falaste-me agora que passaste por várias instituições como é que foi para ti passares de instituição em instituição?</u></b></p> <p>P7: Foi mau estava sempre a mudar e eu não gostava, e tiraram-me ao pé da minha irmã, não gostei nada...</p>	<p>P7 revela que foi mau passar por várias instituições, estava sempre a mudar e tiraram-na de ao pé da sua irmã, o que não gostou nada.</p>	<p>Instabilidade de instituição em instituição, Necessidade da rede de suporte, Insatisfação.</p>
<p><b><u>E: Tu estavas numa casa com a tua irmã?</u></b></p> <p>P7: Sim na casa YY... depois puseram-me na casa da XX e a minha irmã ficou na casa YY...</p>		
<p><b><u>E: Aqui do centro o que é que consideras mais positivo da tua experiência aqui?</u></b></p> <p>P7: Estudar lá fora...</p>	<p>P7 revela como mais positivo da sua experiência o estudar lá fora.</p>	<p>Valorização escolar.</p>
<p><b><u>E: Tu estudas lá fora?</u></b></p>		

<p>P7: Não ainda estudo aqui dentro, mas vou estudar lá fora, ir para a casa da minha avó (silêncio).</p>	<p>P7 revela que estuda dentro do centro, mas vai estudar lá fora.</p>	<p>Ambivalência.</p>
<p><b><u>E: O que é que podes levar daqui como positivo para um dia podes em prática lá fora?</u></b></p> <p>P7: Tenho muitas coisas, mas já não me lembro...</p>	<p>P7 revela que tem muitas coisas que pode levar como positivo mas já não se lembra.</p>	<p>Retraimento.</p>
<p><b><u>E: Tudo bem... O que é que é mais negativo da tua experiência aqui?</u></b></p> <p>P7: (Silêncio) é estar aqui nas aulas, ouvir os monitores a ralharem comigo, não gosto, ouvir a dizerem que não, não gosto...</p>	<p>P7 refere como mais negativo o estar nas aulas, ouvir os monitores a ralharem e a dizer que não, não gosta.</p>	<p>Desvalorização escolar, Sentimento de insatisfação face a uma negação da sua vontade.</p>
<p><b><u>E: Se alguém te pedisse para descreveres a tua experiência do centro positiva e negativa o que dirias a essa pessoa?</u></b></p> <p>P7: (silêncio) não sei...</p>		
<p><b><u>E: Sentes que houve alguma mudança no teu modo de ser e estar por estares aqui dentro?</u></b></p> <p>P7: Yah a minha raiva toda..</p>	<p>P7 refere que houve uma mudança na sua raiva por estar no centro.</p>	<p>Mudança, Aprendizagem, Autocontrolo.</p>

<p><b><u>E: A tua raiva?</u></b></p> <p>P7: Consegui ultrapassar isso...</p>	<p>P7 revela que conseguiu ultrapassar a sua raiva.</p>	<p>Crescimento pessoal.</p>
<p><b><u>E: Não sentes que houve mais nenhuma alteração?</u></b></p> <p>P7: Não</p>		
<p><b><u>E: A minha última pergunta é de que modo é que sentes que a tua experiência aqui no centro pode contribuir para o teu futuro?</u></b></p> <p>P7: Continuar a fazer atletismo...</p>		
<p><b><u>E: Fazes aqui?</u></b></p> <p>P7: Não fazia lá fora... Mas daqui é estudar...</p>	<p>P7 refere que o estar a estudar no centro pode contribuir para o seu futuro.</p>	<p>Valorização escolar.</p>
<p><b><u>E: esperas continuar os estudos lá fora?</u></b></p> <p>P7: Sim</p>		
<p><b><u>E: Obrigada pela tua participação</u></b></p>		

**Anexo XI - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 8 (P8).**

Transcrição da entrevista	Unidades de significado	Unidades de significado psicológico
<p><b><u>E: Em primeiro lugar quero-te perguntar a tua idade?</u></b></p> <p>P8: 15 anos</p>		
<p><b><u>E: A tua nacionalidade?</u></b></p> <p>P8: Portuguesa</p>		
<p><b><u>E: E apanhaste uma medida de quanto tempo?</u></b></p> <p>P8: Um ano e meio</p>		
<p><b><u>E: Como é que foi para ti os teus três primeiros dias aqui no centro?</u></b></p> <p>P8: Foi horrível, tive no quarto fechada, não sabia muito bem onde é que tava já sentia saudades de estar lá fora e da minha família...</p>	<p>P8 revela que os três primeiros dias foi horrível, estava num quarto fechada, não sabia bem onde estava, já sentia saudades de estar fora do centro e da sua família.</p>	<p>Sentiu que foi horrível os três primeiros dias, Sentiu-se isolada, Necessidade de liberdade, Necessidade da rede de suporte.</p>
<p><b><u>E: Tu antes de entrares aqui no centro, tinhas alguma ideia de que seria um centro educativo?</u></b></p> <p>P8: Pensei que seria muito pior que isto agora.</p>	<p>P8 pensou que o centro seria pior do que agora.</p>	
<p><b><u>E: Já tinhas ouvido falar de algumas coisas?</u></b></p>		

<p>P8: Não nunca me tinham dito</p>		
<p><b><u>E: Então os três primeiros dias foram..</u></b></p> <p>P8: Foram mesmo maus, não gostei</p>	<p>P8 revela que os primeiros dias foram mesmo maus, que não gostou.</p>	<p>Insatisfação face aos primeiros dias.</p>
<p><b><u>E: E passados os três primeiros dias como é que foi a tua adaptação aqui ao centro?</u></b></p> <p>P8: Depois fui-me integrando no grupo assim aos poucos, fui dando com as pessoas mais ou menos, foi só...</p>	<p>P8 refere que depois foi-se integrando no grupo e foi se dando com as pessoas mais ou menos.</p>	<p>Integração no grupo, Adaptação ao centro, Ambivalência.</p>
<p><b><u>E: Como é que foi com as tuas colegas?</u></b></p> <p>P8: Já conhecia aqui uma rapariga, teve noutro colégio comigo foi mais fácil para mim, mas as outras também me receberam bem...</p>	<p>P8 revela que já conhecia uma rapariga, o que foi mais fácil para ela, mas as outras também a receberam bem.</p>	<p>Facilidade nas relações por já conhecer uma rapariga, Identificação, Rede de suporte na medida em que a receberam bem.</p>
<p><b><u>E: E os monitores, as regras como é que foi tudo isso?</u></b></p> <p>P8: As regras o que mais irrita me deixa um bocadinho chateada quando tem de pedir para tudo, tenho de pedir para subir para descer e isso já, isso irrita um bocado, no</p>	<p>P8 refere que as regras é o que a irrita mais, ter de pedir para tudo, no início irritava mais agora já não.</p>	<p>Inicialmente teve uma dificuldade de adaptação as regras, Irritabilidade, Adaptação as regras, Crescimento pessoal.</p>

<p>início irritava muito mais mas agora... não...</p>		
<p><b><u>E: Da melhor maneira que consegues, descreve me como é que é para ti viver aqui no centro?</u></b></p> <p>P8: Da melhor maneira?</p>		
<p><b><u>E: Sim no geral, a tua experiência, como é que a caracterizas?</u></b></p> <p>P8: Ih não sei, é sempre a mesma rotina, já tou habituada a algumas regras, mas o que é bom aqui é o Chapitô, que nos ajuda a, é um momento livre mais ou menos que nós temos e temos sempre alguma coisa para fazer, não é sempre tar na unidade paradas a ver televisão, sempre a mesma coisa, claro que é a melhor coisa dentro de um centro educativo...</p>	<p>P8 refere que é sempre a mesma rotina, que já está habituada a algumas regras, enuncia que o Chapitô é bom para não estarem sempre paradas na unidade a ver televisão, realçando que é a melhor coisa dentro de um centro educativo.</p>	<p>Sente que é sempre a mesma rotina, Habituação às regras, Valorização de algumas oportunidades que são dadas.</p>
<p><b><u>E: Falaste agora na questão da liberdade, como é que tu defines a tua liberdade aqui dentro?</u></b></p> <p>P8: Eu acho que aqui dentro não temos liberdade...</p>	<p>P8 refere que dentro do centro não têm liberdade.</p>	<p>Ausência de liberdade, Identificação com os outros.</p>
<p><b><u>E: Achas que não tem liberdade?</u></b></p>		

P8: Não		
<p><b><u>E: Anteriormente ao centro, como é que era a tua vida?</u></b></p> <p>P8: Era horrível, acho que não chamo muito bem aquilo de uma vida, ah, aquilo que eu era antes acho que não é aquilo que sou agora, era completamente diferente...</p>	<p>P8 refere que anteriormente ao centro a sua vida era horrível, que não pode chamar bem aquilo de vida, enuncia que aquilo que era antes não é o que é agora.</p>	<p>Sente que a sua vida passada era horrível, Reconhecimento de uma mudança, Crescimento pessoal.</p>
<p><b><u>E: Horrível como?</u></b></p> <p>P8: Andar com más companhias, fumar, roubos atrás de roubos coisas que acho que agora já não é normal aquilo que já passou mas foram tempos a errar...</p>	<p>P8 revela que andava com más companhias a fumar, a roubar, coisas que agora já não acha normal, enuncia que já passou foram tempos as errar.</p>	<p>Reconhecimento das suas ações como negativas, Crescimento pessoal.</p>
<p><b><u>E: Tu falaste-me que já vieste de um centro..</u></b></p> <p>P8: Sim, tava num depois fui para a casa xx, que é um lar depois tive noutro em xx.</p>		
<p><b><u>E: Tiveste em duas casas de acolhimento antes de vires aqui para o centro?</u></b></p> <p>P8: Sim</p>		
<p><b><u>E: E como é que foi lá?</u></b></p> <p>P8: Acho que piorei cada</p>		<p>Liberdade total,</p>

<p>vez mais, porque aquilo é mais pah, aquilo lá tinha-se liberdade mas às vezes não tínhamos e nós fugíamos, às vezes a nossa liberdade era nós fugirmos e íamos divertir, com essas fugas todas nunca fazíamos boas coisas...</p>	<p>P8 refere que piorou cada vez mais nas casas de acolhimento porque tinha liberdade e às vezes não tinham e fugiam, as vezes a liberdade que tinham era fugir e iam-se divertir com fugas nunca faziam coisas boas.</p>	<p>Liberdade condicionada, Ambivalência entre ter e não ter liberdade, Reconhecimento dos seus erros.</p>
<p><b><u>E: Tu vieste de uma dessas casas desseguida para aqui para dentro?</u></b></p> <p>P8: Não, quando tava eu tinha fugido e apanharam me em casa, depois vim para aqui...</p>		
<p><b><u>E: E da tua experiência aqui o que é que é mais positivo para ti?</u></b></p> <p>P8: O curso de cabeleireiro..</p>	<p>P8 revela como mais positivo o curso de cabeleireiro.</p>	<p>Valorização profissional.</p>
<p><b><u>E: Gostas do curso?</u></b></p> <p>P8: Sim</p>		
<p><b><u>E: Está a ser produtivo para ti?</u></b></p> <p>P8: Está, e já acabei o sexto ano, pensei pensei que nunca mais acabava, acabei o sexto ano agora..</p>	<p>P8 enuncia que o curso está a ser produtivo que já acabou o sexto ano.</p>	<p>Valorização profissional, Valorização escolar.</p>

<p><b><u>E: Vais agora para o sétimo ano?</u></b></p> <p>P8: Sim</p>		
<p><b><u>E: Ainda ficas cá mais um tempo...</u></b></p> <p>P8: Saio no próximo ano...</p>		
<p><b><u>E: Planeias lá fora continuar os teus estudos?</u></b></p> <p>P8: Sim quero continuar os estudos depois, eu agora estou a tentar fazer voluntariado, depois vamos ver o que vai dar..</p>		
<p><b><u>E: Como é que está a ser para ti a experiência de ires fazendo voluntariado?</u></b></p> <p>P8: Agora fui a um de idosos para pessoas que tem poucas condições, são pessoas de idade e as vezes dá medo, dá medo de eu vou queimar a pessoa, ou se vou molhar a pessoa, não sei vou fazer, já sinto, não é a mesma coisa que aqui, aqui já conheço as pessoas já tenho confiança, mas lá fora ainda está a ser um bocado complicado...</p>	<p>P8 refere que faz voluntariado com idosos, com pessoas de idade e que tem medo de queimar ou molhar as pessoas, enuncia que não é a mesma coisa do que no centro, no centro conhece as pessoas e tem confiança, mas lá fora é complicado.</p>	<p>Medo de falhar, Sente-se à vontade com as pessoas do centro, Confiança, Identificação, Sente dificuldade e relacionar-se com as pessoas lá fora.</p>
<p><b><u>E: Ah, e o mais negativo da tua experiência aqui?</u></b></p>		

<p>P8: Há coisas boas mas há sempre coisas más, a parte de ficar fechada no quarto é uma delas, campinar não gosto, acho que é as coisas negativas de tar aqui...</p>	<p>P8 refere que no centro há coisas boas mas há sempre coisas más como ficar fechada no quarto e campinar.</p>	<p>Isolamento, Liberdade condicionada.</p>
<p><b><u>E: Não identificas mais nada?</u></b></p> <p>P8: A parte de ser fechada no quarto a umas certas horas....</p>	<p>P8 refere como negativo a parte de ser fechada no quarto a umas certas horas.</p>	<p>Isolamento, Liberdade condicionada.</p>
<p><b><u>E: Achas ou sentes que o centro te trouxe alguma alteração no teu modo de estar?</u></b></p> <p>P8: Eu acho que mudei muito desde, desde a altura em que estava lá fora acho que foi, acho que isto é uma maneira de apreender...</p>	<p>P8 revela que mudou muito desde que entrou no centro, enunciando que o centro é uma maneira de apreender.</p>	<p>Sente uma mudança em si mesma, Sente o centro como uma aprendizagem.</p>
<p><b><u>E: E que mudanças foram essas?</u></b></p> <p>P8: Já não penso da mesma maneira como pensava, antes dizia tudo, dizia não quero saber aquilo que vai acontecer deixei me ir e pronto, mas agora tento pensar antes de fazer as coisas acho que deve haver uma mudança antes de ... Eu acho que houve uma grande mudança na minha</p>	<p>P8 refere que já não pensa da mesma maneira, que antes dizia tudo dizia que não queria saber e agora pensa antes de fazer as coisas, enuncia que deve haver uma mudança, e que houve uma grande mudança na sua maneira de pensar e isso ajudou muito.</p>	<p>Crescimento pessoal, Sente que deve existir uma necessidade de mudança, Sente que houve uma grande mudança na sua maneira de pensar.</p>

<p>maneira de pensar e isso só ajudou muito</p>		
<p><b><u>E: Sim, sim. De que maneira é que achas que a tua experiência aqui no centro te pode ajudar ou contribuir para o teu futuro?</u></b></p> <p>P8: Pode-me ajudar quando eu sair daqui, não sei, ir para uma casa de autonomia e acho que quando sair daqui, uma boa oportunidade quando sair daqui é que já vou ter uma escola, já vou ter inscrita nessa escola se fosse lá fora se calhar não me ia inscrever numa escola mas agora de me irem inscrever na escola é uma maneira de o centro nos dar, sim mas são poucas as coisas aqui...</p>	<p>P8 revela que o centro a pode ajudar quando sair, a ir para uma casa de autonomia e a ter oportunidade de quando sair já estar inscrita numa escola, pois se fosse lá fora se calhar não se ia inscrever.</p>	<p>Sente o centro como uma rede de suporte,</p> <p>Valorização escolar,</p> <p>Reconhecimento das ajudas que tem.</p>
<p><b><u>E: Achas que são poucas coisas? Então?</u></b></p> <p>P8: Porque todos os dias é quase sempre a mesma coisa, é aulas, ir para a unidade, Chapatô...</p>	<p>P8 refere que todos os dias é quase sempre a mesma coisa, ir as aulas, unidade e Chapatô.</p>	<p>Sente que existe uma rotina no centro.</p>
<p><b><u>E: Gostavas de fazer mais coisas?</u></b></p> <p>P8: Sim mas agora já comecei a sair, aos poucos vai melhorando...</p>		

<p><b><u>E: Tu estás em que regime?</u></b></p> <p>P8: Tou em semiaberto</p>		
<p><b><u>E: Já começaste a ir passar fins-de-semana a casa?</u></b></p> <p>P8: Comecei agora quando passei para a terceira fase...</p>		
<p><b><u>E: E como é que é para ti ir a casa e ter de voltar?</u></b></p> <p>P8: Eu prefiro nem pensar que vou voltar, quando comecei a ir penso só que vou para casa mas depois o momento de voltar, já, me sinto um bocadinho mais em baixo, não quero voltar quero continuar em casa...</p>	<p>P8 revela que quando vai a casa prefere nem pensar que tem de voltar para o centro, enuncia que no momento de voltar se sente mais em baixo que não quer voltar quer ficar em casa.</p>	<p>Sente se em baixo e desmotivada quando tem de voltar para o centro. Sente ansiedade em ir a casa e ter de voltar para o centro.</p>
<p><b><u>E: Experiências o voltar de uma forma mais triste?</u></b></p> <p>P8: Sim, mas prefiro sempre ir e voltar do que não ir...</p>		
<p><b><u>E: E de férias já foste?</u></b></p> <p>P8: Sim e já estou quase a ir agora...</p>		
<p><b><u>E: E como estás, a viver esse momento, como pensas que será?</u></b></p>		

<p>P8: Agora acho que está a ser mais fácil, porque eu fui de férias, e agora já comecei a ir uns fins-de-semana e com o tempo acho que já está ficando mais fácil, claro que nos primeiros tempos era mais difícil porque chegava aqui e começava a chorar que queria voltar para casa ou que queria fazer alguma coisa mas é difícil à mesma ficar longe das pessoas que eu gosto..</p>	<p>P8 revela que acha que agora está a ser mais fácil ir de férias, enuncia que nos primeiros tempos era mais difícil porque chegava ao centro e começava a chorar que queria voltar para casa ou que queria fazer alguma coisa, referindo que é difícil estar longe das pessoas de que gosta.</p>	<p>Adaptação ao centro, Tristeza em ter de voltar para o centro, Sentiu dificuldades em estar longe da rede de suporte.</p>
<p><b><u>E: E no que achas que mais o centro te pode ajudar?</u></b></p> <p>P8: Mais só o tempo dirá, mas queria ir também para o Chapitô, estudar teatro..</p>	<p>P8 revela que só o tempo dirá, refere que gostava de estudar teatro.</p>	<p>Incerteza face ao futuro, Crescimento pessoal.</p>
<p><b><u>E: Obrigada pela tua participação...</u></b></p>		

**Anexo XII - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 9 (P9).**

<b>Transcrição da Entrevista</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>Unidades de significado Psicológico</b>
<p><b>E: Em primeiro lugar quero-te perguntar a tua idade?</b></p> <p>P9: Tenho 15 anos</p>		
<p><b>E: A tua nacionalidade?</b></p> <p>P9: Portuguesa</p>		
<p><b>E: Apanhaste uma medida de quanto tempo?</b></p> <p>P9: Dois anos e três meses...</p>		
<p><b>E: Como é que viveste os teus três primeiros dias aqui no centro?</b></p> <p>P9: Mal, fechada no quarto.</p>	<p>P9 refere que viveu os três primeiros dias mal, fechada no quarto.</p>	<p>Insatisfação, Isolamento.</p>
<p><b>E: Então?</b></p> <p>P9: Nós sentimos nos que estamos presas que é uma coisa que nós não sentíamos lá fora porque estamos sempre com muita liberdade e também sentimos mais ou menos raiva das pessoas que nos cá poem porque não sabemos qual é o objetivo de nos porem cá dentro...</p>	<p>P9 revela que se sentem presas, que não sentiam lá fora porque têm muita liberdade, enuncia que também sente raiva das pessoas porque não sabem qual é o objetivo de as porem no centro.</p>	<p>Sente a sua liberdade condicionada,</p> <p>Sente raiva das pessoas que a meteram no centro, Identificação com as outras,</p> <p>Revolta contra si mesma, Vitimização.</p>

<p><b>E: O que me estás a dizer é que tu não sabes porque é que vieste cá para dentro?</b></p> <p>P9: Não eu agora sei porque é que vim cá parar mas na altura em que eu estava fechada no quarto como eu não sabia o que é que era um centro educativo nem pensava como agora penso tinha raiva das pessoas que me puseram cá dentro...</p>	<p>P9 refere que agora sabe porque foi parar ao centro, mas na altura em que estava fechada no quarto como não sabia o que era um centro educativo nem pensava como agora, tinha raiva das pessoas que a puseram no centro.</p>	<p>Reconhecimento das suas ações, Isolamento, Mudança na sua maneira de pensar, Sentiu raiva das pessoas que a puseram no centro.</p>
<p><b>E: Tinhas raiva contra os monitores...?</b></p> <p>P9: Toda a gente...</p>	<p>P9 refere que tinha raiva contra toda a gente.</p>	<p>Sentiu raiva contra todos, Sentiu revolta contra si mesma.</p>
<p><b>E: Anteriormente a vires para o centro não tinhas ideia de como é que era isto?</b></p> <p>P9: Mais ou menos, eu antes de cá entrar tinha cá uma colega e sabia um bocado que isto era, que isto era mais ou menos uma prisão para menores mas não tinha, não tinha a noção de que era assim...</p>	<p>P9 revela que antes de entrar no centro tinha no centro uma colega e sabia que era mais ou menos uma prisão para menores, mas que não tinha a noção de que era assim.</p>	<p>Desconhecimento acerca do centro, Confronto com a realidade.</p>
<p><b>E: Tinhas uma ideia do que seria, mas na realidade não sabias como era?</b></p> <p>P9: Sim</p>		

<p><b>E: E passados os três primeiros dias como é que foi a tua adaptação aqui no centro?</b></p> <p>P9: Foi mais ou menos porque não tinha confiança em ninguém, toda a gente me olhava de lado, eu olhava de lado também para as pessoas (ri-se), as pessoas estavam me a tentar testar e eu não tinha noção disso e com com as colegas foi mais ou menos porque as colegas integraram me bem no centro educativo algumas, mas com os monitores tive muita dificuldade em parar e pensar porque tinha logo a resposta na ponta da língua...</p>	<p>P9 revela que passados os três primeiros dias a sua adaptação foi mais ou menos porque não tinha confiança em ninguém, enuncia que toda a gente a olhava de lado e ela também, refere que as pessoas a estavam a testar e que ela não tinha a noção disso. P9 revela que com as colegas foi mais ou menos, pois integraram na bem no centro, mas que com os monitores teve muita dificuldade em parar e pensar, enuncia que tinha logo a resposta na ponta da língua.</p>	<p>Sentia que não confiava em ninguém, Sentiu dificuldades de adaptação, Sentiu-se posta a prova, Sentiu que as colegas a integraram bem, Dificuldades de adaptação com os monitores.</p>
<p><b>E: Isso foi nas primeiras fases...</b></p> <p>P9: Sim</p>		
<p><b>E: No primeiro mês talvez...</b></p> <p>P9: Mais ou menos..</p>		
<p><b>E: Foi mais?</b></p> <p>P9: Foi...</p>		
<p><b>E: E depois disso, depois desses tempos como é que tu agias e reagias, mudaste em alguma</b></p>		

<p><b>coisa a tua maneira de ser?</b></p> <p>P9: Mudei muita coisa porque, eu depois eu tive que parar e pensar naquilo que era bom e não era para mim eu comecei a parar e ai, foi quando, foi quando eu comecei a acalmar mais e a tentar ter mais controlo com as minhas respostas e comecei, e foi quando eu passei para a segunda fase que foi quando eu comecei a ir a casa e ter os meus objetivos e ai foi quando eu comecei mais a pensar em mim e não nos outros...</p>	<p>P9 refere que mudou muita coisa, porque teve que parar e pensar no que era bom e no que não era para si, enuncia que começou a acalmar mais e a ter mais controlo nas suas respostas, quando passou para a segunda fase, começou a ir a casa, e ter os seus objetivos, refere que foi na segunda fase que começou mais a pensar em si e não nos outros.</p>	<p>Sente que houve uma mudança em si, Crescimento pessoal, Reconhecimento das suas ações, Sentiu mais autocontrolo de si mesma.</p>
<p><b>E: Hum-hum, mas na primeira fase, foi difícil viveres a primeira fase?</b></p> <p>P9: Foi...</p>		
<p><b>E: Na segunda fase já vais a casa?</b></p> <p>P9: Sim de férias...</p>		
<p><b>E: E como é que é?</b></p> <p>P9: É difícil porque já não tou, eu só passei de fase passados seis meses porque a minha medida dá só para passar de fase passados seis meses, então foi difícil porque eu já não estava habituada há muito barulho, tinha que tar virada para todas as</p>	<p>P9 revela que ir a casa era difícil porque já não estava habituada a ter muito barulho, refere que tinha de estar sempre virada para as pessoas porque lhe fazia confusão ter pessoas a falar atrás de si, enuncia que lhe fazia confusão estar em casa sozinha, que</p>	<p>Sentiu ansiedade em ir a casa, Sentiu dificuldade em ir a casa por já não estar habituada, Necessidade da rede de suporte, Sentiu dificuldade em estar sozinha em casa.</p>

<p>         pessoas porque me fazia confusão ter pessoas atrás de mim a falar, e mesmo a minha família fazia me confusão tar em casa e sozinha, porque eu supostamente na segunda fase não podemos estar sozinhas em casa mas como a minha mãe, a minha avó e a minha mãe, a minha tia trabalham todo o dia eu tinha que tar sozinha em casa com a autorização claro do centro educativo mas era difícil estar sozinha em casa porque já não estava habituada, e as regras também, no inicio quando cheguei a casa perguntava se podia ir a casa de banho e isso é difícil...       </p>	<p>         era difícil para si porque já não estava habituada.       </p>	
<p> <b>E: Para ti é difícil chegar a casa e desligar das regras daqui do centro..</b>           P9: Sim       </p>		
<p> <b>E: E em relação ao saber que vais, que pode ir de fim-de-semana ou de férias, mas que depois tens de voltar?</b>           P9: Isso para mim não foi muito difícil porque antes de vir para aqui já tinha estado num colégio, nos colégios normais mas tinha estado, e isso para mim não foi muito difícil       </p>	<p>         P9 refere que o ir e voltar de fim-de-semana não foi muito difícil porque já tinha passado pelo mesmo nos colégios, pois sabia que voltava mas que depois ia voltar a sair,       </p>	<p>         Adaptação em ir a casa nos fins-de-semana, Identificação com as outras, Consciencialização dos seus objetivos.       </p>

<p>porque eu sabia que voltava e depois ia voltar a sair...por isso a qualquer momento há pessoas que pensam vou fugir, mas eu como sabia que ia voltar, ia voltar a sair também, eu podia em qualquer momento fugir mas nunca o fiz porque sabia que tinha os meus objetivos cá dentro...</p>	<p>enuncia que há pessoas que pensam fugir, mas que sabia que voltava e voltava a sair, revela que podia fugir mas que nunca o fez porque tinha os seus objetivos dentro do centro.</p>	
<p><b>E: Eu queria agora que me descrevesse como quisesses como é para ti viveres aqui no centro? Desde que tu entraste até agora, como é que tem sido para ti...</b></p> <p>P9: No início era muito mau, muito mau tinha, eu achava que tinha muitas regras, regras parvas, ah, em que eu não podia por exemplo por as meias em cima das calças, tinha de pedir para subir, pedir para descer, pedir para ir à casa de banho, pedir para tudo e no início foi mau e não consegui me adaptar as coisas, mas depois comecei a integrar me mais no âmbito do centro educativo e comecei a perceber que haviam aqui coisas que me ajudavam e em especial a técnica-tutora, que nos ajuda a nós conseguirmos ter capacidade de compreender aquilo que é</p>	<p>P9 refere que no início era muito mau viver no centro, achava que tinha regras parvas, e que no início não se conseguiu adaptar as regras, mas que depois começou-se a integrar no centro e a perceber que haviam coisas que a ajudavam como a técnica-tutora. Enuncia que a técnica as ajuda a compreenderem o que é bom e mau dentro do centro e ai começou a compreender o que a trouxe para dentro do centro, que não foram as pessoas, mas sim ela. Revela que fez o seu sexto ano e que lhe custou muito porque não estava</p>	<p>Sentiu inicialmente uma grande dificuldade de adaptação ao centro, Sentiu dificuldade em cumprir com as regras do centro, Sentiu a técnica tutora como uma rede de suporte, Crescimento pessoal, Reconhecimento das suas ações, Valorização escolar.</p>

<p>bom e mau dentro do centro educativo, e eu comecei a compreender o que é que me trouxe cá para dentro e que não foram as pessoas, que foi eu, e consegui mais ou menos entender algumas regras, nem todas mas a maior parte delas que nós temos cá dentro e fiz o meu sexto ano dentro do centro educativo, foi aquilo que me custou mais porque eu não estava habituada a ir à escola, ah, e depois comecei, comecei a estudar lá fora e ainda estudo lá fora....</p>	<p>habituada a ir a escola, e que depois começou a estudar no exterior.</p>	
<p><b>E: Estas a estudar lá fora neste momento?</b></p> <p>P9: Agora não porque estou de férias, mas este ano eu fiz lá fora que não não passei de ano porque metade das disciplinas não tinha aqui dentro, eu fiz o meu quinto e sexto ano aqui dentro por isso eu não passei de ano, mas, mas foi bom para começar a ter a minha liberdade lá fora para ver como é que é, como é que começa a ser o momento sem ser dentro do centro educativo, mas as coisas às vezes continuam a ser más, porque nós todas não gostamos da maneira que algumas vezes nos falam e que, e que nos respondem</p>	<p>P9 refere que estudou lá fora, mas que não passou de ano, enuncia que foi bom para começar a ter a sua liberdade e para ver como é que é o momento sem ser dentro do centro educativo, mas que as vezes as coisas continuam a ser más, porque não gostam da maneira que falam com elas e que muitas vezes não podem responder aos adultos, mas os adultos podem e que não estava habituada a isso, refere que responde muito menos daquilo que respondia no início porque já percebeu que as vezes querem-na testar. Enuncia</p>	<p>Sentiu liberdade ao estudar fora do centro, Sente frustração face a maneira que as vezes lhe falam, Crescimento pessoal, Identificação com as outras, Preocupação com as outras.</p>

<p>e muitas vezes nós não podemos responder aos adultos mas os adultos podem nos responder a nós e eu não estava habituada a isso porque nem a minha avó me fala da maneira que muitas das pessoas aqui dentro me falam, e eu não gosto disso então respondo mas, já respondo muito menos do que respondia no início porque já percebi que as vezes as pessoas querem testar até onde é que nós, até onde é que elas podem ir e então já percebi que não posso responder a toda a hora, e também, também as amizades cá dentro, as vezes nos temos muitas complicações porque as vezes nos tentamos ajudar as pessoas que cá estão há menos tempo mas nem sempre elas querem ser ajudadas e isso é mau porque, porque nós tentamos e depois se for preciso ainda nos tratam mal a nós e isso faz-nos sentir mal porque nós também sabemos o que é que já foi passar no centro, passar o início no centro educativo por isso, por isso é que nos tentamos ajudar mas nem sempre é possível....</p>	<p>que muitas vezes tenta ajudar as pessoas que estão no centro há menos tempo, mas que muitas vezes elas não querem ser ajudadas.</p>	
<p><b>E: Estavas me a dizer que estudaste lá fora,</b></p>		

<p><b>como é que foi estudar lá fora para ti?</b></p> <p>P9: Foi mau, foi mau porque não estava habituada a ter muitas disciplinas em que estive, tenho ciências físico-química, nada disso nós temos aqui dentro, isso é mau nós não termos aqui dentro porque depois chegamos lá fora e queremos fazer algo para conseguirmos e nem sempre conseguimos fazer, chegar até a capacidade que nós queremos e por isso é mau porque depois sentimos nos inferiores, aos, às outras pessoas da mesma turma, porque eles sabem a maior parte das coisas e nós não sabemos nada e isso é mau porque nós não, nós não muitas vezes na escola nós somos, no meu caso não mas muitas vezes na escola nós somos gozadas e toda a gente sabe de isso e eu no início tinha muito medo que me gozassem porque eu não sabia a maior parte das coisas da matéria que eles sabiam e eles eram todos mais novos que eu e eu ficava mesmo, mas depois consegui integrar me na minha turma porque até consegui compreender que eram uma turma unida e que nos ajudavam por mais que eu não</p>	<p>P9 revela que estudar no exterior foi mau, porque não estava habituada a ter muitas disciplinas que teve e que não existem dentro do centro e que é mau porque depois querem fazer algo no exterior e nem sempre conseguem fazer e chegar a capacidade que querem. Refere que é mau porque depois sentem-se inferiores às outras pessoas da mesma turma, refere que tinha medo que gozassem com ela por não saber a maior parte da matéria, porque eram mais novos que ela e sabiam mais, mas que depois se conseguiu integrar e começou a dar-se bem com as pessoas, e os mais novos começaram lhe a ajudar.</p>	<p>Sentiu dificuldades em estudar no exterior, Sentiu-se inferior às pessoas da sua turma, Receio e medo de ser gozada, Integração na turma, Sentiu uma rede de suporte dos colegas da turma.</p>
---	--	---

<p>soubesse eles tentavam, tentavam até, os mais novos até me tentavam ajudar a mim em vez de ser eu a ajudar-lhes a eles, mas, foi mal porque era uma escola em que eu não conhecia ninguém mas depois comecei me a dar bem com as pessoas e consegui chegar...</p>		
<p><b>E: E em relação a escola e as horas tu gerias bem o ir e o voltar?</b></p> <p>P9: Às vezes, as vezes pensava que não queria vir mas que tinha que ser, mas normalmente, normalmente vinha sempre a horas, só houve uma vez ou duas que eu não vinha a horas mas depois era penalizada umas vezes porque, umas vezes porque tava dentro das aulas e, e a professora não nos deixava sair a horas e como eu não tinha recado nenhum era penalizada mas outras vezes porque eu me distraia e chegava mais tarde, mas a maior parte das vezes consegui gerir isso e chegar sempre a horas, mas nem sempre me apetecia voltar...</p>	<p>P9 revela que às vezes pensava em não voltar para o centro mas que voltava sempre, refere que houve uma ou duas vezes que não chegou a horas e foi penalizada porque a professora não a deixou sair a horas, enuncia que nem sempre lhe apetecia voltar.</p>	<p>Ambivalência, Reconhecimento das suas obrigações, Despreocupação face as regras.</p>
<p><b>E: És assim como um exemplo para as outras jovens?</b></p>		

<p>P9: Sim... antes de mim já houve outras só que as outras que estavam lá fora, estas que agora cá estão não as conheceram, então eu, eu neste grupo sou a única que estudo lá fora e eu tento, eu tento dar-lhes a entender que elas tem que aproveitar o estudo que tem cá dentro apesar de não ser muito mas que tem que aproveitar porque depois vão precisar disso ou de mais lá fora, mas nem sempre é possível nos tentarmos fazer-lhes entender isso, porque as vezes elas não tem hábitos de estudo lá fora como eu também não tinha e então é difícil lhes dizer olha para de fazer isso e concentra-te porque eu as vezes vejo, ah, tou nas aulas delas porque ou chego mais cedo da escola ou então tou de férias e isso, e, e as vezes tenho que lhes dizer para elas pararem um bocado e pensarem na vida delas e naquilo que elas tem que fazer para quando forem lá fora não terem tantas dificuldades como tinham e as vezes nem sempre é possível, mas maior parte das vezes elas ouvem-nos, ouvem-me a mim neste caso eu ouvia as outras, mas neste caso normalmente elas ouvem-</p>	<p>P9 refere que é como um exemplo para as outras jovens, no grupo dentro do centro é a única que estuda lá fora. Refere que tenta dar-lhes a entender que elas tem que aproveitar o estudo dentro do centro, porque vão precisar dele ou mais no exterior. Enuncia que nem sempre é possível elas entenderem isso porque não tem hábitos de estudo e as vezes é difícil elas ouvirem.</p>	<p>Sente-se como um exemplo para as outras colegas do centro, Sente necessidade de as ajudar, Crescimento pessoal.</p>
--	--	--

<p>me mas nem sempre, nem sempre estão disponíveis para atacar as orientações que lhes são dadas...</p>		
<p><b>E: O que me estás a dizer é que tu tentas ajudar, mas nem sempre elas querem ser ajudadas...</b></p> <p>P9: Sim</p>		
<p><b>E: E tu no teu tempo procuravas saber?</b></p> <p>P9: Não era procurar saber eu ouvia mais do que aquilo que elas me ouvem a mim ao principio, porque era uma pessoa que eu já conhecia que estudava lá fora então era mais fácil ouvir e perceber essa pessoa, porque eu compreendo como elas não me conhecem tão bem é difícil elas, elas ouvirem-me e tentarem fazer aquilo que eu digo, mas para mim era mais fácil porque eu já conhecia a rapariga lá de fora e era a minha melhor amiga por isso já era uma relação de mais confiança e então conseguia ouvir e entender que aquilo era o melhor para mim e quase sempre, quase sempre entendia que tinha de fazer aquilo, mas nem sempre fazia...</p>		

<p><b>E: Tu para o ano vais continuar a estudar lá fora?</b></p> <p>P9: Sim vou fazer o sétimo, oitavo e nono num curso de auxiliar infantil...</p>		
<p><b>E: Ah, Antes do centro como é que era a tua vida?</b></p> <p>P9: (silêncio) Antes eu, a minha mãe sofreu violência doméstica e eu nessa altura fui para o X para uma casa com a minha mãe, porque eu estava numa cá em Y, só que o meu pai sabia aonde era por isso acharam melhor que nós fossemos para mais longe, então fui para uma casa, e nessa altura eu, eu tava bem, e conseguia, conseguia ter limites e regras porque era a minha mãe e a minha mãe sempre foi muito exigente comigo, mas, depois houve uma altura em que eu não gostava que a minha mãe me batesse e a minha mãe batia-me quando era necessário, mas a minha mãe batia-me e eu houve uma altura que fiz queixa da minha mãe, já não távamos na casa, mas távamos aí no XX e, e eu fiz queixa da minha mãe e puseram-me num colégio, em que eu agora arrependo-me mas</p>	<p>P9 revela que anteriormente ao centro a sua mãe sofreu de violência doméstica e teve de ir juntamente com a sua mãe para uma casa, e que nessa altura se encontra bem conseguia ter limites e regras porque a sua mãe era muito exigente com ela, mais tarde começou a sofrer de maus tratos por parte da mãe e fez queixa da sua mãe. Enuncia que a puseram num colégio o que se arrepende, porque tinham sempre regras e quando não cumpriam eram castigadas, batiam-lhe e não gostou, pois foi por isso que foi para esse colégio, conseguiu cumprir as regras, ficando ainda um bom tempo lá. P9 refere que houve uma altura em que se começou a dar melhor com os familiares paternos e com a sua madrinha os quais lhe pediram para vir para YY, onde foi a sua desgraça, porque conhecia</p>	<p>Sentiu a violência da mãe como uma vivência traumática para si, Sentiu a mãe como exigente, Vitima de maus tratos da mãe, Revolta contra a sua mãe, Sentimento de arrependimento de ter feito queixa da mãe, Reconhecimento das suas ações, Influência de companhias, Sentia que tinha muita liberdade.</p>

<p> puseram me num colégio, ah, e nesse colégio, esse colégio era um colégio de WW em que nos tínhamos que andar sempre com regras e se não cumpríssemos eramos castigadas principalmente em, em que nos batiam, não era castigar nos nas coisas que nós queríamos que nos fazíamos, mas em bater-nos, batiam-nos e eu não gostei porque foi por isso que eu fui para lá, e então eu não conseguia entender isso mas, mas conseguia compreender as regras porque tinha também muitas regras em causa e então consegui ficar lá um bom tempo, eu fiquei lá dois anos e consegui ficar lá, mas houve uma altura em que eu comecei me a dar me melhor com a família do lado do meu pai, eu nessa altura estava proibida de estar com o meu pai pelos antecedentes do meu pai bater na minha mãe, mas tava proibida de tar com o meu pai, mas não tava proibida de tar com a minha avó, com a minha tia com a minha madrinha e isso então comecei me a dar melhor com a família da parte do meu pai, e a minha avó e a minha madrinha pediram-me que eu viesse para YY e isso aí foi a minha desgraça </p>	<p> toda a gente e queria fazer coisas que ainda não tinha feito, enuncia que não queria ficar cá porque sabia que se ia perder, ia-se perder com essas companhias, e foi então que foi para um colégio onde tinha muita liberdade e começou a fugir e a fumar, e começou a descambar, cometeu um crime e foi quando foi parar ao centro educativo. </p>	
--	--	--

<p>porque eu em YY conhecia toda a gente e tinha muita muitas coisas que eu queria fazer que ainda não tinha feito, tudo mais para mim, e eu vim para xxx mesmo eu não querendo porque eu não queria eu queria ficar lá porque eu sabia que ia perder com essas companhias eu ia-me perder eu quis ficar no XXX mas não me deixaram porque decidiram que o melhor para mim era eu vir para e eu vim, vime tive, tive, tive, fui para a casa XXX e tive, e tive um ano e meio na casa XXX e como perdi muito tempo, no início estava bem fiz lá o meu quarto ano ia para a escola e vinha, iam me levar a escola e iam me buscar mas, mas depois comecei a sair um bocado das regras que eu tinha em casa e no outro colégio, comecei a não encara las e a não conseguir faze-las mesmo estando longe das regras porque aquele colégio não tinha regras nenhuma, para as regras que eu tinha antes aquele não tinha regras nenhuma, então comecei a ver que tinha mais liberdade do que há que tinha em casa e no outro colégio, e comecei a fugir, e a fumar e pronto entre outras coisas, ia para</p>		
--	--	--

<p>casa e só fazia asneiras por isso a minha avó começou a dizer que não me queria mais em casa, eu comecei a não ir para casa , e foi quando eu comecei a não ir para casa que foi quando eu comecei mais ainda a descambar e depois entretanto a minha mãe foi presa por tráfico de droga, eu, eu comecei, queria falar com a minha mãe muitas vezes não me deixavam, porque eu estava sempre fugida por isso diziam que eu só ia lá para falar com a minha mãe e isso não podia ser assim e não me deixavam falar com a minha mãe e foi quando eu comecei ainda mais a cair nos disparates e nunca tava no colégio, quando ia ao colégio era só para, para porque tinha que ir lá porque a minha roupa tava lá, as minhas coisas tavam lá, mas ia lá só para tomar banho, vestir me e voltar para outros sítios eu muito tempo tive fora do colégio, houve uma altura que tive fugida do colégio durante um ano e sabiam onde é que eu tava e isso, e como sabiam que e ate tava bem não, não me foram buscar nem nada disso, mas, mas tive muito tempo fugida, ah, em especial tive em casa do meu namorado durante esse ano e foi</p>		
--	--	--

<p>quando eu comecei, não foi com o meu namorado que eu comecei a fumar nem nada disso, mas foi com amigas minhas que eu comecei a fumar e a fugir e a ir para noitadas e isso tudo, muitas vezes ia dormir a casa de uma amiga minha e comecei a tar sempre fugida do colégio, até que houve uma altura que eu não aparecia no colégio, nem para tomar banho nem nada porque já tinha as minhas coisas todas fora do colégio, então comecei mesmo a não aparecer lá e foi quando, quando eu cometi um crime em que eu posso considerar que eu não fiz nada, eu não fiz mas o tribunal considerou que quem estava como eu também não fiz queixa de nada também tinha de pagar por isso então foi quando eu vim parar ao centro educativo.</p>		
<p><b>E: Tu não achaste justo para ti essa...</b></p> <p>P9: Eu não, eu achei justo não achei justo a medida que me deram a mim e as outras pessoas, porque a mim deram-me menos medida, ah, a mim deram-me mais medida e às outras pessoas deram menos ainda por cima eram maiores de idade e</p>	<p>P9 revela que achou injusta a medida que lhe deram, refere que lhe deram mais medida a ela do que as outras pessoas, não compreende como é que os outros sendo maiores de idade tiveram menos medida. Enuncia que achou justo ter vindo</p>	<p>Sentimento de injustiça face a ter levado mais medida do que os outros, Reconhecimento e aceitação da medida de internamento em centro educativo, Sentimento de contenção em relação ao centro.</p>

<p>eu não compreendi como é que essas tiveram menos anos de medida do que eu, isso eu não achei justo, foi isso que eu não achei justo, eu achei justo eu ter vindo parar ao centro educativo para já, porque agora entendo que foi uma maneira de de me porem um travão, mas não achei justo terem me dado mais medida a mim...</p>	<p>para um centro educativo, referindo que foi uma forma de lhe porem um travão.</p>	
<p><b>E: Como é que reagiste quando te deram a tua medida?</b></p> <p>P9: Aceitei bem</p>	<p>P9 revela que aceitou bem a sua medida.</p>	<p>Aceitação da sua medida.</p>
<p><b>E: O que é que tu sentes como mais positivo aqui do centro educativo?</b></p> <p>P9: As oportunidades, dão-nos muitas oportunidades por mais que nós falhemos muitas vezes, eles tentam mesmo confiar em nós, e isso é bom, porque eu já eu já ouvi falar doutros centros educativos e ouvi dizer que nos outros não nos dão tantas oportunidades como aqui, como estudar lá fora e trabalhar lá fora, ir de fim-de-semana, enquanto eles vão de fim-de-semana ao sábado nós vamos à sexta, há coisas que nos outros centros educativos não</p>	<p>P9 revela como mais positivo do centro as oportunidades que lhes dão, enuncia que por mais que falhem tentam sempre confiar nelas. Refere que já ouviu falar de outros centros e que nos outros centros não dão tantas oportunidades nem as técnicas falam tanto com elas, como a técnica delas fala.</p>	<p>Reconhecimento positivo das oportunidades que são dadas no centro, Sente que confiam nelas, Identificação com as outras, Comparação com outros centros educativos, Sente a técnica tutora como uma rede de suporte.</p>

<p>existem e aqui existe... E como falarem tantas vezes connosco, a nossa técnica tutora falar tantas vezes connosco e que já ouvi dizer, porque eu nunca fui para outro centro educativo mas tenho aqui outras colegas que já tiveram, e já ouvi dizer que as outras técnicas-tutoras não falam tantas vezes connosco como a nossa fala e isso é bom..</p>		
<p><b>E: Sentes um apoio muito grande da tua técnica tutora?</b></p> <p>P9: Sim</p>	<p>P9 revela que tem um grande apoio da técnica-tutora.</p>	<p>Sente uma rede de suporte em relação a técnica tutora.</p>
<p><b>E: Tens apoio psicológico aqui dentro?</b></p> <p>P9: Tinha mais no início, nunca tive lá fora mas tinha aqui dentro tinha mais no início mas agora raramente vou lá, normalmente agora quando vou lá sou eu que peço para ir lá e já nem é para falar muito de problemas, é mais para a brincadeira, porque agora já não necessito muito disso, mas no início tinha</p>	<p>P9 refere que no início teve apoio psicológico mas que agora raramente vai lá, enuncia que quando vai pede para ir e que já não é muito para falar de problemas mas sim mais para a brincadeira, pois já não necessita muito.</p>	<p>Apoio psicológico sentido como uma rede de suporte, Não sente necessidade do apoio psicológico para abordar problemas, mas sim para brincar.</p>

<p><b>E: E achavas que te ajudava?</b></p> <p>P9: Sim, mas a minha maior relação é com a minha técnica tutora..</p>	<p>P9 revela que o apoio psicológico a ajudava mas enuncia que a maior relação é com a sua técnica tutora.</p>	<p>Valorização do apoio psicológico, Sente a técnica tutora como uma grande rede de suporte.</p>
<p><b>E: Já percebi que para ti é muito importante a tua técnica tutora... De negativo o que é que é mais negativo para ti?</b></p> <p>P9: o que é que mais negativo aqui, isso é muito fácil (ri-se)... Começando pela educação física, porque eu odeio a educação física tenho que fazer e odeio educação física (ri-se), ah, não poder, não poder fazer uma sesta, adoro fazer uma sesta e aqui não me deixam por mais que eu esteja de férias e a minha escola não seja aqui dentro eles não me deixam e eu gostava muito de fazer uma sesta, mas agora a falar a sério, de mau, eu tava a dizer que era mais fácil mas não é porque aqui dentro nós temos muitas oportunidades... mas há coisas más como eu acho uma estupidez nós não podermos falar com os senhores seguranças, por exemplo não podemos os senhores seguranças tem de estar ali tipo estátuas a</p>	<p>P9 revela que o mais negativo é a educação física porque não gosta, o não poder fazer uma sesta, o não poder falar com os seguranças, e o não poderem escolher as formações e ser alguém a escolher por elas.</p>	<p>Sente a liberdade condicionada para poder fazer algumas coisas de que gosta, Sente insatisfação em relação a algumas regras, Sente que não tem liberdade de escolha.</p>

<p>olhar para nós e só se houver algum problema é que podem interferir e eu não acho isso normal porque também são pessoas que estão connosco todos os dias e são humanos não tem que estar ali estátuas a olhar para nós e só se for para nos fazerem uma contenção é que nos podem tocar e falar connosco eu não acho isso normal, foi uma coisa que eu nunca achei bem desde que entrei dentro deste centro educativo...nunca gostei disso porque nós todos temos afetos e por mais que nós não falemos com os senhores seguranças, nós vamos à mesma ganhando afeto porque nós vamos vendo quem tá cá mais para nos ajudar e quem não tá, e isso foi uma coisa que eu nunca compreendi, mais, mau, as formações nós não podemos escolher qual é a formação que nós temos aqui dentro porque por exemplo metade das raparigas que estão ali em cima queriam ter cozinha e só os meninos é que tem cozinha, as meninas não tem cozinha, tem cabeleireiro, que é uma coisa que metade delas não gostam por isso acho mal nós não podermos escolher aquilo que queremos fazer,</p>		
--	--	--

<p>para já porque eu acho que a escola dava-nos muito mais interesse se nós pudéssemos escolher aquilo que nós queremos fazer e não fosse alguém a escolher por nós (ahh)...</p>		
<p><b>E: Mas não tem as formações consoante o ano de escolaridade que precisam?</b></p> <p>P9: Neste caso não, até porque como são rapazes e raparigas, os rapazes tem porque os rapazes podem tar juntos, mas as raparigas não, as raparigas é tas em sétimo, em sexto tens cabeleireiro, tas em sétimo tens cabeleireiro, tas no oitavo tens cabeleireiro, tas no nono tens cabeleireiro, não há outra opção sem ser cabeleireiro e eu não acho isso justo...</p>	<p>P9 revela que não é justo as raparigas não terem outra opção de escolha sem ser cabeleireiro.</p>	<p>Sente-se injustiçada pelas raparigas não terem opção de escolha, Identificação com as raparigas.</p>
<p><b>E: Tu gostas do cabeleireiro?</b></p> <p>P9: Eu tive, eu tive no curso de cabeleireiro fiz só alguns módulos, não fiz o curso todo mas tive lá, mas eu nunca gostei de cabeleireiro mas por incrível que pareça gostei da formadora não gostei do cabeleireiro mas gostei da formadora da maneira que nos ensinava é rígida, sem duvida muito rígida, o</p>	<p>P9 refere que esteve no curso de cabeleireiro mas que não o acabou, nunca gostou do curso mas gostou da formadora e da maneira rígida que ela ensinava. Revela que foi o primeiro, dois que levou e ficou muito chateada, enuncia que a formadora é rígida mas que as ajuda a apreender e é bom que seja</p>	<p>Ambivalência, Sente que a formadora as ajuda a apreender, Sente que é necessária uma rigidez no centro, Comparação com o que o centro era e é, Reconhece que andam muito a vontade.</p>

<p>primeiro dois que levei no cabeleireiro fiquei muito chateada porque foi porque eu me sentar nas escadas eu não gostei nada e fiquei chateada e rígida mas mas ajuda-nos a apreender bem e é bom que seja rígida para nós porque eu agora não vejo o centro educativo como o centro educativo era antes porque as meninas de agora estão muito soltas (ri-se) estão muito a vontade (ri-se) e o centro educativo antes não era assim...</p>	<p>rígida para elas porque o centro já não é o que era antes, salienta que as meninas andam muito soltas muito à vontade.</p>	
<p><b>E: Então como era o centro educativo antes?</b></p> <p>P9: Porque antes tínhamos que andar sempre em linha não podíamos falar metade daquilo que falamos cá dentro, ah, falávamos por exemplo dos crimes quando ouviam levávamos dois enquanto agora isso não acontece e eu acho que antes o centro educativo era mais rigoroso mas era melhor para nós e apreendíamos mais agora não acho isso porque sinto algumas injustiças, ah, eu não tou do outro lado dos rapazes mas muitas vezes oiço e os rapazes por exemplo falam entre eles na fila e as raparigas não podem porque levam logo dois e</p>	<p>P9 revela que antes tinham de andar sempre em linha que não podiam falar metade do que agora falam, refere que antes o centro era mais rígido mas que era melhor e que apreendiam mais, enuncia que sente algumas injustiças entre os rapazes e as raparigas.</p>	<p>Sente que antes o centro e as regras eram mais rígidas, Sente que antes o centro era rígido mas que apreendiam mais, Sente algumas injustiças entre os rapazes e as raparigas.</p>

<p>acho que aqui há algumas injustiças apesar de dos rapazes, apesar de nos também termos algumas, algumas, alguns benefícios que eles não tem e muitos, porque os rapazes aqui dentro até trabalham mais do que nós sem dúvida, mas no sentido do kriolo da maneira como eles falam com os monitores isso sem duvida que nos temos muito menos oportunidades de fazer isso do que eles, porque praticamente mal que fazemos isso levamos dois e eles não, por mais que nos digam que não e que pensem que nós não falamos com os rapazes daqui nós falamos porque ah, as pessoas aqui fecham um bocado os olhos porque toda a gente sabe aqui que nós que nós falamos com os rapazes..</p>		
<p><b>E: Vocês conseguem estabelecer contacto com eles?</b>  P9: Não é aqui dentro mas lá fora quando vamos de fim-de-semana é um bocado de, não é de nos querermos muito ter essa amizade mas é de curiosidade de nós queremos também saber o que se passa do outro lado, não ser só as raparigas, ser também o que é que se passa com os rapazes, o</p>		

<p>que é que eles fazem o que é que eles deixam de fazer, e nós muitas vezes quando vamos lá fora de fim –de – semana, eu própria já antes de entrar aqui já conhecia muitos rapazes que estavam aqui e lá fora quando fui de fim-de-semana, eles já iam de fim-de-semana porque já estavam cá há mais tempo do que eu e quando eu ia de fim-de-semana e de férias estabelecia um contacto em que não foi para ter as amizades porque eu já as tinha antes mas foi mais por curiosidade de saber como é que era do outro lado e muitas coisas eles me contavam em que eu posso dizer que nós somos menos beneficiadas e eles são mais beneficiados e o contrário também em certas coisas por exemplo eles gostavam de ter cabelo e nós temos e eles não, nós gostávamos de ter cozinha e eles tem e nós não, são estas coisas que nós gostamos de comparar, não é que nos queiramos muito ter as amizades mas é a comparação de como é que é lá e como é que é cá e isso estabelece-nos muita curiosidade mais porque nos estão sempre a dizer que nós não os podemos ver, não podemos falar com eles não podemos ter</p>		
---	--	--

<p>contacto não sei quê, eu também acho que se alguma vez parassem com isso que era aquilo, que havia muito menos, muito menos interesse em saber do que ao continuarem a dizer ah que não podem, ah porque não podem falar, ah porque não podem ver, ah porque não podem, não podem nada com os rapazes e eu acho que é isso que nos põe mais interesse ainda..</p>		
<p><b>E: Como é que funciona as unidades cá dentro?</b></p> <p>P9: Temos 3 unidades separadas, regime aberto e regime semiaberto dos rapazes e a unidade feminina com o regime semiaberto e aberto.</p>		
<p><b>E: E tu estás em qual?</b></p> <p>P9: Regime semiaberto.</p>		
<p><b>E: E vocês não tem mesmo contacto com os rapazes?</b></p> <p>P9: As vezes há pessoas que complicam menos do que outras por exemplo o senhor diretor aqui dentro é quem complica menos porque o senhor diretor por ele não há estas coisas porque por mais que ele não nos diga isso nós entendemos por vermos</p>		

<p>algumas atitudes dos monitores do senhor diretor e do senhor coordenador nós entendemos que, que há certas atitudes que nos entendemos que há pessoas e pessoas que querem isto ou não querem mas de vez em quando não vou dizer que nós não passemos e não os vejamos, porque vemos e temos festas em conjunto agora, que antes não havia festas em conjunto e quando eu cá entrei eu passei cá um ano em que se os rapazes tivessem ali e eu tivesse aqui, eles tinham que tar de costas, de cara virada para a parede e eu de cara virada para a parede porque não nos podíamos mesmo ver, agora já há mais liberdade nisso com algumas pessoas porque já temos festas em conjunto porque a X veio cá e pediu para que tivéssemos festas em conjunto porque não faz sentido, ah, mas há, mas mesmo assim muitas poucas vezes há, há a coisa de virem-se para a parede vocês também, passam mas não olham, muitas poucas vezes há isso, porque em há pouco tempo eles estavam ali fora, na sexta eles tavam ali a ter uma festa por causa do OJB3 e nós estávamos a</p>		
--	--	--

<p>vir ali de cima e tivemos, não podíamos mesmo olhar, se olhasse para trás levava dois e pronto.</p>		
<p><b>E: Achas rígidas as regras?</b> P9: Sim</p>	<p>P9 revela que as regras são rígidas.</p>	<p>Sente rigidez nas regras.</p>
<p><b>E: Há pouco referiste-me que gostavas que fosse mais rígido do que é agora?</b> P9: Sim, gostava porque nós aprendíamos mais</p>	<p>P9 refere que gostava que o centro fosse mais rígido do que é, porque aprendiam mais.</p>	<p>Sente necessária a rigidez, Sente que com mais rigidez apreendiam mais.</p>
<p><b>E: Tu apanhaste uma fase rígida e uma menos rígida do centro?</b> P9: Sim</p>		
<p><b>E: E essa fase rígida como é que era para ti vive-la?</b> P9: Era todos os dias nota negativa, todos os dias porque, porque há conversas desadequadas e, e os yahs e os bués, não podemos dizer nada disso e muitas vezes sai-nos a mim saiu-me muito menos quando eu não saia do centro educativo do que agora, e eu digo isso e toda a gente sabe disso porque, porque eu tou todos os</p>		

<p>dias lá fora e toda a gente sabe que agora lá fora as pessoas só falam dessa maneira e é normal que da maneira que eu esteja todos os dias lá fora as vezes me saia um yah e um bué, mas, mas, e eu muitas vezes dou por mim a dizer palavras em kriolo e eu não queria, dou por mim a dizer porque tou todos os dias lá fora e lá fora é diferente do que cá dentro mas eu agora enquanto eu digo coisas como eu digo e não levam negativa, há uns anos mesmo que tivéssemos lá fora diziam uma vez negativa, logo na hora.</p>		
<p><b>E: Sentes que houve alguma alteração no teu modo de ser por estares aqui no centro?</b></p> <p>P9: Sim, sim, eu antes não conseguia dizer as coisas na cara das pessoas sem ser de uma maneira mais malcriada enquanto eu agora consigo dizer as coisas mas sem faltar, sem ser mal educada dizer as coisas com boa educação, e conseguir exprimir-me com boas educação enquanto antes eu não conseguia fazer isso porque, porque era mais forte do que eu, saia-me não conseguia e as vezes dava por mim a gritar sem</p>	<p>P9 refere que houve uma alteração no seu modo de estar, por estar no centro, revela que já consegue dizer as coisas sem ser malcriada, sem ser mal-educada, já consegue se exprimir com boa educação, já não grita, enuncia que antes tinha necessidade de se dar com pessoas que a levavam para os maus caminhos e que agora tem curiosidade mas não é com tanta frequência. Salienta que ainda faltam uns meses</p>	<p>Crescimento pessoal, Adaptação ao centro, Reconhece que tinha influencias negativas por parte de algumas pessoas, Reconhece que mudou muito, Sente-se com mais autocontrolo de si mesma, Aprendizagem, É reconhecida pela técnica como um exemplo para as colegas.</p>

<p>querer mas não conseguia parar de fazer isso mas agora consigo e sinto que não faço como também por exemplo eu antes tinha vontade, tinha vontade mesmo de dar com as pessoas que me faziam mal, não faziam mal, faziam mal no sentido de me levar para maus caminhos e antes eu tinha muito essa vontade de me dar com essas pessoas e agora tenho alguma curiosidade de mas não é, não é com tanta frequência como antes, também ainda me faltam cinco meses não é para sair mas eu sei que ainda vou mudar muito e isso, mas eu antes tinha muito essa, essa coisa de eu sei que tu tás a fazer mal mas eu quero ir por ti não quero ir pelos outros quero ir por ti mas sei que és tu que estás a fazer mal não quero ir pela aquela que sei que está a fazer bem eu antes tinha muito isso e agora não, e eu era muito refilona e agora mais ou menos não digo que não seja mas controlo-me melhor, o responder, da maneira como respondo, ah, controlo-me muito melhor do que no início, e toda a gente diz isso, ainda há pouco tempo estávamos numa reunião, porque nos fazemos reuniões todos os dias há</p>	<p>para a sua saída e sabe que ainda vai mudar muito. P9 refere que a técnica revelou que agora controla-se mais e que é um exemplo para as colegas, salienta que mudou muito.</p>	
--	--	--

<p>hora do almoço e há hora do jantar e ainda há pouco tempo estava cá uma monitora que está cá comigo desde que eu entrei e ela dizia a eles que eu no inicio era como elas, porque elas respondem a toda a hora e ela dizia a XXX no inicio também era assim, e dizia e dizia que fazia e acontecia e não sei que mas agora já está muito melhor e já se consegue controlar muito melhor e isso é um bom exemplo para vocês é que vocês também tem de conseguir ver que vocês também tem de conseguir ultrapassar essa vossa, como é que eu hei de explicar, a resposta porque elas respondem mesmo duma maneira em que eu própria as vezes digo credo mas como é que elas conseguem fazer isso pronto, e mudei muito nisso, mudei mesmo.</p>		
<p><b>E: A minha última pergunta é de que maneira achas que a tua experiência aqui no centro educativo pode contribuir para o futuro?</b></p> <p>P9: Ter controlo com as pessoas porque eu lá fora irritava me muito, diziam me qualquer coisinha e eu irritava-me em vez de</p>	<p>P9 revela que agora consegue-se controlar e que levará isso consigo, refere que antes nem pensava em se controlar,</p>	<p>Sente que se consegue controlar, Necessidade de uma rotina,</p>

<p>resolver as coisas a falar resolvia as coisas a bater enquanto eu acho e tenho a certeza que vou levar isso lá para fora, porque eu aqui consigo-me controlar muito, mas mesmo muito mais do que aquilo que eu me conseguia controlar lá fora porque já eu lá fora nem pensava em me controlar era fazia e já tá, tá feito, ah, também algumas regras não todas porque algumas são um exagero, porque toda a gente sabe disso mas algumas regras como a regra da alimentação que é ter a alimentação a horas não ser acordar ao meio dia e ao meio dia tomar o pequeno-almoço isso não faz sentido nenhum agora para mim mas eu antes fazia isso e pronto eu acho que vou levar isso lá para fora também, na medida do possível vou levar isso lá para fora porque sem que nem sempre vai ser possível com a escola e isso, sei que nem sempre vai ser possível porque nem aqui dentro é possível, porque eu antes quando estava aqui a estudar almoçava ao meio dia e meia e agora quando vinha da escola almoçava a uma e meia, nem sempre vai ser possível mas sei disso, mas vou fazer os possíveis para que tenha</p>	<p>fazia e já estava feito, enuncia que levará consigo algumas regras de alimentação, algumas regras de família, referindo que dentro do centro não é a sua família, mas que os veem como tal. P9 enuncia que lá fora tem de se adaptar as pessoas e tem de saber mudar, isso é uma coisa que levará do centro, refere também que lhe irá fazer muita confusão à noite não ser fechada no quarto.</p>	<p>Sente uma grande rede de suporte no centro, Sente necessidade de adaptação ao exterior, Sente necessidade de mudança no exterior, Sente necessidade de regras e controlo sobre si.</p>
---	---	---

<p>uma alimentação mais equilibrada porque, porque nos faz mal e também algumas regras de família, porque aqui dentro não é a nossa família, mas nós as vezes vemos como seja, porque, ah, eu tou todos os dias aqui com as pessoas e por mais que eu goste ou que eu não goste eu vou ter que me adaptar a mudança e aquilo que as pessoas são, e eu lá fora também vou ter de conseguir isso, porque vou mudar de escola muitas vezes, tenho de mudar, para o ano vou mudar de escola, eu já me fui mudar de escola vou hoje receber o resultado dos exames para ver se entrei na escola onde eu fui fazer os exames ou não, porque esta escola aqui eu estava na xx e é muito longe de casa então eu fui me inscrever numa ao pé de yy porque é mais perto da minha casa do que esta então tive de mudar de escola e mesmo a questão, de adaptar a mudança eu vou ter de levar lá para fora porque mesmo num trabalho, numa escola ou em casa ou mesmo partilhar casa com outras pessoas que eu própria quero ir para uma casa de autonomia, ah, eu tenho de levar isso comigo porque tenho de me saber adaptar</p>		
--	--	--

<p>as pessoas e a mudar de escola e de casa e de trabalho, tenho de saber mudar e isso vai ser também uma coisa muito boa que eu vou levar daqui, uma coisa que me vai fazer muita confusão é a noite não estar trancada..</p>		
<p><b>E: Em termos positivos ou negativos?</b></p> <p>P9: Positivos, porque, porque, porque é diferente eu estou habituada a para ir a casa de banho ter de ir tocar a campainha e lá fora não vou ter de fazer isso graças a deus que é uma coisa boa mas vai-me fazer muita confusão mesmo porque eu aqui tou habituada a que a meia-noite ou onze e tal, vão-me acordar de propósito para eu ir a casa de banho quando lá fora ninguém me vai fazer isso por mim, vai ter de ser por mim e isso vai-me fazer muita confusão mas é uma mudança boa, é muitas coisas que eu vou ter saudades daqui de dentro mas também há outras que eu não vou ter saudades nenhuma...</p>	<p>P9 revela que há coisas que vai ter saudades do centro e outras que não vai ter saudades nenhuma, refere que vai ser uma mudança boa mas que vai fazer muita confusão.</p>	<p>Afeição ao centro, Mudança positiva, Dificuldades e pensar na mudança.</p>
<p><b>E: E a questão da liberdade? Antes de poderes sair ao exterior</b></p>		

<p><b>como é que sentias a liberdade?</b></p> <p>P9: Nós lá fora estávamos, eu falo por mim tavamos habituadas a fazer tudo aquilo que nós queríamos estávamos lá fora e queríamos, queríamos beber sumo bebíamos, queríamos comer isto comíamos e isso é diferente, e foi aquilo que, há uma coisa que eu gostava de dizer que eu sempre disse aqui a toda a gente que é, se eu tivesse em regime fechado se calhar a medida passava muito mais rápido do que em semiaberto porque em regime fechado eu passava a medida toda aqui dentro e não tinha que me preocupar em, ah, vou sair amanhã ou ah, vou fazer isto ou ah, vou fazer aquilo, não tinha que me preocupar com isso, por isso também não tinha que me preocupar que dia era, que ano é que era, não tinha que me preocupar por isso se calhar eu sempre disse isto se calhar para mim era muito melhor estar em regime fechado nem que fosse um ano porque a medida passava muito mais rápido...</p>	<p>P9 refere que lá fora estavam habituadas a fazer tudo aquilo que queriam, revela que se estivesse em regime fechado se calhar a sua medida passava muito mais rápido e não tinha que se preocupar com nada, enunciando que para ela se calhar era melhor que a medida fosse em regime fechado nem que fosse um ano, assim a medida passava muito mais depressa.</p>	<p>Liberdade total no exterior, Identificação com as colegas, Necessidade de contenção, Sente que era melhor não ter preocupações, Sentia necessidade de estar completamente fechada.</p>
---	--	---

<b>E: Já acabamos muito obrigada pela tua participação ...</b>		
--	--	--

**Anexo XIII - Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico. Participante 10 (P10).**

<b>Transcrição da Entrevista</b>	<b>Unidades de significado</b>	<b>Unidades de significado Psicológico</b>
<p><b>E: Em primeiro lugar eu queria-te perguntar a tua idade?</b></p> <p>P10: Tenho 17 anos</p>		
<p><b>E: A tua Nacionalidade?</b></p> <p>P10: Português</p>		
<p><b>E: Quando é que deste entrada aqui no centro?</b></p> <p>P10: 15 de Outubro de 2015</p>		
<p><b>E: Como é que foi para ti, os teus primeiros três dias aqui no centro?</b></p> <p>P10: Foi complicado, tive muitas dificuldades</p>	<p>P10 revela que os três primeiros dias foram complicados e que teve muitas dificuldades.</p>	<p>P10 revela que os três primeiros dias foram complicados e que teve muitas dificuldades.</p>
<p><b>E: Como assim..</b></p> <p>P10: Então sem a minha liberdade e isso, estar fechado num quarto</p>	<p>P10 refere que estava sem a sua liberdade e fechado num quarto.</p>	<p>Privação, Isolamento, Solidão.</p>
<p><b>E: Como é que foi para ti estares fechado num quarto?</b></p> <p>P10: Foi muito estranho, nunca tive de castigo</p>	<p>P10 refere que estar fechado um quarto é estranho, que nunca teve de castigo.</p>	<p>Punição, Desconforto.</p>
<p><b>E: Sentias que estavas de castigo?</b></p> <p>P10: (silêncio)...</p>		

<p><b>E: E como é que foi a tua adaptação depois desses três dias aqui no centro?</b></p> <p>P10: Foi bom, habituei-me bem às regras (silêncio) não tenho mais nada a dizer..</p>	<p>P10 refere que foi bom, que se habituou as regras, não tendo mais nada a dizer.</p>	<p>Satisfação, Adaptação, Recusa.</p>
<p><b>E: Descreve-me o melhor possível como é para ti viveres aqui no centro..</b></p> <p>P10: acho uma experiência difícil, tenho de estar sempre a cumprir as regras e tudo, é difícil... (silêncio)</p>	<p>P10 revela ser uma experiência difícil, cumprir sempre as regras, que tudo é difícil.</p>	<p>Dificuldade.</p>
<p><b>E: E como é que era a tua vida anteriormente ao centro?</b></p> <p>P10: Era boa ia para a escola, tinha uma vida normal</p>	<p>P10 revela que anteriormente tinha uma vida boa que ia para a escola e era normal.</p>	<p>Satisfação, Investimento escolar.</p>
<p><b>E: Tu há pouco falaste da liberdade, como é que sentes que era a tua liberdade anteriormente comparando com o agora?</b></p> <p>P10: Aqui não tenho liberdade, anteriormente tinha (silêncio)</p>	<p>P10 revela que no centro não tem liberdade.</p>	<p>Condicionamento, Ausência de liberdade.</p>
<p><b>E: Hum... O que é para ti mais positivo da tua experiência aqui?</b></p> <p>P10: Apreendi a dizer não a muita coisa, a não ser influenciado... (silêncio)</p>	<p>P10 revela que aprendeu a dizer não e a não ser influenciado.</p>	<p>Aprendizagem.</p>
<p><b>E: E o que é para ti mais negativo da tua experiência aqui?</b></p>		

<p>P10: Criei revolta, a algumas coisas criei revolta</p>	<p>P10 refere que criou revolta a algumas coisas.</p>	<p>Revolta.</p>
<p><b>E: Revolta como?</b></p> <p>P10: Essas regras e tudo a gente começa a ficar malucos, tens sempre muitos monitores a dar na cabeça e a gente começa a criar revolta..</p>	<p>P10 refere que com as regras começa a ficar maluco, muitos monitores a dar na cabeça, começa a criar revolta.</p>	<p>Revolta, Insatisfação.</p>
<p><b>E: Sentes que houve alguma alteração no teu modo de estar por estares aqui no centro?</b></p> <p>P10: não, só me sinto mais leve (silêncio)</p>		
<p><b>E: como é para ti estares longe da tua terra?</b></p> <p>P10: é complicado nunca estive assim tão longe, é complicado</p>	<p>P10 refere que é complicado nunca estive tão longe.</p>	<p>Desconforto, Isolamento.</p>
<p><b>E: De que maneiras achas que a tua experiência aqui pode contribuir para o teu futuro?</b></p> <p>P10: Sei lá, os estudos, as formações que estou a tirar, sei que ajudam no meu futuro a arranjar emprego e essas coisas..</p>	<p>P10 refere que os estudos e as formações o podem ajudar no futuro a arranjar emprego.</p>	<p>Valorização escolar, Valorização profissional, Aprendizagem.</p>
<p><b>E: Obrigada pela tua participação</b></p>		